



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia
2016

**DANIELA DA SILVA
RODRIGUES**

**A ESCRITA COLABORATIVA NA
PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NO 2.º ANO
DE ESCOLARIDADE**



**DANIELA DA
SILVA
RODRIGUES**

**A ESCRITA COLABORATIVA NA PRODUÇÃO DE
NARRATIVAS NO 2.º ANO DE ESCOLARIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Luísa Álvares Pereira, Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

o júri

Presidente

Professor Doutor Rui Marques Vieira

Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Eduardo Calil de Oliveira

Professor Catedrático da Universidade Federal de Alagoas
(arguente)

Professora Doutora Luísa Álvares Pereira

Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro
(orientadora)

Agradecimentos

Este trabalho representa uma etapa importante na minha vida, durante a qual aprendi e cresci. Este percurso que está prestes a terminar deve-se, em grande parte, a um conjunto de pessoas que sempre me acompanharam.

À **Professora Luísa Álvares Pereira**, minha orientadora de Seminário de Investigação Educacional, pela orientação e disponibilidade sempre incansáveis, pela crítica construtiva, pela amizade e confiança que depositou em mim.

À minha **família**, em especial aos meus **pais** e aos meus **irmãos**, um enorme obrigada por tudo o que me dão, por tudo o que representam e por todos os ensinamentos e disponibilidade.

Às minhas **tias** e ao **Mário Rui**, agradeço pelo apoio e atenção que me deram ao longo de todo o meu percurso académico.

Ao **Telmo**, por, desde sempre, me ter apoiado e acreditado em mim. Toda a compreensão e carinho demonstrados foram fundamentais para me manter no caminho certo e me incentivar a concluir esta fase da minha vida.

À **Catarina**, pelos momentos de descontração, pelo companheirismo e pelo incentivo dado a nunca desistir dos meus objetivos.

A eles, dedico todo este trabalho!

palavras-chave Produção Textual; Narrativa; Escrita Colaborativa; Operações Metalinguísticas de Revisão; Rasuras Orais Comentadas; Consciência Metalinguística.

resumo

O presente estudo enquadra-se no âmbito do percurso formativo do Mestrado em ensino do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico. Está inserido na área do português e centra-se na temática da produção de narrativas por crianças recém-alfabetizadas ou ainda em processo de alfabetização.

A investigação pretende identificar o tipo de operações metalinguísticas de revisão e compreender as características das rasuras orais comentadas que duas alunas recém-alfabetizadas e a frequentarem o 2.º ano de escolaridade realizam com mais frequência quando assumem diferentes papéis no ato de escrever. Ao realizarem determinado tipo de operações metalinguísticas de revisão e rasuras orais, as alunas estão a refletir sobre a língua, proporcionando, assim, o desenvolvimento da capacidade metalinguística de cada elemento da diáde. Desta forma, analisando e atingindo os dois primeiros objetivos, é possível obter dados sobre a consciência metalinguística dos elementos da diáde.

O *corpus* de dados foi recolhido pelo Projeto de Cooperação Internacional *InterWriting – I*. Em conjunto com outras parcerias, este projeto desenvolveu um sistema que permitiu a captura e sincronização de um *filme-escrita*, um *filme-diáde*, o *áudio-alunos*, a folha de papel com o texto acabado, bem como as transcrições dos comentários da diáde. Todos os elementos referidos quando sincronizados, formam uma importante base de dados a partir da qual foi possível desenvolver o presente estudo. O *corpus* é composto por quatro produções textuais escritas colaborativamente por uma diáde de alunas pertencente a uma escola da zona de Aveiro.

Os resultados obtidos permitem-nos constatar que as alunas realizam os quatro tipos de operações metalinguísticas de revisão considerados na literatura sobre esta temática, sendo que há ocorrências diversificadas para cada um desses tipos, aparecendo pela seguinte ordem de frequência: *substituição* > *supressão* > *adição* > *deslocamento*.

Foi possível concluir ainda que a aluna que assume o papel de escrevente está mais concentrada nas questões relacionadas com a caligrafia e que a aluna responsável por ditar a história está realmente empenhada em gerar novas ideias e em organizá-las no texto que está a ser redigido.

Quanto às rasuras orais comentadas, foi possível concluir que as alunas realizam todo o tipo de rasuras à exceção da rasura *lexical*. Quando as alunas assumem o papel de escrevente, a rasura do tipo *textual* é a mais produzida, seguida da rasura *ortográfica*. Quando as alunas assumem o papel de ditantes, depois da rasura *ortográfica*, surge, por ordem de frequência a *gráfico-visual* e a *pontuação*. Verificamos, assim, que as rasuras orais comentadas estão relacionadas com o momento de aprendizagem em que as alunas se situam e com a excessiva valorização escolar e social da ortografia. Com base nos resultados obtidos, concluímos também que as alunas realizaram, sobretudo, comentários relacionados com a forma, ainda que pontualmente as façam em relação ao conteúdo do texto.

keywords Text Production; Narrative; Collaborative Writing; Review Metalinguistic Operations; Erasures Oral Discussed; Metalinguistic Awareness.

abstract This study falls within the context of the formation of the Masters course in teaching 1st and 2nd cycles of basic education. It is inserted in the Portuguese area and focuses on the theme of narrative technique by newly literate children or in literacy.

The research aims to identify the type of metalinguistic review operations and understand the characteristics of oral erasures commented that newly literate students perform more often and when they assume different roles in the act of writing. In carrying out certain type of metalinguistic review and oral erasures operations, the students are reflecting on the language itself, thus providing the development of metalinguistic ability of each element of the dyad. Thus, analyzing and achieving the first two objectives, it is possible to analyze the metalinguistic awareness of the dyad elements.

The *corpus* of data was collected by the International Cooperation Project *InterWriting - I*. Together with other partners, this project has developed a system that allowed the capture and synchronization of a *movie-write*, a *film-dyad*, the *Audio-students*, the sheet of paper with the finished text, as well as transcripts of the comments of the dyad. All elements such as synchronized, form an important database from which it was possible to develop this study. Thus, the data *corpus* consists of four textual productions collaboratively written by a dyad of students belonging to a school from Aveiro area at the time attending the 2nd grade.

The results allow us to see that the students perform four types of metalinguistic operations previously defined review. However, various types have very different occurrence numbers between them, and frequency appear in the following order: *Replacement* > *suppression* > *adding* > *displacement*.

Regarding commented oral erasures, it was concluded that the students carry out all types of erasures except for *lexical* erasure. When students take on the role of writer, the erasure of the *text* type is the most widely produced, then the *spell* erasure. When students take on the role of orator after erasure *spell* arises, in order of frequency the *graphic-visual* and *punctuation*. Thus it commented that the oral erasures are related to the time of learning in which students are placed, and the excessive educational and social value of spelling. Based on the results, we also found that the students performed above all comments relating to the form, although occasionally they do on the text of the content.

Índice Geral

Índice de Anexos.....	11
Introdução.....	15
Parte I - Enquadramento teórico	21
Capítulo 1 - A aprendizagem da linguagem escrita.....	23
1.1. Modelos de escrita e os processos envolvidos na escrita	27
1.2. Produção de textos no início da escolaridade.....	34
1.3. Construção de narrativas.....	35
Capítulo 2 - Processos de Revisão	39
2.1. A revisão: subprocesso da escrita	39
2.2. Operações metalinguísticas na revisão textual	41
2.3. Categorias das rasuras orais comentadas	44
Capítulo 3 - A aprendizagem em interação	49
3.1. Papel do aluno – construtores ativos do conhecimento – colaboração entre pares.....	52
3.2. Escrita colaborativa	53
3.3. Influência da escrita colaborativa nos processos de revisão.....	55
Parte II - Metodologia	59
2.1. Definição técnica do estudo.....	61

2.2. Corpus de análise.....	62
2.2.1. Procedimentos da recolha.....	62
2.2.2. Seleção do <i>corpus</i>	64
2.2.3. Procedimentos para a análise dos dados	66
Parte III - Apresentação e discussão dos resultados.....	79
3.1. Operações metalinguísticas de revisão	83
3.1.1. Análise das operações metalinguísticas de revisão nos textos produzidos colaborativamente	83
3.1.2. Análise das situações de interação em que são realizadas as operações metalinguísticas de revisão	88
3.2. Rasuras orais comentadas	93
Conclusões.....	103
Referências bibliograficas	111
Anexos.....	117
Anexo I – Transcrição do Texto 1 – “O palhacinho”	119
Anexo II – Transcrição do Texto 2 – “O Rei e os criados”.....	147
Anexo III – Transcrição do Texto 3 – “O ovo especial”	183
Anexo IV – Transcrição do Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	207

Índice de Anexos em CD-Rom

Anexo V – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 1 – “O palhacinho”

Anexo VI – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”

Anexo VII – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 3 – “O ovo especial”

Anexo VIII – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”

Anexo IX – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela aluna L

Anexo X – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela aluna B

Anexo XI – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 1 – “O Palhacinho”

Anexo XII – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”

Anexo XIII – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 3 – “O ovo especial”

Anexo XIV – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”

Anexo XV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade no texto 1 – “O palhacinho”

Anexo XVI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”

Anexo XVII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade texto 3 – “O ovo especial”

Anexo XVIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”

Anexo XIX – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna L

Anexo XX – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna B

Anexo XXI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (L) no texto 1 – “O palhacinho”

Anexo XXII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (B) no texto 1 – “O palhacinho”

Anexo XXIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (B) no texto 2 – “O Rei e os Criados”

Anexo XIV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (L) no texto 2 – “O Rei e os Criados”

Anexo XV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (L) no texto 3 – “O ovo especial”

Anexo XVI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (B) no texto 3 – “O ovo especial”

Anexo XVII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (B) no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”

Anexo XVIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (L) no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”

Introdução

A escrita é uma das ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento e adaptação (sucesso escolar e profissional) de qualquer indivíduo na/à sociedade atual. Embora ambos sejam registos de linguagem verbal, a investigação tem demonstrado que o sistema de escrita é um processo complexo em termos comparativos com a oralidade. Se a criança adquire este último registo de forma espontânea, já a linguagem escrita exige um ensino explícito e sistematizado, bem como a vontade consciente de aprender por parte do aluno.

Por ser uma área de extrema importância, por ser algo polémica a produção de textos no início da escolarização e atendendo ao facto de que as histórias estão muito presentes na vida das crianças, o presente estudo debruça-se sobre a produção de narrativas por crianças em processo de alfabetização. A nossa pesquisa propõe-se, assim, analisar a partir das interações geradas entre uma díade de alunas no momento em que colaboram na produção de quatro textos, as operações metalinguísticas de revisão e as características das rasuras orais comentadas que alunas deste nível de ensino (2º ano de escolaridade) realizam com mais frequência quando uma delas assume o papel de ditante e outra assume o papel de escrevente.

As alunas em análise pertencem a uma escola da rede pública da zona de Aveiro, aquando da sua frequência letiva no 2º ano de escolaridade. Os dados do *corpus* a ser analisado pertencem a um projeto internacional luso-franco-brasileiro designado *Interwriting – I*¹. O mesmo visa compreender a relação entre o escrevente e o texto em curso. As produções escritas foram concebidas a partir de uma proposta de feita pela

¹ Este projeto, coordenado por Eduardo Calil em conjunto com outros coordenadores de Portugal (Luísa Álvaro Pereira e Rui Alves) e de França (Catherine Boré), decorreu durante o período de 36 meses entre 2014 e 2016. O projeto *Interwriting – I* pretende constituir uma ampla base de dados, de carácter longitudinal, contrastivo, qualitativo e quantitativo, formado pelo registo simultâneo de processos de escrita colaborativa em contextos de sala de aula, respeitando suas condições ecológicas (ambientais, curriculares, didáticas e interacionais) e sua dimensão multimodal.

professora da turma, através da qual os alunos, organizados em díades, combinavam e escreviam, juntos, uma história inventada. Às alunas foi solicitado a produção de textos com tema livre ou tema sugerido. Importa referir que a aluna da dupla que escreve e a aluna que dita alterna em cada proposta de escrita ou seja as duplas trabalham alternadamente em cada produção escrita - uma aluna da díade é responsável por escrever e a outra por ditar e vice-versa.

O projeto *Interwriting – I* desenvolveu, em conjunto com outras parcerias, um sistema que permitiu a captura e sincronização de um *filme-escrita*, um *filme-díade*, o *áudio-alunos*, a folha de papel com o texto acabado, bem como as transcrições dos comentários da díade. Tudo isto sincronizado, forma uma importante base de dados a partir da qual é possível desenvolver o presente estudo e outros estudos realizados quer no contexto português, quer no contexto brasileiro.

Desta forma, as situações a analisar têm uma característica bastante particular, pois o facto de haver duas alunas sistematicamente a conversar sobre o que irão ou não escrever, produz uma significativa diferença em relação à maioria dos trabalhos sobre o processo de produção de texto. Deste modo, os comentários realizados pelas alunas produzem um fenómeno específico que seria completamente dispar caso houvesse apenas um aluno a produzir um texto ou somente fosse possível aceder ao texto já acabado. Sendo assim, através do diálogo entre as alunas podem ser revelados mais aspetos sobre o processo de construção de um texto do que somente o texto já escrito poderia mostrar.

Neste sentido, através desta investigação pretendemos analisar o *corpus* selecionado sobre práticas de planificação, textualização e revisão para dar resposta às seguintes questões de investigação:

- Que tipo de operações metalinguísticas de revisão realizam alunas a produzir um texto a par?

- Quais as características das rasuras orais comentadas feitas por alunas recém-alfabetizadas quando assumem o papel de escrevente e de ditante durante o processo de escrita colaborativa?

As questões de investigação colocam o foco de análise sobre o tipo de operações metalinguísticas de revisão que as alunas realizam; trata-se ainda de perceber que características têm as rasuras orais comentadas pelas alunas quando são responsáveis por escrever ou por ditar. Desta forma, a gravação incidente no texto que as alunas vão produzindo, bem como no produto final é fundamental para analisar as quatro “operações metalinguísticas de revisão definidas por Fabre (2002), a saber: *supressão, adição, substituição e deslocamento.*”

Outro aspeto a ser analisado neste estudo, tal como já foi referido, diz respeito às características das rasuras orais comentadas. O facto de duas alunas conversarem sobre a história que estão a escrever abre novas possibilidades de interpretação para a rasura. Ao considerar as reformulações orais feitas pelas alunas durante a produção textual como uma espécie de rasura faz com que as filmagens sejam, realmente, extremamente significativas para que se possa interpretar com maior clareza as rasuras realizadas por estas alunas. Igualmente relevantes são os comentários que as alunas fazem ao longo da produção textual dizem respeito ao processo linguístico e discursivo. Estes dão outra dimensão para a interpretação das rasuras em relação às alterações realizadas no texto e em relação àquilo que não é possível perceber somente através do texto, mas que, no entanto, de forma latente, está presente nos enunciados das alunas. Portanto, em conformidade com as questões formuladas acima, pretendemos aprofundar conhecimento e contribuir para a investigação desta área, analisando as operações metalinguísticas de revisão bem como as características das rasuras orais comentadas que alunas deste nível de ensino e desta faixa etária realizam com mais frequência. Assim, o presente estudo comporta os seguintes três objetivos fundamentais:

- Identificar o tipo de operações metalinguísticas de revisão que desenvolvem duas alunas recém-alfabetizadas durante o processo de produção de quatro histórias em colaboração;
- Compreender quais as características das rasuras orais comentadas que as mesmas alunas realizam quando assumem diferentes papéis no ato de escrever;
- Analisar a consciência metalinguística de cada um dos elementos da díade.

Como facilmente se compreenderá, as alunas ao realizarem determinado tipo de operações metalinguísticas de revisão e rasuras orais estão a refletir sobre diferentes aspetos da língua. Através da interação entre ambas (alunas) surge a tomada de consciência de problemas e de características próprias do processo de escrita, proporcionando, assim, o desenvolvimento da capacidade metalinguística de cada elemento da díade. Desta forma, atingindo os dois primeiros objetivos é possível aceder à capacidade de reflexão sobre determinados fenómenos da língua que as duas alunas demonstram, isto é, analisar a sua consciência metalinguística.

Sustentamos o trabalho em três áreas teóricas, a saber: aprendizagem da linguagem escrita, os processos de revisão e a aprendizagem em interação, nomeadamente a escrita colaborativa. Assim, através do enquadramento teórico pretendemos apresentar alguns dos conceitos envolvidos nas referidas áreas.

Deste modo, o nosso plano para este texto contempla, na primeira parte, uma pequena abordagem à linguagem escrita; aí nos referiremos ao ato de produzir um texto, descrevendo, nomeadamente, os processos envolvidos no processo de escrita, abordaremos a importância da produção de textos no início da escolaridade, assim como aspetos da sequência narrativa. Na segunda parte, por seu turno, aprofundaremos a temática do processo de revisão e aí desenvolver-se-á a questão da revisão como atividade metalinguística, serão também descritas as operações metalinguísticas implicadas na revisão textual e enumeradas as categorias das rasuras orais comentadas. Por fim, surgirá a questão da aprendizagem em interação. Nesse momento da nossa problematização, será feita referência à teoria de Vygotsky e ao papel do aluno durante o

trabalho colaborativo. Além disso, daremos especial relevância ao assunto da escrita colaborativa e terminaremos com uma pequena referência à influência da escrita colaborativa nos processos de revisão textual.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 - A aprendizagem da linguagem escrita

A oralidade e a escrita são dois registos de linguagem verbal, ou seja duas modalidades da unitária dimensão da linguagem. Falar e escrever, apesar de possuírem características próprias, constituem duas formas de usar a língua dentro de um ambiente interativo social. As relações entre a escrita e a oralidade não são lineares, nem totalmente independentes, no entanto, consideramos que os dois registos se situam em duas extremidades de uma singular dimensão: o primeiro é marcado, essencialmente, pela sua naturalidade e o segundo pela sua formalidade. Enquanto a oralidade é natural e informalmente adquirida, a escrita tem de ser aprendida e mediatizada. Como refere Cassany (1999, p. 24), “la escritura es una manifestación de la atividade lingüística humana, como la conversación, el monólogo o, a otro nivel, los códigos de gestos o el alfabeto Morse. Escribimos para pedir y dar información (...). Escribir es una forma de usar el lenguaje que, a su vez, es una forma de realizar acciones para conseguir objetivos.”

O mesmo autor, em 2000 (p. 258), definiu um conjunto de *microhabilidades* que considera necessárias para serem dominadas por parte de quem escreve. Fazem parte do referido conjunto os procedimentos (psicomotores e cognitivos), os conceitos e as atitudes essenciais para se produzir um texto:

Procedimentos	Conceitos	Atitudes
- <i>Aspetos psicomotores</i>	- <i>Texto</i>	• cultura impressa
• alfabeto	• adequação	• eu, escritor
• caligrafia	• coerência	• língua escrita
	• gramática	• composição
- <i>Aspetos cognitivos</i>	. ortografia	
• planificação	. morfologia	
. gerar ideias	. léxico	
. formular objetivos	• apresentação	
• redação	• estilística	
• revisão		

Fig. 1. Lista de microhabilidades a dominar para se poder escrever, retirado de Cassany, D., Luna, M., Sanz, G. (2000, p. 258).

Para que um indivíduo possua as ferramentas para uma boa redação, este deve ser capaz de comunicar, de transmitir a sua mensagem coerentemente por escrito. Saber escrever é, para Rebelo, Marques e Costa (2000, p. 153), “ser capaz de produzir um texto, que não se reduza a uma série de frases sem um elo de ligação entre si, mas que reflita um pensamento estruturado, numa construção sintática adequada ao que se pretende comunicar.” Pereira, em 2001 (p. 41), aprofunda esta linha de pensamento afirmando que o “saber escrever é um saber compósito não redutível a nenhum dos seus componentes; saber grafar (transcrever; pontuar...); contar e/ou descrever, argumentar, construir e interligar frases, gerir uma situação de comunicação, inscrever o texto em um determinado género discursivo.”

A capacidade de produzir textos implica o domínio da competência compositiva (capacidade de encadear expressões linguísticas para compor um texto), a competência ortográfica (capacidade de representar por escrito as palavras segundo as normas da língua) e a competência gráfica (capacidade de escrever de forma legível e de gerir adequadamente os espaços da página).

De uma forma geral, a produção escrita, nomeadamente a competência compositiva é uma tarefa árdua e complexa que exige vários requisitos ao escritor, desde logo o físico, sensório-motor, psicoafetivo, entre outros. Para Barbeiro e Pereira (2007), ao redigir textos, o escritor tem de ser capaz de tomar decisões, nomeadamente, se deve ou não integrar determinada informação no texto e também relativamente às várias possibilidades que surgem durante o formular e organizar dessa informação e, portanto, ele deve, ao longo do tempo, aprender a “gerar e a gerir a variedade de possibilidades que é capaz de construir para a produção do texto” e, por fim, deverá ser capaz de dar às informações uma expressão linguística de modo a serem incorporadas no texto respeitando as exigências de coesão, de coerência e de adequação. Assim, para que um texto seja compreendido e permita que as informações que nele estão contidas estejam devidamente encadeadas, façam sentido e contenham significado para quem o lê é necessário que seja, coerente; coeso, isto é, que obedeça a uma sequência lógica-

semântica entre as partes que o constituem e que o registo da mensagem ou da ideia que se pretende exprimir esteja adequado ao destinatário.

O conceito de coesão remete, tal como pode ser consultado no Dicionário Terminológico de Língua Portuguesa², para os mecanismos linguísticos (conectores interfrásicos, ordenação correlativa dos tempos verbais, etc.) que permitem que o sentido do texto seja contínuo entre os vários elementos da estrutura de superfície textual (DGIDC, 2008). Esses conectores, que marcam a organização e o plano do texto e permitem a construção do seu sentido global, possibilitam a ligação das várias partes que o constituem através de marcas fornecidas pelo sistema léxico-gramatical de uma língua.

De acordo com Garcia (2003, p. 287), a “coerência consiste em ordenar e interligar as ideias de maneira clara e lógica e de acordo com um plano definido. Sem coerência é praticamente impossível obter-se ao mesmo tempo unidade e clareza.” Neste sentido, a coerência de um texto necessita, por um lado, de uma estruturação da informação e da sua organização em tipos e níveis de informação. Por outro lado, detem-se também sobre a quantidade da informação a inserir num texto: se a mesma é considerada pertinente e essencial (Sánchez, 2009). De acordo com o Dicionário Terminológico de Língua Portuguesa³, a coerência textual é resultado da interação entre fatores macroestruturais e microestruturais existentes no texto devido a determinados elementos relacionados com a autoria textual (criatividade, intencionalidade, capacidade interpretativa do receptor/leitor). É possível verificar ainda que entre ambos os conceitos (coesão e coerência) existe uma “estreita interligação (...) mas com uma diferença relevante: esta última é exclusivamente de âmbito intratextual e não depende da capacidade e das estratégias interpretativas do leitor/recetor.” (DGIDC, 2008)

O texto caracteriza-se, assim, pela exigência concedida pelas propriedades referidas, distinguindo-se do discurso oral sobretudo pela informação precisa e rigorosa que comporta como também pela elevada tendência a serem usadas frases complexas. A

² Ver coesão textual em <http://dt.dge.mec.pt>

³ Ver coerência textual em <http://dt.dge.mec.pt>

produção escrita é, realmente, em princípio, de um nível de complexidade e de dificuldade superior ao da produção oral, uma vez que o escritor tem de ser capaz de dominar e avaliar não apenas o conteúdo que irá encaminhar ao destinatário, como a qualidade da linguagem que deverá utilizar na composição do texto para que esta seja adequada à situação de comunicação, que faça sentido para o que o lê. Neste sentido, a aprendizagem da produção escrita requer, sobretudo nos primeiros anos, um acompanhamento muito próximo e dedicado por parte do professor. Sendo este quem assume um papel fundamental aquando da organização das atividades, o professor tem de recorrer “por um lado, sistematicamente, a exercícios de “facilitação processual” e, por outro, a modos de trabalho colaborativos, de tal maneira que a cada aluno seja possível, nomeadamente através da exposição ao (seu) próprio processo genético da escrita e pela socialização dos escritos, ir atribuindo sentido e pertinência às tarefas que executa.” (Pereira, 2001, p. 39) O professor deve combinar durante o ensino da escrita dois modos de ação: “sobre os processos de escrita” e “sobre o contextos dos escritos”. Assim, o primeiro modo permite aos alunos desenvolverem “competências e conhecimentos” envolvidos na escrita enquanto o segundo modo tem como objetivo “facultar o contacto com textos social e culturalmente relevantes e o acesso às suas múltiplas funções.” (Barbeiro e Pereira, 2007, p. 7)

À luz do que foi referido anteriormente é possível compreender que a escrita é, sem dúvida, uma atividade cognitiva e linguística nada fácil e que exige a “capacidade de selecionar e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar. Escrever é, em grande parte das situações, escrever um texto. (Barbeiro e Pereira, 2007, p. 15) Com vista a aprofundar a questão da complexidade da atividade de escrita, importa compreender os mecanismos postos em prática no processo de escrita, tornando perceptível uma linha de investigação fundamental para a compreensão deste processo através da evolução dos seus modelos teóricos representativos do processo de escrita.

1.1. Modelos de escrita e os processos envolvidos na escrita

A investigação tem mostrado que o processo de escrita é bastante complexo. Uma das manifestações dessa complexidade reside no facto de os modelos representativos do processo de escrita estarem em constante mudança, evidenciando, deste modo, a dificuldade em fixar a lógica dos primeiros trabalhos produzidos nesta área produziram foram classificados de *modelos lineares*. Santana (2001/2003, p. 40), apresenta as fases de alguns destes modelos: “cognitivas: pré-escrita, escrita e reescrita” (Rohman e Wleck, 1964), “previsão, visão e revisão” (Murray, 1978) e “pré-escrita, articulação e pós escrita” (King, 1978). Os modelos enunciados referem-se ao ato de escrita como um conjunto de operações lineares e não regressivas.

Entretanto, desenvolveu-se uma nova conceção dos modelos de escrita designados de *modelos não lineares de escrita*. Ao contrário da perspetiva acima desenvolvida, nestes modelos os processos envolvidos na redação podem ocorrer em qualquer fase do processo de escrita e de forma recursiva. Estes modelos representativos dos processos de escrita também se encontram em constante evolução. É possível verificar esta evolução analisando, muito sucintamente, o primeiro modelo do processo de escrita de Flower e Hayes de 1981 que descreve detalhadamente os processos mentais que decorrem quando um escritor produz um texto, e ainda o modelo mais recente, 2012 de Hayes.

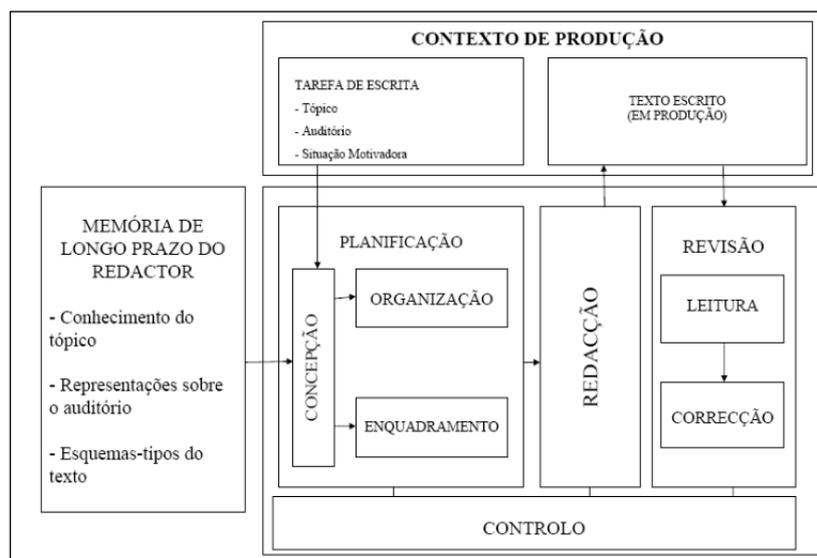


Fig. 2. Modelo representativo do processo de escrita de Flower e Hayes (1981) retirado de Barbeiro, L.F. (1999, p. 59).

Fazendo uma breve análise deste primeiro modelo, importa referir que “estes processos obedecem a uma hierarquia estrutural de tal forma que a concepção (de ideias), por exemplo, é um subprocesso da planificação.” (Hayes, 1981, p. 367) O mesmo autor, em 1981, refere ainda que cada uma das habilidades mentais que constituem o modelo podem surgir a qualquer momento do desenvolvimento do processo. Este modelo constitui um marco de referência na investigação sobre o processo de escrita, é possível verificar que o mesmo comporta três componentes principais. Assim, comporta a memória a longo prazo do escritor, o contexto de produção da tarefa e o processo de escrita propriamente dito. Este processo é condicionado por fatores que dizem respeito ao sujeito; tais como a memória a longo prazo. Segundo Hayes (1981), a memória a longo prazo diz respeito ao conhecimento (sobre o tema, sobre as características do público a dirigir o texto e sobre o conhecimento de outros planos de escrita e representações) que o escritor tem armazenado. Neste contexto, Barbeiro (1999, p. 60) afirma que “em relação ao sujeito, o processo de escrita vai mobilizar o conhecimento a que pode recorrer para o tratamento do tópico, para a adequação ao destinatário, para o desenvolvimento da tarefa, incluindo a ativação de esquemas de construção textual que podem guiar o processo.”

Este processo de escrita está, também, dependente do contexto em que se desenvolve, isto é, está condicionada pelo tempo disponível, pelo acesso à informação, entre outros. Hayes (1981, p. 369) refere que o contexto de produção “inclui todas os aspetos exteriores ao escritor, começando com o problema retórico ou da atribuição e inclui também o desenvolvimento do próprio texto.” Ou seja, o processo de escrita é também influenciado, segundo Barbeiro (1999, p. 60), pelas “indicações externas ou decisões internas (com os seus antecedentes situacionais) quanto ao tópico, ao destinatário, aos objetivos pretendidos, ao tipo de texto, etc.” O processo em si, também contribui para as decisões que são tomadas no decorrer da produção textual. Além disso, o modelo representativo do processo de escrita de Flower e Hayes de 1980, integra também um outro elemento principal que contem os três processos fundamentais de escrita: a planificação, a redação e a revisão.

A planificação constituiu a componente do processo de redação em que o escritor faz uma seleção e avaliação das ideias armazenadas pela sua memória a longo prazo. Segundo Hayes (1981, p. 372), a planificação corresponde a uma “representação interna dos conhecimentos que serão utilizados por escrito”. Esta representação divide-se em três subprocessos: conceção das ideias, como o conteúdo a integrar no texto (recuperadas a partir da memória a longo prazo); a sua organização, isto é, a seleção das ideias sobre o tema do texto e até mesmo decidir a forma como encadear as ideias de forma lógica. Este subprocesso de organização desempenha um papel importante uma vez que o escritor a partir do agrupamento das ideias, torna-se capaz de formar novos conceitos. Por fim, também faz parte do processo de planificação, a definição dos objetivos que o escritor tem com determinado texto. Sobre este último subprocesso, Hayes (1981, p. 373) refere que alguns “objetivos do escritor podem ser retirados da memória a longo prazo, no entanto a maioria dos objetivos são gerados e revistos pelos mesmos processos que geram e organizam novas ideias.”

A redação é vista por Hayes (1981, p. 373) como sendo o “processo de colocar as ideias em linguagem visível.” A redação constitui a componente que faz surgir uma representação em linguagem escrita, ou seja, o escritor coloca expressões linguísticas que

combinadas e encadeadas de forma lógica formarão eventuais frases. (Barbeiro (1999, p. 61)). Estas ao estarem dispostas no texto, respeitando uma sequência lógica da informação e respeitando as regras gramaticais e sintáticas, constituem o texto propriamente dito. Este processo também pode ser designado de textualização e corresponde, basicamente, à passagem para a linguagem escrita do material selecionado e organizado na etapa prévia.

Por fim, a componente da revisão implica uma leitura, uma avaliação e uma eventual correção do texto produzido por parte do escritor, comparando-o com os objetivos da planificação. A revisão, segundo Barbeiro e Pereira (2007), é sobretudo um momento de reflexão sobre o texto produzido e que se traduz na reformulação de diferentes dimensões. É um momento em que o escritor deve aproveitar “para tomar decisões respeitantes à correção e reformulação do texto”. Este processo pode ser realizado à medida que o texto é redigido pelo escritor ou quando o mesmo termina o processo de redação. De acordo com Gomes (2006, p. 31), podem ser acrescentadas ou retiradas ideias, podendo ser feitas substituições ou supressões de elementos repetitivos ou desnecessários. O primeiro modelo de Flower e Hayes (1981), como foi brevemente apresentado acima, foca, essencialmente, a dimensão cognitiva e individual do processo de escrita, uma vez que enfatiza, por um lado, a noção de controlo que remete para o domínio (por parte do autor) de todas as componentes do processo de escrita e, por outro, a memória a longo prazo que diz respeito aos vários conhecimentos por parte do redator acerca do tema, do tipo de texto e do destinatário.

Em 1996, o modelo representativo do processo de escrita realça os fatores relacionados com o contexto da tarefa e com o indivíduo. As componentes "interpretação de texto", "reflexão" e "produção de texto", a memória de trabalho e a motivação/afeto fazem parte de um processo cognitivo que se encontra intimamente relacionado com o indivíduo.

Em 2012, Hayes atualizou, novamente, a versão do modelo anterior, tornando-o mais abrangente do que os primeiros modelos, na medida em que inclui aspetos

cognitivos, emocionais e socioculturais. Este autor (2012, p. 371) refere que apesar do primeiro modelo representativo do processo de escrita (modelo apresentado anteriormente) não ser recente, o mesmo contém recursos que são considerados em representações mais recentes do processo de escrita. Exemplo desses recursos são: “a distinção que é possível fazer entre o escritor experiente e o escritor menos experiente, o contexto da produção da tarefa, a memória de longo prazo do escritor; os subprocessos de escrita que apesar de separados interagem entre si e também a importância do texto produzido até momento são ainda consideradas como ideias úteis.” No entanto, o mesmo autor retirou algumas componentes que faziam parte do modelo de 1981: o monitor e os processos de planificação e de revisão.

Assim, o modelo mais recente de Hayes é sustentado por três níveis: o nível de controlo, o nível de processo e, ainda, o nível de recursos.

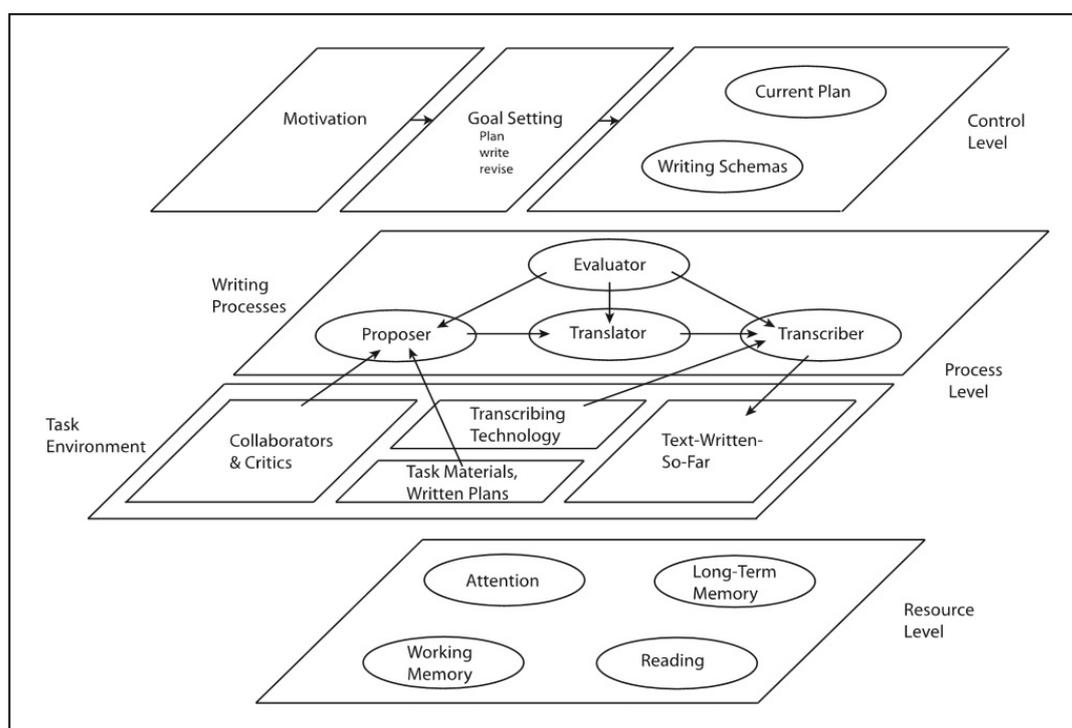


Fig. 3. Modelo representativo do processo de escrita de Hayes (2012, p. 371).

Relativamente ao nível de controlo, segundo Hayes (2012), este é o nível que regula os restantes elementos cognitivos envolvidos no processo de escrita pela hierárquica ordem de cima para baixo representada na figura 3. Fazem parte desta dimensão: a motivação, a definição dos objetivos, os planos atuais e os esquemas de escrita. A motivação, tal como foi mencionado acima, é, para Hayes (2012), um fator-chave no processo de escrita, defendendo o autor que para as pessoas escreverem adequadamente é preciso combinar a motivação com os processos cognitivos. A forma mais evidente de constatar que a motivação é um fator importante para a escrita é analisar a vontade das pessoas quando participam nas produções escritas. Hayes (2012, p. 372) afirma que “o tempo que os escritores dedicam à escrita e à qualidade do que escrevem depende da sua motivação.”

O seguinte nível, ou seja, o nível de processo, obedece a uma sequência de acontecimentos; ou seja, a componente intitulada de “proponente” diz respeito à produção de ideias, e seguidamente, as ideias são convertidas em linguagem oral (componente “tradutor”) para que depois sejam convertidas em linguagem escrita (componente “transcritor”), e por último surge a componente designada de “avaliador”. Esta componente diz respeito à detetação de erros, tarefa onde se iniciam as revisões dos resultados feitos pelos outros três subprocessos acima mencionados. Durante este processo, o escritor pode avaliar e rever as ideias propostas que poderão já estar em texto. As componentes referidas interagem, ainda, com o processo designado por “ambiente de trabalho”, que inclui o texto produzido até então, os materiais e os colaboradores. Relativamente à “transcrição” (incluindo a soletração e a ortografia), componente incluída neste modelo, Hayes (2012, p. 371) refere que o trabalho de Berninger e dos seus colegas, deixou claro que a mesma desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da escrita das crianças nos primeiros anos escolares. Além disso, refere que a “transcrição” deve ser incluída na modelagem de todos os escritores, incluindo adultos e crianças, pois constataram que quando as crianças ditassem os seus textos em vez de os escreverem a qualidades dos mesmos aumentava significativamente.

Para apoiar o processo de escrita, Hayes (2012) incluiu também o nível dos recursos do qual fazem parte as componentes “memória de longo prazo”, a “memória de trabalho”, a “atenção” e a “leitura”. É pertinente referir que a componente “leitura” está incluída, visto que constitui um processo necessário para que o autor do texto possa rever o que foi produzido até então e, assim, detetar ambiguidades, erros, insuficiência ou até omissão de informações. A “leitura” é também essencial no processo de escrita pelo facto de permitir ao redator do texto a reconstrução e o desenvolvimento daquilo que já escreveu, através da criação de novas ideias.

Estando os processos de escrita intimamente relacionados com a alfabetização de alunos, no tópico seguinte serão apresentados alguns factos que relatam a importância da produção textual desde o início da escolaridade, ao contrário do que está estabelecido na maior parte dos programas e das práticas de ensino da língua primeira.

1.2. Produção de textos no início da escolaridade

Uma questão polémica na alfabetização de alunos é, de facto, a produção de textos no início da escolaridade. Na opinião de Paulina Ribera (2013, p. 96), o contacto com textos escritos mesmo antes do início da escolaridade, “em ambiente familiar, social ou escolar” proporciona às crianças o conhecimento das funções particulares que a linguagem escrita tem na sociedade, e ao mesmo tempo, providencia que as crianças tomem consciência que a linguagem escrita pode ser representada de várias formas dependendo da sua função e do seu objetivo. Desta forma, ao estabelecerem uma relação de proximidade com os textos desde tenra idade e em contacto com os adultos, as crianças vão-se, progressivamente, apropriando do sistema de escrita e vão compreendendo a representação da língua oral mediante a escrita.

De acordo com Ribera (2013, p. 96), a elaboração de textos desde o início da escolaridade pode ter um papel importante, juntamente com outros procedimentos (por exemplo: a cópia e o ditado ao adulto) de acesso ao código. O código é considerado uma condição prévia para que as crianças possam aceder aos géneros textuais, permitindo que posteriormente sejam capazes de escrever textos de diversas naturezas. As crianças quando colocadas em situações nas quais são escritos textos com sentido comunicativo e funcional tendem a descobrir outro conhecimento que se prende com a descoberta do aspeto textual dos textos, ou seja, a descoberta dos diferentes formatos textuais. Géneros textuais, segundo Marcushi (2008, p. 64) são “textos que encontramos na nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.” Para adquirirem mais facilmente este último conhecimento, é importante que as crianças tenham contacto com diversos textos e, de preferência, de acordo com interesses que as motivem. Assim, os conhecimentos sobre os textos são adquiridos antes, durante e depois da aprendizagem do sistema de escrita e não apenas *à posteriori*, como é mais comum nas práticas pedagógicas.

Ora, para formar escritores competentes é necessária uma prática continuada de produções textuais de vários gêneros e uma “aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas. (ME/SEF, 1997, p. 49)

Envolvidos desde tenra idade nas inúmeras dimensões do tecido social, os indivíduos estão constantemente em contacto com o texto narrativo. Narrar acompanha o homem desde a sua origem, podendo ser feito oralmente ou por escrito. Por exemplo, a prática de contar histórias é uma forma de narrar e constitui um papel fundamental na nossa sociedade. Segundo Jorge (2007, p. 27), contar histórias é um fenómeno universal, determinante na transmissão de valores, na construção de diferentes visões do mundo, bem como na preservação da cultura de uma civilização, apresentando-se como uma forma de comunicação que a todos acompanha desde a infância. Representando a narrativa um género textual que está presente na vida dos indivíduos e, sendo o primeiro tipo de texto com o qual as crianças têm mais contacto, as narrativas representam um envolvimento com a realidade escolar, proporcionando o desenvolvimento do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Desta forma, no seguinte tópico apresentamos os aspetos e as fases que fazem parte do desenvolvimento da narrativa.

1.3. Construção de narrativas

A narrativa está presente no quotidiano dos indivíduos. Garcia (2003, p. 254) define narrativa como o relato de um episódio real ou fictício que implica interferência de elementos, como: facto ou ação [o quê]; personagens [quem]; o modo como a ação/facto é desenvolvido [como]; o momento em que o facto ocorreu [quando]; o lugar do ocorrido [onde]; o motivo do acontecimento [por quê]; e o resultado da ação [por isso]. No entanto, de acordo com o autor, nem sempre todos esses elementos estão presentes na narrativa. Para Garcia, os elementos indispensáveis para que haja narração são *quem* e o *quê*. No livro *A análise da narrativa*, Adam (1997, p. 18) começa por referir que há uma

relação entre narrativa e ação, e que a partir da sua associação define narrativa como sendo, “em primeiro lugar, representação de ações.” Mais tarde, revela que “um texto narrativo é uma estrutura hierárquica complexa que compreende um número *n* de sequências elípticas ou completas.”

Desta forma, uma sequência narrativa completa é, assim, composta por cinco fases que se sucedem pela seguinte ordem: *Situação Inicial*, *Nó (desencadeador)*, *Ação*, *Desenlace* e a *Situação Final* (Adam, 1997).

Relativamente à fase *situação inicial*, esta é constituída pelas circunstâncias e pelos componentes. As circunstâncias dizem respeito às informações de tempo e de lugar enquanto os componentes referem-se ao(s) agente(s) (as informações contidas neste constituinte respondem à pergunta *quem?*) e aos acontecimentos (informações que dão resposta à pergunta *o quê?*). De acordo com Adam e Lorda (1999), Freitas (2009, p. 44) menciona que as personagens nesta situação inicial são apresentadas numa situação de equilíbrio ou seja estáveis. Além disso, em todas as narrativas, entre a *situação inicial* e *situação final* existe uma relação de transformação.

Quanto à fase designada de *nó desencadeador*, este é entendido por Adam (1997, p. 82) pelo “acontecimento que vem perturbar o equilíbrio inicial. Este marco da sequência narrativa não é necessariamente negativo.”

Adam (1997, p. 18) afirma que a *ação* “caracteriza-se pela presença de um agente – ator humano ou antropomorfo – que provoca a mudança (ou tenta impedi-la)”. Trata-se de uma sucessão de eventos causados pelo acontecimento perturbador ocorrido. Adam (1997, p. 23) aprofunda esta noção afirmando que a “ação caracteriza-se pelo facto de esta implicar uma razão de agir, um móbil, relativamente àquele que age, o que leva, além disso, à responsabilidade do agente quanto às consequências dos seus atos.” O mesmo autor (1997), refere ainda que apenas um tempo e um ator não chegam para assegurar a unidade de ação.

A *situação final*, por seu turno, corresponde à fase de apresentação de um certo

acontecimento que explicita o novo estado de equilíbrio obtido pela resolução. Entre a situação inicial e a situação final não chega que o tempo decorra. Para haver narrativa é necessário que exista uma transformação (ou uma tentativa) no desenvolvimento do processo. Adam (1997, p. 69) menciona que a transformação pode “suprimir a tensão, e a situação final pode ser considerada não problemática; ou a transformação não suprime a tensão, e a situação final é problemática.”

A narrativa é, na realidade, um modo textual cujos diferentes géneros importa abordar e tornar alvo de reflexão em conjunto com os alunos em processo de alfabetização. O trabalho sobre aspetos ligados às características das personagens pode ter uma “vertente de aproximação com os alunos e com as suas realidades ou interesses” e portanto “podem identificar-se com personagens ou/e situações que neles estão apresentadas.” (Roseta, 2014, p. 32) Através das ações das personagens, os alunos poderão também questionar-se sobre determinados valores e princípios morais que vão sendo implicados, possibilitando a aprendizagem de alguma lição.

Desde a infância que os indivíduos são capazes de relatar episódios e contar pequenos acontecimentos que obedecem à estrutura narrativa. Segundo Bruner (1991, p. 4), “a narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e restrita por cada nível de domínio individual”, assim, o conhecimento da estrutura da narrativa adquire-se de forma mais ou menos espontânea.

As habilidades de compreensão e de produção de narrativas são fundamentais para os alunos obterem sucesso académico, visto que: “a) la narración es un medio de instrucción sociocultural: el formato narrativo es útil para explicar los fenómenos naturales y para codificar las normas sociales; b) entre las habilidades de la escritura se encuentra el conocimiento de la estructura textual, que guía al sujeto en la obtención y organización de la información; c) un criterio para evaluar el éxito en last areas escolares es la habilidad para manejar un repertorio de tareas o géneros del discurso narrativo.” (Mata, 2000, p. 320)

Portanto, de uma forma resumida, para promover o desenvolvimento e a construção de narrativas desde os primeiros anos de escolaridade, o professor deve proporcionar aos alunos “situações que provoquem a necessidade e a oportunidade para parafrasear, recontar, resumir partes ou textos integrais, hierarquizar os elementos constituintes de um texto, completar um texto inacabado” (Pereira, 2006, p. 206); posteriormente deve também promover a reelaboração de um determinado elemento do gênero em estudo (modificar o ponto de vista do narrador, reescrever o texto à luz de um elemento novo...) e ainda criar situações em que seja possível aos alunos tomarem consciência que as várias fases da narrativa podem ser produzidas de variadas formas.

Apresentada a perspectiva de Adam sobre a forma como a narrativa se apresenta nas produções escritas com o objetivo de fundamentar o presente estudo, importa aprofundar a compreensão sobre um processo da escrita já anteriormente referido, a revisão e que assume, no contexto do nosso estudo, grande relevância. Deste modo, no capítulo seguinte, será focado com mais pormenor o subprocesso de revisão por ser uma atividade significativa no processo de escrita e porque sustenta a análise que será realizada nesta investigação. Serão também apresentadas as operações metalinguísticas habitualmente identificadas como integrando este (sub)processo e serão ainda caracterizadas as rasuras orais comentadas já definidas em investigações anteriores (Calil e Felipeto, 2000; Calil, 2009, 2012; Silva, 2014) da análise dos diálogos estabelecidos entre escritores quando escrevem colaborativamente.

Capítulo 2 - Processos de Revisão

2.1. A revisão: subprocesso da escrita

Tal como foi referido anteriormente, o processo de escrita é composto por três subprocessos fundamentais - *planificação*, a *textualização* e a *revisão*. A *revisão*, sendo uma das componentes do processo de escrita, tem como principal objetivo melhorar a qualidade do texto, daí que seja dominada por uma reflexão sobre o texto produzido ou sobre partes do texto já produzidas. É durante o ato de reflexão sobre o texto que o escritor deve tomar decisões respeitantes à correção e à reformulação do texto. O escritor deve ainda ser capaz de refletir se a mensagem contida no texto é adequada ao destinatário e se o texto respeita as exigências de coesão e de coerência.

A revisão pode também ser entendida como um processo de comparação entre o texto que foi escrito e o texto que o escritor idealizou; no entanto, importa salientar que apenas o escritor considerado competente é capaz de rever o que escreveu e reescrever até considerar o próprio texto adequado, já que, por vezes, a revisão do texto poderá gerar ideias ao escritor que propiciem um novo direcionamento, como por exemplo uma alteração da estrutura ou uma abordagem completamente diferente do tema. Para Chanquoy (2009, p. 87), esta revisão mais profunda do texto está incluída na estratégia de reescrita, visto que implica que o escritor faça alterações no significado do texto ou mesmo transformações na sua organização.

O processo de revisão para o escritor com menos experiência, de que são exemplo as crianças do 1º ciclo, é realizado de forma mais superficial, focando a atenção nomeadamente nos erros ortográficos. Esta estratégia de revisão relaciona-se com a categoria de edição sendo que alguns autores, tais como Chanquoy, consideram-na um subprocesso do processo de escrita. A mesma autora em 2009 (p. 86) afirma que a edição está associada à correção de erros e a algumas alterações que não modificam o significado do texto.

Fitzgerald citado por Chanquoy (2009, p. 80), defende que “revisão significa realizar qualquer alteração a qualquer momento do processo de escrita. Ela envolve, por isso, a identificação de discrepâncias entre o texto pretendido e o texto produzido, decidindo-se o que poderia ou deveria ser alterado no texto, como realizar as alterações desejadas e operá-las, ou seja, como efetivamente realizar as alterações desejadas. As alterações podem ou não afetar o significado do texto e podem ser substanciais ou mínimas”.

Como referimos anteriormente, a revisão pode ocorrer ao longo de todo o processo de escrita de forma recorrente, no entanto, a revisão assume um importantíssimo papel no final da escrita do texto, uma vez que durante a redação o escritor como está a pensar e a escrever ao mesmo tempo, regista frases que representam esses mesmos pensamentos sem que haja qualquer articulação entre elas. Assim, a revisão permite detetar irregularidades no texto, melhorando, deste modo, a sua qualidade, identificando, por exemplo a fraca articulação das frases e enriquecendo-o com outras informações ou mesmo, caso seja necessário, corrigindo dados fornecidos sobre o tema abordado.

Para além do processo de revisão ser fundamental para a obtenção da qualidade de um texto é também considerado o processo de escrita mais gerador de aprendizagem para aquele que escreve. Para o escritor chegar a uma competência que envolve fazer uma análise do texto que produziu e averiguar os eventuais aspetos a serem melhorados, precisa, antes de mais, de ser capaz de fazer uma leitura do seu texto do ponto de vista de leitor e, nesta medida, podemos afirmar que a capacidade de escrita de um texto está intimamente relacionada com a capacidade de leitura desse mesmo texto.

Para Inácia Santana (2007), referenciada por Oliveira (2014, p. 21), o escritor ao (re)ler o texto que produziu está também a autoavaliar-se e a questionar-se acerca dos seus conhecimentos: “podemos dizer que a revisão é a fase da escrita mais geradora de aprendizagem, sobretudo se se trata de uma ação intencional com funções textuais”. O escritor ao longo do processo de revisão analisa e reflete conscientemente sobre vários

aspectos do texto e sobre a própria língua. Portanto, a revisão pode ser entendida como uma atividade metalinguística. As atividades metalinguísticas são aquelas em que os alunos poderão falar e discutir sobre a linguagem, envolvendo “a descrição dos aspectos observados por meio da categorização e tratamento sistemático dos diferentes conhecimentos construídos.” (ME/SEF, 1998, p. 28)

Pelo que foi dito, compreende-se que a revisão assuma um papel privilegiado e importante no processo de escrita, ao articular a leitura, a produção escrita propriamente dita (textualização) e a reflexão sobre a língua. Ora, é precisamente sobre a forma como o autor do texto, durante o processo de escrita e, conseqüentemente de revisão, reflete sobre a língua que o presente estudo irá incidir seguidamente. Ou seja, apresentamos de seguida, as ações, já identificadas em outras investigações (Fabre, 2002; Silva, 2014; Calil, 2009, 2006, 2012; Barbeiro e Pereira, 2010; Santana, 2001/2003) que os autores de um texto realizam ao redigirem/reverem esse mesmo texto e a forma como estas operações são suscetíveis de permitir a emergência/desenvolvimento da consciência metalinguística dos autores.

2.2. Operações metalinguísticas na revisão textual

A revisão ao ser entendida como uma atividade que implica que se reflita sobre a língua, proporciona ao autor o desenvolvimento da consciência metalinguística. Uma definição mais abrangente de consciência metalinguística é apresentada por Barbeiro (1999, p. 19) ao citar Pratt e Grieve (1984) como sendo a “capacidade para refletir acerca da natureza e das funções da linguagem.” O objetivo do processo de revisão, como foi referido anteriormente, é melhorar a qualidade do texto e para isso, durante a revisão os escritores, sendo eles mais experientes ou menos experientes, procuram detetar incorreções para, de imediato, procederem à sua alteração. Contudo, a capacidade para procederem a alterações e a natureza dessas alterações não é a mesma para todos os escritores e não é a mesma para escritores de diferentes idades. Isto é, os escritores com um maior conhecimento e domínio sobre a escrita conseguem fazer alterações no texto

com maior profundidade do que um escritor que não tenha tantos conhecimentos sobre a mesma. Tal como afirma Barbeiro (1999, p. 98), “para proceder à avaliação, à correção ou à reformulação do que escreveu, o sujeito pode ativar diversos níveis e domínios de consciência metalinguística e de relação com a linguagem.”

A consciência metalinguística não implica que o indivíduo utilize a linguagem para se referir a si própria, ou seja, o indivíduo não necessita de usar a expressão escrita ou oral para representar o seu pensamento ou a sua análise, isto é a sua tomada de consciência sobre questões da língua. No entanto, é através do diálogo que emergem operações metalinguísticas “espontâneas” que surgem no decorrer do discurso ou, por exemplo, ao longo da redação de um texto escrito colaborativamente. Assim, é possível afirmar que as operações metalinguísticas permitem reformular o próprio discurso a fim de assegurar a sua compreensão por parte do destinatário.

Fabre (2002) foi a primeira investigadora a analisar as alterações feitas nos rascunhos e composições por alunos que se encontravam em processo de aprendizagem da produção escrita. O trabalho de Fabre consiste em analisar a variante da rasura escrita enquanto operação metalinguística focando sobretudo a “distribuição espacial das rasuras, as categorias gramaticais envolvidas e as operações metalinguísticas em que consistem essas modificações.” (Barbeiro 1999, p. 98) Desta forma, Fabre (2002, p. 52), apresentou quatro operações que caracterizam as rasuras: *adição*, *supressão*, *substituição* e *deslocamento*. Além disso, através da sua análise, constatou que estas operações de revisão surgem pela seguinte ordem de frequência: *supressão* > *substituição* > *deslocamento* > *adição*. Contudo, segundo a autora, a ordem apresentada pode surgir alterada conforme o nível de ensino devido ao progressivo aumento do nível de consciência metalinguística dos alunos.

A *supressão* caracteriza-se por riscar/eliminar um determinado termo sem o substituir. Os termos podem ser: unidades diversas, acentos, grafemas, sílabas, palavras, sintagmas, uma ou mais frases.

A *substituição* é uma operação marcada por uma *supressão* seguida de uma outra

opção (de uma palavra, de um grafema, de um sintagma, ou de um conjunto maior). Segundo Fabre (2002, p. 40), a *substituição* pode ser distinguida entre dois tipos: “a) “a substituição, que altera tanto a expressão como o conteúdo”; b) a substituição em que há uma troca de um termo por outro sem afetar o conteúdo a ser comunicado, mesmo que o termo final não seja o mais correto. Existem casos em que a substituição não é considerada como uma operação metalinguística, por exemplo, o caso em que se troca uma letra por outra, uma vez que Fabre (2002) afirma que a origem dessa substituição pode decorrer da “falta de motricidade no desenho da letra” de acordo com Calil e Felipeto (2000, p. 96). Fabre (2002, p. 60) considera a substituição como uma operação “básica e a mais utilizada, independentemente do tipo de texto e do tipo de escritor.”

A operação *deslocamento* é caracterizada pela alteração da ordem dos elementos: pode constar apenas a troca de um elemento por ele próprio, isto é, apenas é modificada a ordem sem haver melhoras lexicais ou estilísticas. Fabre (2002, p. 146) refere que o deslocamento “é uma operação linguística delicada e complexa, pois obriga a tratar conjuntamente dois pontos distintos do discurso.”

Por último, no caso da *adição*, e de acordo com Fabre (2002, p. 84) “consiste em adicionar um elemento X numa unidade de texto sem substituir qualquer elemento dessa unidade em consideração. Sendo que à primeira sequência (AB), pode acrescentar-se um elemento antes da unidade considerada (XAB), entre a unidade (AXB) ou no final da unidade (ABX).”⁴ Silva (2014, p. 41) salienta que esta operação é caracterizada pelo “acrécimo de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema, de uma palavra, de um sintagma, de uma ou de várias frases.” Fabre (2002) refere que a adição, no que concerne aos escritores mais novos, diz respeito à correção ortográfica ou às omissões lexicais. A mesma autora (2002, p. 108) dizendo que ao “contrário das operações de “supressão”, cujo escrito é apagado, o acréscimo de termos ou expressões depois de já se ter escrito algo é uma operação muito difícil para os alunos que ainda têm pouca experiência com a escrita”. Assim, a adição de palavras, sintagmas ou frases (que, por vezes, mudam o sentido de um texto) é uma operação característica de escritores

⁴ Tradução livre.

mais experientes. Além disso, a mesma autora (2002) considera a adição como um índice de competência ou de qualidade escritural.

As rasuras, acima descritas, demonstram que mesmo os escritores mais novos são capazes de realizar reflexões complexas sobre a própria língua enquanto produzem o próprio texto.

2.3. Categorias das rasuras orais comentadas

Através da análise dos diálogos estabelecidos entre escritores pouco experientes enquanto escrevem em díades, permitiu a Calil em 2009, escrever um livro intitulado *Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas*, no qual descreve a investigação da rasura oral enquanto fenómeno coenunciativo, manifestado quando dois escritores (crianças) produzem um mesmo texto. Ao analisar as conversas entre ambos, surge um vasto leque de possibilidades de interpretação das reformulações que são feitas pelos alunos ao longo da redação que não eram possíveis de ser interpretadas na ausência de diálogo. Neste sentido, os comentários realizados pelos escritores produzem uma especificidade que seria completamente outra, caso houvesse apenas um aluno a produzir um texto, ou se somente fosse possível aceder ao texto já acabado. Neste sentido, os comentários que os autores realizam ao longo da produção textual permitem, de facto, analisar a natureza das operações metalinguísticas de revisão que autores de um texto escrito em colaboração realizam ao verbalizarem os seus pensamentos.

Calil (2012, p. 592) refere que “a rasura é um dos fenómenos que dá visibilidade ao ponto de tensão do processo de escritura.” Além disso, este mesmo autor define ponto de tensão “como sendo o momento em que os coenunciadores interrompem a continuidade do texto em razão de algum tipo de conflito, correção ou desacordo que interroga, suspende, modifica o que está sendo escrito.” (2012, p. 591) Estes pontos de tensão demonstram que os processos envolvidos na atividade de escrita são recursivos, uma vez que o autor interrompe a continuidade do texto para se referir àquilo que já foi

escrito ou que está a ser dito para ser escrito. Deste modo, “se a rasura é o reflexo de um retorno sobre um ponto de tensão do manuscrito em curso, os retornos dos coenunciadores sobre esses pontos ao conversarem durante o processo de escritura podem ser considerados como uma forma de rasura, a que chamarei de rasura oral.” (Calil, 2012, p. 594)

Tanto as rasurais orais como os comentários que as acompanham constituem dois instrumentos de avaliação. Por um lado, através das rasurais orais é possível identificar o nível de aprendizagem em que os escritores (alunos) se situam enquanto produtores de texto. Por outro lado, é considerado um instrumento de avaliação para o professor, uma vez que pode ajudá-lo a tomar consciência de quais são os conteúdos que necessitam de ser mais trabalhados, e/ou analisar a forma como os alunos estão a utilizar os conceitos relativos à produção de textos.

De acordo com Silva (2014), a investigação realizada por Calil (2014a) permitiu ao autor identificar e caracterizar diferentes tipos de comentários, concebendo, assim, oito categorias de rasuras orais comentadas devidamente classificadas: *gráfico-visual*, *pragmática*, *ortográfica*, *lexical*, *semântica*, *sintática*, *textual* e *pontuação*.

A rasura classificada de *gráfico-visual* diz respeito ao momento em que o falante se evidencia, e identifica algum problema relacionado com o desenho, a forma gráfica das letras e com o seu uso e posicionamento na página.

A *pragmática* refere-se ao momento em que o falante justifica o porquê de se escrever ou de se manter o elemento já escrito.

O momento em que o falante identifica algum problema ortográfico no que foi escrito ou mesmo antes de ser escrito é classificado de rasura *ortográfica*.

A rasura *lexical* ilustra o momento em que o falante se pronuncia sobre a troca de uma palavra por outra, sem que essa nova palavra modifique o sentido do texto.

Quando o falante relaciona o sentido de uma palavra ou expressão com o restante

texto escrito diz respeito à rasura *semântica*.

O momento em que o falante identifica problemas de concordância nominal ou verbal e argumenta sintaticamente sobre a presença ou não de um termo no texto é classificado de rasura *sintática*.

A rasura *textual* representa o momento em que o falante retoma a redação do texto tendo em conta o que já tinha sido escrito ou referido oralmente para que o texto mantenha a sua coerência.

O momento em que o falante tece determinado comentário sobre o uso de algum sinal de pontuação refere-se à rasura *pontuação*.

Através do diálogo entre os autores podem ainda ser revelados aspetos sobre o texto, que não seriam detetáveis se o foco fosse exclusivamente o texto escrito. Desta forma, o facto de haver dois autores sistematicamente a conversar sobre o que irão ou não escrever, produz uma significativa ajuda na compreensão do fenómeno coenunciativo. Além disso, através da categorização dos comentários relacionados com as rasuras orais é possível desvelar qual a frequência dos elementos rasurados.

Depois de ter sido apresentada a problemática do processo de escrita e ser salientado o subprocesso da revisão, foram evidenciadas as operações metalinguísticas assim como as rasuras orais (caracterizadas a partir das operações metalinguísticas) que fazem parte da maioria dos textos durante a sua produção e que foram identificadas por autores devidamente referenciados. Os objetivos delineados nesta investigação focam-se na análise destes dois conteúdos através das produções escritas (em tempo e espaço real) de duas alunas num ambiente de escrita colaborativo. Dada a sua pertinência e a importância desta situação didática, ao longo do capítulo seguinte, serão aprofundados conhecimentos ligados à aprendizagem em interação e no qual se destacará a importância do contexto social na aprendizagem da escrita; nesta perspectiva será desenvolvida a temática da escrita colaborativa, assim como o papel dos alunos na

colaboração entre pares. Por fim, no último tópico será ainda abordada a influência da escrita colaborativa no processo de revisão.

Capítulo 3 - A aprendizagem em interação

Vygotsky (1978/1988) destaca que o desenvolvimento humano, isto é, todo o funcionamento psicológico humano, evolui a partir de relações sociais que se criam ao longo da vida. Para melhor compreender a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento, importa mencionar a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que Vygotsky problematizou. A ZDP é, para o autor (1978/1988, p. 99), “a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”

Neste sentido, entende-se que uma criança se desenvolve cognitivamente através de interações estabelecidas com outros indivíduos: ou um adulto ou com companheiros de faixas etárias similares, mas mais competentes. A propósito, Vygotsky (1978/1988, p. 89) defende ainda que quando auxiliada por outro indivíduo, “toda a criança pode fazer mais do que faria sozinha – ainda que se restringindo aos limites estabelecidos pelo grau do seu desenvolvimento.”

Deste modo, o desenvolvimento cognitivo decorre através das interações com outros indivíduos, ou seja, a criança vai-se apropriando gradualmente dos sistemas de signos que fazem parte da cultura em que está inserida. Segundo Vygotsky, Wertsh e Schneuwly, referidos por Santana (2001/2003, p. 15), os signos são “instrumentos psicológicos produzidos pela evolução sociocultural que se tornam mediadores da atividade mental. A mediação pelos signos permite o controlo dos próprios processos de comportamento e a transformação dos processos mentais do indivíduo.” O sistema de signos que atua no desenvolvimento cognitivo humano é a linguagem. Para que haja interação e, conseqüentemente, aprendizagem a partir da construção de significações entre os indivíduos é necessário haver linguagem.

De acordo com Vygotsky, e citando Martins (1997, p. 115), a linguagem tem uma dupla função: “de um lado, permite a comunicação, organiza e medeia a conduta; de outro, expressa o pensamento e ressalta a importância reguladora dos fatores culturais existentes nas relações sociais.” Desta forma, a apropriação da linguagem, como também a sua expansão, vai-se desenvolvendo através da interação verbal; ou seja, a criança aprende com a ajuda de alguém mais experiente. Neste sentido, importa referir um outro conceito fundamental desenvolvido por Vygotsky, o de andaime que diz respeito à necessidade de intervenção do adulto para apoiar o aluno na execução de uma atividade complexa que, por si só, seria incapaz de realizar.

Como acima referimos, na teoria de Vygotsky, as interações são fundamentais para o sucesso do desenvolvimento da aprendizagem nas crianças. Relativamente às interações ocorridas em contexto escolar, ou noutros contextos da vida, é possível distinguir dois tipos: as interações assimétricas e as interações simétricas. O que condiciona o tipo de interação é a situação. Ao citar Gilly (1995), Santana (2001/2003, p. 23) refere que a situação é “determinada pelo contexto sócio-institucional, estatuto e papéis dos participantes, objetivos da tarefa, meios de resolução.”

Desta forma, Santana (2001/2003) evidencia que as interações assimétricas ocorrem entre indivíduos com níveis de competência e/ou estatuto social diferentes, bem como através do papel assumido durante a tarefa. A interação assimétrica mais comum no desenvolvimento das aprendizagens é a interação professor-aluno. Neste caso, o professor assume o papel do indivíduo com mais competência enquanto o aluno desempenha o papel do indivíduo com menor competência, isto é, assume o papel de aprendiz.

As interações simétricas, tal como a própria designação indica, ocorrem através da relação entre pares simétricos e equivalentes nos aspetos mencionados acima (níveis de competência e/ou estatuto social dos indivíduos e o papel assumido durante a tarefa). Santana (2001/2003, p. 27) cita Gilly (1995) enunciando que “a simetria de uma interação de coresolução refere-se sobretudo a três aspetos: os papéis e estatutos recíprocos dos

pares, os seus níveis de desempenho iniciais e os seus funcionamentos iniciais de resolução.”

As interações simétricas são sustentadas por duas teorias, a do conflito sócio-cognitivo e a da perspectiva procedimental, que não serão tidas em conta no contexto deste trabalho, no entanto, é sabido que ambas não potenciam o desenvolvimento e a aprendizagem, uma vez que nestes casos de interação simétrica são relativamente poucas as discordâncias entre os indivíduos, havendo uma aceitação passiva das respostas e conclusões envolvidas na tarefa que realizam. Aceitação passiva que acontece devido aos intervenientes não intuírem/compreenderem a necessidade de explicitarem o seu pensamento, a sua reflexão sobre a sua tarefa, e, por isso, tal como refere Santana (2001/2003, p. 30), não são desencadeados “importantes mecanismos de reformulação do problema, de reestruturação das estratégias e dos procedimentos, de regulação da ação, enfim, da reorganização cognitiva que corresponde aos processos de construção social de aprendizagens.”

Ora, a escola é o lugar por excelência onde a apropriação do conhecimento e a aprendizagem devem estar sempre presentes, sendo que as interações desempenham um importante papel no processo de ensino-aprendizagem. Como refere Martins (2009, p. 119) , “nas interações criança-criança e professor-crianças, a negociação de significados favorece a passagem do conhecimento espontâneo para o científico, possibilitando aos alunos não só a apropriação do legado cultural, a construção das funções psicológicas superiores e a elaboração de valores que possibilitam um novo olhar sobre o meio físico e social, como também sua análise e eventual transformação.”

Depois do que dissemos, é possível constatar que a construção do conhecimento é fomentada em interação, sendo que esta é responsável por desencadear a ação individual. O papel do professor consiste em ser mediador entre os conteúdos a serem adquiridos pelos alunos e a atividade selecionada para a construção de conhecimento. A interação entre pares de alunos proporciona também a construção de conhecimentos, embora sem a presença física do professor, facilitando a produção de saberes que

circulam no grupo em diálogo. Para uma melhor compreensão do papel do aluno quando redige em colaboração, consideramos interessante desenvolver o seguinte tópico.

3.1. Papel do aluno – construtores ativos do conhecimento – colaboração entre pares

Parrilla (1996) enunciado por Damiani (2008, p. 214) defende que grupos colaborativos são aqueles que compartilham as decisões que tomam e são responsáveis pelo que criam em conjunto, de acordo com as suas possibilidades e interesses. Ao trabalharem juntos, os elementos que constituem o grupo apoiam-se para atingir os objetivos delineados por todos. Neste sentido, são estabelecidas relações em que a liderança é compartilhada; ou seja, não há uma hierarquização de estatutos entre os elementos, existindo, ao invés, confiança e responsabilidade mútua pelas ações. No contexto de sala de aula, os alunos, perante um contexto colaborativo, assumem o papel de colaboradores e participantes ativos, influenciando os processos de aprendizagem dos alunos em interação.

De acordo com Tinzmann et al (1990) referido por Baptista (2014), esta aprendizagem, especialmente a da escrita, produz-se, em boa parte, mediante a interação entre alunos através da divisão e da partilha de atividades, nas quais os alunos mostram as produções escritas, os modelos e os procedimentos utilizados por uns e por outros. Durante esta partilha, há um confronto de ideias e de pontos de vista, e caso estejam a produzir um texto em conjunto, a discussão ganha lugar entre os alunos, e, por exemplo, no momento em que os alunos discordam, estes avaliam não só as suas próprias ideias como as ideias dos seus colegas, “e, portanto, são mais propensos a esclarecer, aperfeiçoar e alargar os seus pensamentos, do que quando trabalham sozinhos”. (Daiute & Dalton, 1993 citado por Silva (2014, p. 27))

Por isso, é muito importante a interação não só com o professor, mas também entre os alunos, uma vez que se podem ajudar no momento em que são esclarecidas

dúvidas. Neste sentido, para os alunos mais lentos em termos de raciocínio, o avanço dos outros serve-lhes de guia na meta a atingir. O oposto também se verifica, onde ao explicarem algo ao(s) elemento(s) do grupo mais lento(s), o(s) aluno(s) mais rápido(s) é(são) obrigado(s) a refletir sobre as próprias ideias.

Tal como refere Niza et.al. (2011, p. 37), “quando os alunos escrevem em cooperação verbalizam os problemas que lhes são postos por aquilo que querem dizer e pelo modo como o querem dizer, podem levantar hipóteses, discutir e fazer opções. Criam novas ideias, continuando a construir a compreensão do que querem dizer/escrever, e correm riscos com mais à-vontade. Podem tornar-se melhores escritores, porque, ao trabalhar em colaboração, estão a processar ativamente o conteúdo de cada esboço partilhado, na sua busca pela clareza da significação. Aprendem uns com os outros. A cultura de cada um potencializa os conteúdos e o discurso escrito.”

Em suma, o trabalho colaborativo entre alunos, proporciona-lhes uma maior consciência do trabalho que estão a realizar e um maior desenvolvimento das capacidades linguísticas.

3.2. Escrita colaborativa

Um exemplo de um trabalho colaborativo é a escrita colaborativa que se prende com a ação de produzir um texto de forma partilhada, implicando a constante interação entre dois ou mais escritores sobre um mesmo texto em construção.

Baptista (2014, p. 40) menciona que, no entendimento de Storch (2005), “a escrita colaborativa incide num produto textual, escrito por vários autores, culminando em um produto escrito que teve a contribuição de todos os elementos em todos os aspetos da escrita: estrutura, conteúdo e linguagem.” Deste modo, os elementos implicados na produção do texto deverão, previamente, delinear um objetivo comum, para que o trabalho de todos os escritores seja concentrado num mesmo produto. Outros aspetos fundamentais a ter em conta durante a produção de um texto colaborativamente são os

diferentes conhecimentos e pontos de vista dos vários intervenientes, visto que, permitem a descoberta de novas possibilidades que poderão fazer parte da produção escrita e poderão ser produzidas novas ideias. Além disso, através das interações estabelecidas é possível que haja um aumento da capacidade de reflexão dos intervenientes, contribuindo para o desenvolvimento individual das competências cognitivas de cada um.

Segundo Barbeiro e Pereira (2007, p. 10), a “interação que ocorre na escrita colaborativa permite apresentar propostas, obter reações, confrontar opiniões, procurar alternativas, solicitar explicações, apresentar argumentos, tomar decisões em conjunto. Quando ocorre entre pares, permite colocar em relação, no interior do processo de escrita, alunos com desempenhos diferenciados, o que possibilita a observação da forma como os companheiros resolvem os problemas que vão surgindo. A colaboração reflete-se, por outro lado, na vertente emocional – igualmente importante no estabelecimento da relação com a escrita – e no reforço do sentimento de participação.”

Assim, a colaboração parece ter incidência quer no desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais. As atividades de escrita colaborativa refletem-se na vertente emocional do escritor, pois o facto de estarem pelo menos dois alunos a produzir o mesmo texto, faz com haja uma partilha de responsabilidades e de tarefas entre os alunos. Ao assumirem as suas responsabilidades, os alunos têm de se apoiar mutuamente para produzirem o texto, explicando e clarificando dúvidas ao colega, de forma sistemática. Desta forma, os alunos ao entreatudarem-se tendem a ficar motivados, aumentando assim a sua autoconfiança no ato de escrever.

A interação entre alunos e entre estes e o professor, durante a produção dos seus textos proporciona, de forma espontânea, o diálogo, a troca de impressões, a partilha de conhecimento, tão importantes para o esclarecimento de ideias, e que por sua vez contribuem para um crescente domínio da estruturação da linguagem escrita. Os alunos ao escreverem colaborativamente devem estar implicados nos vários subprocessos do processo de escrita. Além disso, devem estar em interação, comunicando com o professor

e os colegas sobre a ação que estão a realizar. Neste sentido, é a comunicação, tanto oral como escrita, que sustenta toda a atividade de escrita colaborativa.

De facto, o diálogo durante a prática didática de escrita colaborativa proporciona entre os alunos a existência de confrontações sobre vários problemas que vão surgindo ao longo da produção textual. Estes comentários surgem conscientemente entre os alunos, favorecendo-lhes o desenvolvimento da consciência metalinguística e permitindo-lhes solucionar o problema de forma cooperada. Além disso, nesta situação de interação, os alunos ao serem responsáveis por diferentes e complementares estratégias de escrita, tendem a repartir a exigente carga cognitiva da produção textual.

A colaboração entre alunos é, na verdade, um valioso recurso pedagógico, pois confere uma maior rendimento de aprendizagens (Salustiano Casaseca, 2001; Santana, 2001/2003; Aleixo 2005).

3.3. Influência da escrita colaborativa nos processos de revisão

A escrita colaborativa, tal como foi acima mencionado, quando escolhida com estratégia, tem de incidir em todo o processo de escrita. Assim, é, de igual modo, uma estratégia produtiva no momento do subprocesso de revisão.

A atividade de revisão colaborativa dos textos permite, antes de mais, aos intervenientes constatarem que um texto pode ser objeto de variadas reformulações e que o texto que estão a ler teve já outras formas de existência. Como foi referido anteriormente, durante o trabalho colaborativo surge a troca e a discussão de ideias, permitindo aos elementos do grupo repartir a carga cognitiva, dada a exigência da sobrecarga das tarefas de revisão e reescrita. Além disso, nesta fase do processo de escrita, na opinião de Baptista (2014, p. 41) “o facto de haver mais do que um elemento possibilita um distanciamento relativamente à avaliação do produto escrito.” Oliveira (2014, p. 25) considera igualmente que “é mais fácil para as crianças detetarem erros nos

textos dos colegas do que nos seus, pois é difícil descentrarem-se do papel de escritores para o de leitores críticos do mesmo produto escrito.”

O trabalho em ambiente colaborativo, segundo várias pesquisas (Pereira e Barbeiro, 2010; Brito, 2006; Gomes, 2006) torna-se fundamental no desenvolvimento do processo de revisão, visto que a verbalização é uma mais-valia na capacidade de detetar problemas nos textos produzidos.

De acordo com Oliveira (2012, p. 25), Santana (2007), refere que “a revisão dos próprios textos, em interação com os outros, “provoca a interrogação sobre os sentidos dos escritos”, o que leva a que o autor vá “tomando consciência dos desajustes da escrita face aos seus objetivos comunicativos, promove, necessariamente, um maior conhecimento sobre a própria língua.” O constante diálogo sobre os textos produzidos possibilita, pois, nos elementos do grupo, o desenvolvimento de uma competência verbal alargada e, em simultâneo, uma consciência cada vez maior do que é considerado um texto com qualidade.

É de salientar que nestas atividades interativas, tanto os escritores mais experientes e mais competentes como os escritores menos competentes, beneficiam da produção escrita nestes moldes, porque vão tendo a possibilidade de tomar consciência do funcionamento da língua a diversos níveis; isto é, vão construindo competências metalinguísticas e, por interagirem com outros elementos, vão construindo concomitantemente competências sociais.

O professor, enquanto responsável pela atividade colaborativa, necessita de estar atento a determinados aspetos que possam prejudicar alguns alunos e, para isso, deve inculcar nos alunos atitudes consonantes com o trabalho em ambiente colaborativo. Desta forma, não só se pretende evitar que os alunos com menos capacidade se apoiem demasiado nos alunos com mais competência bem como que as partilhas feitas pelos alunos menos capacitados sejam ignoradas pelos alunos com mais capacidades.

Segundo Oliveira (2014, p. 26) “as situações interativas comportam uma vantagem importante no campo da gestão comportamental dos alunos, isto é, os alunos envolvidos neste tipo de situações conseguem ficar focados no trabalho durante um período de tempo mais alargado.”

Em síntese, importa sublinhar que a atividade de revisão parece ser mais enriquecedora quando realizada em colaboração, mas não de qualquer forma, sendo que é fundamental atender às condições de trabalho definidas para o grupo, nomeadamente à precisão rigorosa da tarefa a realizar pelos alunos.

Portanto, o auxílio de um professor, ou de um colega, é fundamental em qualquer momento de construção de conhecimento, desde que consista “numa receção atenta e amigável do texto (neste caso) e na interpelação ao autor sobre o que quis significar. Este pode clarificar as dúvidas dos leitores ao mesmo tempo que altera ou aceita alterações no seu escrito.” Niza et.al. (2011, p. 42)

Na realidade, quando o aluno revê os seus textos sozinhos, é natural que não seja capaz de detetar alguns erros devido à sua dificuldade em identificar deficiências no seu texto, compreendendo que aquilo que escreveu não é satisfatório e podendo resultar, por vezes, numa situação limite de perda de motivação e de confiança na sua capacidade de escrever.

Parte II – Metodologia

O segundo capítulo contém, num primeiro momento, a informação relativa ao tipo de estudo em causa, de seguida são apresentados revelados os procedimentos utilizados na recolha do *corpus*, os procedimentos de seleção do mesmo e, por fim, é apresentada a discriminação dos procedimentos utilizados para a análise dos dados.

2.1. Definição técnica do estudo

A presente investigação enquadra-se numa abordagem metodológica próxima do estudo de caso, ou seja, não se trata de um estudo de caso “puro”. Yin (2001) define estudo de caso a partir de um conjunto de exemplos de estratégias de análise de dados apresentando algumas das respetivas vantagens e desvantagens. Como a própria designação sugere, um estudo de caso é uma investigação que incide sobre um acontecimento específico dentro de um período de tempo limitado.

Apesar deste estudo possuir bastantes características exigíveis para um estudo de caso, existem aspetos neste trabalho que não cumprem exatamente as mesmas características que acima referimos. Neste sentido, apresentamos as características gerais de um estudo de caso que este trabalho comporta e, de seguida, evidenciamos algumas das características que o mesmo não obedece. Desta forma, o fenómeno em análise ocorreu dentro do seu ambiente natural; foram utilizados os dados recolhidos através de diversos meios (registos de áudio e vídeo e devidas transcrições e as produções textuais finais de cada aluna). Neste último aspeto é importante referir que os dados foram recolhido por elementos que integram o projeto *Interwriting – I*. Portanto, o nosso estudo não segue a fase exploratória que consiste em “especificar os pontos críticos; estabelecer os contactos iniciais para entrada em campo” (Ventura, 2007, p. 385). Além disso, de acordo com as questões investigativas apresentadas na introdução, comprovamos que a nossa pesquisa pretende responder às questões *o quê? e quais?*, tal como o estudo de caso.

Relativamente à natureza do estudo, esta é considerada mista, ou seja, a análise decorreu a partir de métodos qualitativos e quantitativos. Na perspetiva qualitativa, a identificação, a segmentação e a análise das transcrições sujeitas a cada operação metalinguística de revisão e a cada rasura oral comentada, assim como a categorização das mesmas permite-nos perceber que tipo de operações e quais as características das rasuras que as alunas realizam quando escrevem a pares.

Do ponto de vista quantitativo, a aplicação da estratégia de categorização disponibiliza os dados relativos ao número de cada uma das categorias de operações metalinguísticas de revisão das características dessas operações (rasuras orais). A análise do número de ocorrências de determinadas categorias permitiu-nos estabelecer a comparação com vários estudos e tirar algumas ilações relativas à consciência metalinguística revelada por cada aluna.

2.2. *Corpus* de análise

2.2.1. Procedimentos da recolha

O *corpus* desta investigação é constituído por produções escritas realizadas por uma díade de alunas em processo de alfabetização (2º ano de escolaridade), produzidos colaborativamente a partir de várias propostas de produção de texto feitas pela professora, através da qual a díade combina e escreve, conjuntamente, uma história inventada.

O material de análise foi recolhido, tal como se pode ler no Documento que explicita o Projeto (2013) por elementos integrantes do Projeto de Cooperação Internacional Luso-Franco-Brasileiro designado *InterWriting – I*, projeto que envolve pesquisadores do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME), do Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais (NEES) da Universidade Federal de Alagoas e do Projeto Desenvolver, Automatizar e Autorregular os Processos Cognitivos na Composição Escrita (Projeto

DAAR), sediado na Universidade do Porto (Portugal), a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, o Grupo de Investigação **Protectos** – produção de textos da Universidade de Aveiro (Portugal) e do Laboratório Ecole, Mutations, Apprentissages (EMA) da Universidade Cergy-Pontoise (França). Assim, este projeto tem como propósito principal a compreensão da ligação entre o escrevente e o texto em curso.

As produções escritas foram registadas pelo sistema RAMOS, um sistema de captura multimodal, em tempo e espaço real. Este permitiu a apreensão imagética e sincronização de um *filme-escrita* através do qual é possível observar o registo do traço da caneta sobre a folha de papel capturado através do uso de uma *smartpen* e do aplicativo *HandSpy*. Isto é, o *HandSpy* tem como instrumento associado uma *smartpen* e como suporte para o registo do traço, uma folha de papel com micropontos. A *smartpen* regista, no tempo e no espaço, na folha de papel o percurso do traço da tinta, realizado durante o momento em que a escrita está a ocorrer. Em sincronização está também um *filme-díade* no qual são registados os elementos audiovisuais através do uso de uma câmara de filmar instalada em frente à díade e, por fim, o *áudio-aluno*, em que através do uso de um gravador digital e microfone *headset* é feito o registo completo em áudio das conversas dos alunos durante a produção textual. Ao serem sincronizados, todos estes elementos constituem um *filme-sincro* a partir do qual se pode analisar a dimensão escrita, temporal e audiovisual dos processos de escrita. O conjunto dos materiais recolhidos (*filme-díade*, *filme-escrita*, *áudio-alunos*, a folha de papel com o texto acabado, bem como as transcrições dos comentários da díade) forma uma importante base de dados, a partir da qual se torna possível desenvolver o presente estudo.

O *corpus* de análise foi concebido durante o período de janeiro de 2015 a março de 2015 por uma díade de alunas pertencente a uma escola da rede pública da zona de Aveiro, no momento em que frequentavam o 2º ano de escolaridade. As alunas que constituem a díade serão denominadas neste estudo não pelos seus próprios nomes mas pelas letras iniciais dos mesmos, ou seja, por aluna B e por aluna L. Importa referir que a aluna da dupla que escreve e a aluna que dita alterna em cada proposta de escrita, ou seja, as duplas trabalham alternadamente: em cada produção escrita, uma aluna da díade

é responsável por escrever e a outra por ditar e vice-versa.

Importa apenas evidenciar alguns dos procedimentos efetuados pelos elementos integrantes do projeto *InterWriting* – I antes da recolha de dados com vista a proporcionar uma compreensão mais consistente do *corpus* desta investigação. Desta forma, como procedimentos realizados antes da recolha de dados, referimos o facto dos alunos ouvirem semanalmente uma história (conto de fadas) lida pela professora titular da turma de forma expressiva. Seguidamente à leitura, era promovido, entre os alunos e a professora, um diálogo sobre a história através do qual era feita uma análise textual sem, no entanto, haver a preocupação de se proceder a uma abordagem didática e sistemática. A professora e os alunos faziam, sobretudo, comentários sobre as personagens, as peripécias e outros aspetos textuais que consideravam relevantes. Por último, durante as aulas da turma, no intervalo dos dias destinados à recolha de dados eram lidos outros contos de fadas, sendo que de todas as histórias lidas registava-se o seu título.

2.2.2. Seleção do corpus

Nesta investigação optamos por examinar quatro produções escritas de uma díade. O primeiro critério de escolha do *corpus* de dados consistiu na seleção do mesmo número de textos em que houvesse alternância entre a aluna responsável por escrever e a aluna responsável por ditar. O segundo critério consistiu na seleção do mesmo número de produções textuais que tivessem recebido as mesmas orientações para a sua elaboração – duas produções de escrita livres e duas produções de escrita induzida. Além disso, numa primeira audição e visualização da filmagem e das transcrições de todas as produções, as que seleccionámos pareceram-nos mais interessantes para o presente estudo, devido à riqueza das interações e ao tipo de reflexões realizadas pela dupla. No quadro seguinte é possível observar, da esquerda para a direita: a data em que foi escrito cada um dos textos; se as alunas receberam, ou não, orientações para elaborarem o texto, isto é, se o texto foi produzido com tema livre ou com tema proposto; que tipo de

instruções foram dadas num e noutro caso; o título do texto concebido pela díade; e, por fim, qual a aluna da díade responsável por escrever e por ditar em cada produção escrita.

Data	Texto a elaborar	Instrução	Texto	Escrevente/ ditante
12/02/15	Livre	Inventa uma história.	Texto 1 - “O palhacinho” ⁵	<u>Escrevente:</u> L <u>Ditante:</u> B
23/02/15	Com instrução	Inventa uma história em que a personagem principal seja um rei mau.	Texto 2 - “O Rei e os criados” ⁶	<u>Escrevente:</u> B <u>Ditante:</u> L
27/02/15	Livre	Inventa uma história.	Texto 3 - “O ovo especial” ⁷	<u>Escrevente:</u> L <u>Ditante:</u> B
06/03/15	Com instrução	Inventa uma história em que o Capuchinho Vermelho e o Homem-Aranha lutem com o lobo mau.	Texto 4 - “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo” ⁸	<u>Escrevente:</u> B <u>Ditante:</u> L

Quadro 1. Informações relativas às produções textuais que constituem o *corpus* de dados.

Importa ainda salientar que o tratamento de dados, isto é as transcrições das produções verbais da díade durante a escrita colaborativa foram realizadas pelos elementos do projeto *Interwriting – I*. As transcrições obedecem a um conjunto de normas, definidas por membros pertencentes ao projeto, que foram criadas para identificarem e facilitarem a leitura e a compreensão de diversas situações características da produção escrita em colaboração e dos comentários realizados. Desta forma, serão enumeradas algumas das normas que mais se verificam ao longo das transcrições: a

⁵ Consultar a transcrição da produção textual em anexo na página 117.

⁶ Consultar a transcrição da produção textual em anexo na página 145.

⁷ Consultar a transcrição da produção textual em anexo na página 181.

⁸ Consultar a transcrição da produção textual em anexo na página 205.

utilização dos parêntesis retos indica o que as alunas escreveram na folha de papel; se houver um traço por cima daquilo que está escrito entre os parêntesis retos, indica que aquilo que foi escrito foi rasurado pelas alunas; a utilização de aspas indica o que as alunas disseram; no caso de haver uma fala sobreposta, a mesma é indicada com o sinal L, acompanhada do nome da aluna que se sobrepôs à fala de quem estava a falar primeiramente e o sinal SI é utilizado para um segmento ininteligível. Além disso, as transcrições estão divididas em sete momentos: momento da organização da sala, da leitura ou da roda de conversa, da apresentação da proposta/consigna, da planificação do texto, da formulação/tradução (escrita), da leitura para a professora e, por fim, o momento do desenho.

2.2.3. Procedimentos para a análise dos dados

Para proceder à análise dos dados recolhidos foram, num primeiro momento, identificadas, registadas e analisadas as operações metalinguísticas de revisão que a díade realiza em cada produção textual através de dois instrumentos de análise: as transcrições e a produção final do texto. Posteriormente, as mesmas operações realizadas pela díade foram contabilizadas de acordo com o seu tipo. Este trabalho de registo do tipo de operações realizadas pela díade, inclui a devida transcrição sujeita a cada operação, bem como a quantidade de operações realizadas de acordo com cada tipo. De seguida apresenta-se um exemplo para cada tipo de operação metalinguística (*supressão, substituição, deslocamento e adição*) tendo em conta este trabalho de registo. Importa acrescentar que durante a categorização e a análise das operações referidas, estas não foram especificadas de acordo com a unidade afetada, ou seja para cada operação não foram criadas subcategorias de análise que determinassem se cada operação ocorreu ao nível da letra, da sílaba, da palavra ou da frase. Desta forma, cada tipo de operação integra todas as respetivas operações realizadas pelas alunas sem que haja uma discriminação das mesmas tendo em conta o segmento do texto passivo de alteração.

Exemplo 1 – Operação metalinguística de revisão - *supressão*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 2 – “O Rei e os criados”	558. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando [(a)] prender])

Exemplo 2 – Operação metalinguística de revisão - *substituição*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 2 – “O Rei e os criados”	<p>315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)</p> <p>316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o que o rei mandava.</p> <p>317. B: Ai, faziam. (S.I.)</p> <p>318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com eme</p> <p>319. B: Aii. (Rasurando [(fazião)])</p> <p>320. L: Traço em cima!</p> <p>321. B: Fa... zi...</p> <p>322. L: Mea... [faziam]</p>

Exemplo 3 – Operação metalinguística de revisão - *deslocamento*⁹

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 3 – “O ovo especial”	92. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e ðaos irmãos (†) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

Exemplo 4 – Operação metalinguística de revisão - *adição*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	404. B: ...menina chamada Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa à pé, na floresta. Ai, floresta... (Rasurando acrescentando o [ta] em [flores] [floresta ta])... Floreeesta.. Floresta..

Após terem sido identificadas, registadas e contabilizadas as operações metalinguísticas de revisão produzidas pelas alunas em cada um dos textos, analisaram-se as operações numa outra vertente. Ao serem utilizados os procedimentos referidos anteriormente (identificação, registo, contabilização) efetuou-se a comparação do

⁹ Com vista a tornar o exemplo dado mais compreensível, relembramos que a operação *deslocamento* consiste na alteração da ordem dos elementos de uma frase sem que existam aprimoramentos lexicais ou estilísticas. Portanto, no texto 3 a aluna L alterou a ordem da letra f, a qual iria dar origem à palavra família, pelo artigo definido “a” para que a frase fizesse sentido.

número total de operações metalinguísticas de revisão e de acordo com o seu tipo que cada elemento da díade realizou nos quatro textos. Procedemos também à análise da evolução da quantidade e do tipo de operações metalinguísticas de revisão que realizou cada aluna ao longo dos vários textos produzidos¹⁰. Posteriormente, foram identificadas, segundo categorias, contabilizadas e analisadas as operações metalinguísticas de revisão (realizadas pela dupla) de acordo com o contexto em que surgem, ou seja analisaram-se as situações de interação através das quais ocorrem as operações.

Assim, através da análise das falas pretende-se concluir se as operações metalinguísticas de revisão realizadas surgem de uma situação de “diálogo “puro”, de leitura e/ou proposta” (Gomes, 2006, p. 87) ou mesmo de uma tentativa de construção de uma palavra ou frase. Portanto, as interações foram analisadas a partir da adaptação de várias categorias definidas por Gomes (2006, p. 88): *proposta/explicação* (pelo elemento ditante e pela professora), *leitura/revisão* (por parte do elemento escrevente) e *tentativa*. A categoria *proposta/explicação* diz respeito a todas as propostas de alteração de algum elemento do texto com vista ao seu melhoramento. São incluídas, ainda, nesta categoria as situações em que um elemento da díade (normalmente o ditante) explica ao outro elemento (normalmente escrevente) como deve construir uma palavra ou uma sequência de palavras, quer seja quando a aluna responsável por escrever questiona a aluna ditante, quer seja quando a aluna ditante esclarece a outra aluna sem que lhe seja solicitada ajuda. Também foram consideradas *propostas/explicações*, as situações em que as alunas questionam a professora sobre uma dúvida e a professora esclarece a díade. De seguida apresentam-se três exemplos de situações que ilustram a categoria *proposta/explicação*.

¹⁰ Os textos seguem uma sequência temporal como é possível verificar no quadro 1 presente página 65.

Exemplo 1 – Proposta da aluna ditante (L) para a aluna escrevente (B)

Texto	Transcrição do diálogo
Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	154. B: Mas, o homem aranha, mas... ho...mem... [o ome]. 155. L: Homem é com “h”. 156. B: Ai (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home]). Homem, obrigado.

Exemplo 2 - Proposta da professora para a aluna escrevente (L)

Texto	Transcrição do diálogo
Texto 1 – “O palhacinho”	354. PROFESSORA: Tu leste bem “mostrou”, é isso que lá tá escrito? (As alunas procuram o erro citado no texto) Tu leste mostrou . É isso que lá tens escrito? E é amostrou? Tu dissestes mostrou... 355. L: Amostrou. 356. PROFESSORA: E como tu achas que é? 357. L: mostrou. 358. PROFESSORA: Então, o que tu tens de cortar? 359. L: O “a”. 360. PROFESSORA: Anda! (L rasurando [(a)mostrou] e retomando a leitura)

Exemplo 3 – Explicação da aluna ditante (L) para a aluna escrevente (B)

Texto	Transcrição do diálogo
Texto 2 – “O Rei e os criados”	<p>175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.</p> <p>176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.</p> <p>177. B: (Rasurando [[q]]) Cri...</p>

Inserem-se na categoria *leitura/revisão* todas as situações em que os elementos da díade necessitam de ler o que produziram anteriormente para se situarem na história, e a partir desta releitura realizam uma determinada operação metalinguística. Conforme a descrição da categoria é dado um exemplo.

Exemplo 4 – Leitura/revisão da produção já escrita pela aluna escrevente (L)

Texto	Transcrição do diálogo
Texto 2 – “O ovo especial”	<p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e ðaos irmãos (t)] e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p>

A última categoria de análise é designada de tentativa e, tal como a própria nomenclatura indica, assinalam-se como tentativas as operações metalinguísticas de revisão realizadas sempre que um elemento da díade faz uma tentativa de construção de

uma palavra e conscientemente termina a tentativa sem finalizar a respetiva construção, pois apercebe-se de que a palavra está incorreta.

Exemplo 5 – *Tentativa da aluna escrevente (L) ao escrever a palavra comeste*

Texto	Transcrição do diálogo
Texto 1 – “O palhacinho”	259. L: Porque... E agora pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação [porquê?] Tu... tu... co...mess... [tu qum] Não é isso! (rasurando qum)) tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]

Para quantificar o número de operações metalinguísticas de revisão realizadas de acordo com a sua situação de interação, construímos uma tabela com três colunas para cada texto¹¹. Na primeira coluna registamos as categorias referidas, de seguida a transcrição dos diálogos entre a díade sujeita a cada categoria definida, e na terceira coluna apresentamos o número de ocorrências por categoria.

É importante realçar que por vezes em apenas uma fala de uma das alunas são realizadas várias operações metalinguísticas de revisão. Nestes casos, colocamos o devido excerto da transcrição na tabela, o mesmo número de vezes quantas forem as operações realizadas naquele comentário produzido pelas alunas e, além disso, sublinhamos a cor amarela a operação metalinguística considerada. De seguida apresentamos um exemplo elucidativo desta situação.

¹¹ A categorização e a contabilização das operações metalinguísticas realizadas de acordo com as interações estão apresentadas nas tabelas presentes em anexo no CD-Rom.

Texto	Transcrição sujeita à operação
<p>Texto 1 – “O palhacinho”</p>	<p>346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Pára a leitura para riscar a palavra rasurada com) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acréscendo o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para Bianca, em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.</p>

Ao lermos a transcrição colocada no exemplo anterior, é possível verificar que há um excerto da transcrição que está sublinhado a cor amarela e, por isso, indica que é a respetiva operação metalinguística (*adição*) que decorre naquele momento que estamos a considerar. Se analisarmos mais detalhadamente a transcrição percebemos de imediato que foram produzidas mais duas operações neste mesmo comentário feito pela aluna L, uma *substituição* e uma *supressão*, respetivamente. No entanto, nestes casos não estamos a considerar tais operações, estamos sim a considerar aquelas que estão realçadas.

No que diz respeito às rasuras orais comentadas, procedemos à sua análise através de dois instrumentos: as *transcrições* e o *filme-sincro* de cada produção textual. Nesta secção, tal como na anterior, foi construída uma tabela com três colunas principais para cada texto¹², na qual foram inseridas as categorias de análise, o devido excerto da

¹² A categorização e a contabilização das rasuras orais comentadas em cada texto estão apresentadas nas tabelas presentes em anexo no CD-Rom.

transcrição relativa a cada rasura oral e o número total de cada tipo de rasuras orais comentadas que a díade realizou. Para dar a conhecer um exemplo de cada tipo de rasura oral comentada retirado do *corpus* de análise, apresentam-se de seguida a transcrição do diálogo sujeita a cada rasura assim como o respetivo texto de onde foi retirada a transcrição. Os tipos de rasuras orais comentadas são: *gráfico-visual*, *pragmática*, *ortográfica*, *lexical*, *semântica*, *sintática*, *textual* e *pontuação*¹³.

Exemplo 1 – Rasura oral comentada do tipo *gráfico-visual*

Texto	Transcrição sujeita à operação
<p>Texto 2 – “O Rei e os Criados”</p>	<p>195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...</p> <p>196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar para B como separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura [(viv os)])</p> <p>197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)</p>

Exemplo 2 – Rasura oral comentada do tipo *pragmática*

Texto	Transcrição sujeita à operação
<p>Texto 2 – “O Rei e os Criados”</p>	<p>339. B: Não...um dia o guarda não apareceu. E depois...</p> <p>340. L: (Interrompendo B) Mas nós tínhamos dito aquilo, do fugiram. Não é B? Por favor. Não (S.I.) Ideias.</p> <p>341. B: Como é que eles fugiram, sem chave? Tinha lá...um dia...lá</p>

¹³ Consultar as definições destes tipos de rasura nas páginas 45, 46 e 47.

	na prisão, havia uma pá. Eles cavaram e fugiram...
	342. L: Posso falar?
	343. B: Fale.
	344. L: Um dia eles fugiram da prisão.
	345. B: Não, não..

Exemplo 3 – Rasura oral comentada do tipo *ortográfica*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	146. B: Mas, o homem... ho...mem... [o ome]
	147. L: Homem é com “h”.
	148. B: (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home])
	149. L: Homem aqui é com mê... mem...
	150. B: Homem... (B acrescenta o “m” no final [homem])

Exemplo 4 – Rasura oral comentada do tipo *lexical*¹⁴

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto – “O coelho sapeca”	120. Rafaela: uma festa...
	121. Flávia: Festa. Não, de aniversário não. Uma festa familiar. [Uma]... (Rafaela continua escrevendo e turnos depois, Flávia justifica a escolha por familiar)

¹⁴ O exemplo que se segue não pretence ao *corpus* analisado nesta investigação, pois a díade não realizou nenhuma rasura oral com características lexicais. O exemplo dado foi retirado do documento de Silva (2014, p. 53).

137. Flávia:...para reunir a família.

Exemplo 5 – Rasura oral comentada do tipo *semântica*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto – “A Madrastra e as duas irmãs”	275. L: O doutor...
	276. B: Mas isso não tem nada a ver com o circo.
	277. L: (Continua ditando e escrevendo, ignorando a observação de B) Acrobacias...o doutor... [O doutor]
	278. B: O doutor palhaço...
	279. L: O-pe-rou... [operou].
	280. B: Operou...com uma dó... (S.I.) prá ficar com dó dela... prá ficar com ela, tá? Cabum ma... [CABUM MA] machalabum...

Exemplo 5 – Rasura oral comentada do tipo *sintática*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 1 – “O Palhacinho”	301. B: (B começa a ditar para L) Mas o palhacinho teve um irmão, pequeno.
	302. L: Não! Mas o palhacinho...
	303. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.
	304. L: Mas... não... não é mas (rasurando [(Mas)])
	305. B: E...
	306. L: (Ditando e escrevendo) E... o... pa... lha... ci... nho... [E o palhacinho].

Exemplo 6 – Rasura oral comentada do tipo *textual*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 3 – “O ovo especial”	129. L: E [e]. 130. B: E... (Sl) e o ovo não se partiu. 131. L: Não. E, o ovo escorregou e tava lá um passarinho, dentro. E o passarinho que saiu da casca. (L falando e escrevendo) E o [o] 132. B: E o ovo não partiu.

Exemplo 7 – Rasura oral comentada do tipo *pontuação*

Texto	Transcrição sujeita à operação
Texto 2 – “O Rei e os Criados”	216. L: Porque...Agora, vírgula, porque :: Vírgula, sim... (B escrevendo [p]) 217. B: Tem que pôr? (Perguntando sobre a vírgula e depois volta para colocar a vírgula antes da palavra [, porque]) 218. L: Vírgula...Porque...Eles tinham pena dos...pobres animais...

Portanto, procedemos à contabilização das rasuras orais comentadas relativa a todo o *corpus* de dados e também para cada produção textual. Desta forma é possível obter uma visão geral da ocorrência das rasuras orais comentadas, quantificando, por um lado, o seu total nos quatro textos analisados e, por outro, em cada texto. Seguidamente, através da análise das tabelas, efetuamos a análise da evolução da quantidade das mesmas ao longo dos vários textos. Por fim, quantificamos e comparamos as rasuras orais comentadas realizadas por cada elemento da díade¹⁶ de acordo com o

¹⁶ A categorização e a contabilização das rasuras orais comentadas realizadas por cada elemento da díade estão apresentadas nas tabelas presentes em anexo no CD-Rom.

papel que assumem¹⁷. Para isso, construímos duas tabelas, uma relativa a cada elemento da díade. Em ambas as tabelas inserimos, mais uma vez, as categorias das rasuras orais comentadas, o excerto da transcrição e o total de rasuras realizado de acordo com cada tipo de rasura oral comentada.

¹⁷ A categorização e a contabilização das rasuras orais comentadas realizadas por cada elemento da díade quando assumem cada um dos papéis estão apresentadas nas tabelas presentes em anexo no CD-Rom.

Parte III – Apresentação e discussão dos resultados

Este capítulo tem como objetivo principal apresentar os resultados, provenientes da identificação, contabilização e análise das operações metalinguísticas de revisão e das interações determinantes na ocorrência das mesmas, realizadas pela díade em cada texto produzido em colaboração. Os resultados da análise das operações metalinguísticas de revisão encontram-se divididos de acordo com aspetos específicos.

Assim, no primeiro tópico, procedemos à apresentação dos resultados tendo em conta uma visão mais quantitativa da análise. Neste tópico são divulgados os resultados relativos à quantidade de operações metalinguísticas de revisão realizadas em cada texto de acordo com o seu tipo e tendo em conta o elemento da díade que as realiza. Além disso, também será fornecida uma visão panorâmica da evolução do número de operações metalinguísticas de revisão realizado pela díade ao longo da produção dos textos. No segundo tópico, por sua vez, apresentamos os resultados obtidos através da categorização e da contagem das operações metalinguísticas de revisão realizadas de acordo com várias situações, tais como uma situação de diálogo (proposta/explicação), de leitura (revisão/leitura) ou de uma situação de tentativa de construção de palavra ou de frase. Ou seja, vamos considerar se a operação metalinguística foi realizada no momento em que a aluna responsável por escrever recebeu uma proposta e uma explicação da aluna ditante para realizar uma determinada alteração no texto; se a aluna escrevente ao ler e rever o texto efetua alguma alteração, ou se a alteração realizada no texto pela aluna que assume o papel de ditante caracterizou-se pela tentativa de construção de alguma palavra ou frase.

Neste capítulo, apresentamos ainda os resultados relativos à análise das rasuras orais comentadas. Portanto, num primeiro momento exibimos uma visão geral do número de rasuras orais comentadas realizadas pela díade e, posteriormente, realizamos uma abordagem relativa à quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas produzidas em cada texto. Posteriormente, passamos a expor uma análise das rasuras orais um pouco mais detalhada. Desta forma, procederemos à demonstração dos resultados obtidos através da análise da quantidade de rasuras produzidas por cada aluna ao longo dos quatro textos e, neste seguimento, ou seja, ao darmos a conhecer uma visão

macro das rasuras e posteriormente uma visão mais focada, apresentamos os resultados obtidos relativos à quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas que cada aluna produziu ao longo dos quatros textos.

3.1. Operações metalinguísticas de revisão

3.1.1. Análise das operações metalinguísticas de revisão nos textos produzidos colaborativamente

Através de cada transcrição e das respetivas produções finais de cada texto, procedemos à identificação e à contagem dos vários tipos de operações realizadas e, em simultâneo, ao registo das mesmas numa tabela, juntamente com a respetiva transcrição sujeita às operações.

Tal como foi referido, apresentamos, num primeiro momento, uma visão panorâmica, sobretudo no aspeto quantitativo desta análise, com vista a facilitar e a proporcionar uma perceção mais abrangente do tipo de operações realizadas em cada texto, para assim se obter uma visão longitudinal da quantidade de operações metalinguísticas de revisão realizadas pela diáde.

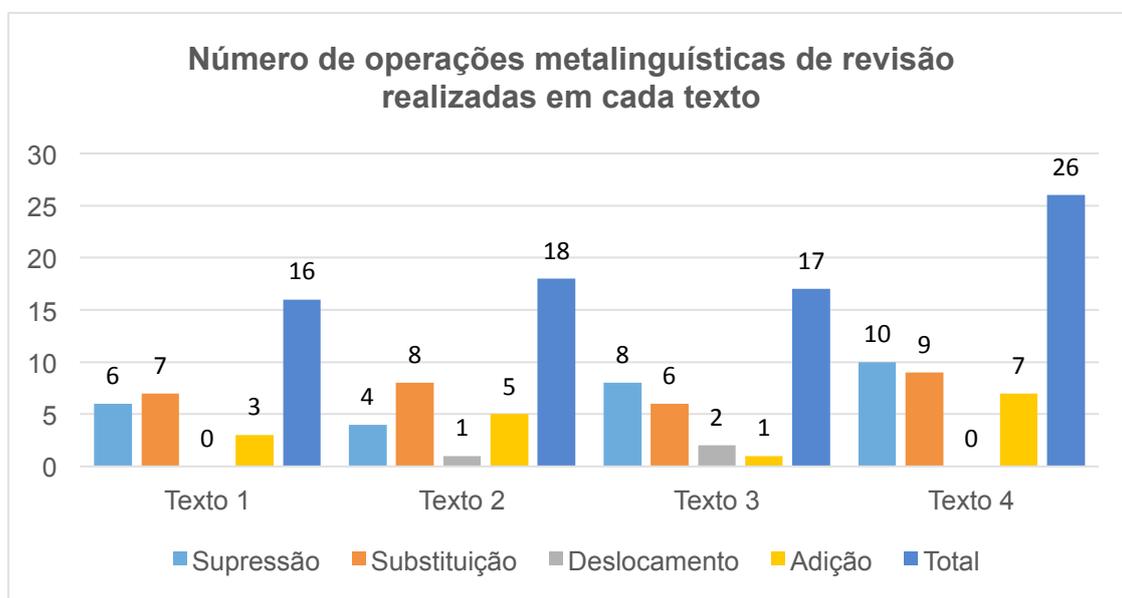


Gráfico 1. Número de operações metalinguísticas de revisão realizadas em cada texto.

Uma primeira visão do gráfico 1 permite evidenciar que a díade produziu um total de setenta e sete operações metalinguísticas de revisão nos quatro textos que compõem o *corpus* em análise. Além disso, é possível averiguar que não há uma evolução progressiva do número de cada tipo de operação realizada ao longo dos textos. Ou seja, a evolução de cada tipo de operação não ocorre de forma constante e progressiva; ao calcularmos a amplitude do número de operações realizadas entre o primeiro texto e o último, podemos, no entanto, verificar que houve um crescimento do número de todas as operações, à exceção do tipo *deslocamento*.

A operação *supressão* aumenta em todos os textos, exceto no texto 2, em que há uma diminuição de seis para quatro ocorrências. Assim, esta operação é objeto de aumento até ao texto 4, de quatro para dez ocorrências.

Algo idêntico se pode observar com a operação *substituição*, salientando, no entanto, que a diminuição ocorre do texto 2 para o texto 3, passando de oito ocorrências para seis e aumentando no texto seguinte para nove.

No que à operação *adição* diz respeito, é possível aferir, antes de mais, que os valores desta operação são sempre mais baixos do que as duas anteriores operações descritas, contudo apresenta uma evolução semelhante à verificada nas operações *supressão* e *substituição*. Ou seja, do texto 1 para o texto 2 há um crescimento de duas ocorrências (de três para cinco). Já no texto 3, a díade realiza apenas uma operação deste tipo; no texto 4 são realizadas sete operações desta natureza.

Por fim, constata-se que a operação *deslocamento* é a menos realizada, sendo que nos textos 1 e 4 a díade não realizou nenhuma operação referida. Somente nos textos 2 e 3 é possível verificar que a díade realizou uma e duas operações respetivamente.

Conforme se pode observar a partir do quadro 1 (situado no tópico seleção do *corpus* na página 65), a L é a escrevente dos textos 1 e 3, enquanto a B é a responsável por escrever nos textos 2 e 4. Portanto, é possível aferir que nos textos 2 e 4 são realizadas mais operações metalinguísticas de revisão, respetivamente dezoito e vinte e

seis. Interessante é verificar que estes dois textos foram redigidos a partir de instruções precisas do professor/investigador. Todavia, nos textos 1 e 3, textos nos quais a L assume o papel de escrevente, as operações metalinguísticas de revisão são realizadas em menor quantidade, dezasseis e dezassete, respetivamente. Estes textos correspondem, por sua vez, aos textos com tema livre.

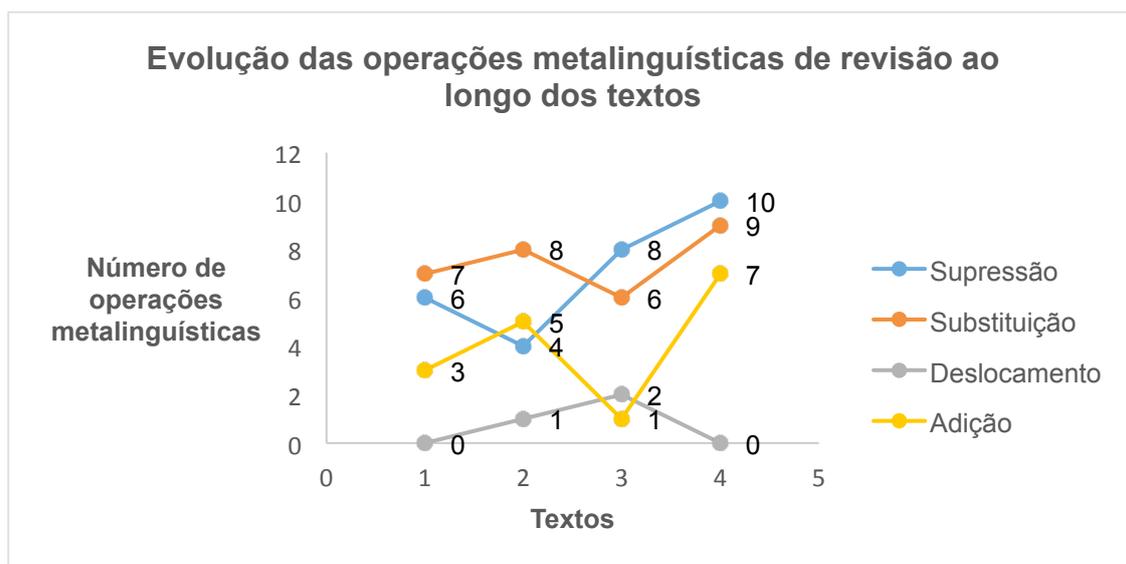


Gráfico 2. Evolução do número e de cada tipo de operações metalinguísticas de revisão ao longo dos textos (sequência temporal).

Todavia, ao observarmos o gráfico 3 que ilustra o número de operações metalinguísticas de revisão realizadas ao longo dos quatro textos por cada aluna, verificamos que, afinal, a B não foi a aluna que realizou um maior número de operações metalinguísticas. De facto, a aluna L produziu um total de cinquenta e sete operações enquanto a aluna B realizou, ao longo de toda a produção textual, um total de apenas vinte operações metalinguísticas de revisão.

Assim, estes resultados para além de nos remeterem para a não simplicidade e linearidade das observações à primeira vista, indicam-nos igualmente que a aluna que assume o papel de escrevente está, na realidade, muito concentrada na tarefa de

elaboração das letras e não tanto com o conteúdo do que está a redigir. Importa referir que a linguagem escrita coloca desafios cognitivos muito exigentes para aqueles que ainda estão a aprender e a adaptar-se a um novo código de escrita. Pelo contrário, é notório que a aluna responsável por ditar está realmente empenhada em gerar novas ideias e em organizá-las para o texto que estão a escrever em colaboração. Assim sendo, é possível afirmar que, em linha com múltiplas investigações (Pereira e Barbeiro, 2010; Pereira, 2008), há realmente, uma divisão da carga cognitiva entre as alunas durante as quatro produções textuais escritas.

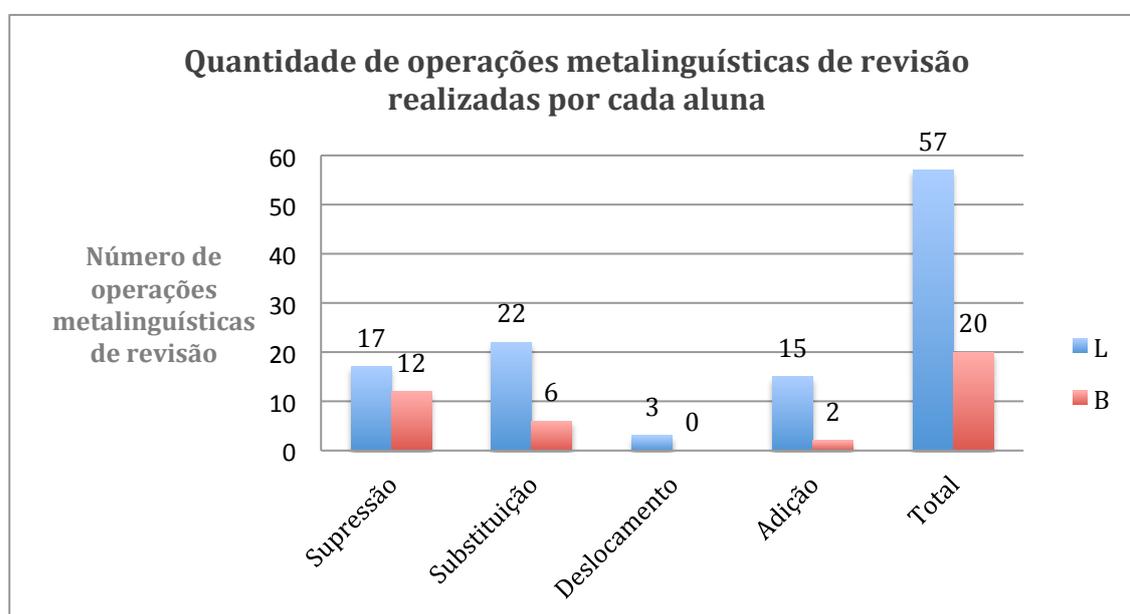


Gráfico 3. Número de operações metalinguísticas de revisão realizadas por cada aluna.

Num trabalho que marca a origem destas investigações, Fabre (2002) ao analisar as modificações realizadas nos textos produzidos por alunos em processo de alfabetização comprovou que as quatro operações metalinguísticas de revisão surgem pela seguinte ordem de frequência: *supressão* > *substituição* > *deslocamento* > *adição*. Todavia, no presente estudo, os resultados obtidos não seguem o mesmo padrão.

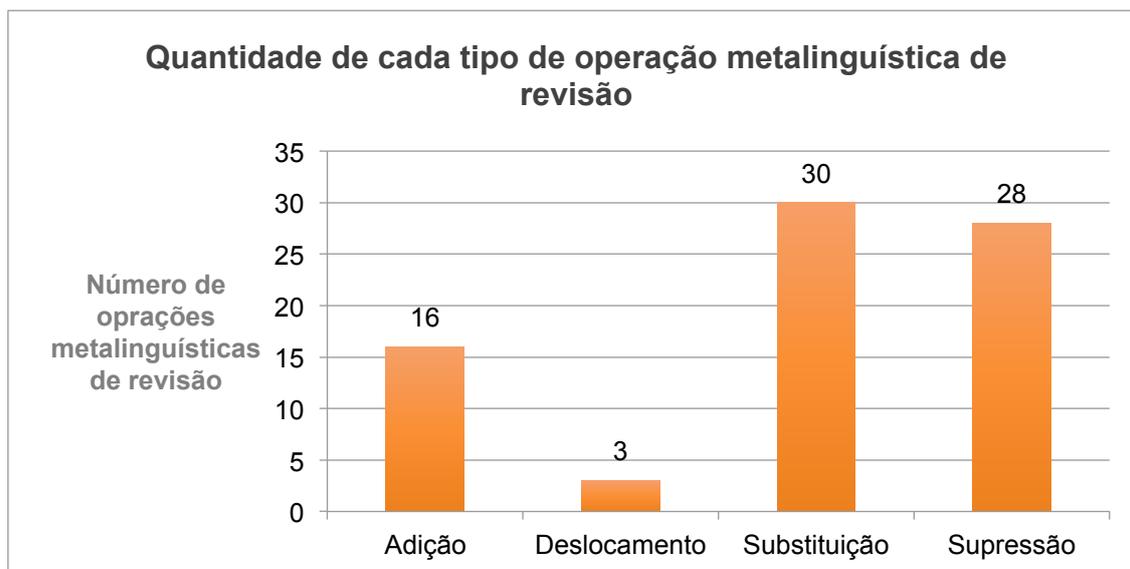


Gráfico 4. Quantidade de cada tipo de operação metalinguística de revisão.

No caso do nosso estudo, tal como pode ser comprovado pelo gráfico 4, a ordem de frequência mais comum é¹⁸: *substituição* > *supressão* > *adição* > *deslocamento*. Para Fabre (2002), no entanto, a ordem a que chegou pode sofrer alterações conforme o nível de ensino, devido ao progressivo aumento do nível de consciência metalinguística dos alunos. Portanto, estamos perante uma situação em que a díade em análise e os alunos analisados na investigação realizada por Fabre, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, certamente, não se encontram no mesmo nível de consciência metalinguística. Além disso, analisando o gráfico 1 comprova-se, através do aumento de operações metalinguísticas de revisão ao longo dos vários textos, que a amplitude entre o texto 1 e o texto 4 é de dez operações, ou seja, realizando-se desasseis no texto 1 e vinte e seis no texto 2.

Desta forma, é possível concluir que ambas as alunas da díade foram adquirindo, ao longo da produção dos quatro textos, um maior conhecimento e domínio sobre a escrita, o que por sua vez implica um maior nível de consciência metalinguística.

¹⁸ Para se poder confirmar categoricamente o que se afirma seriam necessários mais estudo e mais análises neste âmbito.

Na linha de outros estudos realizado por Santos e por Calil (2014), que abordam as relações entre a reflexão metalinguística e as operações realizadas durante o processo de escrita colaborativa, os autores referem que a escrita em díade constitui uma situação de intensa aprendizagem, “não apenas pela atmosfera interacional favorecida por essa dinâmica de trabalho, mas também pela possibilidade de os alunos refletirem sobre a sua escrita.” Gomes (2006, p. 32) refere, também, que a escrita colaborativa permite aos alunos “levá-los a fazer descobertas de produção textual já que são confrontados com diferentes perspectivas e possibilidades.” A propósito, Barbeiro e Pereira (2007, p. 11) afirmam que a escrita colaborativa leva os alunos a refletirem e a serem capazes de explicar os problemas identificados, efetuando assim aprendizagens no âmbito da escrita quando mencionam que “a dimensão metadiscursiva, ao mobilizar a capacidade de explicitação, constitui um instrumento de consciencialização em relação às características dos textos produzidos e em relação a alternativas possíveis. Constitui, por conseguinte, um instrumento da aprendizagem da própria escrita.”

3.1.2. Análise das situações de interação em que são realizadas as operações metalinguísticas de revisão

A situação de interação em que são realizadas as operações metalinguísticas de revisão pode ser analisada através das tabelas realizadas para cada um dos quatro textos produzidos, as quais contemplam as categorias relativas à situação de interação, as transcrições das intervenções realizadas pela díade e também o total ocorrências de cada categoria. Parece-nos bastante pertinente acentuar que nos textos 1 e 3, o elemento da díade que assume o papel de escrevente é a L e quem é responsável por ditar é a aluna B. Nos textos 2 e 4 os papéis assumidos pelos elementos da díade são invertidos.

Apresentamos, de seguida, um gráfico ilustrativo dos valores de operações metalinguísticas de revisão realizadas de acordo com cada categoria de interação.

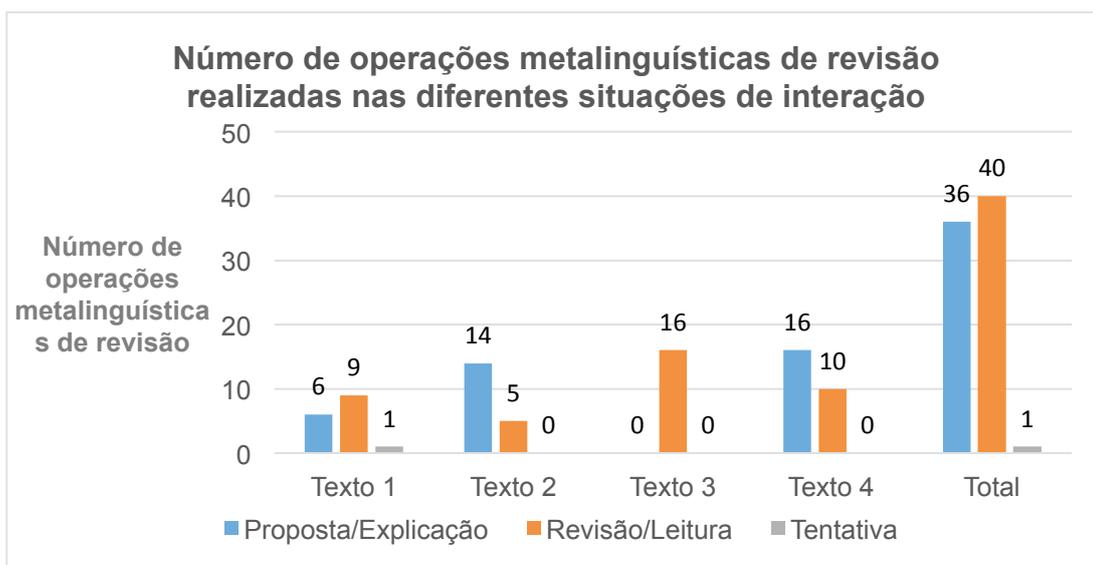


Gráfico 5. Número de operações metalinguísticas de revisão realizadas em cada texto de acordo com as categorias de interação.

Ao ser realizada uma leitura do gráfico, podemos constatar que as categorias que possuem os valores mais elevados são, sem dúvida, a *proposta/explicação* e a *revisão/leitura*. Neste sentido apresentam trinta e seis e quarenta ocorrências, respetivamente, enquanto a categoria *tentativa* apenas apresenta uma ocorrência, no texto 1. A partir da análise foi possível comprovar que raramente os elementos da diáde realizaram operações metalinguísticas de revisão por tentativa pois as alunas esclareciam entre si, de imediato, as dúvidas existentes, ou ao rerelem e reverem os textos conseguiam aperceber-se dos erros presentes no mesmo e, desta forma, modificavam algum elemento conforme achassem ser mais correto.

Passando a realizar uma análise um pouco mais detalhada é possível verificar através do gráfico dois aspetos interessantes. O primeiro diz respeito ao facto dos valores da categoria *proposta/explicação* serem mais elevados nos textos 2 e 4 do que nos restantes textos. O outro aspeto prende-se com o facto da categoria *revisão/leitura* ocorrer mais frequentemente nos textos 1, 3 e 4.

Relativamente à categoria *proposta/explicação*, a evolução dos seus valores não ocorre de forma constante, ou seja, ao longo dos vários textos esta categoria é marcada por aumentos e decréscimos abruptos do número de operações metalinguísticas de revisão realizadas ao longo dos textos. Nos textos 2 e 4, os valores são bastante acentuados face aos valores obtidos nos textos 1 e 3, sendo que nos textos 2 e 4 o total é de trinta e uma intervenções nesta situação de interação. Nos restantes textos, verifica-se um total de nove intervenções da categoria *proposta/explicação*.

Sendo a aluna B quem assume o papel de escrevente nos textos 2 e 4 é possível comprovar que a aluna L, ao assumir o papel de ditante, realiza, consideravelmente, mais *propostas* e *explicações* à B, ou seja, esta aluna ao longo das produções escritas colaborativamente é quem mais realiza intervenções cujo objetivo passa por clarificar e esclarecer dúvidas; é também ela quem alerta mais frequentemente para erros que possam existir nos textos e, também, é quem propõe um maior número de alterações a serem feitas nos textos. Neste sentido, é importante referir que a L tem um papel fundamental na produção das narrativas da díade, uma vez que encaminha várias vezes o sentido do texto à aluna que assume o papel de escrevente.

Os valores do número de operações metalinguísticas de revisão realizadas à luz da *revisão* e da *leitura* dos textos não são tão lineares como os apresentados anteriormente. Verifica-se, assim, um maior número de ocorrências no texto 3 (dezasseis ocorrências) enquanto o menor número sucedeu-se no texto 2 (cinco ocorrências). Já nos textos 1 e 4 a diferença é de uma intervenção, contando com nove operações no texto 1 e dez operações no texto 4.

Através desta análise, é possível averiguar que, no total, nos textos em que a L assume o papel de escrevente, foram realizadas mais operações à luz da *revisão* e da *leitura* do texto, ou seja, contam-se vinte quatro intervenções desta categoria. Contudo, nos textos em que a B assume o papel de escrevente (textos 2 e 4) o total é de quinze operações realizadas neste contexto. Portanto, por meio de comparação, pode afirmar-se

que a L faz mais alterações no texto do que a B quando o lê e revê no sentido de procurar incorreções.

Globalmente, a L é o elemento da díade que realiza um maior número de *propostas* e alterações nos textos escritos em colaboração e também é a aluna que realiza um maior número de operações metalinguísticas de revisão em situação de *leitura* e de *revisão* do texto. A partir desta análise constatamos que, de facto, a L é a aluna que revela ter uma maior consciência metalinguística.

3.2. Rasuras orais comentadas

Neste parâmetro do nosso estudo, será feita a análise e serão expostos os resultados obtidos através da categorização, da comparação e da quantificação das rasuras orais comentadas realizadas pelas alunas ao longo dos quatro textos escritos colaborativamente.

Iniciamos a análise proporcionando uma visão geral do número de rasuras orais comentadas realizadas pela díade. Neste sentido, ao efetuarmos a soma do número de rasuras realizadas em cada texto constatamos que o seu número total realizado pela díade é de noventa e cinco. De seguida, apresentamos um gráfico que nos faculta um panorama mais detalhado acerca do número de rasuras orais realizadas em cada texto.

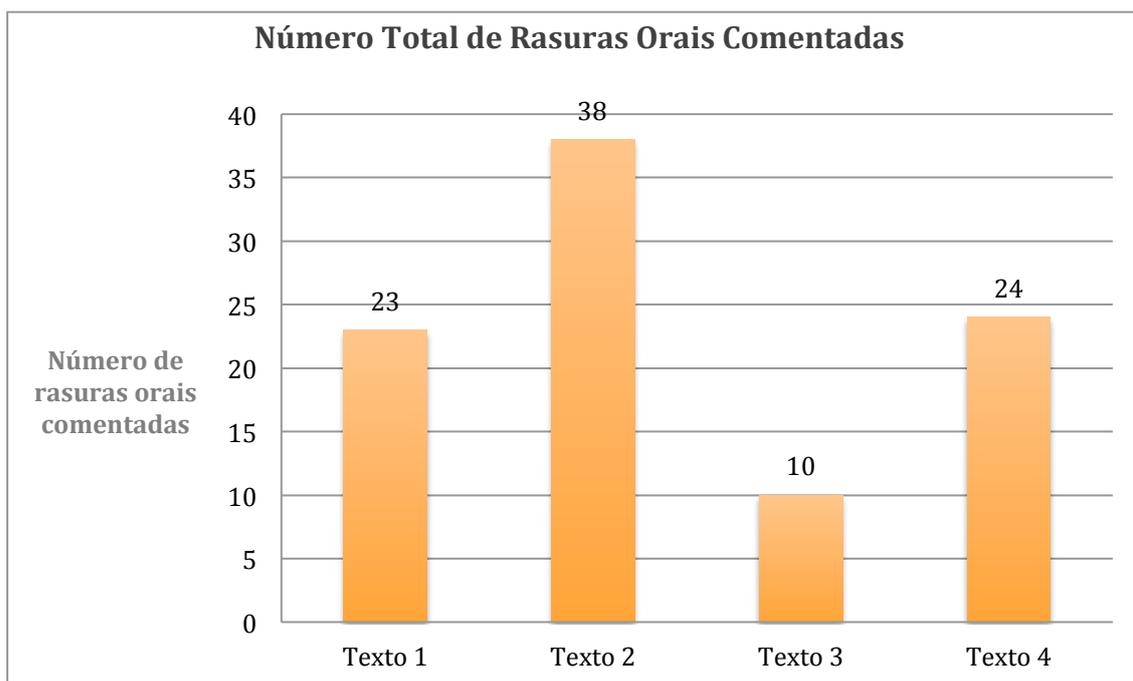


Gráfico 6. Número total de rasuras orais comentadas por textos.

No gráfico exibido, podemos observar que no texto 2, o número de rasuras é mais elevado do que nos restantes textos, tendo sido produzidas trinta e oito rasuras. Pelo contrário, durante a produção do texto 3, as alunas realizam o menor número de rasuras orais comentadas comparativamente aos restantes texto, ou seja, realizaram dez ocorrências. Relativamente, aos textos 1 e 4, a quantidade de rasuras orais comentadas realizadas difere de uma unidade ou seja, produziram-se vinte e três e vinte e quatro ocorrências, respetivamente.

Podemos também concluir que nos textos em que a aluna L assume o papel de escrevente a quantidade de rasuras orais realizadas é menor do que nos textos em que a B assume o papel de escrevente. Uma vez que a L revela ter uma maior consciência sobre a língua comparativamente à aluna B, como pudemos concluir através dos resultados obtidos a partir da análise das operações metalinguísticas, coloca-se a hipótese de que se realizam mais rasuras orais nos textos em que a B é responsável por escrever visto que a aluna L é aquela que poderá realizar mais comentários e identificar mais problemas relacionados com a língua e, assim, produzir uma maior quantidade de rasuras orais comentadas. Com vista a confrontarmos as nossas hipóteses com os resultados proferidos, apresentamos o seguinte gráfico.

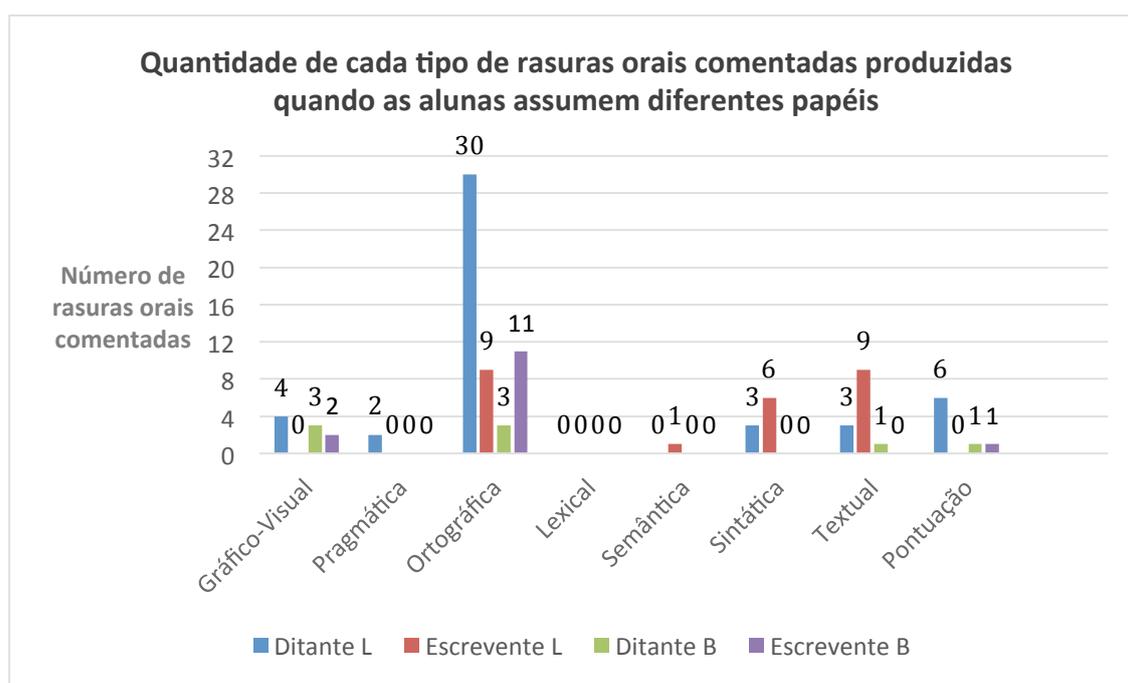


Gráfico 7. Quantidade de cada tipo de rasuras orais comentada produzidas quando as alunas assumem diferentes papéis.

A partir da análise do gráfico 7, concluímos que as alunas ao assumirem o papel de ditante não produzem o mesmo número de rasuras orais nem as rasuras são do mesmo tipo. Desta forma, verificamos que a L, quando assume o papel de ditante, realiza mais rasuras orais do que a B, quando esta assume o mesmo papel. Além disso, notamos que a aluna L também produz uma maior variedade dos tipos de rasuras orais mencionados no gráfico, sendo que os valores mais elevados concentram-se nos tipos *ortográfico*, *pontuação* e *gráfico-visual*, respetivamente. Todavia, a aluna B, quando responsável por ditar, produz, ainda assim, uma menor quantidade de variedade de rasuras orais, ou seja apenas quatro em oito tipos. Importa evidenciar, ainda, que os tipos de rasura realizados por esta mesma aluna em maior número são o *gráfico-visual* e o *ortográfico*.

Da mesma forma que existe diferença no número de rasuras orais comentadas produzidas e os seus tipos entre as alunas quando assumem o papel de ditantes, no momento em que as alunas são responsáveis por escrever verificamos o mesmo. Constatamos, assim, que ambas produzem quantidades bastantes distintas de rasuras orais assim como dos seus tipos. Portanto, a aluna B produz um menor número de rasuras orais comparativamente com a aluna L. Verificamos também que a B realiza apenas rasuras orais de apenas três tipos: *gráfico-visual*, *ortográfico* e *pontuação*, sendo que o valor mais elevado corresponde à rasura *ortográfica* que contém onze ocorrências. Já a aluna L, produz, como já foi referido anteriormente, mais rasuras orais e também uma maior variedade de tipos, ou seja quatro tipos em oito. Neste sentido, a L quando assume o papel de escrevente realiza rasuras orais do tipo *ortográficas* (onze), *semânticas* (uma), *sintáticas* (seis) e *textuais* (nove).

Relativamente aos tipos de rasuras orais comentadas produzidas em cada texto, podemos ver no gráfico abaixo que os valores de cada tipo são um pouco díspares.

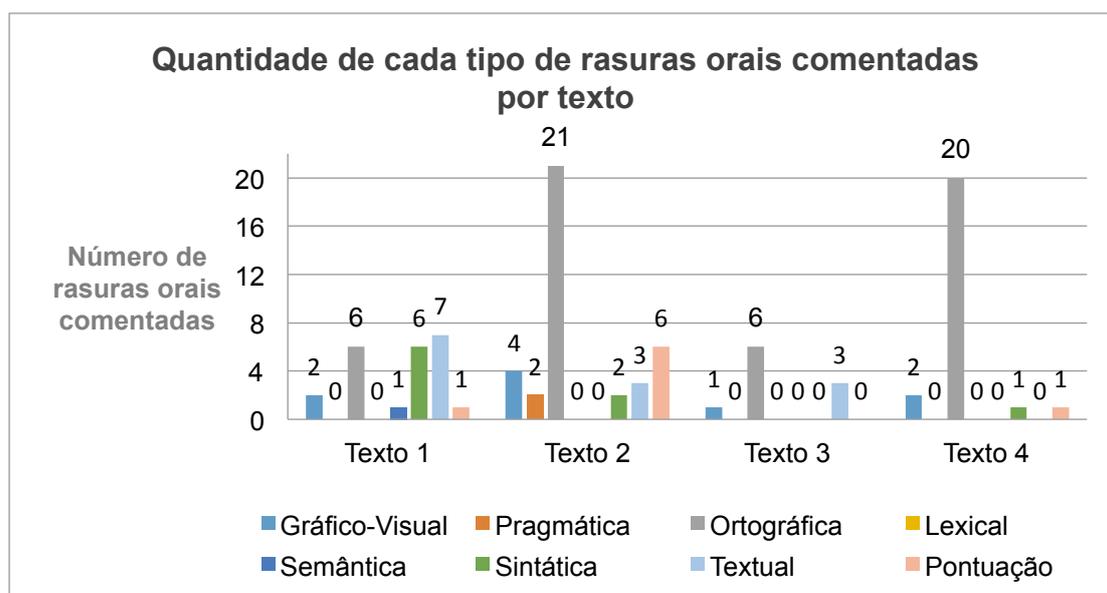


Gráfico 8. Quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas por texto.

Ao fazermos uma análise geral do gráfico apresentado, é possível verificar que o tipo de rasura oral comentada que as alunas realizaram em maior quantidade foi a *ortográfica*. Em todos os textos, exceto no texto 1, os valores da rasura *ortográfica* foram, na verdade, os mais elevados face aos restantes tipos de rasuras, nomeadamente nos textos 2 e 4, cujo número de ocorrências foi de vinte e uma e vinte, respetivamente. Este resultado está, segundo Silva (2014, p. 8), relacionado com o “momento de aprendizagem em que as alunas se encontram”. Para além desta ilação, o facto da rasura oral *ortográfica* ser aquela que é produzida em maior quantidade pelas alunas está relacionado com a excessiva valorização escolar e social dada à ortografia no ensino português durante a aprendizagem da escrita, sendo que muitas vezes, reduz-se o saber escrever ao facto de não serem cometidos erros ortográficos. Portanto, através desta análise verificámos que as alunas procuram fundamentalmente, nos seus textos, obedecer às regras ortográficas.

Verificamos ainda que a rasura oral comentada *gráfico-visual* também foi produzida em todos os textos, contudo em menores quantidades do que a *ortográfica*. Os

valores deste tipo de rasura situam-se ao longos dos vários textos entre quatro e duas ocorrências, não existindo um aumento nem uma diminuição acentuada deste valor.

Relativamente às rasuras orais comentadas dos tipos *textual*, *pontuação* e *sintática*, é possível constatar que as alunas produzem todos estes tipos de rasuras em três dos seus textos. A rasura *textual* é de entre os três tipos apresentados, a que tem maior número de ocorrências, um total de treze. Seguidamente, com nove ocorrências encontra-se a rasura oral *sintática* e, por fim, é possível contabilizarem-se oito ocorrências da rasura *pontuação*.

As rasuras dos tipos *semântica* e *pragmática*, apenas foram produzidas num dos quatro textos, no texto 1 e no texto 2, respetivamente. Além disso, a díade produziu apenas uma rasura do tipo *semântica* e duas rasuras do tipo *pragmática*. Também é possível comprovar que as alunas não realizaram nenhuma rasura oral comentada do tipo *lexical* nos seus textos. Com base nestes resultados, concluímos que as alunas realizaram em menor quantidade alterações relacionadas com informações do texto, com a sua localização e com o significado das palavras.

Neste sentido, constatámos que os comentários pronunciados pelas duas alunas dizem respeito, sobretudo, à forma e não tanto ao conteúdo do texto. Gelderen e Oostdam (2004), Góes (1993) e Rocha (1999), mencionados por Spinillo (2015, p. 3) apuraram que os escritores menos experientes tendem a fazer mais alterações de forma do que de conteúdo, nomeadamente alterações relacionadas com as “regras ortográficas, gramaticais e para garantir a legibilidade da grafia.” Segundo Spinillo (2015), quando aquele que redige domina as regras da língua e não comete erros de forma, permitir-lhe-á que se volte para outros aspetos da escrita mais relacionados com a comunicação. A mesma autora (2017, p. 7) refere que “a revisão envolve um trabalho mental sobre vários aspetos do texto e isso parece estar subjacente às alterações feitas pelas crianças com um maior domínio da escrita.” Neste caso, a aluna L é aquela que revela ter um maior domínio da escrita, tal como já foi mencionado anteriormente.

Com vista a facilitar a visualização da situação descrita anteriormente, expomos o seguinte gráfico que caracteriza a evolução, ao longo dos quatro textos produzidos, da quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas.

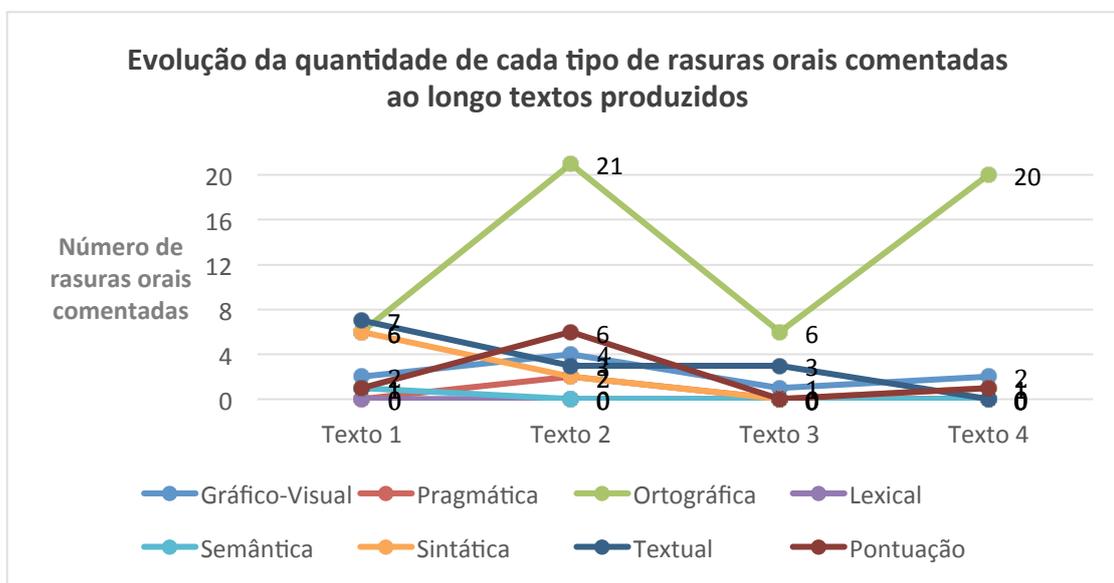


Gráfico 9. Evolução da quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas ao longo dos quatro textos produzidos pela díade.

Ao fazermos análise geral do gráfico 9 verificamos que, de facto, a rasura *ortográfica* é a que aumenta consideravelmente do texto 1 para o texto 4. No entanto, há um elemento da díade que é responsável por escrever os textos 1 e 3 (L), comprovando-se que a aluna ditante (B) não identifica tantos problemas ortográficos no que foi escrito ou mesmo antes de ser escrito comparativamente à aluna responsável por ditar nos textos 2 e 4 (B). Este resultado é válido também para as rasuras *gráfico-visual*.

Na verdade, tanto as rasuras *ortográficas* como as *gráfico-visuais*, traduzem-se, por vezes, em alterações realizadas nos textos com pouca profundidade, pois modificam apenas aspetos pontuais dos textos (sendo que a maioria das alterações ocorre apenas sobre a palavra) e não, o sentido do mesmo ou até a sua organização.

Para possibilitar uma fácil percepção dos resultados apresentados e a proporcionar uma visão geral do que foi anteriormente descrito, mais propriamente do número de ocorrência de cada tipo de rasura oral ao longo do *corpus* de dados, apresentamos um outro gráfico.



Gráfico 10. Número total de cada tipo de rasuras orais comentadas realizadas ao longo das produções textuais.

De modo a possibilitar uma leitura mais profunda, apresentamos, de seguida, o gráfico ilustrativo das rasuras produzidas pelas alunas ao longo dos quatro textos.

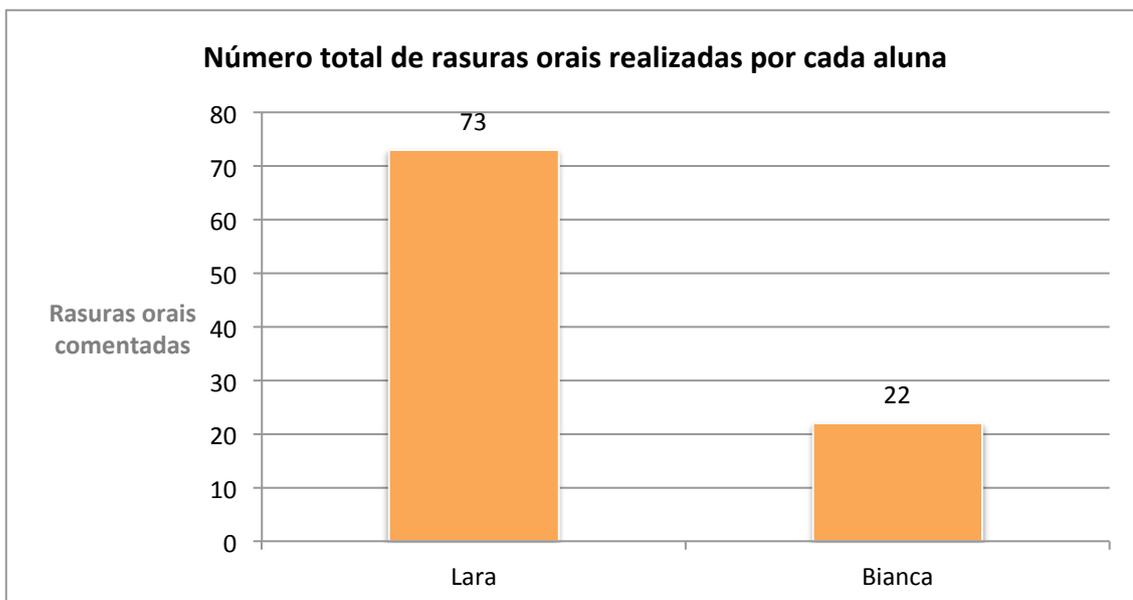


Gráfico 11. Número total de rasuras orais comentadas por aluna.

O gráfico 10 permite constatar que ambas as alunas realizaram rasuras orais comentadas e que os valores entre as duas são bastante distintos, sendo que a L produziu, ao longo dos quatro textos, um total de setenta e três rasuras orais comentadas e a B efetuou um total de vinte e duas rasuras. Portanto, a L realizou mais do que o triplo das rasuras efetuadas pela B.

Com vista a percebermos a quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas produziu cada aluna ao longo dos seus textos, construímos o gráfico abaixo.

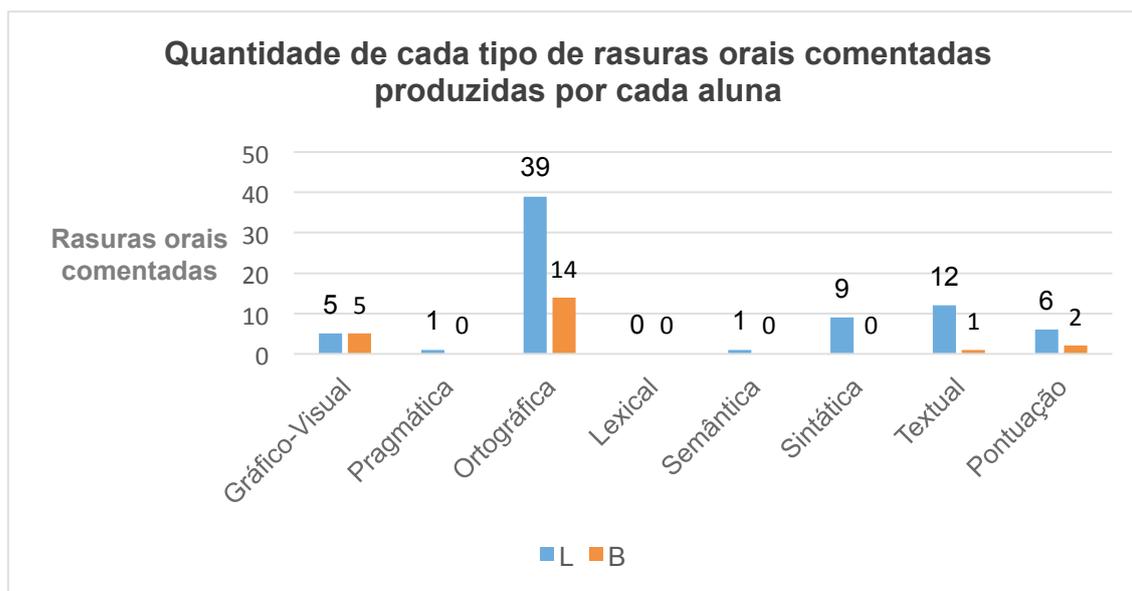


Gráfico 12. Quantidade de cada tipo de rasuras orais comentadas produzidas por cada aluna.

Os dados apresentados no gráfico revelam que a aluna L foi responsável por produzir grande parte das rasuras orais ao longo dos quatro textos escritos em colaboração. Como já tinha sido possível observar anteriormente e como é facilmente compreensível, atendendo à idade das alunas e ao nível de ensino que frequentam e ainda devido a uma lógica escolar que privilegia esta dimensão da escrita, a rasura *ortográfica* foi o tipo com mais ocorrências ao longo dos textos. Todavia, através do gráfico 9 podemos verificar que a L realizou trinta e nove rasuras deste tipo enquanto a aluna B produziu apenas catorze. Estes resultados revelam que há de facto um enorme desfasamento entre os números obtidos respeitantes a cada aluna. O número elevado de rasuras *ortográficas* realizado pela L ocorre, por um lado, em situações em que a mesma aluna se antecipa, referindo como se escreve determinada palavra à aluna B mesmo antes desta começar a redigir a palavra. Por outro lado, este número é, também resultado das questões que a B coloca à L para esclarecer as suas dúvidas sobre ortografia. Além disso, “na escrita colaborativa realizada em conjunto, a criança tem consciência das dificuldades apresentadas em determinadas palavras e é capaz de chamar a atenção dos companheiros para elas.” (Viana, Baptista e Barbeiro, 2011, p. 101)

De facto, através da presente análise é notória a existência de níveis de desempenho bastante distintos entre as alunas. No estudo realizado por Moura (2012, p. 34), a autora faz referência a Zorzi (1998) que entende que “os conhecimentos podem ser mais superficiais ou mais profundos, e é esta a marca da evolução, isto é, que grau de apropriação das características do sistema de escrita cada criança já alcançou.” Deste modo, afirmamos que a aluna L revela já possuir conhecimentos de um grau de profundidade superior à aluna B.

Durante a categorização e a contabilização constatamos que a L realizou mais rasuras *ortográficas* do que a B. A razão explicativa deste acontecimento deve-se, por um lado, ao facto da aluna L prever e alertar a aluna B para não cometer um determinado erro ortográfico, por outro lado, deve-se ao facto da mesma se aperceber do erro ortográfico que a aluna B comete e interrompe a continuidade do texto com o propósito de corrigir o que está escrito. É possível comprovar esta situação consultando as tabelas de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna L e analisando as transcrições sujeitas à rasura *ortográfica*.

Relativamente à rasura oral do tipo *gráfico-visual*, verificamos que o número de ocorrências realizadas por cada aluna difere duas unidades, sendo que a B produziu oito deste tipo e a aluna L produziu seis rasuras *gráfico-visuais*. Conforme as transcrições sujeitas a este tipo de rasura, comprovamos que cada rasura considerada e contabilizada é caracterizada como sendo um alerta ou uma sugestão que é feita pela aluna responsável por ditar o texto à aluna que assume o papel de escrevente.

No que diz respeito às categorias das rasuras *textual* e *pontuação*, comprovamos que há, também uma discrepância do número de ocorrências entre ambas as alunas. A aluna L realiza mais rasuras do que a aluna B.

Por último, através do gráfico acima exposto é possível notar que a aluna L realiza rasuras orais comentadas do tipo *pragmática*, *semântica* e *sintática*, enquanto que a aluna B não produz nenhuma ocorrências relativa às categorias referidas.

Conclusões

Da anterior análise dos resultados obtidos, várias foram as conclusões a que chegámos e importa recapitulá-las aqui em forma de síntese, como meio de aprofundar a temática da produção de narrativas por crianças recém-alfabetizadas ou ainda em processo de alfabetização. O nosso foco de análise incidiu sobre o tipo de operações metalinguísticas de revisão que as alunas realizam e sobre quais as características das rasuras orais comentadas produzidas por estas, quando assumem a responsabilidade de escrever ou de ditar. Através das conclusões pretendemos também dar resposta às questões investigativas delineadas no início do estudo. É nosso objetivo evidenciar ainda algumas ilações acerca da importância da escrita colaborativa durante o processo de alfabetização, bem como propor sugestões para eventuais investigações futuras.

O estudo desenvolvido teve como principal foco identificar as operações metalinguísticas de revisão, bem como compreender quais as rasuras orais comentadas que duas alunas do 2º ano de escolaridade realizam com mais frequência e de acordo com o papel que assumem quando escrevem em colaboração. Deste modo, pretendíamos, de alguma forma, dar um contributo para a investigação na área do Português e da Didática do Português, salientando as potencialidades que proporciona aos alunos o trabalho de escrita em díade, evidenciando a importância das operações metalinguísticas de revisão e das rasuras orais comentadas na avaliação da aprendizagem e, por fim, a caracterização da capacidade de reflexão acerca da língua que alunos desta faixa etária são capazes de manifestar.

Antes de apresentarmos os resultados obtidos neste estudo, é conveniente fazer uma breve síntese dos principais pilares teóricos (processo de revisão, escrita colaborativa) para a compreensão do presente estudo. Desta forma, destacamos que o processo de escrita é um processo complexo, uma vez que o escritor tem de ser capaz de dominar e avaliar não apenas o tema a dirigir ao destinatário como a linguagem a ser utilizada em relação a esse mesmo tema, para que assim o texto faça sentido a quem o lê. Além disso, existem três processos implicados na atividade de escrita: a *planificação*, a

textualização e a *revisão*. Estes três processos envolvidos na produção escrita são recursivos e não se sucedem sempre pela mesma ordem, pertencendo à sua natureza a propriedade da interação, nomeadamente no que diz respeito à revisão que pode ser feita à medida que o texto vai sendo produzido, tal como podemos comprovar através dos dados que obtivemos na nossa investigação. Esta operação cognitiva envolve identificar discrepâncias entre o texto pretendido e o texto produzido, realizando-se as alterações desejadas. Portanto, a revisão é marcada, sobretudo, pela reflexão em relação ao texto produzido. Para quem escreve, o próprio texto tem de ser um objeto de análise e reflexão, sendo capaz de rever o que escreveu e reescrever até considerar o próprio texto adequado. Portanto, a revisão, pode ser entendida como uma atividade metalinguística. O desenvolvimento da consciência metalinguística está, pois, relacionado com a revisão textual, visto que implica, tal como no nosso estudo, que as alunas refletissem e analisassem a língua. As operações metalinguísticas de revisão e as rasuras orais comentadas são dois indicadores da caracterização da consciência metalinguísticas que as alunas manifestam. O processo de escrita também pode comportar uma dimensão colaborativa, mas, nomeadamente, na fase de revisão, o facto de haver mais do que um elemento possibilita um distanciamento relativamente à avaliação do produto escrito. O papel das interações no desenvolvimento de uma escrita reflexiva torna-se, portanto, essencial, uma vez que a verbalização é uma mais-valia na capacidade de detetar problemas de má produção de textos.

De modo sucinto, e sempre com o propósito de atingir a clareza de forma a eliminar as interpretações dúbias, procedemos à enumeração os resultados obtidos, sendo que, num primeiro momento, revelamos os resultados relativamente às operações metalinguísticas de revisão e de seguida apresentamos os resultados respeitantes às rasuras orais comentadas.

Relativamente às operações metalinguísticas de revisão, os resultados mostram que a díade ao longo dos quatro textos produziu um total de setenta e sete operações dos quatro tipos. Verificamos ainda que a *supressão* e a *substituição* foram as operações realizadas em maior quantidade pelas alunas face à *adição* e ao *deslocamento*. Como

refere Fabre (2002), a operação de *deslocamento* tende a ser a menos produzida pelos escritores porque obriga a tratar conjuntamente dois pontos distintos do discurso, sendo uma operação linguística delicada e bem mais complexa do que as outras. São estas razões que justificam que esta operação seja pouco mobilizada pelos escritores pouco experientes.

Por outro lado, tornou-se visível no nosso estudo que nos textos em que a aluna B assumiu a responsabilidade de escrever, realizaram-se mais operações metalinguísticas de revisão do que nos textos que a L assumiu o papel de escrevente. Neste sentido, a aluna B seria, hipoteticamente, o elemento da díade que realizaria um maior número de operações metalinguísticas de revisão. No entanto, ao realizarmos a contagem de operações metalinguísticas de revisão por aluna, comprovámos o contrário, ou seja, a aluna L produziu o triplo das operações realizadas pela B. Os resultados apresentados indicam-nos que a aluna que assume o papel de escrevente está, de facto, concentrada na tarefa de elaboração das letras e não tanto com o conteúdo do que está a redigir. Pelo contrário, a aluna responsável por ditar está empenhada em criar novas ideias e em organizá-las para o texto que estão a escrever em colaboração. Desta forma, é legítimo afirmar que, no caso em estudo, há uma divisão da carga cognitiva entre as alunas durante as quatro produções textuais escritas.

Os resultados assinalam também que houve um aumento do número de operações metalinguísticas de revisão ao longo dos vários textos, o que nos leva a afirmar, com base neste facto, que as alunas adquiriram, ao longo da produção dos quatro textos, um maior conhecimento e domínio sobre a escrita, o que por sua vez implica um maior nível de consciência metalinguística. Assim, constatamos que, realmente, o papel das interações no desenvolvimento da escrita reflexiva é essencial graças à situação de diálogo que é gerada.

Quanto à análise da situação de interação em que foram realizadas as operações metalinguísticas de revisão, certificamos que as categorias que possuem os valores mais elevados são, sem dúvida, a *proposta/explicação* e a *revisão/leitura*. Nos textos em que a

B assume o papel de escrevente verificamos que a aluna L, ao assumir o papel de ditante, realiza mais *propostas* e *explicações* à B. Averiguamos, ainda, que nos textos em que a L assume o papel de escrevente, foram realizadas mais operações graças à *revisão* e à *leitura* dos textos.

Em suma: a L é o elemento da díade que realiza um maior número de *propostas/explicações* e de operações metalinguísticas de revisão à luz da *leitura/revisão*, sendo também a aluna que realiza um maior número de operações metalinguísticas de revisão ao longo dos quatro textos. A partir desta análise constatamos que, de facto, a L é a aluna que revela ter uma maior consciência metalinguística, isto é, maior capacidade de refletir sobre a própria língua.

Os resultados relativos à análise das rasuras orais comentadas revelam que o número total realizado, durante a produção dos quatro textos, pela díade é de noventa e cinco ocorrências. Quanto às categorias das rasuras orais comentadas, verificámos que, apesar do número de ocorrência ser bastante díspar, as alunas produziram rasuras de todos os tipos referidos, com exceção da rasura *lexical*.

Neste seguimento, a rasura oral comentada que as alunas realizaram em maior quantidade foi a *ortográfica* (cinquenta e três) e, de seguida, a rasura oral *gráfico-visual* (nove). Além disso, o tipo de rasura *ortográfico* é aquele em que as alunas em ambos os papéis produzem maior quantidade, nomeadamente quando são responsáveis por ditar. A rasura do tipo *textual* é a mais produzida, seguidamente à rasura *ortográfica*, quando as alunas assumem o papel de escrevente. Quando as alunas assumem o papel de ditantes, depois do rasura *ortográfica*, surge, por ordem de frequência, a *gráfico-visual* e a *pontuação*. Verificámos, assim, que as rasuras orais comentadas estão relacionadas com o momento de aprendizagem em que as alunas se encontram.

Tal como refere Silva (2014, p. 8), as rasuras orais comentadas representam “o modo como os alunos estão pensando o texto em curso e o modo como, espontaneamente e em tempo real, constituem as operações metalinguísticas e textuais, o que demonstra que rasura oral comentada está relacionada ao momento de

aprendizagem em que as alunas se encontram.” Para além desta conclusão, salientamos que o facto da rasura oral *ortográfica* ser aquela que é produzida em maior quantidade pela díade está relacionado com a excessiva valorização escolar e social dada à ortografia durante o ensino da escrita.

Com base nos resultados obtidos, concluímos também que as alunas realizaram, sobretudo, comentários relacionados com forma e não tanto ao conteúdo do texto. Esta conclusão, de acordo com Spinillo (2015), é normal para as alunas que ainda não dominam completamente as regras da língua e que ainda cometem erros de forma.

Para além do que anteriormente manifestámos, pudemos comprovar que as duas alunas produziram um distinto número de rasuras orais, sendo que a aluna L realizou mais do que o triplo das rasuras produzidas pela aluna B, respetivamente setenta e três e vinte e duas.

Além disso, constatámos que o tipo de operações e os tipos de rasura orais comentados produzidos com mais frequência estão intimamente relacionados, pois as *substituições* realizadas pelas alunas são maioritariamente ao nível da palavra e estão relacionadas com questões ortográficas. Fabre (2002, p. 37) afirma que os “escritores menos experientes preocupam-se sobretudo com o vocabulário e que a atividade de relerem os seus textos consiste na prática de *supressões* e *substituições* lexicais.”

Através da análise finalizada e tendo como indicadores do nível de consciência metalinguística as operações metalinguísticas de revisão e as rasuras orais comentadas, comprovámos que as alunas não se encontram ao mesmo nível, sendo que a L tem um papel fundamental durante a produção dos quatro textos.

Após a revisão da literatura realizada nos três primeiros capítulos e a análise do *corpus* selecionado, estão reunidas as condições para responder às questões investigativas colocadas no início do estudo. Relativamente à primeira questão de investigação *que tipo de operações metalinguísticas de revisão realizam alunas a produzir um texto a par?*, os resultados obtidos permitem-nos verificar que as alunas realizam os

quatro tipos de operações metalinguísticas de revisão previamente definidos. No entanto os vários tipos apresentam números de ocorrência bastante diferentes entre os mesmos, sendo que surgem pela seguinte ordem de frequência: *substituição* (trinta ocorrências) > *supressão* (vinte e oito ocorrências) > *adição* (dezassexes ocorrências) > *deslocamento* (três ocorrências).

No que concerne à segunda questão de investigação *quais as características das rasuras orais comentadas feitas por alunas recém-alfabetizadas quando assumem o papel de escrevente e de ditante durante o processo de escrita colaborativa?* verificámos que as alunas quando assumem os papéis quer de escrevente quer de ditante realizam todo o tipo de rasuras orais à exceção da rasura *lexical*, sendo que esta corresponde aos comentários pronunciados pelo falante sobre a troca de uma palavra por outra, sem que essa nova palavra modifique o sentido do texto. Além disso, o tipo de rasura *ortográfico* é aquele que as alunas em ambos os papéis produzem maior quantidade. Esta rasura diz respeito ao momento em que o falante faz determinado comentário, pois identifica algum problema ortográfico no que foi escrito ou mesmo antes de ter sido escrito. Todavia este número é mais elevado quando as alunas são responsáveis por ditar o texto. A rasura do tipo *textual* é a mais produzida, seguidamente à rasura *ortográfica*, quando as alunas assumem o papel de escrevente. A rasura *textual* representa o momento em que o falante retoma a redação do texto tendo em conta o que já tinha sido escrito ou referido oralmente para que o texto mantenha a sua coerência. Relativamente aos tipos de rasuras produzidas quando as alunas assumem o papel de ditantes, depois do *ortográfico*, surge o *gráfico-visual* e o *pontuação*. O primeiro abarca os comentários realizados pelo enunciador quando identifica algum problema relacionado com o desenho, com a forma gráfica das letras e com o seu uso e posicionamento na página. A segunda é relativa ao momento em que o falante tece determinado comentário sobre o uso de algum sinal de pontuação.

Face ao que desvelamos durante a nossa investigação, consideramos relevante tecer algumas ilações acerca da importância da escrita colaborativa durante, nomeadamente, o processo de alfabetização. Julgamos que a escrita colaborativa

proporciona, de facto, aos alunos oportunidades de refletirem sobre a língua e de desenvolverem competências de escrita através interação e por meio de conversas e discussões, uma vez que quando existe abertura à expressão e à argumentação, constroem perspectivas e ouvem diferentes opiniões, tornando-se fundamental este processo para que haja conflito cognitivo. Apesar do processo de escrita colaborativo ainda ser pouco posto em prática neste nível de ensino, comprovámos que o confronto de ideias, a troca de opiniões, não só proporciona o aprimorar dos textos, como permite aos alunos ultrapassarem as naturais dificuldades com maior facilidade, pois são criadas oportunidades em que os mesmos se ajudam reciprocamente. A escrita colaborativa, nomeadamente nos momentos de revisão do texto, possibilita um distanciamento, ao elemento ditante, do texto produzido e, desta forma, favorece e proporciona ao aluno escrevente a sugestão de um maior número de alterações face às que se fariam caso o aluno produzisse o texto sozinho. Viana, Baptista e Barbeiro (2011, p. 101) entendem que da mesma forma que acontece em “relação a outras competências da escrita, a estratégia de falar sobre a escrita também pode ser adotada em relação à ortografia”, mobilizando-a na “formulação de regras”, na “explicitação das dificuldades encontradas pelos alunos” e até na “constituição e tomada de consciência das relações entre as palavras.”

Na realidade, através da escrita colaborativa é possível haver uma maior produtividade e rendimento do aluno com menos consciência metalinguística quando escreve com um aluno que revela ter uma maior consciência sobre a língua.

Através da presente investigação, apercebemo-nos de que esta temática é, sem dúvida, bastante rica e poderá ser mais aprofundada e até explorada de outros pontos de vista. Desta forma, utilizando o *corpus* recolhido pelo projeto *InterWriting* – I há, sem dúvida, uma panóplia de sugestões de estudos a serem desenvolvidos. Uma das possibilidades seria um estudo comparativo entre a quantidade e o tipo de operações metalinguísticas realizadas em textos produzidos em colaboração a partir de instruções precisas e de textos com tema livre.

Outra possibilidade seria selecionar alunos com insucesso e com sucesso escolar e solicitar-lhes que escrevessem colaborativamente vários textos. Através do *corpus* de dados recolhido analisar-se-ia a evolução de cada aluno ao longo dos texto quando assumia diferentes papéis.

Referências bibliográficas

- Adam, J. M., Revaz, F. (1997). *A análise da narrativa*. Lisboa: Gadiva.
- Aleixo, C. A. (2005). *A vez e a voz da escrita*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Baptista, A., Viana, F. L.; Barbeiro, L.F. (2011). *O Ensino da Escrita – Dimensões gráfica e ortográfica*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Baptista, A. F. Q. (2014). *A Escrita Colaborativa no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Portugal.
- Barbeiro, L. F., Pereira, L.Á. (2007). *O Ensino da Escrita: A Dimensão Textual*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Barbeiro, L. F.. (1999). *Os Alunos e A Expressão Escrita: Consciência Metalinguística e Expressão Escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brito, C. M. D. V. (2006). *Escrita e Avaliação dos Escritos: Um estudo com alunos do 1º CEB*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro, Portugal.
- Bruner, J. (1991). A construção narrativa da realidade. Consultado a 16 de maio, 2016 em https://www.academia.edu/4598706/BRUNER_Jerome._A_construção_narrativa_da_realidade.
- Calil, E., Felipeto, S. C. (2000). *Rasuras e operações metalinguísticas: problematizações e avanços teóricos*. (95-110). Campinas: Cad. Est.Ling.
- Calil, E. (2009). *Autoria: A criança e a escrita de histórias inventadas*. (2ª Edição). Londrina: Eduel.
- Calil, E. (2006). *Modalização autonómicas como marcas de subjetividade em processo de criação*. Acedido a 18 maio, 2016, em revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/3659/2390

- Calil, E. (2012). *Rasuras orais em Madrasta e as duas irmãs: processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada*. *Educação e Pesquisa*, vol. 38 (n.º 3), p. 589-602.
- Calil, E., Alves, R., Pereira, L. Á., Boré, C. (2013). *Interwriting – I - Escritura em tempo e espaço real. Estudo contrastivo com alunos brasileiros e portugueses recém-alfabetizados*. Edital UNIVERSAL.
- Casaseca, S. (2001). *El aprendizaje cooperativo de la escritura. Textos de Didáctica de la Lengua y de la Literatura*, (n. 28), p. 110-116.
- Cassany, D., Luna, M., Sanz, G. (2000). *Enseñar Lengua*. Barcelona: Editorial Graó.
- Chanquoy, L. *Revision process*. In: Beard, R., Myhill, D., Rieley, J., Nystrand, M. (2009). *The sage handbook of writing development*. (80-97). Londres: SAGE Publications Ltd.
- Damiani, M. F. *Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios*. Acedido a 8 de Janeiro, 2016, em <http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13>
- Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), (2008). *Dicionário Terminológico (DT)*. Lisboa: Ministério da Educação. Acedido a 12 de março, 2016, em dt.dgipc.min-edu.pt.
- Fabre-Cols, C. (2002). *Réécrire à l'école et au collège, de l'analyse des brouillons à l'écriture accompagnée*. Issy-les-Moulineaux: ESF éditeur.
- Fabre, C. (2013). *Das variantes do rascunho ao curso preparatório*. Acedido a 22 de maio, 2016, em www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/download/.../798
- Freitas, M. A. P. G. (2009). *A narrativa oral e escrita em momentos diferentes de escolaridade*. Dissertação de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Brasil.
- Garcia, O. M. (2003). *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV).
- Gomes, H. S. (2006). *Reescrita colaborativa: Da interação ao reflexo na escrita individual*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro, Portugal.

- Hayes, J. R. (2012). *Modeling and Remodeling Writing*. Acedido a 5 de Janeiro, 2016, em <http://wcx.sagepub.com/content/29/3/369>

- Jorge, M. S. S. (2007). *A Organização Narrativa em Crianças com DHDA: Estudo Exploratório sobre o Impacto da Medicação Psico-estimulante na Matriz Narrativa*. Tese de mestrado. Braga: Universidade do Minho, Portugal.

- Leitão, A. F. S. (2016). *Refletir sobre ortografia no 1º ciclo do Ensino Básico – um estudo com alunos do 2º ano*. Tese de mestrado. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Portugal.

- Flower, L., Hayes, J. R. (1981). *A Cognitive Process Theory of Writing*. Acedido a 5 de Janeiro, 2016, em <http://kdevries.net/teaching/teaching/wp-content/uploads/2009/01/flower-hayes-81.pdf>

- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.

- Martins, J. C. (1997). *Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo*. Acedido a 7 de Janeiro, 2016, em www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?=002.

- Martins, J. C. F. F. *Os efeitos de diferentes práticas pedagógicas nas narrativas de alunos de 7º e 8º anos de escolaridade*. In: Pereira, L.Á., Cardoso, I. (2013). *Reflexão sobre a escrita: o ensino de diferentes géneros de textos*. (123-144). Aveiro: UA Editora.

- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental (ME/SEF). (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série*. Brasília: ME/SEF).

- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental (ME/SEF). (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa*. Brasília: ME/SEF).

- Moura, I. (2012). *Ortografia e produção textual em diferentes níveis do ensino básico*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro, Portugal.

- Mota, D. M. (2009). *Desenvolvimento Metalinguístico: Questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Niza, I., Segura, J.; Mota, I. (2011). *Guião de implementação do programa de português do Ensino Básico – Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

- Oliveira, M. A. M. (2014). *A Revisão Textual: aprender a rever textos em colaboração*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação, Portugal.

- Pereira, L. Á. *A formação de professores para o ensino da escrita*. In: Sim-Sim, I. (2001). *A formação para o Ensino de Língua Portuguesa na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. (35-49). Porto: Porto Editora.

- Pereira, L. Á. (2006). *O desenvolvimento de uma competência (textual) narrativa*. In: Azevedo, F. *Língua Materna e Literatura Infantil*. (193-213). Lisboa: Lidel.

- Pereira, L. Á. (2008). *Escrever com as crianças. Como fazer bons leitores e escritores*. Porto: Porto Editora.

- Pereira, L. Á., Azevedo, F. (2010). *Como abordar... a escrita no 1º ciclo do Ensino Básico*. Areal Editores.

- Pereira, L. Á., Barbeiro, L. F. (2010). *A revisão textual acompanhada como estratégia de ensino da produção escrita*. In: M. J. D. Luna, A. G. Spinillo, S. G. Rodrigues (eds.), *Leitura e Produção de Texto* (51-80). Recife: Editora Universitária da UFPE.

- Possenti, S., Cavalcanti, J. R., Miqueletti, F. (2008). *Reescrita de textos: Sugestões de trabalho*. Acedido a 12 de maio, 2016, em http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/62Reescrita_de_texto.pdf.

- Rebelo, D., Marques, M. J., Costa, M. L. (2000). *Fundamentos de didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Ribera, P. *Aprender el sistema de escritura alfabético a partir del uso de textos en los inicios de la lectura y escritura*. In: Pereira, L. Á., Cardoso, I. (2013). *Reflexão sobre a escrita: o ensino de diferentes géneros de textos*. (95-106). Aveiro: UA Editora.
- Roseta, M. R. P. (2014). *A utilização de guiões de texto narrativo, o feedback e textos escritos pelos alunos*. Dissertação de mestrado: Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Portugal.
- Santos, J. P. L. D. S., Calil, E. (2014). *Escrita colaborativa na sala de aula: um estudo sobre as rasuras orais na criação de contos etiológicos*. Acedido a 15 de fevereiro, 2016, em <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0801-1.pdf>.
- Santana, I. (2001/2003). *A função epistémica da escrita. Da revisão de textos à reflexão sobre a escrita por alunos do terceiro ano de escolaridade*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Portugal.
- Silva, M. C. (2014). *Rasuras orais: estudo comparativo dos processos de escritura de duas díades de alunas recém-alfabetizadas*. Dissertação de mestrado. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, Brasil.
- Silva, P. (2012). *Tipologias textuais: Como classificar textos e sequências*. Coimbra: Edições Almedina, S. A.
- Spinillo, A. G. (2015). *“Por que você alterou isso aqui?” As razões que as crianças adotam quando fazem alterações ao revisar seus textos*. Acedido a 12 de maio, 2016, em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/18348/12868>.
- Spinillo, A. G. (2015). *A revisão textual feita individualmente e em colaboração: há diferenças?* Acedido a 12 de maio, 2016, em periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/download/27601/14840.
- Vygotsky, L. S. (1978/1988). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

- Ventura, M. M. (2007). *O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa*. Acedido a 15 de maio, 2016, em http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf.

Anexos

Anexo I – Transcrição do Texto 1 – “O palhacinho”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO ESCOLAR
PROJETO INTERWRITING – AVEIRO 2015

GRAU DE ESCOLARIDADE: 2 º ANO

PROFESSORA: Eugênia

FILMAGEM: 2ª

TEXTO: TÍTULO “O PALHACINHO” - TEMA LIVRE

DATA: 12/02/15 (quinta-feira)

DUPLA: B / L

CAMERAMAN: Mayara Cordeiro

TRANSCRIÇÃO: Mayara Cordeiro

REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO: Alessandra

TEMPO: 01:41:47 [filmagem]

TEMPO: 01:07:45 [iniciam desenho]

Número de díades: 11

Observação: A turma é composta por 21 alunos. Por isso, a díade 11 é formada apenas por um aluno.

*Indica quem escreveu.

Observação: A turma é composta por 21 alunos. Por isso, a díade 11 é formada apenas por um aluno.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO EM WORD

Obs.: deve-se considerar que essas normas servirão de apoio para o ELAN, e poderão ser reajustadas em função de suas especificidades.

1. Nomeação do arquivo:

- a. Para evitarmos confusões e perda de trabalho feito, cada arquivo deve ser nomeado do seguinte modo: **003_20 04 2012_CAIO_IGOR [1]**

Onde:

003 = número da filmagem

20 04 2012 = data da filmagem

CAIO_IGOR: dupla filmada (colocar sempre os nomes em ordem alfabética)

Colchetes indicando a versão da transcrição. A cada vez que versão for enviada para Calil, este número deve ser alterado para que ele saiba qual é a versão mais recente.

2. Margens: Superior e esquerda 3cm; Inferior e direita 2cm;

3. Usar a fonte Times New Roman 12, espaçamento 1,5 (sem espaço entre as linhas), modo justificado, para toda a transcrição.

4. Manuscrito escolar:

- a. Antes de se iniciar a transcrição, apresentar a **imagem do manuscrito escolar**. Em outra página (usar o recurso “quebra de página”), apresentar a “transcrição normativa”, com correção ortográfica e apenas os sinais de pontuação mais importantes. Cada sinal de pontuação e a letra maiúscula correspondente, acrescentado pelo bolsista, deve ser destacado em vermelho, para sabermos que não foi o aluno que o fez.
- b. No momento, não faremos a **transcrição normativa**. Isso poderá acontecer posteriormente, em função das questões de pesquisa de cada pesquisador.
- c. Para os dados da Escola Criar não será necessário a **transcrição diplomática**, uma vez que é possível ler bem, na maior parte dos casos, o texto original. Este tipo de transcrição, caso necessária, poderá ser feita pelo pesquisador, em sua dissertação ou tese.
- d. A partir do momento que a dupla escrever, após a indicação do tempo que vem acontecendo a cada 2 ou 3 minutos de filmagem, deve-se colocar a imagem do fragmento do manuscrito escolar. Este fragmento corresponderia ao que foi escrito naquele momento do diálogo, durante aquele tempo cronometrado e deve ser apresentado antes de se iniciar a transcrição deste trecho. Assim, o leitor poderá ver primeiro o produto final (imagem do fragmento do manuscrito) e depois terá acesso ao que foi conversado durante o momento em que este fragmento foi escrito. O tamanho

de um fragmento não deve ultrapassar a escrita de duas ou três frases.

5. Rubrica:

- a. É graficamente indicada apenas pelo uso de parênteses, podendo estar posicionada antes, no meio ou no final da fala do aluno. Esta decisão deve respeitar o momento em que o evento aconteceu.
- b. Tem por função recuperar o contexto visual, pragmático e sonoro da filmagem. Com foco sobre os elementos importantes para a compreensão do processo de escritura em ato, ela deve conter informações contextuais, paralinguísticas, suprasegmentais, entonacionais, gestuais, expressivas, indicações de quem escreve, das direções do olhar, de quem está falando em *off*, do tom de voz ou entonação, etc.
- c. Na rubrica, indicar quando a escrita é simultânea à fala, se o modo de falar foi silabado, o tom de voz do aluno ou algum outro caso em que há a voz acompanha o texto.

6. Colchetes:

- a. Os colchetes indicam **o que o aluno escreveu no momento em que escreveu**. A cada momento que algo foi grafado ou rasurado sobre a folha de papel, deve ser indicado na transcrição. Exemplos:
 - i. O aluno está falando “era uma vez”, mas escrevendo “veis”, a notação deve ser: Caio: era uma vez [veis].
 - ii. O aluno está em silêncio e escrevendo: (Caio escrevendo [era])
 - iii. O aluno escrevendo enquanto o outro fala: Igor: (falando com ênfase) Tem que colocar era uma (Caio escrevendo [era]) vez.
 - iv. O aluno rasura: Caio: Eu acho que errei (rasurando o ‘i’ e o ‘s’[veis])

7. Fala sobreposta:

- a. Quando houver fala sobreposta, indicar como sinal **L**, acompanhada de rubrica no turno que se sobrepôs à fala de quem estava falando. Por exemplo:

67. PROFESSORA: já deu mais ou menos pra ter uma ideia como vai fazer ::
depois é a **L**Marília né.

68. IGOR: (falando junto com a professora, chamando-a) tia!

8. Numerar automaticamente todos os turnos de fala. É imprescindível que a numeração seja automática para que o trabalho não precise ser refeito quanto houver engano na marcação do turno, e for necessário acrescentar ou retirar turnos.
9. A transcrição não pode ser feita dentro de uma tabela.
10. Marcar o tempo cronometrado a cada 2 a 3 minutos.

11. Dividir a transcrição em sete momentos, quando houver:
 - a. Momento da organização da sala;
 - b. Momento da leitura ou da roda de conversa;
 - c. Momento da apresentação da proposta/consigna (geralmente a filmadora está dirigida para o quadro branco);
 - d. Momento do planejamento (combinação) da díade;
 - e. Momento da formulação/tradução (escrita);
 - f. Momento da leitura para a professora;
 - g. Momento do desenho.
12. Rasura:
 - a. Quando for possível recuperar o que foi rasurado: [~~pela~~]
 - b. Quando não for possível recuperar o que foi rasurado [xxxx]
 - c. Quando algo for acrescentado, suprimido, deslocado ou substituído graficamente, isso pode ser informado pela rubrica, sendo necessário colocar entre colchetes o que foi de fato grafado.
13. Deve-se transcrever toda a filmagem, desde o momento em que se estiver captando a voz do aluno e da professora até o momento em que terminam o manuscrito e a professora o recolhe. Caso tenha sido filmado o momento em que desenham não é necessário transcrever, apenas fazer a descrição detalhada do que aconteceu neste momento.
14. A partir do momento em que os alunos começam a escrever, sublinhar sempre o nome do aluno que está escrevendo. Isto é, deixar sublinhado o nome no início do turno. Deste modo, sempre ficará claro quem está com a caneta na mão. Se houver mudança de caneta, deve-se mudar o sublinhado, indicando quem está neste momento com a caneta na mão.
15. Usar (SI) para segmento ininteligível.
16. Usar :: para pausa curta (até mais ou menos 3 segundos); usar ::: para pausa média (mais do que 3 segundos). Dependendo da pausa, a rubrica pode complementar a informação.
17. Repetir a vogal ou a consoante quando foi foneticamente prolongada pelo aluno.
18. O bloco destaca o tempo (minuto:segundo).
19. Iniciar turnos de fala com letra maiúscula, exceto quando a mudança de turno for proveniente de interrupção de outra pessoa. (1) Se, após a interrupção, o falante continuar sua fala, seu turno é antecedido por reticências e iniciado com letra minúscula. (2) Quando houver interrupção, mas o falante que interrompeu der continuidade à fala do enunciador anterior, deve-se manter reticências e letra minúscula.

(1)

70. MARÍLIA: Aí, o cachorro.

71. SOFIA: Tia!

72. MARÍLIA: ... faz au-au e o gato miau.

(2)

80. SOFIA: ...den... tro (Sofia falando, de forma segmentada, e escrevendo[dentro]).

81. MARÍLIA: ...do vulcão... L

82. SOFIA: ...do vulcão (Sofia escrevendo [vucão]).

20. Quanto à grafia de algumas “expressões”, deve ser escrito: humrum, hum, ô, ó, oia, pra, tá, tô, hã, ah, tava, oxe, eita, né, nera, perai, num.
21. Os alunos costumam omitir, no caso de verbos no infinitivo, o “r” final. Outra situação é a escrita de “vamo” para “vamos”, “dexa” para “deixar”. Deve-se também transcrever “andar”, “correr”, “vamos”, “deixa”. Ou seja, escrever ortograficamente, exceto nos casos mencionados no tópico 20.
22. A silabação é marcada pelo uso de reticências. Por exemplo, Sofia está falando e escrevendo “girafa” de forma silabada. Deve ser transcrito gi... ra... fa.

/ _____

12-02-15

O (palhaço) palhaço

O palhaço estava triste (e o) porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no a toda a (a) hora. Depois foi para outra circo e o doctor disse ao palhaço:

— "Vas ter de te operar a barriguinha pode ser? É claro que podes mas, porque? Porque tu (porem) comes-te muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias."

O doctor operou o palhaço e o palhaço já conseguiu fazer acrobacias e viraram felizes para sempre a fazer acrobacias. (Mas) ~~o~~ palhaço tem um irmão e levou-o para o circo e ~~testou~~ ^{mostrou} as acrobacias (ele) que ele fazia.

~~Ele viraram~~ E fizeram acrobacias para toda a sempre.

Texto Dialógico e Manuscrito oral

A equipe do L'ÂME envolvida com o projeto InterWriting em Portugal- Eduardo Calil, Mayara Cordeiro, Maria Manuel – organizam os equipamentos e procedimentos necessários para dar encaminhamento à 2ª proposta de produção de texto.

MOMENTO 1- ORGANIZAÇÃO DA SALA

00:00

(A equipe do Interwriting inicia a montagem dos equipamentos. Enquanto a sala está sendo organizada, as crianças falam ao mesmo tempo fazendo um barulho ininteligível e a aluna B está sentada sozinha, enquanto a L não chega)

03:25

1. B: Bom dia! (B cumprimentando a professora Eugênia que tinha acabado de chegar)

05:05

2. L: (L chegando e sentando à mesa,) S.I.
3. B: Tá. És tu hoje, ontem fui eu.
4. L: S.I. (L ainda sem o microfone)
5. B: S.I. (Elas conversam mas o dialogo é ininteligível devido ao barulho das outras crianças falando na sala de aula)

08:20

6. M. MANUEL: (Aproximando-se da carteira) Chegastes agora?
7. L: Sim.
8. M.MANUEL: Ahh , olha deixa ela chegar para lá. (Instalando o microfone na L)
9. PROFESSORA: S.I. (Conversando com a M. Manuel, que se afasta da carteira da díade e se

dirige à turma)

10. M.MANUEL: Olha, entre a L e a B, escreve a L, tá bem? Ahn, Gabriel e Francisco, escreve o Gabriel, Tá certo? S.I (M.Manuel indicando aos alunos quem vai escrever e quem vai ditar)

14:47

11. CALIL: Então vamos lá! (Calil se preparando para bater a claquete)
12. L: Fica calma. (L segurando as mãos de B)
13. M.MANUEL: Agora é só o professor Eduardo. (Pedindo silêncio aos alunos)
14. CALIL: 1...2...3... Obrigada! (Batendo a claquete e iniciando a atividade. Logo em seguida a equipe se retira da sala para que a professor inicie a apresentação da proposta)

15:00

MOMENTO 2- APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA/CONSÍGNA

15. PROFESSORA: Bom dia, Mais uma sexta-feira. Uma Sexta não, hoje é L quinta-feira. Sexta foram os primeiros, mas hoje não é sexta-feira, é quinta-feira. Então, mais uma vez, iremos fazer os nossos textinhos, que vocês gostam, de criar as histórias, correto? Eu sei que vocês dão asas à vossa imaginação. Hoje o nosso tema vai ser, uma história inventada por vocês, não é? Vocês podem inventar a história que quiserem. Até os temas, estamos a aproximar de datas interessantes. Isto é só uma sugestão, um palpite para poder pensar. Há várias épocas distintas que se estão a aproximar. Pode não ser nada sobre (S.I.). E há uma situação, que hoje vou novamente pedir-vos para dentro desta sala todos são:
16. ALUNOS: Capazes (Respondem em uníssonos).
17. PROFESSORA: O nosso lema é:
18. ALUNOS: Todos conseguem! (Respondem em uníssonos)
19. PROFESSORA: Exatamente! Por isso mesmo ninguém vai ficar: eu não consigo, é difícil, não é. Vocês conseguem. Cada menino e menina, quando eu digo menino já sabem que envolve os meninos e as meninas. Seja o que for que aconteça, trabalhem. O Lucas vai estar sozinho, certo? E vocês por vezes não criam histórias sozinhos? Comigo? Cada um a escrever a sua história também (S.I.) Vocês vão pensar. Não esquecer que o título não é

logo a primeira coisa a fazer, pois não?

20. ALUNOS: Não. (Respondem em uníssono)
21. PROFESSORA: Pode ser só no...
22. ALUNOS: Fim (Respondem em uníssono).
23. PROFESSORA: Depois que inventares vossa...
24. ALUNOS: História (Respondem em uníssono).

17:02

25. PROFESSORA: E depois até podem achar: Ei, aqui ficava mesmo bem escrito! Ok? Mas só depois que crieares a vossa história. E algo importante também, que vocês não devem esquecer é pensar: Quais são os personagens da vossa história. Sejam pessoas, sejam animais, sejam objetos (S.I.) Outra coisa qualquer: Onde se vai passar a vossa história, quando é que ela vai acontecer, heim? O que vai acontecer durante a história, que se trata do desenvolvimento da história. E (S.I.) a conclusão. Para a vossa história ter princípio, meio e fim. Ter introdução, desenvolvimento e conclusão. Tá bom? Então, como é costume, vocês inventam uma história primeiro, pensam, o Lucas que já está a pensar, ele está ali, sozinho, já estar a pensar não é Lucas? Pronto. E vocês já sabem: numa história as frases tem que estar interligadas. Ou seja, o assunto deve andar, ou as frases devem andar a volta do assunto que vocês querem tratar, certo Lucas? Acham que se eu disser assim, se eu escrever assim uma história: O pai vai à Aveiro. A mãe, tem uma cesta na mão, por exemplo. A Tereza encontrou um gato. Estas três frases, estão interligadas? Estão a tratar do mesmo assunto?
26. ALUNOS: Não. (Respondem em uníssono)
27. PROFESSORA: Não. Então nós temos que criar uma história, para que haja ligação ao assunto. Para que haja uma sequência em tudo que eu escrevo. Certo? Sim ou não?
28. ALUNOS: Sim. (Respondem em uníssono)
29. PROFESSORA: (S.I.) E então vamos fazer como é costume. Primeiro em um tom de voz baixinho vocês vão pensar em algo bonito. Deem asas à vossa imaginação. Inventem, criem. Não se esqueçam de que sempre digo para:
30. Alunos: Parágrafos...
31. PROFESSORA: Frases...
32. ALUNOS: Curtas (Respondem em uníssono)
33. PROFESSORA: E sinais de...

34. ALUNOS: Pontuação. (Respondem em uníssono)
35. PROFESSORA: Não esquecer...
36. ALUNA: Adequados para cada frase.
37. PROFESSORA: Exatamente! Estás a ver como tu sabes? Tu sabes L! Só te pões a cuidar que tu pões bastante, já vais lá em duas folhas e os sinais de pontuação ficaram em casa. Tens que pensar mais um cadito e a tua colega, tá bem? E ajudarem-se sempre... Ajudarem-se sempre, o par ajuda sempre um ao outro. Seja numa palavra. Se eu por exemplo, visse que a minha amiga, a minha colega estava a escrever a palavra que não estava a dizer nada com ideias uma a outra (S.I.) Se eu visse que tal palavra não estava tão bem escrita, eu dizia assim: Eu penso que não é dessa forma, eu penso que é daquela. Tão a entender? Que é para vocês poderem trabalhar realmente em conjunto, tá bom? Alguma dúvida?
38. ALUNOS: Não. (Respondem em uníssono)
39. PROFESSORA: Quando o tema é livre, podem dar asas à imaginação. Já sabes que não tem de me perguntar: Podemos escrever isso? Podemos escrever aquilo?
40. ALUNO: (S.I.)
41. PROFESSORA: Ora pois! Se é um tema inventado, vocês podem inventar o que entenderem. A história é um tema livre. Certo? Não há dúvida nenhuma?
42. ALUNOS: Não. (Respondem em uníssono)
43. PROFESSORA: Então podem ir. Pronto. Já sabem, quando tiverem a história. E não escrevam só meia dúzia de linhas, vocês já estão no segundo ano, já conseguem escrever uma folha inteira daquelas e se preciso, uma outra. Está bem? Francisco, estás tranquilo pois, é bem o seu nome. Tá bem, Francisco? Eu sei que tu és capaz de fazer letra, que a caligrafia é capaz de melhorar e tu sabes que sim. Tá bem Francisco? Olha para mim. Ok? Pronto, já conversamos sobre isso. Toda a gente tenta fazer uma caligrafia em condições. Todos vocês são?
44. ALUNOS: Capazes! (Respondem em uníssono)
45. PROFESSORA: Vamos ter um tempinho então. Quando o grupo estiver preparado, dedo no ar, ficam à espera, pois se botarem muitos o dedo no ar, eu vou ter que ver o vosso nome e a caneta para dar a cada um. Tá bem? (S.I.) Agora em um tom baixinho, vamos trocar ideias!

21:54

MOMENTO 3 – PLANEJAMENTO

46. L: Olha, eu tenho uma ideia. (Virando-se para B) Para isto, para te inspirar , podias olhar para aquelas imagens (apontando para as imagens acima do quadro negro) e fazer uma história sobre elas (ambas olhando para as imagens), por acaso, inspirada no palhaço (B observando as imagens) Podia ser tipo, o palhaço medroso (achando graça na ideia) o palhaço...não sei
47. B: Não, péra. Não! Vai ser... sobre o menino palhacinho.
48. L: O que? O menino palhaçinho? (Achando graça na ideia)
49. B: Que não sabia fazer... que não sabia fazer... ééé (fazendo gestos de malabarismo)
50. L: O palhacinho... (O diálogo é brevemente interrompido pela professora falando com a turma onde escrever o nome e a data) O palhaçinho... O palhaçinho (voltando ao planejamento com B) É o título, não é? E depois, o palhacinho tava muito triste porque não... porque não sabia fazer acrobacias como fazem os palhaços e ponto final! (S.I.) Eu gosto da ideia! E depois... mas eu tenho outra , e depois os outros palhaços ...
51. B: E depois o palhacinho ficou triste...
52. L: Não, triste está. E depois os outros palhaços estavam sempre a gozar com ele, a toda hora. (B assente com a cabeça) Sim, pode ser isso. (B levantando a mão para chamar a professora e L abaixando) Não, ainda não está ! São todas ideias, só para... continue. Depois...
53. B: L (Falando ao mesmo tempo que a L) Depois o palhacinho...
54. L: L (Falando ao mesmo tempo que a B) Ele partiu...
55. B: L (Falando ao mesmo tempo que a L) Partiu para outra terra e foi... E foi para outro circo... e depois virou uma...e depois... e depois virou uma... Há outros palhaços
56. L: L (Falando ao mesmo tempo que a B) E os palhaços viram que ele era muito mal em fazer acrobacias que até o ajudaram.... Até o ensinaram.
57. B: (Levantando o braço para chamar a professora) Um, dois, três...
58. L: Não, não... (baixando o braço de B) e até o ensinaram... ensinaram... deixe-me cá ver... ensinaram... até o ensinaram.... ficou...
59. B: Ele foi outra vez para lá onde (S.I.) foi para onde...
60. L: (S.I.) Onde ele vivia L (Falando ao mesmo tempo que a B) e depois
61. B: L E depois os palhaços riram dele
62. L: Não gozaram com ele porque ele já sabia. E ele que gozou com os palhaços porque os

palhaços não sabiam fazer

63. B: Já não conseguiam fazer o que ele conseguia fazer.
64. L: Pois! E depois foi para casa e sua mãe palhaça. (Interpretando o diálogo com a voz dos personagens) – Mãe palhaça, o...o...o hoje o meu... o meu dia correu... na parte da manhã correu mal, mas na parte da tarde correu muito bem ! (Ambas rindo e B assentindo com a cabeça) e depois... viveram felizes para sempre! Não, e depois eles estavam na casa e mesmo pelo mare e...
65. B: Ele tava...
66. L: A casa foi abaixo

25:00

67. B: Porque a casa não tava na pedra.
68. L: Pois, estava na areia. E depois...
69. B: O palhaço...
70. L: A casa foi abaixo, o palhaço teve de ir para a outra terra onde tinha aprendido as acrobacias, com a mãe.
71. B: E depois que ele tomou...
72. L: uma gemada...
73. B: Ele começou a fazer acrobacias em cima de um fio
74. L: Não, mas eu acho que (S.I.) E depois a mãe perguntou: Onde é que é essa ilha dos palhaços? (Falando com a voz da personagem)
75. B: Essa ilha...
76. L: E depois o filho respondeu: É numa ilha que a casa deles é na pedra, não é na areia como a nossa. As nossas tão feias (S.I.) E as deles tá na pedra, por isso não cai nem se vai a baixo. Podemos viver lá porque são meus amigos e foram eles que me ensinaram a fazer as acrobacias e depois ponto final.
77. B: E o palhacinho começou a cantar e foi até lá acima do...
78. L: Da rocha
79. B: Da rocha. Há não, acima do...do...da...
80. L: Da pedra!
81. B: Acima da montanha...
82. L: E depois ele estava...

83. B: L (Falando ao mesmo tempo que a L) De uma montanha. E depois havia frio e ele começou a cantar e aí ele...
84. L: Não, não faça assim (L esbarra e derruba o crachá de B) Ai, desculpa, eu ponho, eu ponho (Colocando o crachá de volta na B) Aqui está. E depois... Não vamos (S.I.) Não, o palhacinho estava muito triste porque L (Falando ao mesmo tempo que a B) não sabia fazer acrobacias...
85. B: Tentou, a ir fazer aquilo...
86. L: Não! Continuamos com as mesmas ideias.Então, enquanto isso, não... não...estava triste porque não sabia fazer acrobacias. Os palhaços...
87. B: L (Falando ao mesmo tempo que a L) os colegas dele...
88. L: Os colegas dele, do circo, começaram logo a gozar com ele...
89. B: A toda hora! A toda hora...
90. L: Há, mas já temos uma história. Pronto! (ambas levantam os braços, sinalizando à professora o término do planejamento)
91. B: A Katelyn tá a dizer “Fomos as primeiras” (referindo-se à fala da colega)
92. L: Professora! E...e...(A professora aproxima-se da díade e aciona a SmartPen no papel)
93. PROFESSORA: Já posso? (Aciona a SmartPen)
94. L: Sim.
95. PROFESSORA: Diz.
96. L: É...é... eu para inventar uma história olho para as imagens e nos inspiramos no palhaço.
97. PROFESSORA: Ótimo! Pronto, vá!
98. L: B!
99. PROFESSORA: Olha, sempre esse para cima. (Apontando para as alunas o lado da caneta que deve ficar virado para cima, em seguida sai de perto e as alunas iniciam a formulação)

MOMENTO 4 – FORMULAÇÃO

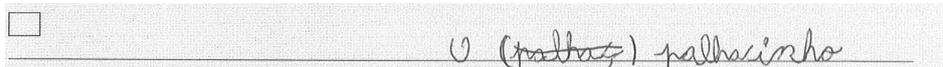
28:20

100. B: B...
101. L: A luzinha já acendeu? (Perguntando à B sobre a luz que indica que a SmartPen está

ligada)

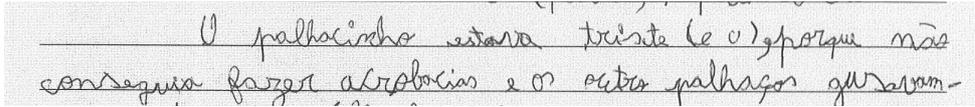
102. B: Não está diferente. Escreve aqui L Bê (referindo-se à folha de produção) L... (L escrevendo [L])
103. L: Eu sei meu nome
104. B: Ber...nar...des (B ditando e L escrevendo [Bernar..])
105. L: Escrevi ruim (S.I.)
106. B : (S.I.)
107. L: Ber...nar...des ... traço [Bernardes -]
108. B: B ...
109. L: Eu também sei o seu ... Bi...an...ca...(escrevendo [- B])
110. B: Almeida...
111. L: L (B dita ao mesmo tempo) Al...mei...da...[Almeida] Deixa eu por aqui o título "O palhacinho" ?

29:15



112. B: Tá! O palhacito. L O palhacinho (fala ao mesmo tempo que L)
113. L: O palhacinho (Escrevendo [O])
114. B: Só fizeste o "O"
115. L: Pa...lha.. ci...[palha]
116. B: Olha para lá, o palhaço. (Mostrando para a L a imagem com a palavra palhaço acima do quadro) Palhaciinho...
117. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)
118. B: É com cê...cedilha.
119. L: O palhaci...[palhaç]
120. B: Não é cê- cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada)
121. L: Enganei-me . Eu faço isso (rasurando a palavra [~~palhaç~~])
122. B: (S.I.)
123. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) L Pa...lha...cinho... [palhacinho] Palhacinho.
124. B: (S.I.) O palhacinho...

30:00



O palhacinho estava triste (e o) porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços queriam

125. L: Parágrafo. (dando o espaço na linha) Para não... O palhacinho estava muito triste porque não sabia fazer acrobacias.
126. B: Deixa (S.l.) O... pa...lha...cinho (L escrevendo [O pa]) estava...
127. L: L Espera. O pa... lha...ci..nho... (Ambas ditam enquanto L está escrevendo [O palhacinho])
128. B: Estava...es...ta...va (L escrevendo [esta])
129. L: Triste... estava... [estava]
130. B: Triste. Estava triste... triis...te (L escrevendo [triste])
131. L: L (Falando ao mesmo tempo que B) Triste [triste] e os palhaços...
132. B: E... os...
133. L: E os... [e os]
134. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque...não...porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)
135. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)
136. B: Apaga! (L rasurando [(e o)]) depois faz ... porque...
137. L: Porque [po]
138. B: Ele...
139. L: Péra... Porque...Péra aí... pooooorquee... [porque]
140. B: que...Não...não...
141. L: Não [não]
142. B: Con...seguia...
143. L: con...se...[cons]
144. B: É conse... aquele (fazendo o desenho da letra G na mesa, com os dedos)
145. L: Se...guia [conseg]
146. B: Pergunta à professora. Conseguia. Pergunta à professora. (Procurando a professora com o olhar)
147. L: Mas é assim, que eu já vi. Conseguia... [conseguia]
148. B: Tá bom... (Tirando a mão da L de cima do manuscrito, para poder ver o que estava sendo escrito)

149. L: Conseguia...fazer... fazer...acro... [fazer]
150. B: Acrobacias...
151. L: L (Ambas ditam enquanto L escreve) Faazer...a...cro... É com “O” ou é com “U”? [acr]
152. B: (Ambas se olham em dúvida, B levanta o braço para chamar a professora) Professora!
153. L: Crô...Crô... Crô... Cru...
154. B: Ô professora... (A professora Eugênia aproxima-se da díade) Acrobacias...
155. L: Acrobacias?
156. PROFESSORA: A...Cró...
157. L: A...cro...baa...cii[acroba]
158. PROFESSORA: Ci... (Ambas olham para a professora em dúvida acerca da sílaba seguinte “Ci”) O mesmo ci que há em circo.
159. L: Acrobacii...as [acrobacias] (A professora se afasta da díade) É uma palavra difícil. (falando ainda com a professora)
160. PROFESSORA: É difícil, mas tu sabe escrever. Vocês transformaram em sílabas, fizeram com calma, vocês chegam lá. Sempre (S.I.)
161. B: Acrobacias (Lendo o que está escrito)
162. L: Acrobacias... Porque não conseguia fazer acrobacias... e os... com “E”
163. B: E... os... L (Ambas ditam enquanto L escreve [e os]) colegas
164. L: Outros ... palhaços (L escrevendo) [outros]
165. B: Outros ... outros ...palhaços
166. L: pa...lha...ços gozavam [palhaços]
167. B: Go...gu... de gato
168. L: Gu... (olha com dúvida para B) [g]
169. B: Go...Go
170. L: Go...gu...za...ram... gu...u... guuu
171. B: É com “O”
172. L: É com “U”
173. B: Pergunta à professora! Como em acrobacias
174. L: Não. Acrobacias , já escrevemos acrobacias. (lendo o que está escrito) Os outros palhaços gozaram.... L (Ambas ditam enquanto L escreve) go...za...vam [guzavam-]

34:00

no a "toda" a (H) hora. Depois foi para outra ilha
e o doctor disse aos palhaços

175. B: No...gozavam-no a... [-no]
176. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a H]
177. B: hora.
178. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do "H" em "hora" ,o que parece ser dois eles "L") Hora. [(H) hora]
179. B: Hora, com este parece "Lhora" (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra "hora", que pareceu um "LH") . Lhora...hora...
180. L: E... ponto final! [.]
181. B: (S.I.)
182. L: (S.I.) Deixa estar que é para a professora ver o ponto final. (fazendo um ponto final maior [.]) Sou eu que termino a história. Ahh... não sei (pensando sobre a história)
183. B: Estou (S.I.) (Falando algo sobre o crachá)... Deixa, deixa, vá... Levanta essa caneta! Ah é, eu vi... (Pedindo para L manter a caneta na posição correta).
184. L: Gozavam-no à toda hora... (relendo a última frase escrita) Como ele já estava :: farto disso...
185. B: De quê? Eles gozavam-no à toda hora...
186. L: Não, não, não, não. Deixa eu concluir. Deixa que eu falo (Dispensando a ideia de B e pensando na continuação da história). À toda hora... e depois ele foi para outra ilha...para outra ilha do circo ... e... os palhaços desse circo...
187. B: Ensinaram-no...
188. L: ...ensinaram-no a fazer as acrobacias.
189. B: E os palhacinho disse: Aqueles palhaços quando eu estava com eles , eles riam sempre de mim à toda hora (com a voz do personagem).
190. L: (S.I.)
191. B: (S.I.) Anda, faz!
192. L: Já sei! Mas...mas... à toda hora (relendo novamente a última frase escrita) Mas ele só não fazia acrobacias porque estava sem energias porque comeu muito mesmo muito açúcar :: que faz mal à barriga.
193. B: E depois ele ficou enjoado...
194. L: Sim. E foi por isso que não consegui fazer acrobacias :: mas ele...
195. B: (S.I.)

196. L: Operado...ele foi operado da barriga e tiraram-lhe (S.I.) tudo que estava na barriga e ele ficou logo com energia e só comeu coisas saudáveis e L depois...
197. B: E depois foi outra vez para aquele circo... o circo onde ele foi embora...
198. L: Não! (Interrompendo B) Já sei, já sei, já sei! À toda hora...
199. B: Então diz!

36:55

200. L: De...pois foi...para...[Depois foi para] Depois foi para...L outra...outro...outra ilha...[outra]
201. B: Outra...
202. L: Outro circo... e... (transformando o "a" de "outra" em "o" [outro circo])
203. B: ...outros
204. L: eee [e]
205. B: Outro circo... Comeu... (S.I.)
206. L: Não... (interrompendo B) e os palhaços... e o médico palhaço disse que ::: e o médico palhaço disse que devia...que devia operar a barriga... e o médico palhaço disse que ele comia muito açúcar e por isso que estava sem energias.
207. B: E é por isso que ele não conseguia.
208. L: E...
209. B: Olha , precisa fica assim. (Arrumando a SmartPen que L estava utilizando do lado errado) (S.I.)
210. L: Para! Eu sei.
211. B: Escreve!
212. L: E... o... espera. (Começa a ler o texto que foi escrito do começo) O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda a hora. Depois foi para outra... para outro circo e :: e o doutor ... doutor... [o doutor]
213. B: Doutor...
214. L: Disse [desse]
215. B: Mas o palhacinho disse: eu não quero operar a minha barriga. (Falando com a voz da personagem)
216. L: E o doutor disse...
217. B: Não...

218. L: Não... disse... ao...pa...

219. B: ...pequenito palhaço

39:28

220. L: ao pa...lha...cinho... ao palhacinho... dois pontos [ao palhacinho:] parágrafo... o travessão... L Vo...u...ter...de...te...operar... [– Vou ter de te operar]

221. B: L (lendo juntas a frase que L acabou de escrever) Vou ter de te operar... rrsr (B Ri) Mas o palhacinho...

222. L: Não! Ter de te operar a barriga. A...bar...

223. B: A barriguinha.

224. L: A...bar...riguinha [a barriguinha] operar a barriga....

225. PROFESSORA: (Chamando a atenção de todos os alunos) Olhem! Tem uma coisa que eu pedi para deixarem em casa. E acho que alguns trouxeram....

226. L: (Falando baixinho com a B) O quê?

227. PROFESSORA: (Para todos) A preguiça! Eu pedi para a preguiça ficar em casa

228. ALUNOS: Eu deixei a preguiça em casa.

229. L: Eu também!

230. B: Eu deixei também, a preguiça.

231. L: (Falando baixinho enquanto a professora continua falando com a turma) Po...de...ser ... pode ser?... [pode ser?] sim...

232. B: Mas o palhacinho...

233. L: Calma B. (Lendo o que escreveu) Pode ser?

234. B: Pode ser? (Lendo a última frase)...Agora sou eu!

235. L: Mas espera aí...

236. B: (S.I.) Agora sou eu! (tentando pegar a folha de L)

237. L: Não podes escrever!

238. B: Eu sei, mas deixa eu ver onde está. Mas...

239. L: Não pode ser mas!::: É claro que pode! Mas porque (S.I.) (Falando com a voz do personagem)

240. B: (S.I.) Vá lá!

241. L: É... [É]
 242. B: Claro...
 243. L: É claro...que podes :: mas... [claro que podes ma]
 244. B: Mas por que? (ditando para L) (S.I.) Faltam muitas linhas)
 245. L: Mas...por que? Porquee... [porquê, porque]
 246. B: Por que?
 247. L: Porquee...
 248. B: Por que...

43:19

tu (quem) comes-te muito açúcar e é por
 isso que não consegues fazer acrobacias

249. L: Porque... E agora pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação [porquê?] Tu... tu... co...mess... [tu quem] Não é isso! (rasurando [(quem)]) tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]
 250. B: (S.I.)
 251. L: Acabou o deles. (referindo-se aos colegas) Muito...açúcar (relendo a última frase escrita e voltando a escrever enquanto dita. B se distrai com os outros colegas) e...é...por...isso... L
 (B volta a acompanhar a escrita e dita junto com L)
 que...não...con...se...gue...fa...zer...a...crobacias... [e é por isso que não consegue fazer acrobacias.]
 252. B: Acrobacias...

45:30

O doutor operou o palhaço e
 o palhaço já conseguiu fazer acrobacias e
 ficaram felizes para sempre a fazer acro-
 bacias. (Mas) E o palhaço tem um irmão

253. L: O doutor...
 254. B: Mas isso não tem nada a ver com o circo.
 255. L: (Continua ditando e escrevendo, ignorando a observação de B) Acrobacias...o doutor... [O

doutor]

256. B: O doutor palhaço...
257. L: Operou... [operou]
258. B: Operou...
259. L: (falando pausadamente enquanto escreve)
O...pa...lha...ci...nho...O...palhacinho...e...o...pa...lha...ci...nho...já...con...se...guiu...fa...zer...
a...cro...ba...ci...as...[o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias.]
260. B: Ai! Ainda faltam-nos mais quantas linhas? Espera, deixa eu ver. Uma, duas, três, quatro...(Contando as linhas que voltam em voz baixa)
261. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi...
(volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [-e])
262. B: (S.I.)
263. L: Não é lá(Referindo-se a algo na frase anterior)... (S.I.) não tem nenhum ponto final. E
vi...ve...ram...fe...li...zes...para...sem...pre...a...[viveram felizes para sempre a]
264. B: Acrobacias...
265. L: (Falando juntas, pausadamente) LA fa....zer...a...cro....ba...bacias. [a fazer acrobacias.] (L
levanta o braço sinalizando à professora que terminaram)

48:23

266. B: (S.I.)
267. L: Não, vamos ler!
268. B: Não, não, não...
269. L: (S.I.) (Desiste de ler e volta a levantar o braço)
270. B: (S.I.)
271. L: Tem os sinais certos, não tem? Eu leio!
272. B: Se é que tem que ler...
273. L: É claro que tem que ler!
274. B: (S.I.) (Fica cantando em voz baixa)
275. L: Acabamos! (Falando para a professora)
276. PROFESSORA: Pensem bem e vejam se não há mais nada a fazer.
277. B: Espera aí! (B pega a folha para lerem)
278. L: Acrobacias... (Pegando a caneta) Deixa eu ver... acrobacias...ponto final. Mas... [Mas]

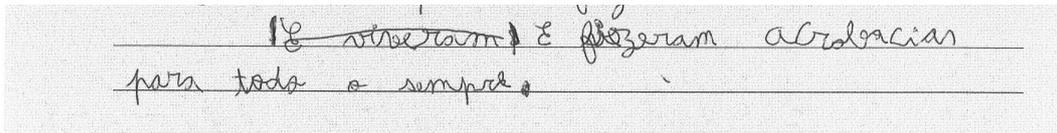
49:40

Oaciao. (Mas) ^{mas} E o palhacinho te ve um irmão
e levou-o para o circo e ~~fez~~ mostrou as
acrobacias (ele) que ele fazia.

279. B: Mas o palhacinho teve um irmão.
280. L: Não! Mas o palhacinho...
281. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.
282. L: Mas... não... não é mas. (rasurando [~~Mas~~])
283. B: E...
284. L: E...o...pa...lha...ci...nho... [E o palhacinho]
285. B: Teve...
286. L: Te...ve...um.. [te ve um]
287. B: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete... Temos sete linhas!
288. L: ir...mão...irmão...e levou-o...
289. B: E Levou-o E ensinou-o...
290. L: E ensinou-o...Não...e levou-o para o circo dele
291. B: E levou-o...
292. L: Não... (A professora chama a atenção da sala enquanto L escreve [e levou-o])
293. PROFESSORA: Olhem! (Chamando a atenção de todos os alunos) Primeiro o vosso comportamento costuma ser assim? (Alguns alunos respondem que não) Não! Segundo, o que é que estão a fazer agora? Algum tema especial? (S.I.) Quem terminou eu peço, para ler e rerelem. Estou nesse grupo a fazer perguntas sobre o que escreveram e não sabem responder. Por isso, a todos peço que voltem a ler o texto e vejam se não há nada a alterar. Eu penso que será necessário escrever tudo de uma vez e está tudo certinho. Eu não consigo fazer isso. Tudo que escrevo e volto a ler, há sempre coisas a modificar. E se voltar a ler uma segunda vez tem coisas a modificar.
294. L: (Voltando à escrita do texto) E levou-o...
295. B: Para...o... (L escrevendo [para o])
296. L: Para...o...circo...[circo]
297. B: ...dele...e amostrou...
298. L: Para o circo dele...para o circo...não...
299. B: ...e amostrou... (L escrevendo [e amostrou])...As acrobacias que ele fazia lá...

300. L: As...a...cro...ba... [acroba]
301. B: Tem quatro linhas! (Referindo-se às linhas que faltam para acabar a folha)
302. L: um, dois, três, quatro, cinco linhas. Acroba...ci...as [acrobacias]
303. B: (S.I.) (B abaixa a cabeça, abafando um pouco o som do microfone L escrevendo [ele])
304. L: Que...ele...(Rasurando [(ele)])
305. B: Está quase a cair. (Referindo-se ao microfone)
306. L: Não faz mal!
307. B: O microfone
308. L: Que...e...le... L fa...zia... [que ele fazia.]
309. B: Fazia...

53:32



310. L: E agora, aqui tem um parágrafo, dois parágrafos, três parágrafos, quatro parágrafos.
L E...vi...ve...ram...viveram [E viveram]
311. B: Mas...
312. L: Não...
313. B: Mas felizes para sempre. A fazer acrobacias.
314. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas... aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar [(E)] e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas...o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.
315. B: E viveram mais felizes para sempre. (S.I.)
316. L: (Rasurando [(E viveram).]) que ele fazia... ponto final.

54:50

317. B: (Contando as linhas restantes) Um, dois, três, quatro, cinco. Temos ainda cinco, ai.
318. L: Um, dois, três, quatro... (contando em voz baixa) Já está! (Terminando o texto no ponto em que estão). Ai, Vamos ler! O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no (rindo)

319. B: Gozavam-no (Lendo o texto junto com a L)
320. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]. E o doutor disse ao palhacinho: –Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.
321. B: Aqui, a data. (Interrompe a leitura de L para acrescentar a data, mas L não deixa)
322. L: Espera! A fazer acrobacias...Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram... [E ve]
323. B: E viveram!
324. L: Não, fizeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [~~vê~~-fizeram]) acrobacias... para...todo...o...sempre [acrobacias]
325. B: Para sempre?
326. L: Para todo o sempre. [Para todo o sempre.]
327. B: O sempre? (estranhando a construção sintática)
328. L: Todo o sempre! Só nos faltam três linhas. (S.I.) (Fazendo a data no início da folha) Hoje é dia doze, do dois...
329. B: Do quinze. (L termina a data [12-02-15], larga a caneta e levanta os braços sinalizando à professora que terminaram) E tenha mais cuidado com a caneta. ::: Já lestes?
330. L: Já.
331. B: Ah!

59:18

(L continua com o braço levantado e ambas permanecem na mesa aguardando a professora em silêncio)

01:00: 07

332. L: Já terminamos. (A professora vê que as alunas já terminaram e L abaixa o braço. Ambas permanecem aguardando a professora que está atendendo às outras dadas . Elas conversam um pouco em voz baixa, mexem nos crachás, falam sobre as câmeras, mas a maior parte do diálogo é ininteligível)

01:13:45

333. PROFESSORA: (Chamando a atenção de todos) Quando se enganam em algo, o que é que a professora diz para fazer?
334. ALUNOS: (Em coro) Pôr entre parênteses.
335. PROFESSORA: E depois? Pôr um risco nas palavras erradas. (L então, volta ao texto e risca todas as palavras rasuradas que estavam apenas entre parênteses [(ele)], [(Mas)], [(palhaço)] e depois continuam aguardando a professora ir até sua mesa)

01:15:50

(As alunas começam a reler a história novamente, L lê em voz alta e B acompanha a leitura em silêncio)

336. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada [(quem)]) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acrescentando o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para B, em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiuuiu])conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.
337. B: ...para todo o sempre. Era para ser, para sempre. Para todo o sempre... (L não muda e as duas continuam aguardando a professora)

01:22:33

MOMENTO 6 - REVISÃO (LEITURA PARA A PROFESSORA)

338. Professora: (Aproximando-se da mesa das alunas e pedindo que comecem a ler para ela) Vá.
339. L: O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para...
340. PROFESSORA: Depois? Depois? (B aponta para L e ela corrige acrescentando o “s” [depois])
341. L: (retomando a leitura de onde parou) Depois foi para outro circo e o doutor disse ao

palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha pode ser? – É claro que podes , mas por quê? – Porque...

342. PROFESSORA: Respostas todas juntas... foi precisamente isso que te expliquei? Continua.
343. L: –Porque comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e mostrou as acrobacias...
344. PROFESSORA: Tu leste bem “mostrou”, é isso que lá tá escrito? (As alunas procuram o erro citado no texto) Tu leste mostrou . É isso que lá tens escrito? E é amostrou? Tu dissestes mostrou...
345. L: Amostrou.
346. PROFESSORA: E como tu achas que é?
347. L: mostrou.
348. PROFESSORA: Então, o que tu tens de cortar?
349. L: O “a”.
350. PROFESSORA: Anda! (L rasurando [(a)mostrou] e retomando a leitura)
351. L: Mostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.
352. PROFESSORA: E sempre acrobacias, acrobacias, acrobacias, acrobacias. Tem sempre o mesmo assunto. Mas alguma coisa?
353. ALUNAS: Não.
354. PROFESSORA: Posso?
355. L: Sim. (Professora desativa a SmartPen e vai buscar as folhas para a ilustração)

01:07:45

MOMENTO 7- DESENHO

(A professora recolhe o manuscrito junto com a caneta e entrega para cada um dos alunos uma folha A4 em branco e os lápis de cor para iniciarem o desenho. Elas começam colocando os nomes nas folhas. As alunas conversam em voz baixa enquanto desenhavam. L diz que vai desenhar um microfone. Elas também cantarolam um pouco. A maior parte do diálogo é ininteligível.)

01:32:48

(A díade consegue finalizar, e a equipe do L'AME volta para desligar os equipamentos e finalizar a filmagem)

01:41:47

(A filmagem é finalizada)

Anexo II – Transcrição do Texto 2 – “O Rei e os criados”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO ESCOLAR
PROJETO INTERWRITING – AVEIRO 2015

GRAU DE ESCOLARIDADE: 2 º ANO

PROFESSORA: Eugênia

FILMAGEM: 4ª

TEXTO: TÍTULO “O Rei e os criados” – TEMA SUGERIDO : (Uma história que tenha um rei malvado)

DATA: 23/02/15 (segunda-feira)

DUPLA: B / L

CAMERAMAN: Mayara Cordeiro

TRANSCRIÇÃO: Mayara Cordeiro

REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO: Alessandra Oliveira

TEMPO: 01:40:06 [filmagem]

TEMPO: 01:23:15 [iniciam desenho]

Número de díades: 11

Observação: A turma é composta por 21 alunos. Por isso, a díade 11 é formada apenas por um aluno.

*Indica quem escreveu.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO EM WORD

Obs.: deve-se considerar que essas normas servirão de apoio para o ELAN, e poderão ser reajustadas em função de suas especificidades.

1. Nomeação do arquivo:

- a. Para evitarmos confusões e perda de trabalho feito, cada arquivo deve ser nomeado do seguinte modo: **003_20 04 2012_CAIO_IGOR [1]**

Onde:

003 = número da filmagem

20 04 2012 = data da filmagem

CAIO_IGOR: dupla filmada (colocar sempre os nomes em ordem alfabética)

Colchetes indicando a versão da transcrição. A cada vez que versão for enviada para Calil, este número deve ser alterado para que ele saiba qual é a versão mais recente.

2. Margens: Superior e esquerda 3cm; Inferior e direita 2cm;

3. Usar a fonte Times New Roman 12, espaçamento 1,5 (sem espaço entre as linhas), modo justificado, para toda a transcrição.

4. Manuscrito escolar:

- a. Antes de se iniciar a transcrição, apresentar a **imagem do manuscrito escolar**. Em outra página (usar o recurso “quebra de página”), apresentar a “transcrição normativa”, com correção ortográfica e apenas os sinais de pontuação mais importantes. Cada sinal de pontuação e a letra maiúscula correspondente, acrescentado pelo bolsista, deve ser destacado em vermelho, para sabermos que não foi o aluno que o fez.
- b. No momento, não faremos a **transcrição normativa**. Isso poderá acontecer posteriormente, em função das questões de pesquisa de cada pesquisador.
- c. Para os dados da Escola Criar não será necessário a **transcrição diplomática**, uma vez que é possível ler bem, na maior parte dos casos, o texto original. Este tipo de transcrição, caso necessária, poderá ser feita pelo pesquisador, em sua dissertação ou tese.
- d. A partir do momento que a dupla escrever, após a indicação do tempo que vem acontecendo a cada 2 ou 3 minutos de filmagem, deve-se colocar a imagem do fragmento do manuscrito escolar. Este fragmento corresponderia ao que foi escrito naquele momento do diálogo, durante aquele tempo cronometrado e deve ser apresentado antes de se iniciar a transcrição deste trecho. Assim, o leitor poderá ver primeiro o produto final (imagem do fragmento do manuscrito) e depois terá acesso ao que foi conversado durante o momento em que este fragmento foi escrito. O tamanho de um fragmento não deve ultrapassar a escrita de duas ou três frases.

5. Rubrica:

- a. É graficamente indicada apenas pelo uso de parênteses, podendo estar posicionada antes, no meio ou no final da fala do aluno. Esta decisão deve respeitar o momento em que o evento aconteceu.
- b. Tem por função recuperar o contexto visual, pragmático e sonoro da filmagem. Com foco sobre os elementos importantes para a compreensão do processo de escritura em ato, ela deve conter informações contextuais, paralinguísticas, suprasegmentais, entonacionais, gestuais, expressivas, indicações de quem escreve, das direções do olhar, de quem está falando em *off*, do tom de voz ou entonação, etc.
- c. Na rubrica, indicar quando a escrita é simultânea à fala, se o modo de falar foi silabado, o tom de voz do aluno ou algum outro caso em que há a voz acompanha o texto.

6. Colchetes:

- a. Os colchetes indicam **o que o aluno escreveu no momento em que escreveu**. A cada momento que algo foi grafado ou rasurado sobre a folha de papel, deve ser indicado na transcrição. Exemplos:

- i. O aluno está falando “era uma vez”, mas escrevendo “veis”, a notação deve ser: Caio: era uma vez [veis].
- ii. O aluno está em silêncio e escrevendo: (Caio escrevendo [era])
- iii. O aluno escrevendo enquanto o outro fala: Igor: (falando com ênfase) Tem que colocar era uma (Caio escrevendo [era]) vez.
- iv. O aluno rasura: Caio: Eu acho que errei (rasurando o ‘i’ e o ‘s’[veis])

7. Fala sobreposta:

- a. Quando houver fala sobreposta, indicar como sinal **L**, acompanhada de rubrica no turno que se sobrepôs à fala de quem estava falando. Por exemplo:

67. PROFESSORA: já deu mais ou menos pra ter uma ideia como vai fazer ::
depois é a **L**Marília né.

68. IGOR: (falando junto com a professora, chamando-a) tia!

8. Numerar automaticamente todos os turnos de fala. É imprescindível que a numeração seja automática para que o trabalho não precise ser refeito quanto houver engano na marcação do turno, e for necessário acrescentar ou retirar turnos.
9. A transcrição não pode ser feita dentro de uma tabela.
10. Marcar o tempo cronometrado a cada 2 a 3 minutos.
11. Dividir a transcrição em sete momentos, quando houver:

- a. Momento da organização da sala;
- b. Momento da leitura ou da roda de conversa;
- c. Momento da apresentação da proposta/consigna (geralmente a filmadora está dirigida para o quadro branco);
- d. Momento do planejamento (combinação) da díade;
- e. Momento da formulação/tradução (escrita);
- f. Momento da leitura para a professora;
- g. Momento do desenho.

12. Rasura:

- a. Quando for possível recuperar o que foi rasurado: [~~pela~~]
 - b. Quando não for possível recuperar o que foi rasurado [xxxx]
 - c. Quando algo for acrescentado, suprimido, deslocado ou substituído graficamente, isso pode ser informado pela rubrica, sendo necessário colocar entre colchetes o que foi de fato grafado.
13. Deve-se transcrever toda a filmagem, desde o momento em que se estiver captando a voz do aluno e da professora até o momento em que terminam o manuscrito e a professora o recolhe. Caso tenha sido filmado o momento em que desenham não é necessário transcrever, apenas fazer a descrição detalhada do que aconteceu neste momento.
 14. A partir do momento em que os alunos começam a escrever, sublinhar sempre o nome do aluno que está escrevendo. Isto é, deixar sublinhado o nome no início do turno. Deste modo, sempre ficará claro quem está com a caneta na mão. Se houver mudança de caneta, deve-se mudar o sublinhado, indicando quem está neste momento com a caneta na mão.
 15. Usar (SI) para segmento ininteligível.
 16. Usar :: para pausa curta (até mais ou menos 3 segundos); usar ::: para pausa média (mais do que 3 segundos). Dependendo da pausa, a rubrica pode complementar a informação.
 17. Repetir a vogal ou a consoante quando foi foneticamente prolongada pelo aluno.
 18. O bloco destaca o tempo (minuto:segundo).
 19. Iniciar turnos de fala com letra maiúscula, exceto quando a mudança de turno for proveniente de interrupção de outra pessoa. (1) Se, após a interrupção, o falante continuar sua fala, seu turno é antecedido por reticências e iniciado com letra minúscula. (2) Quando houver interrupção, mas o falante que interrompeu der continuidade à fala do enunciador anterior, deve-se manter reticências e letra minúscula.

(1)

70. MARÍLIA: Aí, o cachorro.

71. SOFIA: Tia!

72. MARÍLIA: ... faz au-au e o gato miau.

(2)

80. SOFIA: ...den... tro (Sofia falando, de forma segmentada, e escrevendo[dentro]).

81. MARÍLIA: ...do vulcão... **L**

82. SOFIA: ...do vulcão (Sofia escrevendo [vucão]).

20. Quanto à grafia de algumas “expressões”, deve ser escrito: humrum, hum, ô, ó, oia, pra, tá, tô, hã, ah, tava, oxe, eita, né, nera, perai, num.
21. Os alunos costumam omitir, no caso de verbos no infinitivo, o “r” final. Outra situação é a escrita de “vamo” para “vamos”, “dexa” para “deixar”. Deve-se também transcrever “andar”, “correr”, “vamos”, “deixa”. Ou seja, escrever ortograficamente, exceto nos casos mencionados no tópico 20.
22. A silabação é marcada pelo uso de reticências. Por exemplo, Sofia está falando e escrevendo “girafa” de forma silabada. Deve ser transcrito gi... ra... fa.

/ _____

_____ 23-02-19

O rei e os ^{criados} ~~criados~~

Era uma vez um rei mau que mandava os ~~os~~ ^{os} criados ~~fora~~ ^{fora} matar os ~~os~~ ^{os} ~~criados~~ ^{criados} e os vivos. Mas os criados não queriam matar os ~~os~~ ^{os} ~~criados~~ ^{criados} vivos, porque eles ~~os~~ ^{os} tinham pena dos ~~os~~ ^{os} ~~criados~~ ^{criados} vivos.

Mas um dia o rei chamou os ~~os~~ ^{os} ~~criados~~ ^{criados} guardas para ~~os~~ ^{os} ~~criados~~ ^{criados} prenderem os criados porque os criados não ~~os~~ ^{os} ~~faziam~~ ^{faziam} o que o rei ~~os~~ ^{os} ~~mandava~~ ^{mandava} e um dia eles ~~os~~ ^{os} ~~fugiram~~ ^{fugiram} da ~~os~~ ^{os} ~~missão~~ ^{missão} e foram para outro reino.

Só ~~os~~ ^{os} ~~quando~~ ^{quando} os criados foram para outro reino é que o rei se ~~os~~ ^{os} ~~arrepentiu~~ ^{arrepentiu} e o rei quis os criados de volta.

^o ~~os~~ ^{os} ~~criados~~ ^{criados} viveram felizes para ~~os~~ ^{os} ~~sempre~~ ^{sempre}.

Texto Dialógico e Manuscrito oral

A equipe do L'ÂME envolvida com o projeto InterWriting em Portugal- Eduardo Calil, Mayara Cordeiro, Maria Manuel – organizam os equipamentos e procedimentos necessários para dar encaminhamento à 2ª proposta de produção de texto.

MOMENTO 1- ORGANIZAÇÃO DA SALA

00:00

(A equipe do Interwriting inicia a montagem dos equipamentos. Enquanto a sala está sendo organizada, B e L estão sentadas em seus lugares aguardando o início da atividade. Elas conversam em voz baixa, mas o diálogo é ininteligível com os outros alunos falando ao mesmo tempo.)

06:00

(Mayara aproxima-se da mesa para ligar o microfone das alunas)

1. MAYARA: (Ligando o microfone) Muito bem, fala o seu nome completo.
2. B: B A.
3. MAYARA: B A (repetindo). E qual é a data de hoje? (B pensa na resposta) vinte e três...
4. B: L Vinte e três de fevereiro...
5. MAYARA: L De dois mil e quinze. Deixa eu guardar. (guardando o gravador na bolsa presa à cintura de B. Em seguida, começa a instalar o microfone em L).
6. B: Tá ao contrário! (Sobre o cinto que Mayara está colocando em L) O meu não foi todo, olha aqui. (Apontando para o próprio cinto)
7. MAYARA: (Falando com B) Tá apertado? Quer que eu folgue? (B nega com a cabeça) Não? Tá bom? (B assente com a cabeça) Muito bem. Me fala o seu nome completo.
8. L: L B.
9. MAYARA: L B. (Repetindo) E a data de hoje?
10. L: Vinte e três de fevereiro de dois mil e quinze.
11. MAYARA: Muito bem! (guardando o gravador na bolsa presa à cintura de L). Quem escreve

hoje é a B. Não é B? (B assente com a cabeça. Em seguida Mayara afasta-se da díade para ligar os equipamentos das outras díades.)

08:40

(As alunas permanecem sentadas aguardando o início da atividade enquanto conversam um pouco, inclusive com alunas de outras díades próximas).

18:05

12. PROFESSORA: Silêncio, estamos a iniciar! (Chamando a atenção da turma para o início da atividade)
13. MAYARA: Bom dia à todos! Hoje nós vamos ter a nossa coleta, que não teve na sexta porque vocês foram para o passeio. Foi legal o passeio?
14. ALUNOS: (Alguns alunos respondem em coro) Sim.
15. MAYARA: Muito bem! Então hoje vamos escrever, certo? Todo mundo em silêncio. Hoje é a nossa quinta coleta... é nossa quarta coleta aqui na escola. No dia vinte e três de fevereiro de dois mil e quinze. :: Um...dois...três... (Batendo a claquete e retirando-se da sala de aula).

18:50

MOMENTO 2- APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA/CONSÍGNA

16. PROFESSORA: Bom dia à todos então!
17. ALUNOS: (Em coro) bom dia!
18. PROFESSORA: Como que foi o vosso fim de semana? Tudo bem?
19. ALUNOS: (Em coro) Tudo!
20. PROFESSORA: Então é assim. Hoje não vamos iniciar a falar muito do fim de semana, porque temos que fazer esse pequeno trabalho da língua portuguesa e...pronto! Já temos menos um pouquinho de tempo e depois temos tempo necessário para vocês falarem. Vamos deixar para falar depois da ceia, tá bom? Então hoje vamos fazer a proposta de invenção de uma história sobre um rei, mas um rei que era mau. Em vez de ser um rei bom era um rei mau. E este rei mau que eu peço para vocês inventarem uma história... Este é o

tema, prestem atenção! Quando eu digo rei mau, não estou a dizer que é título nenhum da história, vocês já sabem disso. Correto? Sim ou não?

21. ALUNOS: (Em coro) Sim!
22. PROFESSORA: A história tem que falar sobre...
23. ALUNOS: (Em coro) Um rei mau.
24. PROFESSORA: Um rei mau! Mas o título cada um é que vai...
25. ALUNOS: (Em coro) Inventar!
26. PROFESSORA: Inventar! E já sabem que o título, é o que se deixa para fazer no? No...
27. ALUNOS: (Em coro) **L**No final!
28. PROFESSORA: **L** No final! Mas deixo já de (S.I.) Vocês já sabem, (Indo demonstrar no quadro) como das outras vezes, temos aquela linha onde está sombreado, não é primeiro onde põe o traço, na primeira onde põe o traço ninguém escreve :: Aquela que está escuro, vamos escrever o nome. Pronto. O vosso e o do colega e depois tem a primeira linha :: e depois as outras todas. Devem deixar a primeira linha para escrever, pois no final, o título. Começam a escrever na segunda linha e terminando o texto: Ó vamos ver qual é o título que fica aqui melhor! E coloca o título, correto? E então. Este rei mau, vocês...do qual vocês vão inventar uma história...
29. ALUNO: Tinha um palácio!
30. PROFESSORA: Podia ter um palácio. Mas como é que ele podia ser?
31. ALUNOS: (S.I.) (Vários alunos respondem ao mesmo tempo)

21:00

32. PROFESSORA: Podia estar vestido com roupas escuras. Mais? :: Podia ser al...
33. ALUNOS: (Em coro) Alto...
34. PROFESSORA: Ou...
35. ALUNOS: (Em coro) Baixo...
36. PROFESSORA: Podia ser magro ou...
37. ALUNOS: (Em coro) Gordo...
38. PROFESSORA: Agora vocês é que vão ter que dizer! Podia ter uma cara de...
39. ALUNOS: (Em coro) Mau...
40. PROFESSORA: De mau, de zangado, de avarento. Ou, de outra forma. Ele tem que ser é...
41. ALUNOS: **L** Mau!

42. PROFESSORA: Tem que ser um rei mesmo muito mau. E o que é que ele poderia fazer de maldade? Pensem assim numa... Bia!
43. B: A: Podia... roubar o mundo.
44. PROFESSORA: Por exemplo! Diz Simão.
45. SIMÃO: Podia andar a fazer coisas nojentas aos... criados.
46. PROFESSORA: aos criados! Ô, calma. L? Costa.
47. GABRIEL COSTA: Podia não deixar ninguém entrar na sua casa assombrada.
48. PROFESSORA: Assombrada?
49. GABRIEL COSTA: Pode ser uma casa assombrada?
50. PROFESSORA: Humm....O rei vive em um?
51. ALUNOS: (Em coro) Palácio, castelo...
52. PROFESSORA: Num palácio, num castelo... Katelyn? Porque não pode ser na casa? Não sei, a história é vossa. Mas não vai toda gente fugir com o mesmo. Diz!
53. ALUNO: O rei podia...
54. PROFESSORA: Fazer mal a quem?
55. ALUNO: É... amm... aos criados...para lhe fazerem massagem nos pés.
56. PROFESSORA: Isso é ser mau? (Risos) Acho que fazer massagens até é uma coisa bem boa. Para quê que serve a massagem? Para quem faz? Diz!
57. ALUNO: Podia mandar as crianças para o calabouço.
58. PROFESSORA: Pronto! Diz Inês.
59. INÊS: Podia (S.I.)
60. PROFESSORA: DIZ!
61. ALUNO: Podia matar a própria (S.I.)
62. PROFESSORA: DIZ!
63. ALUNO: Podia prender animais selvagens dentro do palácio dos irmãos (S.I.).
64. PROFESSORA: DIZ!
65. ALUNO: (S.I.)
66. PROFESSORA: DIZ! Não vão dizer mais. Quem já falou não fala!
67. ALUNO: (S.I.)
68. PROFESSORA: Pronto! Já tem muita coisa de maldade e outras tenho certeza que vocês vão inventar. Agora, como é que eu faria essas maldades? Vocês também acabaram de, já de alguma forma a dizer como é que eu poderia, ou não , é...ahn... fazer as maldades. E também acabaram por dizer, no que acabaram de falar é a quem que ele as fazia. A maioria

falou os criados, outros falaram noutras pessoas, noutros castelos. Pronto! O que interessa é que vocês inventem uma história, bem, bem...

69. ALUNO: (S.I.)

23:51

70. PROFESSORA: Bem inventada, com bastante conteúdo, que tenha é... a história de um rei que era mau e que, não se esqueçam de dizer, como é que ele era, as características dele, Ahn... O que ele fazia de mau, a quem é que ele fazia mal, como é que ele fazia essas maldades, tudo isso! E, volto a repetir, quando... Não mexam nisso... (interrompendo para falar com uma diáde) Quando vocês inventarem a história, e depois que acabarem de escrever, uma coisa vos peço. Vocês viram quando criamos, na sexta, na quinta -feira, o nosso texto na forma de poema, tivemos que alterar coisas. Tivemos de colocar sinais de pontuação depois?

71. ALUNOS: (Em coro) Sim!

72. PROFESSORA: Tivemos que apagar palavras e voltar a escrever outras?

73. ALUNOS: (Em coro) Sim!

74. PROFESSORA: Isso é a revisão de um texto. E vocês não podem acabar de escrever um texto e dizer: Já está! E não irem ver desde o princípio, com olhos de ver, porque depois quando vão ler para mim e encontram coisas, então quer dizer que não tomaram atenção antes. Toda a gente, depois que acabar de escrever o texto e atenção, não parem o texto no meio. Quando está às vezes a história mais bonita, já os disse isso quando aconteceu nas fichas de avaliação, quando a história está cada vez a ser mais bonita, vocês param e acabou a história. Não pode! Vocês tem que dar assim uma... tudo bem, que criam um suspense, para depois, dar continuação a uma outra altura, mas é importante vocês criarem uma história que tenha princípio, meio e fim. Introdução, desenvolvimento e conclu...

75. ALUNOS: (Em coro)... são!

76. PROFESSORA: Ok? Parem de mexer! Olha, veem a professora a mexer nisso? (referindo-se aos gravadores) Se a professora não mexe, porque razão os meninos estão a mexer? Pronto! Então a partir de agora eu vou lhes dar uns minutinhos para que vocês, baixinho, com aquele tom de voz, (falando bem baixinho) Que já sabemos qual é, poderem criar a vossa história, oralmente, um com o outro, ou uma com a outra, ou uns com os outros, e assim que estejam, dedinho no ar que para eu ir dar as canetas ao grupo certo e as folhas.

Certo? Então vá. A partir de agora, baixinho, inventem lá a vossa história.

26:20

MOMENTO 3 – PLANEJAMENTO

77. B: (S.I.) (Virando para falar com L)
78. L: Deixamos o título para o fim. Tenho...já tenho ideias.
79. B: (S.I.)
80. L: Eu acho que tenho. Era uma vez um rei muuito mau...que um dia...não...que um...
81. B: Eu sei! Que um dia...Olhe, eu começo.
82. L: Ok!
83. B: Era uma vez um rei que era muito mau. Um dia, disse aos criados para...para...é...
84. L: Eu sei, eu sei uma.
85. B: (S.I.)
86. L: Eu tenho uma ideia. Era uma vez, um rei muito mau que mandava os criados matarem as pessoas. Mas os criados não faziam porque os mais importantes eram os seres humanos. (Olha para B que aprova a ideia, acenando com a cabeça) Ou então, podia ser: Era uma vez um rei muito mau que mandou... que mandava os criados matarem os animais, que eram seres vivos.
87. B: Da natureza.
88. L: Da natureza...
89. B: Mas o rei não...o rei era mau.
90. L: Não...
91. B: Mas os criados não queriam fazer isso.
92. L: Não tem sentido!
93. B: Para não matar os animais...
94. L: A tua parte não tem sentido. A minha parte com a tua parte não tem sentido :: Era uma vez um rei muito mau...muito mal. Mandava os cri...e manda...Era uma vez um rei mmal que mandava os criados matarem os animais.
95. B: Mas os criados não queriam matar os animais ...
96. L: (Interrompendo B) Mas os criados...mas os criados não faziam isso porque tinham pena dos pobres animais da selva outras coisas...(L tira o microfone do gravador mas coloca de volta rapidamente) ::: Vai podes continuar.

28:26

97. B: Mas o rei dizia aos criados para irem buscar...para irem mandar (S.I.)...
98. L: Para por favor, já estás a embaralhar aqui, já estás a embaralhar (Colocando as mãos na cabeça)...
99. B: Não, espera... (S.I.)
100. L: Deixa-me só dizer uma coisa. (S.I.)Estás a me embaralhar! Isto não tem sentido. A minha parte com a tua parte não tem sentido.
101. B: É assim: Era uma vez, um rei...mau que mandava os criados ir matar...
102. L: Os animais...
103. B: Os pobres animais...
104. L: Os pobres animais seres vivos...não!
105. B: (Assentindo com a cabeça) Seres vivos...
106. L: Seres vivos. Mas... :: Ponto final. À frente, mas os criados não iam fazer isso porque tinham pena dos pobres animais da selva e da floresta e... (falando rapidamente) tinham pena dos animais da selva, tinham pena dos animais da quinta e tinham pena dos animais da floresta...
107. B: E...ponto final. Mas o rei, se eles não fizessem isso, eles iam ser presos ou mortos...
108. L: Pois...Ai não, esquece! Eu diria, ia por: pois..., junto à tua parte, mas não dá. A minha parte, tua parte, minha parte, tua parte, minha parte, tua parte...(pensando sobre o planeamento da história).
109. B: Espera, eu outra vez. Era uma vez...
110. L: (Interrompendo B) Era, eu é que inventei isso, por favor. Deixa eu falo. (B assente com a cabeça) Era uma vez um rei mau, que mandava os criados irem matar os L pobres animais. Agora és tu. Ponto final, à frente. Mas os pobres...mas os...
111. B: Criados...
112. L: Criados não faziam isso porque tinham pena dos pobres animais da selva, da quinta e da floresta. E depois eras tu a dizer. Mas os criados não faziam...
113. B: Mas o... mas o... (Param um instante para prestar atenção na professora que está falando com a turma) Mas se os criados não fizessem isso...o rei...dizia aos guardas para irem...
114. L: E o rei mandava eles prenderem (S.I.). Não fica mau, mau, mau....(descartando essa parte

e pensando em outra ideia)

115. B: Mas...
116. L: Vamos começar tudo de novo. Tá a me embaralhar as ideias (Fazendo um gesto com as mãos em torno da cabeça, ambas ficam pensando por uns instantes antes de recomeçar) ::: Era uma...Hã...Era uma vez um rei mau que mandava os criados matarem os seres vivos...
117. B: Os seres vivos já? (Pergunta questionando a mudança na história combinada anteriormente)
118. L: Sim. Ponto final. Mas os criados não faziam isso porque tinham pena dos seres vivos. Tinham pena dos pobres seres vivos da floresta, da quinta e da selva. ::: Um dia os criados não fizeram o que o rei mandou e o rei prendeu-os. E eles um dia...ai eles fugiram...e o rei...e ai foram para o reino porque o rei desse reino, do reino onde eles estavam andava sempre a mandar matar, mandar matar os animais e as pessoas...
119. B: Mas depois o rei. (Continuando de onde L parou) Ponto final. Mas depois o rei mandou fazer a guerra para matar... matar ...
120. L: Mais o rei mandou fazer uma régua... (rindo da confusão entre as palavras) mandou fazer uma...uma guerra contra os do reino de... L os do reinodo...
121. B: (Falando ao mesmo tempo de L e continuando a narração) L os do reino bom...para...para
122. L: Para o reino mau. (B concorda com a cabeça) E gan...
123. PROFESSORA: (Interrompendo a combinação) L, já está aí?
124. L: (Olhando para B) Não!
125. PROFESSORA: É só para vocês... não é perder tempo. Demora um tempo até acabar, estão a entender?
126. L: (Respondendo à professora) Ok!
127. PROFESSORA: Tem que se concentrar mesmo no que estão a partilhar.
128. L: Tá bom, ok?
129. B: Ok! Então anda! (Ambas levantam os braços, indicando à professora que o planeamento terminou)
130. L: (Continuando a história mesmo com o braço levantado) Era uma guerra...fizeram uma rega.. uma rega?...uma regra...ai...
131. PROFESSORA: (Aproximando-se para entregar o papel e a caneta e mostrando o procedimento a ser seguido pelas alunas) Vão escrever o nome nessa linha escura (apontando para a folha), das duas, a data e deixar a primeira linha para o título.

MOMENTO 4 – FORMULAÇÃO

33:07

132. L: Uma rega.
133. B: Uma regra?
134. L: Uma guerra. (rindo) uma...regra (ambas riem). Escreva. Primeiro o teu, B A. Depois... (B escrevendo [B] enquanto L observa) Eu dito e tu faz, ok?
135. B: Mas tu diz-me as letras (S.I.)...
136. L: A. Traço...traço... (B escrevendo [A -]) E agora o meu nome.
137. B: Eu sei, deixa eu fazer.
138. L: L B :: (B hesita em escrever por uns segundos, enquanto L observa) Anda! As minhas ideias são muuuuito boas! (B escrevendo [L]) Eu faço um erre mais bonito do que o teu. Faz como é que eu faço o meu erre. (B rasura [[L])) Meu erre vai assim (desenhando com o dedo sobre a mesa) em cima , depois faz assim, faz uma curva e vai. Esse é o meu erre.
139. B: Faz assim... [L]
140. L: Não era assim. Faz assim e Rá! (Desenhando com o dedo sobre a mesa) Agora, L B. B...
141. B: Eu sei. B...
142. L: Êr...
143. B: Nardes....
144. L: Nê...ar...dê...é...se... (B escrevendo [Bernardes]) Agora vamos começar. O título deixamos para o fim...Não, faça-o já! O rei mau. O rei...mau. (B começa a escrever a data) Há, pois, falta a data! Vinte e três....traço....do dois...traço....do quinze....traço.
145. B: Eu sei! Eu sei... (escrevendo a data [23-02-15])

35:15

Era um rei mau que mandava os soldados matar os seus

146. L: Agora...o rei mau.
147. B: (S.I.)
148. L: Então, os dois reinos...

149. B: Uns dois dedos? Um, dois,Três? (Marcando com os dedos o tamanho do espaço para iniciar o parágrafo) Não...
150. L: Sim, dois dedos. (Olhando atentamente para a folha enquanto dita para B escrever) Era uma vez...
151. B: Espera! Diz-me as letras.
152. L: (Ditando pausadamente enquanto B escreve) E...ra...uma...vez...
153. B:É com zê?
154. L: Sim. (B escrevendo [Era uma vez]) Um rei muito mau. Ai, um rei mau.
155. B: rei... [rei]... Muito mau.
156. L: Um rei mau.
157. B: Não...mau é sem “a”. Mau é sem “l”. (Em dúvida sobre a grafia)
158. L: Tá ali. (Apontando para o quadro onde a professora escreveu a proposta)
159. B: Já sei.
160. L: Mau...mau...que mandava...
161. B: Mau que... [mau que] eme de macaco...que...
162. L: Que mandava...
163. B: Dá...
164. L: É ali! (Apontando que B deveria continuar na linha anterior, mas logo percebe que não dá) Não, esquece, tá bem. Que manda... va.
165. B: Va... [mandava]
166. L: Os criados.... (L continua ditando enquanto B escreve)
167. B: Os... Não...péra lá. (Em dúvida sobre a história)
168. L: É pá! Nós já criamos essa ideia. Os criados matarem os seres vivos.
169. B: mandava os...
170. L: Matarem...
171. B: Matar?
172. L: (Lendo as últimas palavras escritas) Que mandava os...
173. B: Espera!
174. L: (Repetindo para B escrever) Que mandava os criados...mandava....os criados...cri..

37:20

175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.

176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.
177. B: (Rasurando [(q)]) Cri...
178. L: A...dos...
179. B: Cri...
180. L: “A” sem acento.
181. B: a...dos...[criado]
182. L: do...os... (ênfaticamente o som do s no final), com “sê” e “i”, criados. Matar...
183. B: Criados. (Acrescentando o “s” no final [criados])
184. L: Matar...
185. B: L (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L) Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando [(matra)])
186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha)
187. B: Matar... (reescrevendo [matar])
188. L: Os seres vivos.
189. B: Os...(repetindo pausadamente enquanto escreve [os]) se...res... (Olha para L pedindo uma confirmação)
190. L: Não os seres...Os animais. Pronto!
191. B: Os seres vivos.
192. L: O seres vivos? É sempre assim. O rei está a mandar os criados matar os...
193. B: Os seres vivos! Os seres vivos... (L olhando pensativa para o texto)
194. L: Matar os seres vivos. (S.l.) Os seres...(ditando para B) Com o outro sê... vivos. Vi...vos... Péra! Põe aqui. Aqui tens que pôr um traço (referindo-se à rasura) ...tens que pôr um traço (B coloca o traço na rasura [(L)]) Aí... e aqui. Ah não, põe aí . (Apontando a rasura [(matra)])

39:27

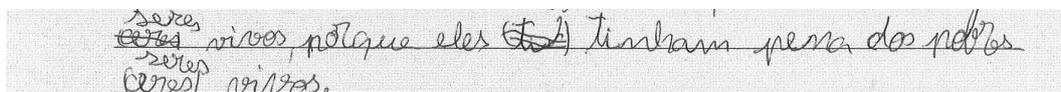
os vivos. Mas os criados não queriam matar os seres vivos, porque eles (L) tinham pena do rei

195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...
196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar para B como

separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura [(vivos)])

197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)
198. L: Vivos...(Lendo a última palavra escrita) Ponto. [.] À frente... pões Mas...
199. B: Mas... [mas]
200. L: Os...
201. B: Os...[os]
202. L: Criados...
203. B: Já está, criados. (Observando que essa palavra já foi escrita e copiando [criados])
204. L: (Ditando para B) Cri...a...dos...Não queriam...
205. B: Não...que...ri...[não queri]
206. L: ão...Não queriam....
207. B: Não queriam (dando ênfase no “am”)
208. L: Mê...a...mê...queriam
209. B: Queriam (Completando a palavra [queriam])
210. L: Matar os animais. Os seres vivos.
211. B: (Falando pausadamente enquanto escreve) Ma... L (Falando ao mesmo tempo que a L)Tar... os...seres... [matar os]
212. L: Seres...
213. B: Se...res...[seres]
214. L: Vivos...
215. B: Vi...vos...[vivos]

41:30



seres vivos, porque eles (to) tinham pena dos pobres

216. L: Porque...Agora, vírgula, porque :: Vírgula, sim... (B escrevendo [p])
217. B: Tem que pôr? (Perguntando sobre a vírgula e depois volta para colocar a vírgula antes da palavra [, porque])
218. L: Vírgula...Porque...Eles tinham pena dos...pobres animais...
219. B: (Interrompendo L) Espera! Porque...porque...
220. L: Eles... porque eles...

221. B: (Repetindo em voz alta enquanto escreve) Eles... [eles]
222. L: Tinham... (B escrevendo [tinham] , L observando) Porque eles tinham... pena dos pobres animais...
223. B: Tinham... É com (S.I.) (B tirando dúvida com L sobre a grafia da palavra)
224. L: Não, é com “a”, me. (B vira-se, provavelmente para chamar a professora) É com “a”, me. Tinham é com “a”, me. Anda! (B volta a escrever)
225. B: [til] Ai! (rasurando [~~ti~~])
226. L: Tinham... (Ditando pausadamente para B) Ti... ne... aga...a..me.
227. B: [tinham]... tinham... pena...
228. L: Porque eles tinham pena dos pobres animais.
229. B: Seres vivos?
230. L: dos pobres seres vivos. Anda! Dos seres vivos...
231. B: Tinham...
232. L: Pena...
233. B: **L** (Falando ao mesmo tempo em que L e escrevendo) Pe...na... [pena]
234. L: Dos...
235. B: Dos... [dos]... Seres?
236. L: Dos pobres seres vivos!
237. B: Po... bres... po... bres... [pobres] (Passando para a próxima linha) Se... res...se...res...vi...vos... [ceres vivos]. E ainda falta (S.I.) linhas.
238. L: Seres vivos (Lendo a última palavra escrita)... Ponto final.
239. B: Ponto final? [.]

43:54

Um dia o rei chamou os pedregulhos para aprender os criados porque os criados

240. L: Parágrafo.
241. B: Nós fizemos quantas linhas? (contando as linhas escritas em voz baixa)
242. L: Parágrafo! (Insistindo para B voltar a escrever)
243. B: Tá! Anda!
244. L: Parágrafo... (cantarolando)
245. B: Tá...(S.I.)

246. L: (S.I.) qual foi a ideia que nós tivemos depois?
247. B: Uma...
248. L: Mas um dia...
249. B: O rei mandou os guardas...
250. L: (Fazendo um sinal com a mão para B parar de falar) Mas um dia... o rei mandou os guardas prenderem os criados. Porque os criados... L (Falando ao mesmo tempo em que B) Não faziam o que ele mandava :: (Continuando a história) E depois os criados foram para a prisão, mas fugiram e foram para outro reino :: Ponto final.
251. B: (Continuando a história) Mas os meninos também queriam ser...
252. L: Anda! Mas os meninos... mas os meninos o quê?
253. B: (S.I.)
254. L: Vai, continuas a escrever. Parágrafo... (apontando na folha) Parágrafo... mas um dia... mas... um dia...
255. B: Mas... [Mas]
256. L: O rei...
257. B: Espera. Um... [um]
258. L: O rei, não é um rei!
259. B: Um dia... [dia]
260. L: O rei...
261. B: O... rei... [o rei]
262. L: (Ditando para B) Chamou os guardas...
263. B: Cha... mou
264. L: Cha... mou...chamou!
265. B: L Cha... mou [cham]
266. L: Cha... me...o...u! (B completando a palavra [chamou]) Os guardas...
267. B: Os... guardas [os]
268. L: Para prender os criados.
269. B: Mas os criados fugiram... Mas os criados... (Tentando dar continuidade oralmente à história)
270. L: (Interrompendo B) Para prender os criados... para prender os criados.
271. B: Ponto final, parágrafo.
272. L: É sério? . Ponto final e parágrafo? (B assente com a cabeça) Não! (Voltando à história escrita). Mas um dia o rei chamou os guardas para prenderem os criados porque os criados

não faziam o que o rei mandava :: Anda!

273. B: (Bocejando) Os cria...
274. L: Os guardas! Gu... ar... das... (Soletrando para B [go]) Guê...u...
275. B: Guardas. (S.l.) “u” verdadeiro...
276. L: “u” verdadeiro. (B levanta o braço para chamar a professora). Não demora porque a professora vai pensar que já acabamos. (B abaixa o braço) (S.l.) (B volta a levantar o braço) Dedo no ar! (L segurando o braço de B) Deixa assim. Eu seguro o teu braço :: Não consigo mais...
277. PROFESSORA: Sim?
278. B: (Falando com a professora) Guardas é...guardas...
279. L: Guardas...
280. B: Guardas é com “o”?
281. PROFESSORA: Quantas?
282. L: (Falando ao mesmo tempo em que a B) **L** Guardas!
283. PROFESSORA: Gu... ar...das...é com U!
284. L: Tás a ver, B! Branca! (Rindo) chamei Branca!
285. B: Um traço... guardas...[gø-gu-arda]
286. L: Guardas (Enfatizando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei mandava.

48:18

287. B: Espera! Guardas... [pa] (Pedindo para L continuar a ditar)
288. L: Guardas.... (Lendo o que estava escrito e continuando a ditar em seguida) Para prender os criados.
289. B: Pa...ra...a...pren...der... [para aprender]
290. L: Para prender os...empregados. Ai, os criados, criados.
291. B: Era empregados que você falou antes?
292. L: Era os criados. Os criados.
293. B: Prender os...cri...cri...a...dos...
294. L: Criados. Porque, vírgula, porque...
295. B: Por...que... porque [, porque]
296. L: Os criados não faziam o que o rei mandava.

297. B: Porque...os...
298. L: Criados...
299. B: Outra vez criados?
300. L: Faziam...o que o rei mandava.
301. B: (Chamando atenção para a repetição das palavras) Outra vez criados? Olha, criados porque, (Apontando no texto)
302. L: (Ignorando a informação e continuando a ditar) Os criados não faziam o que o rei mandava...
303. B: criados, porque, os criados (rindo) Os...(Voltando a escrever conforme o que L ditou) criados...
304. L: Faziam o que o rei mandava.
305. B: Porque os...criados...
306. L: Não faziam o que o rei mandava. [os criados]

50:05

não ~~faziam~~ faziam o que o rei ^{mandava} mandava um dia
eles ~~foram~~ fugiram da prisão e foram para
outro reino.

307. B: Porque os criados...
308. L: (S.I.) Porque...porque os criados...não faziam o que o rei mandava. Cheiro mal! (Tapando o nariz com as mãos)
309. B: (S.I.) [não]
310. L: (S.I.) faziam... não faziam o que o rei mandava. (Tapando o nariz com as mãos)
311. B: Não... fa...É com "z"?
312. L: Sim!
313. B: Faziam...
314. L: É com "z".
315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)
316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o que o rei mandava.
317. B: Ai, faziam. (S.I.)

318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a
319. B: Aii. (Rasurando [~~fazião~~])
320. L: Traço em cima!
321. B: Fa... zi...
322. L: Mea... [faziam]
323. B: o...
324. L: o que o rei mandava.
325. B: O quê... o... que... [o]
326. L: Que o rei mandava.
327. B: (Levanta o braço chamando a professora que está passando por ali) Professora, “o quê” é junto?
328. PROFESSORA: Não percebi.
329. B: O quê é junto!
330. PROFESSORA: O que, são duas palavrinhas.
331. B: O... que... [o que]
332. L: O rei mandava.
333. B: O que... o rei... mandava [o rei n]
334. L: Man... man... não é nan, é man. (Apontando o erro para B que corrige e continua a escrever)
335. B: L (Falando ao mesmo tempo) Man... da...va... mandava [manda.].
336. L: Ponto final. Parágrafo. (B vai para a outra linha, mas L interrompe) Não, parágrafo não, pode continuar.
337. B: Não é um parágrafo?
338. L: Não. Um dia eles fugiram da prisão :: (B vai escrever na linha abaixo, mas L redireciona para a linha anterior) Não, ali. Um dia eles fugiram da prisão.
339. B: Não...um dia o guarda não apareceu. E depois...
340. L: (Interrompendo B) Mas nós tínhamos dito aquilo, do fugiram. Não é B? Por favor. Não (S.I.) Ideias.
341. B: Como é que eles fugiram, sem chave? Tinha lá...um dia...lá na prisão, havia uma pá. Eles cavaram e fugiram...
342. L: Posso falar?
343. B: Fale.
344. L: Um dia eles fugiram da prisão.

345. B: Não, não..
346. L: Mas deixa eu falar! Ainda não acabei.
347. B: Não, assim não...
348. L: Ainda não acabei! Fugiram da prisão porque tinha uma janela...
349. B: E uma pá!
350. L: E uma Chicada para subir para fugir.
351. B: O que é uma chicada?
352. L: Escada! Aquilo ali. (Apontando para uma das figuras acima do quadro)
353. B: Escada. E depois...Tinha mais coisas e fizeram...
354. L: Ainda não acabei! Ainda não acabei! Um dia eles fugiram da prisão porque... porque tinha uma janela e uma escada lá na prisão e eles subiram na escada e foram para outro rei.
355. B: Reino...
356. L: Não, subiram na escada, escalaram até a janela, depois e...escalaram a janela abaixo e foram para outro reino :: E só quando eles foram para outro reino é que o rei se tornou bom. (B assente com a cabeça)
357. B: Mas ainda temos muitas linhas!
358. L: Humm... deixa eu contar: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze.
359. B: (rindo) Ah não!
360. L: Mas ainda vamos escrever mais esta linha (apontando na folha), mais esta linha e depois mais esta, mais esta, mais esta... (S.I.) Ainda não acabei, a minha ideia.
361. B: ahh...

54:55

362. L: Só quando eles...só quando eles foram...
363. B: (S.I.)
364. L: Para outro reino... para outro reino...é que o rei tornou-se bom. Ele tornou-se bom , mas ele queria fazer uma guerra. Uma guerra contra o rei...do rei...
365. B: Reino...
366. L: O reino dele e o reino... dos criados...que fugiram. E quem ganhou foi o reino dele. Porque ele só se tornou-se bom para toda a gente e o líder. E o...e Ai! Depois, abriu uma loja de pipocas (rindo).
367. B: Não, assim não. E depois...

368. L: Não, ainda não acabei. Ainda não acabei! Não vai ser loja de nada (S.I.) É assim: Um dia fugiram da prisão porque tinha uma escada. Foram buscar à janela, escalaram a janela à baixo, foram para outro reino e depois, só quando eles foram para outro reino é que o rei se tornou bom, depois o rei queria fazer uma re...uma guerra contra o reino dele, contra o reino dos ex-criados , e depois quem ganhou foi o reino dele porque ele , quando se tornou bom começou a criar líderes...começou a criar alguns deles...e criou um líder robô . E depois o líder robô (S.I.) tuudo do...da...para fazer a rega...guerra. E depois, nós ganhamos. E depois eles ganharam só por causa desse robô. Eles colheram frutos para todo o sempre com o rei, com o rei...que ...(S.I.)
369. B: Mas o rei...Epa...(S.I.) três linhas para o final...
370. L: Deixa eu tentar... Mas ainda eu não acabei...Para todo o sempre com o rei...
371. B: Manda...manda... (S.I.) Olha! Vou te ler a história! (Tentando voltar ao texto escrito) Era uma vez...
372. L: Não leias! Eu leio... Era uma vez um rei mau que mandava os criados matar os seres vivos... matar seres...matar (Procurando onde parou a leitura) os vivos. Os seres vivos. Porque eles tinham... porque eles tinham pena dos pobres...Deixa-me tentar. Deixa-me fazer isso. Era uma vez um rei mau. Que mandava os criados matar os seres vivos. Mas os criados não queriam matar os seres vivos, porque eles tinham pena dos pobres seres vivos. Mas um dia, o rei chamou os guardas para prender os criados porque os criados não faziam o que o rei mandava...
373. B: (S.I.)
374. L: Um dia eles fugiram...um dia eles fugiram da prisão!
375. B: Espera!
376. L: Um dia eles fugiram da prisão... Estou a te dizer B, põe! (Pedindo para B dar continuidade) Eu tô...combinamos que tu escrevia e eu ditava.
377. B: Um... [Um]
378. L: Um dia eles fugiram da prisão...
379. B: di...a... [dia]
380. L: E foram para outro reino.

59:05

381. B: Olha, tu não fales assim (S.I.) Porque eu escrevo não. Eu não sou assim: nananana

(Fazendo um gesto de escrever rápido sobre a folha e rindo)

382. L: Hum hum. Ainda não acabou. Queres que eu escreva?
383. B: (Ignorando a pergunta) Dia...
384. L: (Impaciente) É assim. B, um dia eles fugiram da prisão e foram para outro reino. (S.I.)
385. B: (escrevendo) Eles... [eles]
386. L: Um dia eles fugiram da prisão...
387. B: Fu...
388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram
389. B: Fugi... [fog]
390. L: Fogiram? Fuu (S.I.) Tu á riscastes B? (rasurando [~~fog~~]) Fuugiram... Um dia fugiram...
391. B: Fu... gi...
392. L: Rão!
393. B: Fugi... ram [fugiram] da prisão...
394. L: Da prisão...
395. B: Da... persão?
396. L: Fugiram da prisão. Prisão :: Prisão com sê.
397. B: Fugiram da... [da]
398. L: Priii...
399. B: Prii...
400. L: Pri pri pri prisão (Cantarolando enquanto B escreve) Com sê...
401. B: São...
402. L: É com "a"... sim.
403. B: São...
404. L: A o... til...
405. B: Prisão... [prisão]
406. L: E foram para outro reino.
407. B: E... fo... ram...
408. L: Me... ame... (B escrevendo [foram]) Para...
409. B: Para...
410. L: Outro reino...
411. B: Pa...ra... [para]
412. L: Outro...
413. B: Ouu...tro... outro...[outro] L rei...no...

414. L: **L** Outro reino... reino ali (Tirando a mão de B da folha , pois ela ia escrever tudo junto)
rei...no...
415. B: rei...no...[reino]
416. L: Ponto final. [.] Ponto final com parágrafo. (B boceja, aparentando cansaço)
417. B: (S.I.)
418. L: Ponto final com parágrafo. (Rindo) Deixa e ver aqui... (inclinando-se sobre a folha) (S.I.)
Você começa aqui e acaba aqui. (Ambas riem) Não! Acaba aqui e depois aqui e acaba ali.
(Apontando na folha). Péra, vamos contar quantas linhas faltam. **L** Uma, duas, três, quatro,
cinco, seis, sete, oito, nove.
419. B: Nove! Nove é muito...

01:02:01

*Só ~~com~~ quando os criados foram para
outro reino é que o rei se ^{trouxe} ~~trouxe~~ bem. É*

420. L: E depois, parágrafo. Ponto final com parágrafo. B! (Chamando a atenção de B que se
distraiu com outra diáde). Ponto final, parágrafo.
421. B: Tá! (Voltando a escrever)
422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando...
423. B: Quando...
424. L: Só com “o”... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele...
425. B: **L** Só quando... só... péra...
426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só... quando...
427. B: Espera! Qu..aando [coam]
428. L: Não é assim... não é assim! É com “q”... (B rasurando [~~com~~]) Olha, eu dito. É com “q”
L (B repete enquanto escreve) ...u...a...me...do [quando]
429. B: Quando...
430. L: Só quando... o... os...
431. B: O... os... [os]
432. L: Criados foram...
433. B: Espera! Os... cri... **L** a... dos... [criados]
434. L: Foram...
435. B: Fo... ram [foram]

436. L: Para outro reino...
437. B: Para... foram... para... pa... ra...[para]
438. L: Ooutro...
439. B: Ou... tro...
440. L: Ooutro aqui (Apontando algo na folha) Ah, não. Esquece! Tá bem. Outro reino...
441. B: L (Ambas falam pausadamente) Ou... tro...[outro] rei...no...[reino]
442. L: é que o rei se tornou bom. E depois acabamos.
443. B: é... [é]
444. L: É que o rei se tornou bom. Péra, péra... é que o reino se tornou bom.
445. B: É... que...o rei...[que o rei]
446. L: É que o rei se tornou vô... bom! O rei... se tornou se...se tornou vô. (rindo)
447. B: L Bom! (rindo) vô...
448. L: Anda!
449. B: Se... [se]
450. L: Se tornou bom.
451. B: Se... tornou... [p]... tornou... (rasurando [(p)] Tronou... tru... [tru])
452. L: nou...
453. B: Tronou...
454. L: nou... tronou...
455. B: Tronou [trunou]...
456. L: Bom!
457. B: Bom... [bom.] e...

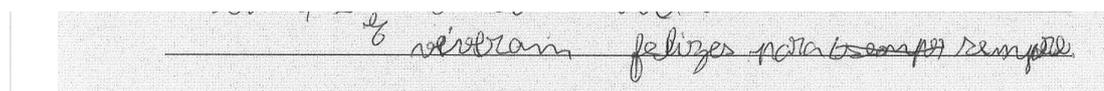
01:04:30

outro reino é que o rei se tornou bom. e o rei quis os criados de volta.

458. L: Ponto final. (B sorri satisfeita) Agora deixa-me ver quantas linhas faltam. Quer ver que nos faltam sete? (Contando as linhas restantes) Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Eu disse! Não quero (S.I.).
459. B: (S.I.)
460. L: Olha o texto deles! (Olhando para a díade ao lado)
461. B: Tem muito parágrafo. (Volta a escrever o texto) E... [E]

462. L: Não! (Tentando impedir B de continuar)
463. B: Agora deixa eu fazer... E... o...rei...e o rei [o rei] :: e o rei... :: e o rei...
464. L: Posso ver, posso ver? Epa! Eu quero ver! E o rei... e o rei quis os criados de volta.
465. B: Não. Disse aos guardas para os levar ao castelo. De tu...
466. L: Eu sei B. Temos que escrever alguma coisa sobre o rei. E o rei...
467. B: E o rei...
468. L: Quis os criados de volta.
469. B: (Escrevendo) Quis... q..u...quis... [quis]
470. L: Anda!
471. B: Quis...
472. L: (S.l.) que eu quero fazer o desenho!
473. B: Quis o quê?
474. L: Que o rei quis os emprega... os criados outra vez e viveram felizes para todo o sempre.
475. B: Os cri... a... criados. [os criado]
476. L: Quis os criados de volta. De volta...
477. B: De... volta... [de]
478. L: Vol... vol...
479. B: Vol... ta...volta [volta.]

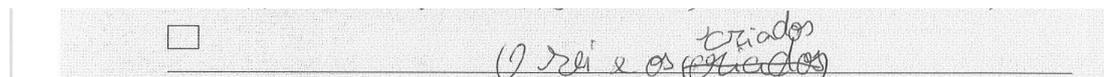
01:06:35



480. L: E viveram felizes para todo o sempre!
481. B: volta...
482. L: E...
483. B: (Contando as linhas restantes) um, dois, três, quatro, cinco...
484. L: (Mostrando surpresa) E viveram felizes para todo o sempre!
485. B: E...vi...ve...ram... [E viver] (Quando a professora comenta com outra díade sobre o título, as alunas lembram que não escreveram o seu ainda) O título!
486. L: Deixamos o título para o final. (S.l.) E viveram felizes para todo o sempre...
487. B: E viveram... viveram... fe... [viveram fe]
488. L: Felizes! Escreve isso mais rápido!

489. B: Fe... li... zes...[felizes]
490. L: Para sempre!
491. B: Para... sem...pre... [para senp]
492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B conserta transformando o “n” em “m” [sempe])
493. B: Sem... pre... [.] [rasurando (sempe) sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei...
494. L: Péra... e viveram felizes para seempres. Sempe... sempre.
495. B: Epa! Estás a tirar o meu. (referindo-se ao crachá)
496. L: Desculpa! Sempre...
497. B: Para sempre... (Corrigindo, escrevendo o “r” por cima [sempre])
498. L: Ponto final. [.] Agora o título. O rei...

01:08:20



499. B: mau.
500. L: O rei e os criados. (B nega com a cabeça) Não? Ficou bem... O rei e os criados. Também falamos dos criados. O rei e os criados.
501. B: (S.I.) O... rei...e...os... L criados... cri...a...dos [o rei e os criados]
502. L: Agora lê o texto para ver se tem alguma coisa que nós temos que cuidar.
503. B: (Inicia a leitura) O rei e os criados. Era uma vez... um rei mau
504. L: Péra, péra, péra aí. (Pega a caneta para consertar algo no texto) Escreve tu aqui um traçinho...
505. B: (S.I.)
506. L: Aqui. Só te faltava aí. (Apontando para B riscar a rasura ~~[[sempe]]~~) Anda, anda! O rei e os criados. Começa tu a ler.
507. B: O rei e os criados. Era uma vez um rei
508. L:...mau
509. B: mau... que mandava os criados man...
510. L: matar...
511. B: Matar os se...
512. L: Seres vivos.

513. B: Mas os criados não queriam mandar... matar os L seres vivos porque eles tinham pena dos pobres seres vivos. Mas um dia, mas um dia o rei chamou os guardas. Guardas... para prender os criados....porque os criados não faziam o que o rei mandava. Um dia, eles fugiram... da prisão. Onde está fugiram... (Ajeita o [a]) fugiram da prisão e foram para outro reino. Só quando os criados...
514. L: Péra outro reino... ponto final.
515. B: Só quando os criados foram para outro reino é que o rei se tronou bom. E o L E o rei... quis os criados de volta.E viveram felizes para sempre. (L levanta o braço para chamar a professora) Só sobrou quatro, cinco! Não é muito. (Levanta o braço também) Eu que ponho o dedo no ar. Põe pra baixo.

01:11:48

(Ambas aguardam a professora com os braços erguidos. B repousa a caneta na mesa. Quando a professora as vê, ambas abaixam os braços e a aguardam em silêncio).

MOMENTO 5 - REVISÃO (LEITURA PARA A PROFESSORA)

01:15:45

516. PROFESSORA: (Aproximando-se da díade) Vamos ler!
517. B: O rei e os criados. Era uma vez um rei mau que mandava os criados matarem os seres vivos.
518. PROFESSORA: Quais?
519. B: Seres vivos!
520. PROFESSORA: Quais?
521. L: Os animais.
522. B: Os animais e as pessoas.
523. PROFESSORA: E as plantas também são seres vivos. E vocês aí explicam isso?
524. L: Sim.
525. PROFESSORA: Então vamos.
526. B: Mas os criados não queriam matar os seres vivos porque...
527. PROFESSORA: Seres, é com o quê?
528. B: (As alunas se olham confusas) seres...
529. PROFESSORA: Pergunto eu.

530. L: É com “sê” ?
531. PROFESSORA: Vamos lá! Seres vivos. Continua.
532. B: Mas um dia, o rei chamou os guardas para aprender os criados porque...
533. PROFESSORA: Para aprender? Porque ele ia ensiná-los alguma coisa? E eles iam aprender?
534. L: Eu disse prender B. Não disse aprender.
535. PROFESSORA: Prender. Então o que tem a mais?
536. L: O “a”.
537. PROFESSORA: Pronto! Já tem duas coisas para corrigir. A palavrinha seres e mais isso. Vamos. Os criados, anda!
538. B: Os criados não faziam o que o rei manda... va. Mandava.
539. PROFESSORA: Só lá está manda... Quando eu digo leiam, releiam, voltem a ler. Pois dá nisso.
540. B: Eles fugiram da prisão e foram para outro reino. Só quando os criados foram para outro reino que o rei se trunou.
541. PROFESSORA: Trunou? Que que é Trunou?
542. B: Trunou.
543. PROFESSORA: Ora, digam lá a palavra com calma.
544. L: Trunou.
545. PROFESSORA: Trunou? Foi pro trono? Trunou alguém? Que foi pro trono ou é tornou que vocês querem?
546. L: Tornou.
547. PROFESSORA: Tornou. Olha lá a quantidade de coisas que tem que emendar.
548. B: Bom. E o rei quis os criados de volta.
549. PROFESSORA: Tá lá criados? (As alunas vão verificar no texto) É que vocês leem e nem sabem o que estão a ler.
550. L: Os... (L localiza e dá a caneta para B consertar).
551. PROFESSORA: Depois emenda, quero as duas atentas. Vão.
552. B: de... de volta. E viveram felizes para sempre.
553. PROFESSORA: As vossas histórias acabam sempre igual. (A professora sai e elas corrigem o que foi apontado na revisão)

01:18:58

554. L: Põe primeiro “os” em criados. Criados.

555. B: Criados... criados... (Buscando no texto)
556. L: Ei, aí tá bem! (B rasurando o título onde o “i” não estava claro [~~criados~~] e escrevendo acima [criados]) Era uma vez, um rei mau. (B faz uma leitura superficial procurando as palavras para corrigir)
557. B: Seres! (Rasurando [~~Ceres~~] e escrevendo acima [seres] na 2ª linha do 1º parágrafo) Se...res... vivos. Nanananan... (Rasurando [~~Ceres~~] e escrevendo acima [seres] na 4ª linha do 1º parágrafo)
558. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando [~~a~~prender])
559. B: Criados...
560. L: Anda continua! B! Põe aqui, criados. (B acrescenta o “s” na palavra [criados]) Põe aqui, tornou. Foi assim tão difícil?
561. B: tor... nou (rasurando [~~tornou~~] e escrevendo acima [tornou]) bom... traço. Mais nada?
562. L: Mais nada. Já está! (B levanta o braço para chamar a professora) Mandava, mandava! Que o rei manda... que o rei mandava ... onde é que tá mandava? ...
563. B: (S.I.) (Procurando a palavra) Mandava...
564. L: Manda, é mandava. O rei manda, não é mandava. Parênteses, mandava.
565. B: Man...da...va... (rasurando [~~manda~~] e escrevendo acima [mandava])
566. L: Mandava. (Ambas levantam os braços para chamar a professora)

01:22:00

(As alunas finalizam a revisão e aguardam a professora para finalizar a atividade)

567. PROFESSORA: Já terminaram? Então leiam o que faltava.
568. B: O que faltava...(Passando os olhos sobre o texto)
569. L: Já lemos!
570. PROFESSORA: Já consertaram (S.I.) Posso terminar?

01:23:15

(A professora finaliza a atividade com a caneta e recolhe o manuscrito. As alunas ficam na mesa aguardando o material para fazerem a ilustração)

01:23:28

MOMENTO 6- DESENHO

(A professora entrega para cada uma das alunas uma folha A4 em branco e os lápis de cor para iniciarem o desenho. Elas começam colocando os nomes nas folhas. As alunas conversam em voz baixa enquanto desenhavam. Elas também cantarolam um pouco. A maior parte do diálogo é ininteligível devido ao barulho dos outros alunos que também conversam.)

01:32:32

(Enquanto a d'ade está finalizando o desenho, a equipe do L'AME volta para desligar os equipamentos e finalizar a filmagem).

01:40:05

(A filmagem é finalizada).

Anexo III – Transcrição do Texto 3 – “O ovo especial”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO ESCOLAR
PROJETO INTERWRITING – AVEIRO 2015

GRAU DE ESCOLARIDADE: 2 º ANO

PROFESSORA: Eugênia

FILMAGEM: 5ª

TEXTO: O ovo especial

DATA: 27/02/15 (sexta-feira)

DUPLA: B / L

CAMERAMAN: Mayara Cordeiro

TRANSCRIÇÃO: Alessandra

REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO: Mayara Cordeiro

TEMPO: 01:42:02 [filmagem]

TEMPO: [iniciam desenho]

Número de díades: 11

Observação: A turma é composta por 21 alunos. Por isso, a díade 11 é formada apenas por um aluno.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO EM WORD

Obs.: deve-se considerar que essas normas servirão de apoio para o ELAN, e poderão ser reajustadas em função de suas especificidades.

23. Nomeação do arquivo:

- a. Para evitarmos confusões e perda de trabalho feito, cada arquivo deve ser nomeado do seguinte modo: **003_20 04 2012_CAIO_IGOR [1]**

Onde:

003 = número da filmagem

20 04 2012 = data da filmagem

CAIO_IGOR: dupla filmada (colocar sempre os nomes em ordem alfabética)

Colchetes indicando a versão da transcrição. A cada vez que versão for enviada para Calil, este número deve ser alterado para que ele saiba qual é a versão mais recente.

24. Margens: Superior e esquerda 3cm; Inferior e direita 2cm;

25. Usar a fonte Times New Roman 12, espaçamento 1,5 (sem espaço entre as linhas), modo justificado, para toda a transcrição.

26. Manuscrito escolar:

- a. Antes de se iniciar a transcrição, apresentar a **imagem do manuscrito escolar**. Em outra página (usar o recurso “quebra de página”), apresentar a “transcrição normativa”, com correção ortográfica e apenas os sinais de pontuação mais importantes. Cada sinal de pontuação e a letra maiúscula correspondente, acrescentado pelo bolsista, deve ser destacado em vermelho, para sabermos que não foi o aluno que o fez.
- b. No momento, não faremos a **transcrição normativa**. Isso poderá acontecer posteriormente, em função das questões de pesquisa de cada pesquisador.
- c. Para os dados da Escola Criar não será necessário a **transcrição diplomática**, uma vez que é possível ler bem, na maior parte dos casos, o texto original. Este tipo de transcrição, caso necessária, poderá ser feita pelo pesquisador, em sua dissertação ou tese.
- d. A partir do momento que a dupla escrever, após a indicação do tempo que vem acontecendo a cada 2 ou 3 minutos de filmagem, deve-se colocar a imagem do

fragmento do manuscrito escolar. Este fragmento corresponderia ao que foi escrito naquele momento do diálogo, durante aquele tempo cronometrado e deve ser apresentado antes de se iniciar a transcrição deste trecho. Assim, o leitor poderá ver primeiro o produto final (imagem do fragmento do manuscrito) e depois terá acesso ao que foi conversado durante o momento em que este fragmento foi escrito. O tamanho de um fragmento não deve ultrapassar a escrita de duas ou três frases.

27. Rubrica:

- a. É graficamente indicada apenas pelo uso de parênteses, podendo estar posicionada antes, no meio ou no final da fala do aluno. Esta decisão deve respeitar o momento em que o evento aconteceu.
- b. Tem por função recuperar o contexto visual, pragmático e sonoro da filmagem. Com foco sobre os elementos importantes para a compreensão do processo de escritura em ato, ela deve conter informações contextuais, paralinguísticas, suprasegmentais, entonacionais, gestuais, expressivas, indicações de quem escreve, das direções do olhar, de quem está falando em *off*, do tom de voz ou entonação, etc.
- c. Na rubrica, indicar quando a escrita é simultânea à fala, se o modo de falar foi silabado, o tom de voz do aluno ou algum outro caso em que há a voz acompanha o texto.

28. Colchetes:

- a. Os colchetes indicam **o que o aluno escreveu no momento em que escreveu**. A cada momento que algo foi grafado ou rasurado sobre a folha de papel, deve ser indicado na transcrição. Exemplos:
 - i. O aluno está falando “era uma vez”, mas escrevendo “veis”, a notação deve ser: Caio: era uma vez [veis].
 - ii. O aluno está em silêncio e escrevendo: (Caio escrevendo [era])
 - iii. O aluno escrevendo enquanto o outro fala: Igor: (falando com ênfase) Tem que colocar era uma (Caio escrevendo [era]) vez.
 - iv. O aluno rasura: Caio: Eu acho que errei (rasurando o ‘i’ e o ‘s’[veis])

29. Fala sobreposta:

- a. Quando houver fala sobreposta, indicar como sinal **L**, acompanhada de rubrica no turno que se sobrepôs à fala de quem estava falando. Por exemplo:
 67. PROFESSORA: já deu mais ou menos pra ter uma ideia como vai fazer :: depois é a **L**Marília né.
 68. IGOR: (falando junto com a professora, chamando-a) tia!

30. Numerar automaticamente todos os turnos de fala. É imprescindível que a numeração seja automática para que o trabalho não precise ser refeito quanto houver engano na marcação do turno, e for necessário acrescentar ou retirar turnos.
31. A transcrição não pode ser feita dentro de uma tabela.
32. Marcar o tempo cronometrado a cada 2 a 3 minutos.
33. Dividir a transcrição em sete momentos, quando houver:
- Momento da organização da sala;
 - Momento da leitura ou da roda de conversa;
 - Momento da apresentação da proposta/consigna (geralmente a filmadora está dirigida para o quadro branco);
 - Momento do planejamento (combinação) da diáde;
 - Momento da formulação/tradução (escrita);
 - Momento da leitura para a professora;
 - Momento do desenho.
34. Rasura:
- Quando for possível recuperar o que foi rasurado: [~~pela~~]
 - Quando não for possível recuperar o que foi rasurado [xxxx]
 - Quando algo for acrescentado, suprimido, deslocado ou substituído graficamente, isso pode ser informado pela rubrica, sendo necessário colocar entre colchetes o que foi de fato grafado.
35. Deve-se transcrever toda a filmagem, desde o momento em que se estiver captando a voz do aluno e da professora até o momento em que terminam o manuscrito e a professora o recolhe. Caso tenha sido filmado o momento em que desenham não é necessário transcrever, apenas fazer a descrição detalhada do que aconteceu neste momento.
36. A partir do momento em que os alunos começam a escrever, sublinhar sempre o nome do aluno que está escrevendo. Isto é, deixar sublinhado o nome no início do turno. Deste modo, sempre ficará claro quem está com a caneta na mão. Se houver mudança de caneta, deve-se mudar o sublinhado, indicando quem está neste momento com a caneta na mão.
37. Usar (SI) para segmento ininteligível.
38. Usar :: para pausa curta (até mais ou menos 3 segundos); usar ::: para pausa média (mais do que 3 segundos). Dependendo da pausa, a rubrica pode complementar a informação.
39. Repetir a vogal ou a consoante quando foi foneticamente prolongada pelo aluno.
40. O bloco destaca o tempo (minuto:segundo).

41. Iniciar turnos de fala com letra maiúscula, exceto quando a mudança de turno for proveniente de interrupção de outra pessoa. (1) Se, após a interrupção, o falante continuar sua fala, seu turno é antecedido por reticências e iniciado com letra minúscula. (2) Quando houver interrupção, mas o falante que interrompeu der continuidade à fala do enunciador anterior, deve-se manter reticências e letra minúscula.

(1)

70. MARÍLIA: Aí, o cachorro.

71. SOFIA: Tia!

72. MARÍLIA: ... faz au-au e o gato miau.

(2)

80. SOFIA: ...den... tro (Sofia falando, de forma segmentada, e escrevendo[dentro]).

81. MARÍLIA: ...do vulcão... L

82. SOFIA: ...do vulcão (Sofia escrevendo [vucão]).

42. Quanto à grafia de algumas “expressões”, deve ser escrito: humrum, hum, ô, ó, oia, pra, tá, tô, hã, ah, tava, oxe, eita, né, nera, per aí, num.
43. Os alunos costumam omitir, no caso de verbos no infinitivo, o “r” final. Outra situação é a escrita de “vamo” para “vamos”, “dexa” para “deixar”. Deve-se também transcrever “andar”, “correr”, “vamos”, “deixa”. Ou seja, escrever ortograficamente, exceto nos casos mencionados no tópico 20.
44. A silabação é marcada pelo uso de reticências. Por exemplo, Sofia está falando e escrevendo “girafa” de forma silabada. Deve ser transcrito gi... ra... fa.

1 _____

_____ 27-02-15

O ovo especial

Era uma vez uma menina que se chamava Lili. Um dia viu um ovo na floresta e levou-o para casa. No caminho deixou ^{cair} ~~o~~ ovo ~~e o ovo~~ ~~partiu~~ e lá estava ~~lá~~ um lindo passarinho.

Fez Lili levar-o para a gaiola dela com o passarinho ~~lá~~ estava com saltadas da mãe ~~passar~~ e dos ~~seus~~ seus irmãos ~~(passarinhos)~~ ~~passarinhos~~. Um dia ele foi à floresta ~~de lá~~ devolver o passarinho à mãe e aos ~~lá~~ irmãos e ~~relevaram~~ ^{pararam} felizes para todo o sempre com ~~lá~~ a ~~família~~ ^{família} ~~com~~ completa.

Mas a menina ficou triste porque ~~not~~ nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia ~~lá~~ e a ~~ideia~~ ideia foi de ir ~~visitar~~ ^{visitar} o ~~passarinho~~ ^{passarinho} todos os dias e ela viveu feliz para sempre.

Texto Dialógico e Manuscrito oral

A equipe do L'ÂME envolvida com o projeto InterWriting em Portugal- Eduardo Calil, Mayara Cordeiro, Maria Manuel – organizam os equipamentos e procedimentos necessários para dar encaminhamento à 2ª proposta de produção de texto.

MOMENTO 1- ORGANIZAÇÃO DA SALA

00:00

(A equipe do InterWriting inicia a montagem dos equipamentos. Enquanto a sala está sendo organizada, as crianças falam ao mesmo tempo fazendo um barulho ininteligível.).

15:04

(As duas alunas já estão na mesa, com equipamento instalado, aguardando os microfones serem ligados e o início da atividade).

1. MAYARA: (Mayara ligando o microfone e conversando) Muito bem, fala teu nome completo.
2. L: L B.
3. MAYARA: L B. E a data de hoje?
4. L: Vinte e sete de fevereiro de dois mil e quinze. ::: (Falando com B) (S.I.)
5. MAYARA: Muito bem. :: Ótimo. ::: Muito bem, qual é o seu nome completo?
6. B: B A.
7. MAYARA: B A. E a data de hoje?
8. B: É, vinte e sete de fevereiro de dois mil e quinze. (Após os microfones serem ligados as alunas ficam conversando e brincando, fazendo sons com a boca, a maior parte da conversa é ininteligível. Enquanto isso, a equipe do InterWriting continua ligando os equipamentos e passando as instruções para a professora.)

MOMENTO 2- APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA/CONSÍGNA

22:43

9. MAYARA: Muito bem, bom dia a todos. Hoje é o dia vinte e sete de fevereiro de dois mil e quinze, nós vamos ter a nossa quinta sessão de escrita aqui na escola, certo? ::: Um, dois, três (Mayara contando para bater a claquete, após isso a equipe se retira da sala e a professora Eugênia dá início à atividade)
10. PROFESSORA: (SI) Bom dia a todos.
11. ALUNOS: Bom dia.
12. PROFESSORA: Mais uma vez, estamos na nossa aula de português. E hoje, como é normal à sexta-feira, é o dia de escrita de um texto, que por vezes é com um tema sugerido, outras vezes é com tema? ...
13. ALUNOS: (Alguns alunos respondendo) Inventado.
14. PROFESSORA: À escolha, muito bem! :: Inventar a história sempre, certo L? Pronto. ::: Pronto, então hoje e para ver se exploramos, “exploramos” (professora dizendo entre aspas) a escrita, para vos dar mais tempo para, partilharem ideias, para organizarem as ideias para depois escreverem. É... eu vou já avisar que hoje é um tema a vossa escolha, tá bem? É um tema inventado por vós. Cada um, cada grupinho vai escolher sobre o que quer falar. :: Diz Katelyn... (Dando espaço para a Aluna falar) Então, como é tema livre, conforme é habitual, vocês vão ter um tempinho para debater ideias, para as organizarem de forma que depois possam escrever o vosso texto. Peço ao grupo do Simão e do Rodrigo para se concentrarem, não brincar e depois (S.I.) Faço referência ao Gabriel e ao Francisco. (S.I.) Na hora do trabalho não é para conversar com os outros, porque senão depois acabam por (S.I.) Entendem? Assim que terminarem vocês já sabem, coloquem o dedinho no ar e depois faremos conforme (S.I.) Peço que o grupinho, pra se despachar, que está a falar de outras coisas, está a se distrair. Ok? Simão estás em uma posição como todos os teus colegas. Coloca a cadeirinha direita, (S.I.) e não deitado em cima da cadeira (S.I.).

25:25

15. PROFESSORA: Então a partir de agora, vão ter o vosso tempo de escolher o tema sobre o qual querem trabalhar (S.I.) O tema sobre o qual querem trabalhar e organizem-se entre

vós para verem realmente qual é a melhor história para escrever. Assim que estejam preparados para escrever, coloca o dedo no ar e depois peço-vos uma coisa: aguardem até eu poder ir ao vosso grupo porque tenho que ver quem é que estava com a caneta, quem vai ficar com a caneta quem é que vai escrever, tudo isso, tá bem? Porque eu não posso (SI) a dar-vos a caneta pra escrever, tem que ser perante o número que está para o grupo certo, tá bem? Pronto. Mesmo que depois, imaginem, que ela está com o dedo no ar eu vou tentar fazer a sequência seguida, que é pra não ficar daqui pra acolá, tá bem? Pronto, peço-vos também algum cuidado, alguma atenção da vossa parte para com... (S.I.) (Professora para pra falar com uma aluna)::: A partir de agora toda a gente a trabalhar, a pensar, e assim que estejam eu trago-vos a caneta.(SI).

MOMENTO 3 – PLANEJAMENTO

26:51

16. L: (L olhando para as palavras acima do quadro e chamando a atenção de B) Já sei. Já sei B.
17. PROFESSORA: Olha, eu peço desculpa. Já todos sabem mas eu vou relembrar: nome dos dois membros do grupo na linha escura, a cinzenta mais escura, e a data no final dessa linha que já está no quadro certo? Primeira linha para o título, que se pode escrever no...?
18. ALUNOS: (Alguns alunos respondendo) Final!
19. PROFESSORA: Depois de escrevem a história toda, vêm à primeira linha escrever o título, e começam a escrever em qual linha? Na L se...?
20. ALUNOS: (Alguns alunos respondem simultaneamente, completando a fala da professora) Gunda!
21. PROFESSORA: Ok, foi só pra relembrar. Do grupo só precisa de estar um com o dedo no ar, a pessoa que vai escrever é que coloca o dedo no ar, ok?
22. B: (B após conversar baixinho com L) O ovo falante.
23. L: O ovo que nunca parte. Não eu tenho outra melhor.
24. B: O ovo...
25. L: O menino que (SI)
26. B: O quê? :: Não, eu digo.
27. L: O ovo que nunca parte, pode ser?
28. B: O quê?
29. L: O ovo que nunca parte. O ovo que nunca parte.

30. B: Não, 'o ovo que nunca cai no chão' :: o ovo que nunca cai...
31. L: (L interrompendo B) E queria 'parte'.
32. B: O ovo que cai ao chão mas não se parte.
33. L: Será?
34. B: (B levanta o dedo para ar)

28:19

35. L: (L contendo B) Não, ainda não (Risos). Ainda só começamos com o título como é que já tais... :: (L iniciando a história) Era uma vez um ovo que...
36. B: (B sugerindo a história) Não, 'era uma vez uma menina que tinha pegado um ovo, que levou e depois ia caminhar pra lá pra fora com o ovo.
37. L: (L interrompendo enquanto B ainda falava) Não, pera aí. E deixou escorregar para o chão mas não tinha partido :: Posso... (SI)
38. B: não teve sentido...
39. L: É que tu... (L recontando a história) Era uma vez uma menina que encontrou um ovo, levou... Ah! Tem sentindo. (L entonando a voz) Levooooo, Depois levoou, para :: (L dando continuidade à história) casa. Mas no meio do caminho ele caiu, escorregou da mão da menina.
40. B: Não, como a mãe... Não. :: Era uma vez uma menina que encontrou um ovo, levou para casa. O seu irmão... bateu contra ela mas deixou cair o ovo, mas o ovo não se tinha partido.
41. L: Mas espera aí, ahn..tô confusa, onde que ela foi? tô confusa. :: Diz outra vez que eu tô confusa B!
42. B: Era uma vez uma menina chamada...
43. L: Líria... Lili, pronto.
44. B: Que encontrou um ovo numa floresta :: mas este ovo :: mas esse ovo...
45. L: Por favor, tá séria.
46. B: (B retomando a sugestão da história) Não, era uma vez...
47. L: Tá bom, deixa eu fazer essa parte.
48. B: Não, deixa eu contar, deixa eu contra a primeira parte.
49. L: Então, tu contas a primeira parte e eu conto a segunda, depois tu contas a terceira e eu conto a quarta.
50. B: Tá :: Era uma vez... O título já fizemos: O ovo que não cai no chão... :: O ovo que cai ao

chão...

51. L: Era uma vez...
52. B: Era uma vez uma menina chamada Lili que encontrou um ovo...
53. L: ...levou para casa...
54. B: ...levou para casa, mas o seu irmão foi contra ela.
55. L: Não, maaas, o seu irmão foi contra ela noutra sentido, mas ela caiu durante o caminho.
56. B: Não, mas ela caiu.
57. L: Durante o caminho que ela foi para chegar à casa. Pode ser.
58. B: Mas depois o ovo não se partiu, mas, o ovo ::: tinha lá um, um...
59. L: Deixa eu dizer. Eu digo primeiro você diz a segunda. Por favor B. Ok, deixa-me cá ver... (L reconta a história) Era uma vez uma menina chamada Lili, tá tudo certo. Um diz ela encontrou um ovo. Ela encontrou o ovo e levou-o para casa, mas durante o caminho...
60. B: Deixou cair.
61. L: Deixou cair, ele escorregou, mas não partiu, porque era um ovo muito especial.

31:40

62. B: Porque tinha lá um dinossauro. (L fica em dúvida, pensando) :: É? :: Não, porque tinha lá...
63. L: Mas esses ovos partem?
64. B: Sim sim. Precisa ser...
65. L: Deixa eu dizer ::: (S.I.)
66. B: Deixa eu inventar...
67. L: Deixa eu dizer :: Vamos, outra coisa...
68. B: Aí, um passarinho. Lá no ovo havia um passarinho...
69. L: Pera. Peraí, tive uma ideia (SI). 'Era uma vez uma menina chamada Lili que encontrou um ovo, ou pegou de um passarinho... :: E, levou o passarinho lá pra cima da árvore.
70. B: Não... Ah, L levou o passarinho lá pra cima da árvore.
71. L: (L continuando a história) Pra lá pra cima da árvore, e levou o ovo.
72. B: E levou o ovo para lá pra casa.
73. L: Mas depois o passarinho... Não, não, não, isso não.
74. B: Bora, outra coisa.
75. L: Outra coisaaaa... Outra coisa, outra coisa... Vamos começar de novo. Eu disse... Tu

disseste o quê, como é... :::

76. B: Tu colaste isso aqui? (Apontando para algo na roupa de L).
77. L: Não, já estava. Anda! (Voltando ao planejamento da história) Era uma vez uma menina chamada Lili que encontrou um ovo na floresta :: durante o caminho :: levou... ai, encontrou um ovo na floresta, durante o caminho...Ai! encontrou um ovo na floresta. :: E queria levá-lo pra casa, durante o caminho o ovo escorregou mas não se partiu porque era um ovo muito especial, porque tinha lá **L** (Concluindo ao mesmo tempo que B) um passarinho! Que se chama, que não tinha nome, mas ela deu, e chama-se (L apontando para os textos acima do quadro) :: que se chamava, passarinho verdejante, quer dizer, aí não.
78. B: É verdade... (As duas interrompem o diálogo para prestar atenção na professora)
79. L: (Voltando ao planejamento) Como se chamava? Passarinho verdejante...Pode ser! Não, pera, pera, pera, ele não tinha nome não é? Mas a menina deu-lhe um nome.
80. B: Verde!
81. L: Verderico!
82. B: Verderico...
83. L: Ela achou que era um lindo nome. Não. E ela, achou que era um lindo nome, ponto final. Não! Não, não, que se chamava, Verdegico. Deixa eu dizer o nome. Verderico, mas...
84. B: Frederico.
85. L: Frederico (risos). :: Espera aí...Deixa eu ver... Era uma vez uma menina chamada Lili, que estava na floresta e encontrou um ovo, depois, durante o caminho. Ai, não. Ela queria levá-lo pra casa mas durante o caminho ele escorregou mas não se partiu porque era um ovo muito especial, pois tava lá um passarinho que se chamava Frederico.
86. B: Frederico (risos).

35:00

87. L: Frederico, sim... (risos). :: E o passarinho falava, ela desmaiou. Ela desmaiou quando o passarinho...
88. B: Não...
89. L: Falou.
90. B: Ela, se escorregou (SI).
91. L: Frederico no final, à frente.

92. B: Agora sou eu. :: Pera.
93. L: O passarinho falou e ela (SI).
94. B: Mas, mas depois a menina encontrou o passarinho dentro do ovo, do ovo perdido, e levou para casa. :::
95. L: Por favor...
96. B: E o pôs numa gaiola mas o passarinho queria tá solto, queria tá com sua mãe.
97. L: Então disse. A menina. Então disse a menina: (Coma voz do personagem) menina eu tô com saudades de minha mamá. :: Eu tô com saudades de minha mamá.
98. B: Disse o passarinho.
99. L: E ela desmaiou. E a menina desmaiou. :: (L falando para sua colega) Depois continuamos o resto, pode ser? (as duas alunas levantam o braço para chamar a professora). ::: (L falando após professora falar com B) Só a pessoa que vai escrever coloca o dedo no ar, B.
100. PROFESSORA: (Entrega a folha à L)

MOMENTO 4 – FORMULAÇÃO

36:45

101. B: Bota primeiro meu nome.
102. L: (L escrevendo e falando) L B, tracinho, B A. Dia vinte e sete **L** do dois [L B – B Al. 27 – 02 – 15]
103. B: (B falando enquanto L escreve) Vinte e sete do dois do quinze.
104. L: Já está. Começamos. ::: (A professora se aproxima para dar instruções de como escrever melhor com a caneta, L fala o título da história.) Qual era... O ovo especial, o ovo especial!
105. B: (B concordando e sorrindo) O ovo especial.
106. L: (L escrevendo em silêncio) [O ovo] (L falando pausadamente enquanto escreve) Es-pe-cial [especial].
107. B: (B lendo o título) O ovo especial.

Era uma vez uma menina que se chamava Lela. Um dia viu um ovo na floresta e levou-o para casa. No caminho deixou cair o ovo.

38:13

108. L: (L iniciando a escrita) Era... Tu ditas B.
109. B: (B começando a ditar a história enquanto L escreve em silêncio) Era :: uma, vez :: uma :: menina (L espirra e chama a professora, que lhe dá um lenço para assoar o nariz).
110. L: (L escrevendo em silêncio) [Era uma vez uma meni] (L retomando à história) Que se chamava Lili.
111. B: Que se chamava. Chamava :: Lili.
112. L: (L escrevendo enquanto fala pausadamente) Que se cha-ma-va... Que se chamava, Lili. Chamava-se Lili. Ponto final [na que se chamava Lili.].
113. B: Um dia...
114. L: Não, dita. Continua...
115. B: (B ditando enquanto L escreve) Um :: dia ::: Um dia.
116. L: (L escrevendo em silêncio) [Um dia]. Sim...
117. B: Um dia, foi... Ah não. Um dia :: viu um passarinho.
118. L: Não! Viu um ovo, na floresta.
119. B: (B ditando para L) Viu, um ovo, na floresta.
120. L: (L escrevendo enquanto fala pausada e simultaneamente com B) **L** Viu um o-vo, na flores-ta. E Le, vou-o [Viu um ovo na floresta e levou-o]

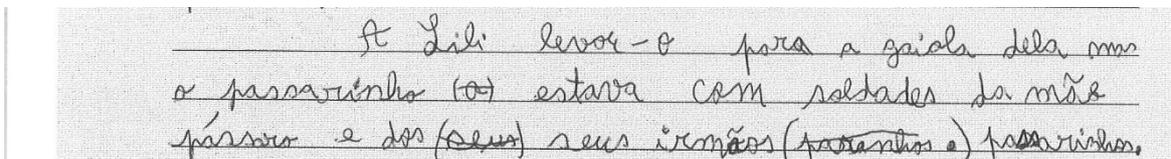
41:45

121. B: Para...
122. L: (L escrevendo em silêncio) [para] casa [casa] ::: (L lendo a história) E levou-o para casa.
123. B: Ponto final. :: (B ditando a história pausadamente) No, caminho, deixou... deixou... deixou...
124. L: (L escrevendo em silêncio enquanto B ditava) [No caminho] (B reclamando à sua colega) Não precisa dizer tantas vezes [deixou]
125. B: Deixou :: Cair
126. L: Ca, ir [carir].
127. B: O ovo.
128. L: Cair, o o-vo [o ovo]. Deixou cair o ovo.

~~(e o ovo)~~ partiu e lá estava ~~(lá)~~ um lindo
passarinho

129. L: E [e].
130. B: E... (SI) e o ovo não se partiu.
131. L: Não. E, o ovo escorregou e tava lá um passarinho, dentro. E o passarinho que saiu da casca. (L falando e escrevendo) E o [o]
132. B: E o ovo não partiu.
133. L: E o ovo...
134. B: Não partiu.
135. L: Partiu! E tava lá dentro um passarinho! :: (L falando simultaneamente com B e escrevendo) L E o o-vo, par-tiu [e o ovo partiu].
136. B: (B lendo a história baixinho)(S.I.) Péra...o ovo partiu e levou-o para casa.Deixe-me ver.(Lendo o que já está escrito).
137. L: E o ovo partiu. ::
138. B: E o ovo...
139. L: Para, para, para, parara papá... (cantando) Para!
140. B: E... lá...estava...
141. L: (L falando e escrevendo) E, lá [e lá] ::: (Falando ao mesmo tempo em que B) L es-ta-va, estava lá, um, passarinho [estava um].
142. B: Lá estava... Lindo...
143. L: Lindo :: passarinho. Pas-sa-ri-nho [lindo passarinho].
144. B: Ponto final.
145. L: (L perguntando à B) Parágrafo?
45:05
146. L: Um lindo passarinho. Deixa eu ler: O ovo especial. Era uma vez uma, era um vez uma menina que se chamava Lili. Um dia viu um ovo na floresta elevou-o para casa, no caminho deixou cair :: cair (L reescreve no texto) [(cair) cair].
147. B: E o ovo...
148. L: Pera. (L relendo a história) E o ovo :: E o ovo... E o ovo... E o ovo e o ovo? (L reescreve no texto) [~~e o ovo~~] partiu. (L falando baixinho e reescrevendo no texto) Partiu [~~lá~~] ::: (L relendo o texto) E lá estava um lindo passarinho.

149. B: (S.I.)



A Lili levou-o para a gaiola dela com o passarinho (o) estava com saltadas da mãe pássaro e dos (seus) seus irmãos (passarinhos e) passarinhos.

46:45

150. L: (L iniciando o segundo parágrafo, falando e escrevendo) A Li-li, le-voou [A Lili levou-o].

Acho que vou espirrar!:: A Lili levou-o,

151. B: (S.I.)

152. L: para, a gai-o-la dela [para a gaiola dela] :: E... Não, pera, maaas, o,

153. B: Passarinho!

154. L: .pas-sa-ri-nho... [mas o passarinho (o)]estava.

155. B: Falta doze... (referindo-se às linhas em branco na folha)

156. L: (L contando as linhas da página) Falta uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze!

157. B: Isso. Falta doze. Seis mais seis.

158. L: Cala! E o passarinho. Mas o passarinho... Aqui temos, uma frase, duas frases. Uma frase, duas frases, três frases, quatro frases. O passarinho. Mas o passarinho, es-ta-va, estava com [estava com], sau... saudades, saudades... "sodade ou soudade" ?

159. B: Soudades...soudades...

160. L: Soudades...saudades...

161. B: Sooooo.

162. L: Soudades, sou-da-des :: da mãe. Da mãe [soldades da mãe].

48:58

163. B: Passarinho! :: Pássaro.

164. L: Pás-sa-ro [passaro].

165. B: E dos seus irmãos.

166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) L e dos seus, seus... Mas como é 'seus'?

167. B: Seu, é seus...
168. L: É si com 'si' [e dos ~~seus~~]. :: É si porque se fosse com 'cê' era 'ceus'. Seus ir-mãos [seus irmãos] irmãos, pássaro [pa].
169. B: Passarinhos.
170. L: Irmão passarinhos [rinhos]. (L lendo o texto)
171. B: irmãos passarinhos :: que já morreram...
172. L: Deixa-me ler: O ovo especial. Era uma vez uma menina que se chamava Lili, um dia viu um ovo na floresta e levou para casa. No caminho deixou cair o ovo, deixou cair o ovo, e o ovo, deixou cair... o ovo... (L torna mais visível uma letra do texto) [o] o ovo :: Deixou cair o ovo...
173. B: (B indicando no texto) Aqui, pões por cima.
174. L: (L falando e reescrevendo no texto) E o o-vo [e o ovo] partiu :: e lá estava um lindo passarinho. A Lili levou-o para a gaiola dela mas o passarinho estava com saudade da mãe pássaro e dos seus irmãos passarinhos.
175. B: Quantas linhas nos faltam?
176. L: (L respondendo com ênfase) Onze! (B e L conversam a respeito da quantidade de linhas a serem escrita e futuras produções textuais). Mas ainda tem que fazer até aqui (apontando na folha).
177. B: Não...
178. L: Tá... até aqui. (Virando a folha)
179. B: (S.I.)
180. L: Então posso fazer... (contando as linhas) uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito e nove (S.I.) (Virando a folha e tornando a contar as linhas) uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito...
181. B: Então (S.I.) (apontando na folha onde devem terminar a história) Faz só mais três. (S.I.)
182. L: Na próxima fazes tu (S.I.)
183. B:

Um dia ela foi à floresta (de lá) devolver o
 passarinho à mãe e aos (seus) irmãos e viveram
 felizes para todo o sempre com (a) a (família)
 (sua) completa.

52:47

184. L: Passarinhos. (L mostrando a folha à B) Pas... Parinhos. Passarinhos, me enganei. [~~(parinhos)~~] pas-sa-rinhos [passarinhos] passarinhos. ::: (L falando e escrevendo) Um dia, a, foi à floresta. (L levanta o braço chamando a professora) Professora: um dia foi (falando com voz entonada) 'a'...
185. PROFESSORA: Diz...
186. L: Aqui, eu tô a escrever: um dia foi 'a' floresta, é 'a' de 'haverá'?
187. PROFESSORA: Não, é o outro 'a' normal que tem o acento **L**grave.
188. L: (Fala simultânea) Grave. :: Grave 'a' floresta de vo... enganei, [Um dia foi à floresta de v]. (L relendo a história) Um dia foi à floresta :: de-vol-ver o passarinho [~~(de-v)~~ devolver o passarinho]. ::: (L relendo o texto) Pera, um dia foi à floresta devolver o passarinho a, mãããe, 'a!' É 'a' de 'haverá'?
189. B: Amanhã.

55:58

190. L: A mãe e o... [a mãe e o]
191. B: Amanhã, amanhã eu vou trazer à casa...
192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e aos irmãos ~~(t)~~ e viveram felizes com ~~(f)~~ a família ~~(com)~~ completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

58:40

193. B: (B apontando para a folha) Não tem muitas linhas?
194. L: Não, tem uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete.
195. B: É muito!
196. L: Não é muito.
197. B: É pouco texto?
198. L: Eu faço o texto. Por favor, escute. :: (L retoma a leitura) O ovo especial. Era uma vez uma

menina que se chamava Lili um dia...

199. B: Eu quero ler.
200. L: Cala-te.
201. B: Eu quero ler uma vez!
202. L: (L retoma a leitura) Era uma vez. Pera. O ovo especial. (L coloca a folha na mesa para B ler).
203. B: (B inicia a leitura) Era uma vez uma menina que se chamava Lili.
204. L: (L coloca a folha à sua frente e inicia a leitura) Agora sou eu: Um dia viu um ovo na floresta e levou para casa (L coloca a folha à frente de B).
205. B: O quê?
206. L: Para casa... anda...
207. B: (B lendo o texto) No caminho deixou cair o ovo :: e o ovo partiu e lá estava um lindo passarinho.
208. L: (L pegando a folha de volta e lendo) A Lili levou-o para a gaiola dela mas o passarinho estava com saudade da mãe pássaro e de seus irmãos passarinhos.
209. B: (B lendo o texto) Um dia foi à floresta de...
210. L: Um dia ela (L reescrevendo no texto) [ela].
211. B: Um dia, foi...
212. L: Um dia.
213. B: Um dia ela foi à floresta devooooolver o passarinho à mãe e aos irmãos e...
214. L: Viveram.
215. B: Viveram felizes para todo o sempre com a família.
216. L: Pera aí. (L reescreve no texto) [~~família~~] Esta parte está mal. Fa-míl-lia-a [família].
217. B: Com a família completa! Com a família completa.
218. L: Família, completa. :: Pronto, já lemos mais de duas vezes, agora, leia esta parte (indicando o local na folha). Agora leia esta parte.
219. B: (Reiniciando a leitura do texto, alternando entre uma e a outra) O ovo especial.
220. L: Era uma vez uma menina que se chamava Lili. ::: Aqui (indicando na folha).
221. B: Um dia viu um ovo na floresta e levou-o para casa.
222. L: No caminho deixou cair e o ovo partiu e lá estava um lindo passarinho.
223. B: A Lili levou-o para a gaiola dela mas o passarinho estava com saudades da mãe pássaro e dos seus irmãos passarinhos.
224. L: Um dia ela foi à floresta devolver o passarinho à mãe e aos irmãos e viveram felizes para

todo o sempre com a família.

1:03:00

225. B: Sou eu outra vez.
226. L: (Reiniciando a leitura do texto alternando entre uma e outra) O ovo especial!
227. B: Era uma vez uma menina que se chamava Lili
228. L: Um dia viu um ovo na floresta e levou para casa.
229. B: No caminho deixou cair o ovo, e o ovo partiu, e lá estava um lindo passarinho.
230. L: A Lili levou-o para a gaiola dela mas o passarinho estava com saudades da mãe pássaro e dos seus irmãos passarinhos.
231. B: Um dia ela foi à floresta devolver o passarinho à mãe e os irmãos e viveram felizes para todo o sempre com a família completa. É isto!
232. L: (L levanta os braços para chama a professora). Tenho impressão de estar faltando alguma coisa, não acha?
233. B: (Balançando a cabeça negativamente e respondendo) Não.
234. L: (SI) Fizemos quantos? Uma linha, duas linhas, três linhas, quatro linhas, cinco linhas, seis linhas, sete linhas, oito linhas, nove linhas, dez linhas :: onze linhas, doze linhas, treze linhas... (Fala com ênfase) Treze linhas!! Treze mais sete? Treze... Catorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte. Umas vinte linhas.
235. B: Nós fizemos...
236. L: Não, nós fizemos treze, faltava mais sete, e nós tínhamos que escrever vinte linhas.
237. B: É tanto...
238. L: Vinte!
239. B: É muito.
240. L: Porque treze mais sete dá vinte
241. B: Treze mais sete, ai que fácil (risos).

01:07:43

242. B: Temos que fazer mais um bocadinho.
243. L: E a menina não...
244. B: Parágrafo...

245. L: (L lendo e escrevendo) Maaaaas. :: Agora eu faço como eu quero. Mas, a me-ni-na, fi-coou triste, por-que [Mas a menina ficou triste, por]
246. B: A mãe...
247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que ~~(no)~~ numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia ~~(f)~~ e a (ideias) ideia foi ela ir ~~(vezita)~~ visitar o ~~(pari)~~ passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu quiser continua...
248. B: (Respondendo negativamente com a cabeça)

01:13:27

249. B: Tá bom... Agora tá bom. ::: (B pegando a folha) Ah, vamos ler outra vez?
250. L: Agora eu, tu não deixou eu ler.
251. B: Deixa eu ler...
252. L: Eu leio tudo.
253. B: (B cruzando os braços) Não, tu é ruim.
254. L: Foi eu que escrevi. :: (L inicia a leitura do texto) O ovo especial. Era uma vez uma menina que se chamava Lili, um dia viu um ovo na floresta e levou-o para casa. No caminho deixou cair o ovo, e o ovo partiu, e ela estava, e ela... e lá estava um lindo passarinho. A Lili levou-o para a gaiola dela mas o passarinho, mas o passarinho estava com saudades da mãe pássaro e seus irmãos passarinhos. Um dia ela foi à floresta devolver a...
255. B: Aqui atrás tem outro nome, aqui atrás (interrompendo L e mostrando-a o seu crachá).
256. L: (L continua com a leitura) Passarinho à mãe e aos irmãos e viveram felizes para todo o sempre com a família completa. Mas a menina ficou triste porque nunca mais ia ver o passarinho, então teve uma ideia, e a ideia foi ela visitar o passarinho todos os dias e ela viveu feliz para sempre, fim (B levanta o braço para chamar a professora).

01:27:34

257. PROFESSORA: Diz, vamos.
258. L: (L inicia a leitura para sua professora) O ovo especial. Era uma vez uma menina que se

chamava Lili. Um dia viu um ovo na floresta e levou para casa, no caminho deixou cair o ovo

259. PROFESSORA: L leu o que lá fez?
260. L: Deixou 'carir'.
261. PROFESSORA: Pois é pra emendar, toma ver o que é, ver o texto como a gente ver. Continua.
262. L: E o ovo partiu, e lá estava um lindo passarinho. A Lili levou-o para a gaiola dela, mas o passarinho estava com saudade da mãe pássaro e dos seus irmãos passarinho. Um dia ela foi à floresta devolver o passarinho à mãe e irmãos passarinho.
263. PROFESSORA: Você leu 'irmãos'?
264. L: Irmão... E viveram felizes para todo o sempre com a família completa. Mas a menina ficou triste porque nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia e a ideia foi ela visitar o passarinho todos os dias e ela viveu feliz para sempre.
265. PROFESSORA: Uma frase, e na hora sem vírgula sem coisa nenhuma. Vamos lá, rever outra vez o texto a escrita.
266. L: (L falando com B e reescrevendo no texto) Ca-ir [cair]... E onde?
267. B: Foi...
268. L: Irmãos [Irmãos].
269. B: (B levanta a mão) Professora.
270. L: Já tá.
271. PROFESSORA: (Professora falando longe da díade) O quê? Eu tinha ido agora acabado, tinha aí tuas palavras pelo menos pra emendar... Já emendaram as palavras?

01:29:52

272. L: (L respondendo afirmativamente com a cabeça) Sim. (L e B mostram as palavras que foram reescritas no texto à professora) Cair, e irmãos.
273. PROFESSORA: E lá em cima?
274. L: Aqui, irmãos.
275. B: (Indicando no texto) Aqui.
276. L: Irmãos.
277. PROFESSORA: Não é para riscar nada, é só pra ficar assim... :: Tu dizes 'visitar' ou 'vesitar'?
278. L: Vesitar.
279. PROFESSORA: Vesitar?!

280. L: Visitar!
281. PROFESSORA: Rápido.
282. L: (L reescreve no texto) [veisitar]]
283. PROFESSORA: É pra terminar?
284. B: (Respondendo afirmativamente com a cabeça) Sim.
285. PROFESSORA: (Professora recolhe a folha da díade. Após um certo tempo, a professora entrega duas folhas às meninas, uma para cada, para que ela façam um desenho).

**Anexo IV – Transcrição do Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-
Aranha com o Lobo”**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
LABORATÓRIO DO MANUSCRITO ESCOLAR
PROJETO INTERWRITING – AVEIRO 2015

GRAU DE ESCOLARIDADE: 2 º ANO

PROFESSORA: Eugênia

FILMAGEM: 6ª

TEXTO: A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo

DATA: 06/03/15 (sexta-feira)

DUPLA: B / L

CAMERAMAN: Mayara Cordeiro

TRANSCRIÇÃO: Alessandra Oliveira

REVISÃO DA TRANSCRIÇÃO: Mayara Cordeiro

TEMPO: 01: 33: 20 [filmagem]

TEMPO: 01:16:53 [iniciam desenho]

Número de díades: 11

Observação: A turma é composta por 21 alunos. Por isso, a díade 11 é formada apenas por um aluno.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO EM WORD

Obs.: deve-se considerar que essas normas servirão de apoio para o ELAN, e poderão ser reajustadas em função de suas especificidades.

1. Nomeação do arquivo:

- a. Para evitarmos confusões e perda de trabalho feito, cada arquivo deve ser nomeado do seguinte modo: **003_20 04 2012_CAIO_IGOR [1]**

Onde:

003 = número da filmagem

20 04 2012 = data da filmagem

CAIO_IGOR: dupla filmada (colocar sempre os nomes em ordem alfabética)

Colchetes indicando a versão da transcrição. A cada vez que versão for enviada para Calil, este número deve ser alterado para que ele saiba qual é a versão mais recente.

2. Margens: Superior e esquerda 3cm; Inferior e direita 2cm;

3. Usar a fonte Times New Roman 12, espaçamento 1,5 (sem espaço entre as linhas), modo justificado, para toda a transcrição.

4. Manuscrito escolar:

- a. Antes de se iniciar a transcrição, apresentar a **imagem do manuscrito escolar**. Em outra página (usar o recurso “quebra de página”), apresentar a “transcrição normativa”, com correção ortográfica e apenas os sinais de pontuação mais importantes. Cada sinal de pontuação e a letra maiúscula correspondente, acrescentado pelo bolsista, deve ser destacado em vermelho, para sabermos que não foi o aluno que o fez.
- b. No momento, não faremos a **transcrição normativa**. Isso poderá acontecer posteriormente, em função das questões de pesquisa de cada pesquisador.
- c. Para os dados da Escola Criar não será necessário a **transcrição diplomática**, uma vez que é possível ler bem, na maior parte dos casos, o texto original. Este tipo de transcrição, caso necessária, poderá ser feita pelo pesquisador, em sua dissertação ou tese.
- d. A partir do momento que a dupla escrever, após a indicação do tempo que vem acontecendo a cada 2 ou 3 minutos de filmagem, deve-se colocar a imagem do

fragmento do manuscrito escolar. Este fragmento corresponderia ao que foi escrito naquele momento do diálogo, durante aquele tempo cronometrado e deve ser apresentado antes de se iniciar a transcrição deste trecho. Assim, o leitor poderá ver primeiro o produto final (imagem do fragmento do manuscrito) e depois terá acesso ao que foi conversado durante o momento em que este fragmento foi escrito. O tamanho de um fragmento não deve ultrapassar a escrita de duas ou três frases.

5. Rubrica:

- a. É graficamente indicada apenas pelo uso de parênteses, podendo estar posicionada antes, no meio ou no final da fala do aluno. Esta decisão deve respeitar o momento em que o evento aconteceu.
- b. Tem por função recuperar o contexto visual, pragmático e sonoro da filmagem. Com foco sobre os elementos importantes para a compreensão do processo de escritura em ato, ela deve conter informações contextuais, paralinguísticas, suprasegmentais, entonacionais, gestuais, expressivas, indicações de quem escreve, das direções do olhar, de quem está falando em *off*, do tom de voz ou entonação, etc.
- c. Na rubrica, indicar quando a escrita é simultânea à fala, se o modo de falar foi silabado, o tom de voz do aluno ou algum outro caso em que há a voz acompanha o texto.

6. Colchetes:

- a. Os colchetes indicam **o que o aluno escreveu no momento em que escreveu**. A cada momento que algo foi grafado ou rasurado sobre a folha de papel, deve ser indicado na transcrição. Exemplos:
 - i. O aluno está falando “era uma vez”, mas escrevendo “veis”, a notação deve ser: Caio: era uma vez [veis].
 - ii. O aluno está em silêncio e escrevendo: (Caio escrevendo [era])
 - iii. O aluno escrevendo enquanto o outro fala: Igor: (falando com ênfase) Tem que colocar era uma (Caio escrevendo [era]) vez.
 - iv. O aluno rasura: Caio: Eu acho que errei (rasurando o ‘i’ e o ‘s’[veis])

7. Fala sobreposta:

- a. Quando houver fala sobreposta, indicar como sinal **L**, acompanhada de rubrica no turno que se sobrepôs à fala de quem estava falando. Por exemplo:
 67. PROFESSORA: já deu mais ou menos pra ter uma ideia como vai fazer :: depois é a **L**Marília né.
 68. IGOR: (falando junto com a professora, chamando-a) tia!

8. Numerar automaticamente todos os turnos de fala. É imprescindível que a numeração seja automática para que o trabalho não precise ser refeito quanto houver engano na marcação do turno, e for necessário acrescentar ou retirar turnos.
9. A transcrição não pode ser feita dentro de uma tabela.
10. Marcar o tempo cronometrado a cada 2 a 3 minutos.
11. Dividir a transcrição em sete momentos, quando houver:
 - a. Momento da organização da sala;
 - b. Momento da leitura ou da roda de conversa;
 - c. Momento da apresentação da proposta/consigna (geralmente a filmadora está dirigida para o quadro branco);
 - d. Momento do planejamento (combinação) da diáde;
 - e. Momento da formulação/tradução (escrita);
 - f. Momento da leitura para a professora;
 - g. Momento do desenho.
12. Rasura:
 - a. Quando for possível recuperar o que foi rasurado: [~~pela~~]
 - b. Quando não for possível recuperar o que foi rasurado [xxxx]
 - c. Quando algo for acrescentado, suprimido, deslocado ou substituído graficamente, isso pode ser informado pela rubrica, sendo necessário colocar entre colchetes o que foi de fato grafado.
13. Deve-se transcrever toda a filmagem, desde o momento em que se estiver captando a voz do aluno e da professora até o momento em que terminam o manuscrito e a professora o recolhe. Caso tenha sido filmado o momento em que desenham não é necessário transcrever, apenas fazer a descrição detalhada do que aconteceu neste momento.
14. A partir do momento em que os alunos começam a escrever, sublinhar sempre o nome do aluno que está escrevendo. Isto é, deixar sublinhado o nome no início do turno. Deste modo, sempre ficará claro quem está com a caneta na mão. Se houver mudança de caneta, deve-se mudar o sublinhado, indicando quem está neste momento com a caneta na mão.
15. Usar (SI) para segmento ininteligível.
16. Usar :: para pausa curta (até mais ou menos 3 segundos); usar ::: para pausa média (mais do que 3 segundos). Dependendo da pausa, a rubrica pode complementar a informação.
17. Repetir a vogal ou a consoante quando foi foneticamente prolongada pelo aluno.
18. O bloco destaca o tempo (minuto:segundo).

19. Iniciar turnos de fala com letra maiúscula, exceto quando a mudança de turno for proveniente de interrupção de outra pessoa. (1) Se, após a interrupção, o falante continuar sua fala, seu turno é antecedido por reticências e iniciado com letra minúscula. (2) Quando houver interrupção, mas o falante que interrompeu der continuidade à fala do enunciador anterior, deve-se manter reticências e letra minúscula.

(1)

70. MARÍLIA: Aí, o cachorro.

71. SOFIA: Tia!

72. MARÍLIA: ... faz au-au e o gato miau.

(2)

80. SOFIA: ...den... tro (Sofia falando, de forma segmentada, e escrevendo[dentro]).

81. MARÍLIA: ...do vulcão... **L**

82. SOFIA: ...do vulcão (Sofia escrevendo [vucão]).

20. Quanto à grafia de algumas “expressões”, deve ser escrito: humrum, hum, ô, ó, oia, pra, tá, tô, hã, ah, tava, oxe, eita, né, nera, per aí, num.

21. Os alunos costumam omitir, no caso de verbos no infinitivo, o “r” final. Outra situação é a escrita de “vamo” para “vamos”, “dexa” para “deixar”. Deve-se também transcrever “andar”, “correr”, “vamos”, “deixa”. Ou seja, escrever ortograficamente, exceto nos casos mencionados no tópico 20.

22. A silabação é marcada pelo uso de reticências. Por exemplo, Sofia está falando e escrevendo “girafa” de forma silabada. Deve ser transcrito gi... ra... fa.

/ _____

06-03-19

A Capuchinho e o homem aranha com o lobo
 Era uma vez ^{uma} menina chamada ~~Capu~~
~~chinho~~ Capuchinho ^o gêmeo que tava para
 ir para casa ~~capu~~ a pt na floresta ~~da~~ e ou
 viu um ruído do lobo lobo mau.

Mas o homem aranha tava em cima
 de uma árvore alta e com a teia apresen-
 deu ~~o~~ ^o lobo e salvou a Capuchinho ~~o~~
~~o~~ gêmeo. E o homem aranha é alto mas
 a mãe da Capuchinho disse:

- Obrigada por salvar a Capuchinho gêmeo.

A mãe ~~da~~ Capuchinho gêmeo
 ficou feliz com o homem aranha.
~~(A)~~ e viveram felizes para sempre.

Texto Dialógico e Manuscrito oral

A equipe do L'ÂME envolvida com o projeto InterWriting em Portugal- Mayara Cordeiro e Maria Manuel – organizam os equipamentos e procedimentos necessários para dar encaminhamento à 6ª proposta de produção de texto.

MOMENTO 1- ORGANIZAÇÃO DA SALA

00:00

(A equipe do InterWriting inicia a montagem dos equipamentos. Enquanto a sala está sendo organizada, as crianças falam ao mesmo tempo fazendo um barulho ininteligível.).

09:06

(As duas alunas já estão na mesa, com equipamento instalado, aguardando os microfones serem ligados e o início da atividade).

1. MAYARA: (Aproximando-se da mesa para ligar os microfones) Muito bem, fala o seu nome completo.
2. L: L B
3. MAYARA: L B. E a data de hoje?
4. L: Dia seis de março de dois mil e quinze. (Mayara termina de instalar o microfone e passa para B).
5. MAYARA: Muito bem me fala o seu nome completo.
6. B: B A.
7. MAYARA: B A. E a data de hoje?
8. B: Dia seis... de março...
9. MAYARA: (Falando ao mesmo tempo que B) L De dois mil e... quinze.
10. B: E quinze.

(Após os microfones serem ligados Maria Manuel e a professora Eugênia arrumam a mesa das alunas, que permanecem sentadas aguardando o início da atividade. Elas conversam

um pouco em voz baixa mas o diálogo é ininteligível).

MOMENTO 2- APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA/CONSÍGNA

13:18

11. MAYARA: Bom dia!
12. ALUNOS: (Respondem em uníssono) Bom dia!
13. MAYARA: Hoje é a nossa última sessão em díades, com as câmeras. Hoje é dia seis de do três de dois mil e quinze, a nossa sexta sessão aqui na escola. Vamos lá! Três...dois...um. (Mayara contando para bater a claquete, após isso a equipe se retira da sala e a professora Eugênia dá início à atividade)
14. PROFESSORA: Bom dia meninos.
15. ALUNOS: (Respondem em uníssono) Bom dia!
16. PROFESSORA: Mas uma vez nós vamos ter a nossa aula de português...
17. ALUNA: (Aluna interrompe a professora) A escrita de textos.
18. PROFESSORA: E como é hábito... (Aluna interrompe novamente, mas sua fala é ininteligível) :: E vamos então na área do português, escrita de textos, conforme disse a L, vamos... hoje, é... trabalhar o seguinte. É... antes de trabalhar, antes de eu vos dizer sobre o que que vai ser hoje... É...eu vou chamar atenção novamente para na folha (mostra a folha para os alunos indicando o que deve ser feito) apenas escreverem o nome e a data nesta linha mais escura, não esquecer... O título vocês tanto podem o escolher logo de início como no final, já vos tinha dito. Se quiserem escrever só no final... por se dá de alguma forma mais lógica, porque eu posso escrever o texto e depois o título que eu botei no início pode não se adequar. (S.I) tu estás a ouvir, ou não? (dirigindo-se a um dos alunos) ... Pode não se adequar àquilo que vocês escreveram. Façam como entenderem, mas deixem a primeira linha sempre para o título. E vou pedir outra coisa. Há meninos que depois me pedem segunda folha e deixam aqui duas linhas de intervalo... não deixem. Coloquem o título, seja no princípio ou no final que vocês escrevam, é na primeira linha e depois nas outras é para começar logo a escrever o textinho. Com parágrafos, com todas as regras que um texto tem que ter. Vocês já sabem. As frases, mas uma vez peço: tenham atenção. Não façam frases com três e quatro linhas...Ô L, tu estás a fazer isso mas tu é uma das que não cumprem essa regra. Façam frases curtas, com sentido, coloquem vírgulas onde vocês acham que é para

colocar, os pontos finais. Quando é alguém a falar, tem que ser numa linha diferente. Eu não posso colocar uma pessoa a falar e a seguir, eu ter feito um...ummm... a narrar alguma coisa. Né? então, tenho que ter a indicação de que a pessoa vai falar... e para ir alguém a falar tem que ter o que antes?

16:18

19. ALUNO: Travessão.
20. PROFESSORA: Travessão! A pessoa acaba de falar, vai falar outra, também se muda de linha e voltas a contar... Travessão! Acaba a pessoa de falar, vocês após a fala podem colocar um hífen, um tracinho e dizer: Disse fulano de tal, ou exclamou não sei quem, ou interrogou não sei quem. Dependendo do sinal de pontuação que vocês lá coloquem. E depois, se eu vou continuar a história e não fala mais ninguém, eu posso colocar a frente a personagem que falou, correto? Pronto! Atenção que as linhas, estão até aqui, a margem está até aqui (apontando na folha) eu não posso passar dessa margem. Porque essas folhinhas depois, ao serem vistas, analisadas nas máquinas que são para ser, se sai fora (referindo-se à margem), não dá pra ver a história, já não dá para ler. Tá bem? Isso é uma das coisas. Depois... e nem podem traçar abaixo, quando acabar a linha vocês pedem outra folha para passar o resto da história. Outra coisa, que eu tenho dito constantemente, mas não começo logo no início a estar a dizermos. Os dedos, já sabem que as estrelinhas (referindo-se aos asteriscos que aparecem na caneta quando ligada) estão sempre viradas para...
21. ALUNOS: Cima! (Em uníssono)
22. PROFESSORA: ...Cima! Há pessoas que não escrevem assim, não é nada! A caneta tem que estar assim (mostrando como se faz), certo? Os dedos não passam abaixo da faixinha (referindo-se à borrachinha da caneta), por quê? Porque essa parte aqui (referindo-se à microcâmara da SmartPen) tem que apanhar tudo que vocês estão a escrever. Se vocês me colocam o dedo à frente (da microcâmara), parte do vosso trabalho, já não fica registrada, nessa caneta. E não é para estarem aqui a ver assim... ela ainda não está ligada, porque se estivesse ligada eu não estava a fazer isto. Não é para estarem assim a olhar e a virar assim... Não! A caneta é como se fosse uma esferográfica qualquer que vocês têm na mão. Vamos cumprir a regra: não passar os dedos pra baixo da faixa... a menos que esteja assim, cá pra baixo. Se porem o dedo aqui na frente tudo que escreveram não aparece. Tá entendido? Porque aqui fica gravado o vosso textinho também. Tá entendido?

23. ALUNOS: Sim. (Em uníssono)
24. PROFESSORA: Alguém que não entendeu? Tá ali o Francisco a fazer uma cara de poucos amigos. Percebestes ou não? Pronto! :: Esta é a parte sobre as folhas que é importante. Então a história a dois é :: O tema, vocês é quem vão criar o tema. E depois, logicamente, o título. Mas na vossa história, vocês sabem o que é que são os personagens, nós já falamos disso várias vezes. São o que? Elementos que podem ser pessoas, alimentos, animais, plantas, que entram na...

19:13

25. ALUNOS: História! (Em uníssono)
26. PROFESSORA: Então, pelo menos, três personagens são obrigatórias, que já vou dizer quais são. E depois podem inventar outras a participarem também na vossa história. :: O Capuchinho Vermelho e o Homem-Aranha a lutarem contra o Lobo Mau. Toda a gente sabe quem é o Capuchinho Vermelho? Toda a gente sabe quem é o Homem-Aranha? Toda a gente sabe quem é o Lobo Mau? E além desses... Olha, esses três personagens tem que estar na vossa história, obrigatoriamente. Capuchinho Vermelho, Homem-Aranha, Lobo Mau. E tem que haver uma luta, pronto! Ali qualquer coisa entra o Lobo Mau, o Homem-Aranha, o Capuchinho e o Lobo Mau. Podem entrar outros personagens que vocês queiram. Ok? E a história que vocês inventam tem que ter essas personagens. Podem inventar outras, e colocar lá. Vejam onde é que se passa a história, quando é que se passa, como é que se desenvolve toda a história. E depois a conclusão a que chegam. Lembrem-se que um texto tem que ter: princípio, meio e fim. Ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão. Não deixem uma história ao meio. Tá bem? E tem que dar o vosso melhor :: Diz. (Falando com um aluno que faz uma pergunta)
27. ALUNO: (S.I.)
28. PROFESSORA: Introduzir é dizer...
29. ALUNO: (S.I.)
30. PROFESSORA: Ao começar a história estás a identificar as... os personagens que entram na história, onde é que ela vai se passar...e aí acaba por ser a introdução. E quando. Essa é a parte introdutória da história. E depois é que se desenvolve o que vai acontecer durante a história e pronto. Tem agora tal tempinho para... (Chamando a atenção de alguns alunos) Olha, ainda não dei :: Tem agora tal tempinho para combinarem entre vocês, (Falando em

voz muito baixa) já sabem o tom de voz. Não fama acima disto (referindo-se ao tom de voz que produzira). Estou meia surda. E estou rouca, e a cada vez fico pior. Então é assim... então é assim: cada grupo agora vai pensar, organizar as ideias, ver sobre o que que vão escrever. Estas três personagens tem que entrar, lembrem! Podem pintar outras mas estas tem que estar e tem que ser uma luta entre o Capuchinho Vermelho, o Homem-Aranha contra, contra o Lobo Mau. Pronto. Podem entrar outras personagens mas essas têm que lá estar. A partir agora vocês combinam entre vocês, quando estiverem preparados o que escreve coloca o dedo no ar. Ok?

MOMENTO 3 – PLANEJAMENTO

22:10

31. L: (Virando para B, L começa a planejar a história) É assim, eu tive uma ideia que era uma vez uma menina chamada Capuchinho Vermelho que um dia... um dia foi...foi para a casa da vovó :: um lobo apareceu porque ele queria comer a Capuchinho. Chegou lá o Homem-Aranha e... e salvou a Capuchinho. (S.I.)
32. B: Agora sou eu. E depois o Lobo tentou comer a Capuchinho mas o Homem-Aranha salvou ela.
33. L: Eu já disse essa parte.
34. B: E depois o Homem-Aranha lutou com ele e a Capuchinho... :: e a Capuchinho...
35. L: Outra vez... E depois...
36. B: Me diz o título.
37. L: Não disse o título ainda?
38. B: Não.
39. L: Eu digo a frase do Era uma vez.
40. B: Eu digo primeiro: Era uma vez uma...
41. L: (Interrompendo B) Não! Eu tenho uma.
42. B: Qual?
43. L: Era uma vez uma menina chamada Capuchinho Vermelho que um dia foi à casa da avó. E o lobo viu-a e queria comê-la. Capuchinho viu o lobo a querer comê-la e ficou cheia de medo. Mas o Homem-Aranha salvou-a.
44. B: Não...
45. L: Mas o homem aranha a salvou-a.(Ambas param para pensar) ::: Eu não sei! O que fazer o

começo da história...

46. B: Deixa... deixa eu fazer a primeira frase. Era uma vez uma menina chamada Capuchinho Vermelho. Tava a ir para a casa da avó, porque ela tava doente. Depois apareceu Lobo Mau, tava com muuuita fome e ele tentou comê-la, mas o Homem-Aranha que seguiu-a, salvou-a.
47. L: Pode ser...
48. B: Agora és tu.
49. L: ...Um dia... A Capuchinho Vermelho saiu de casa outra vez, para dar um abraço à avó...mas...
50. B: O Homem-Aranha...
51. L: Mas o Homem-Aranha...não! Mas depois o Homem-Aranha apareceu e disse...
52. B: E levou-a.
53. L: E disse assim: Deixa-me ir contigo porque é para o Lobo Mau não aparecer mais hoje para te comer.
54. B: Olha só... Mas o Homem-Aranha... não viu nada e se foi...
55. L: Mas...
56. B: Mas o Lobo Mau estava atrás de casa e depois o Homem-Aranha achou estranho, foi para cima do telhado e viu lá, no... a pegá-la e ir atrás dela e o Homem-Aranha... ele enrolou o... no lobo...

25:23

57. L: Mas assim é só... mas espera aí, espera aí, espera aí... Assim é só o Homem-Aranha com luta a vencer, e tem que ser a Capuchinho vermelho e o Homem-Aranha contra o Lobo Mau, percebestes? (L tentando explicar que a Chapeuzinho Vermelho também deve participar das lutas)
58. B: E também, a Capuchinho deu um murro na cara!
59. L: Já sei! Vamos fazer primeiro... a primeira frase assim: E depois...
60. B: Eu sou a primeira!
61. L: L Agora sou eu, agora sou eu... Já dissestes a primeira frase...
62. B: A primeira sou eu.
63. L: Mas já dissestes a primeira frase e agora eu vou dizer a segunda. (Voltando a ditar a história) Um dia, a Capuchinho Vermelho foi tarde para a casa da avó dar-lhe um abraço

e o Homem-Aranha foi com ela. O lobo apareceu à casa da avó, né? Mas lá na casa da avó... e ia para comer a Capuchinho, mas quando ia para comer a Capuchinho o Homem-Aranha e a Capuchinho deu-lhe um murro na cara e ele pá! (Fazendo os movimentos da luta) Desmaiou.

64. B: E depois, cortaram a barriga e poram lá pedras. Para ele nunca mais levantar.
65. L: E depois caiu ao lago :: Mas o... o... (S.l.) chegou lá e cortou-lhe a barriga, tirou as pedras dele e depois voltou ao normal. Mas teve que cozer a barriga. Foi ao médico cozer a barriga e o Homem-Aranha e a Capuchinho Vermelho... e a Capuchinho Vermelho estavam lá. A serem tratados porque tinham levado um corte... um arranhão do homem...um arranhão do Lobo aqui (Apontando para o rosto) na cara. Mas depois veio o Lobo. Aí...mas quando viram o Lobo...
66. B: Foram para a casa do Homem-Aranha.
67. L: Não, mas espera. Tínhamos que dizer ponto final nesta frase. Até que eles deram um murro na cara do Lobo Mau e encheram de pedras, ponto final. Certo dia...é...certo dia...ahh... certo dia, deixa-me ver... :: certo dia foram para o hospital porque tinham um arranhão do Lobo Mau... Porque o Lobo Mau tinha lhes arranhado quando caiu. Para o Lobo Mau... depois... Não, Péra, péra... tem que ser uma história curta.
68. B: Pronto, L.
69. L: Tô falando o resto, falando o resto. Pronto, põe o dedo no ar (B levanta o braço sinalizando que já terminaram o planejamento).
70. B: E primeiro eu...eu faço. (A professora aproxima-se da mesa, ativa a caneta na folha e entrega para as alunas)

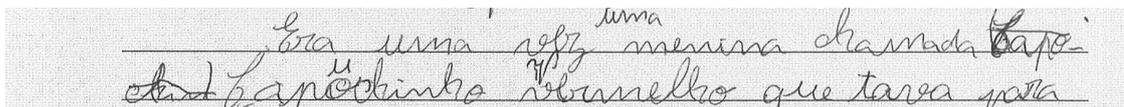
MOMENTO 4 – FORMULAÇÃO

28:48

71. L: Escreve o teu nome e o meu.
72. B: (B escrevendo e ditando em voz baixa) B A].
73. L: Eu tenho que te ditar... Porque tu também me ditasse quando eu estava escrevendo.
74. B: Anda L, dita! (Esperando L começar a ditar para voltar a escrever)
75. L: Tá bem, eu dito. (L cantarola uma música, mas é ininteligível) Anda, põe um traço e agora.... (B escrevendo [-L B]) Data...deixa um espacinho e data. (Checa a data no quadro) Dia seis do três de dois mil e quinze, anda, põe (B escrevendo [-06 – 03 – 15]) Agora... pode

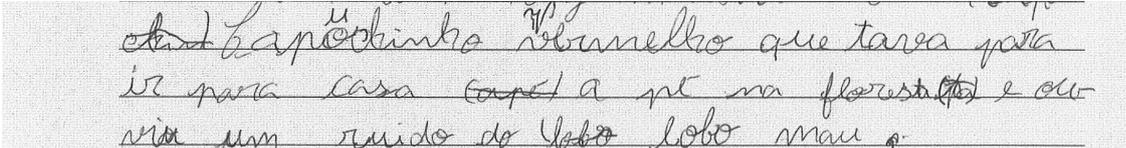
deixar de um jeito, depois vê o título... Deixa aqui o título (Apontando a linha no papel) Pula uma linha e começa. Não... título aqui...deixa duas linhas de dedo e começa.

30:24



76. B: Tá. (Esperando L começar a ditar)...Tá.
77. L: Era uma vez...
78. B: E... ra... (Escrevendo [Era uma])
79. L: Escrito por favor. E...ra uma vez... (B escrevendo [vez])
80. B: **L** Era uma vez... uma menina...
81. L: Lembra-te dos textos. Agra quando teus textos (S.I.) (L fala rapidamente).
82. B: Uma...me...ni..na...cha...ma...sê...Ca...capu... chiii... ô Professora, (Levantando o braço e perguntando á professora) Capuchinho é com “chi”?
83. PROFESSORA: “CH”, de chuva.
84. B: Chin... (Escrevendo [uma menina chamada capochin])
85. L: É com letra maiúscula!
86. B: Não é não. É Capuchinho.
87. L: Apois... Capuchinho... Capuchinho é com letra maiúscula... é o nome de uma pessoa.
88. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente [(eCapochin) Capochinho]).
89. L: Queres fazer outras sete aonde. (S.I.) Já fizemos duas, então vinte... vinte... já fizemos duas (Calculando o número de linhas que vão escrever com as mãos).
90. B: é muito...
91. L: Dá dezoito... Anda, continua! (Lendo onde B parou) Capuchinho... ca...pu...chi...nho...
92. B: Era uma vez...uma menina chamada (Lendo desde o início)... Capuchinho... (Voltando a escrever [Capochinho]) Capochin... nho, ver...me...lho...[vermelho].
93. L: Escreve só Capuchinho, não escreve vermelha.
94. B: Tá...
95. L: Capuchinho.
96. B: Era uma vez uma menina chamada... (Se distraí com o colega ao lado)

33:10



O Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa (após a pt na floresta) e ouviu um ruído do lobo lobo mau.

97. L: Anda, anda, anda! (Balançando o ombro de B).
98. B: Tá bem (sorrindo) :: Professora! Professora, posso pegar um lenço? (A professora entrega um lenço para B e ela assoa o nariz, depois volta a escrever) Era uma vez uma menina chamada Capuchinho Vermelho. Ia para... Tava... tava... (S.I.) (Fala algo ininteligível para o colega ao lado e depois volta a escrever) E depois eu quero um lenço também (quando a professora entrega um lenço a um aluno).
99. L: Já acabaste!?! (se virado para B)
100. B: Vermelho...vermelho... que :: tava...
101. L: E depois eu boto o (S.I.) na minha mão. Aaaaaah.
102. B: L!
103. L: O que que foi? (B chama sua atenção para o texto e ela vê o que já está escrito) ::: Anda, continua (L chama a atenção de B, balançando o braço da mesma).
104. B: Que tava... [que tava]
105. L: Que tava ser (S.I.). Ah, não. Que tava... gritando fraquinho para o Homem Aranha! (risos)
106. B: Que tava pa... que... (falando com o colega ao lado enquanto L se distraí com um elástico de cabelo) que tava para [para ir]

35:57

107. L: (Fala brincando com o elástico) Tu fez o meu pró, meu próprio trabalho... :: A minha mãe disse para fazer isto... nos dedos... (S.I.) (L continua brincando com o elástico por um tempo enquanto B observa).
108. B: Próxima faz você... eu não me lembro... (Pensando sobre o texto).
109. L: Tu sabes... Eu tô (S.I.)
110. B: Êpá, Ô L... (L continua entretida com o elástico, cantarolando e enrolando nos dedos, enquanto B dá continuidade à escrita) para ca...sa...a... pé... à pé... [para casa após] à pé...

à... pé... (Rasura [(apé)] e reescreve logo após [a pé na])

111. L: Não era assim que eu queria! (referindo-se ao elástico no dedo) ::: Deixa eu ver quantas linhas já fez... tu já fizeste três, faltam dezessete, certo? (Falando algo sobre o número de linhas)
112. B: Dezessete... (Assente com a cabeça)
113. L: Pensei ter contato errado, porque...
114. B: Dezessete, credo! Dezessete...
115. L: Um dia fui eu a escrever contei as linhas e eram vinte. E depois, agora fizestes mais três, e ainda faltam dezessete, acho eu. (Inclinando-se sobre o texto, começa a contar as linhas que faltam) (S.I.)
116. B: Ai! Olha, solta! (Chamando a atenção de L). Olha, tem que ter cuidado com isto! (Referindo-se ao gravador)
117. L: vinte, dezenove, dezoito,... Faltam dezessete, é verdade. (Observando o que já está escrito) Tá bom, anda, continua!

38:20

lá para casa (após) a pé na floresta (ta) e ouviu um ruído do lobo lobo mau

118. B: À pé na floresta...flo...res...ta... [flores]
119. L: É melhor você fazer ditado, B.
120. B: O quê?
121. L: Não é preciso fazer (S.I.) continuar fazendo... (Fala algo ininteligível e volta a brincar com o elástico, cantarolando)
122. B: Flores...ta...e... ou...viu...ou...viu...ouviu [flores ta e ouviu]
123. L: Ouviu...ou... deixa eu ver. (Lendo o que está escrito)
124. B: Ouviu!
125. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... Louviu... tá certo...Não! ouviu é com "u". No final.
126. B: (Rasura a palavra escrevendo o "u" por cima do "o" [ouviu]) Ouviu...
127. L: Um ruído.
128. B: Um ruído?

129. L: Do Lobo Mau.
130. B: Ruído: (Escrevendo [um])
131. L: Do Lobo Mau!
132. B: Um ruído...é com ó? (Levanta o braço para tirar a dúvida com a professora)
133. L: Não sei. (S.I.) Cheira muito bem. (Referindo-se ao elástico).
134. B: (A professora aproxima-se da díade e B pergunta) Professora! Professora, ruído é “u”?
135. PROFESSORA: Ruído? (B assente com a cabeça) É! Mas é ruído de quê? De barulho? Ou ruído de roer?
136. B: L (As duas alunas falam ao mesmo tempo) De barulho!
137. PROFESSORA: Tá bem!
138. B: Ru...i...do... (Escrevendo [ruído])
139. PROFESSORA: L, me dá cá isso. (Pegando o elástico com o qual L estava brincando)
140. B: Ruído...do...lobo...lo...
141. L: Lo...
142. B: Lobo... [do lobo].
143. L: ...bo... Mau! mau... parágrafo. Anda! Aqui... e aqui também... lobo (B escreve [mau] depois volta para riscar as palavras já rasuradas anteriormente, que estavam apenas entre parágrafos: [~~Capochin~~], [~~apé~~])
144. B: É com “o”?
145. L: Lobo é com “o”, nos dois., e no fim.
146. B: Ah! Lo...bo...mau...mas... (S!) ponto final. [~~lobo~~ lobo mau.]

41:22

Mas o homem acabou tarde em Lima

147. L: O... mau... (Lendo o texto escrito)
148. B: Mas... [Mas]
149. L: Quatro linhas pra baixo...
150. B: Que tem?
151. L: Anda, continua!
152. B: Quantas linhas agora a tem!?
153. L: Anda!

154. B: Mas, o homem aranha, mas... ho...mem... [o ome].
155. L: Homem é com “h”.
156. B: Ai (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home]). Homem, obrigado.
157. L: Homem aqui é com mê... mem...
158. B: Homem... (B acrescenta o “m” no final [homem])
159. L: Aranha...
160. B: Aranha...
161. L: Sabe como é que se escreve aranha? Escreve...
162. B: Aranha?
163. L: Aranha... (cantarolando)
164. B: **L** (Ditando juntas) A... ran... nha... Aran... nha... [aranha] .
165. L: E agora continua...
166. B: Aranha...
167. L: Tava em cima...
168. B: Ta... [ta] Continue me ditando.
169. L: Que venha... :: Continua! Anda, continua.
170. B: (S.I.) Péra! Uma, duas, três, quatro, cinco... (Contando as linhas em voz baixa) Catorze.
171. L: Péra! Uma, duas, três, quatro, cinco. Assim que temos algumas linhas. Péra, péra, péra, péra, deixa-me contar: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze.
172. B: Obaa!
173. L: Bom, vamos, achei que tinha contado mal. Faltam catorze linhas, já podes continuar :: Continua garotaa... para veeer... catorze linhas... (Começa a fazer um movimento de abre e fecha com as mãos). Vou fazer isso até tu acabares as catorze linhas.
174. B: Para de fazer (B referindo-se aos gestos de L com as mãos) (Volta a escrever) Ta... va...[tava] O Homem-Aranha tava em... em...cima!
175. L: Arranha (gesticulando com a mão referindo-se ao seu nariz) e não (S.I.)
176. B: Em cima... em cima...cima...ci...ma... [em (s)cima] Aqui, três?

44:05

de uma árvore alta e com a ajuda apressada do ~~o~~ arvore e salvou a Capuchinho ~~o~~ ~~o~~

177. L: Três linhas. Não, péra, péra, péra. São quatro. Faltam-te catorze... não é?
178. B: Três.
179. L: Não, péra, péra. Acaba aqui então, botou-se à espera ::: Deixa-me ver. ::: Estou-te à espera. Estou-te à espera. ::: Anda!
180. B: Tá, é isso... (B lendo em voz baixa)
181. L: Deixa eu ver. Mas o Homem-Aranha. Oh pá, deixa-me ver B! (L puxando o braço de B que a impede de ver a folha).
182. B: Cuidado com isso! L Mas o Homem-Aranha estava em cima...
183. L: De uma árvore.
184. B: (Enquanto B escreve, L cantarolando e fazendo movimentos com as mãos) De...um...a...ár...vo...re... [de uma arvore] Olha o que estás a fazer! (L esbarra no gravador) Ár... vo...re...
185. L: Árvore, no “a” tem acento.
186. B: Alta.
187. L: Acento agudo. Acento agudo no “a”. (Apontando no texto) Ali está. Isso mesmo. (B acrescenta o acento agudo no “a” [árvore])
188. B: Al...árvore. Al...ta...árvore... L al...ta...alta [alta].
189. L: (S.I.)
190. B: Alta... Com... a teia... [com a teia]
191. L: Tens que ter um final.
192. B: aprendeu... aprendeu... (escrevendo [a]) prendeu...prendeu (Rasurando [a]) e escrevendo após [prendeu]) prendeu, pren...deu...
193. L: E com a teia prendeu?
194. B: prendeu ...
195. L: E com a teia prendeu... Coooom a teia prendeu. (Enfatizando o som do “com”)
196. B: Com a teia prendeu... a... [a] A corda na árvore (rindo).

46:59

197. L: O quê?
198. B: A corda na árvore.
199. L: Prendeu a que? A de avião. Quer dizer alguma coisa que há, que é alguma coisa.

200. B: a... (Acrescentando o acento [á])
201. L: É bom perguntar à professora... Épa, nós devemos perguntar à professora :: à árvore... (B escrevendo [arvore]) Vamos perguntar à professora...À árvore...Há de haver umas árvores...há de haver... uma árvore...
202. B: À uma árvore...
203. L: Depois não digas que não te avisei...
204. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [(á)] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)
205. L: Anda! (Olhando para o manuscrito) Põe o acento... (B acrescenta o acento [árvore]) Já pôs?
206. B: E... [e] cê, sal...[sal]
207. L: Quando acabas a história? (Olhando para o manuscrito) Faltam-te doze linhas.
208. B: treze...Doze?
209. L: Não, faltam-te...
210. B: Doze...
211. L: onze, onze... Deixa-me contar. Uma, duas... (Contando as linhas que faltam) É pá, deixa-me contar. (Começam a contar juntas em voz baixa) **L** uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze... Tá bom. Anda!
212. B: (Distraído-se por um momento, logo volta à escrever, L se distraí olhando em volta da sala) Sal...vou...sal...voou...a [salvou] Ca...pu...chin...nho... [Capochinho] Ver...ver...ver... (Para de escrever, chamando a atenção de L) Estou a fazer a história toda sozinha! Não me ajudas!

49:24

isto é vermelho, e o homem aranha é alto mas

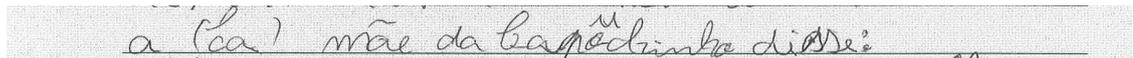
213. L: Estás a fazer bem!
214. B: Ver... me...lho...vermelho [vemelho].
215. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto).
216. B: (S.l.) (rindo) Vemelho... (Rasurando [(vemelho)]) Vermelho...
217. L: Vermelho... (S.l.)
218. B: Pois.

219. L: E ali o tracinho. (L apontando para B rasurar a palavra com um traço na linha de baixo [~~vermelho~~]) Agora escreve.
220. B: Salvou a capuchinho... (lendo)
221. L: (S.I.) (L fala algo distraída, mas é ininteligível).
222. B: Ver...me...lho [vermelho] e...[e]
223. L: e?
224. B: Péra... (Acréscendo o ponto final e rasurando “e” [. {e}]) e...
225. L: (Observando B escrever) Continua... (Bocejando)
226. B: E...o... (Escrevendo entre o ponto e a rasura [.E o {e}] E o e... (rindo do arranjo entre as letras) E o...
227. L: o...o... anda!
228. B: Agora já estou a acabar.
229. L: (S.I.) Quantas linhas te faltam? Doze. Ai, anda!
230. B: São muitas! (referindo-se às linhas que faltam)
231. L: (S.I.) (Cantarolando.)
232. B: E o homem... [homem] aranha... a...ran..nha...[aranha].
233. L: Eu sei que tu já vais fazer até aqui. (Falando com B para reduzir o número de linhas a serem escritas).
234. B: Não, Até aqui já dá. (Apontando no manuscrito)
235. L: Não, até aqui. (Apontando no manuscrito)
236. B: Não, até aqui. Tu mandaste fazer até aqui (Apontando no manuscrito);
237. L: Não, pode fazer até aqui a terceira... (Apontando no manuscrito)
238. B: Dá para fazer até esta... (Apontando no manuscrito)
239. L: Faz até esta, B! Deixa-me duas linhas aqui. Pode ser até estaaa (Apontando no manuscrito)
240. B: Para! (Pousando a caneta na mesa para pegar o lenço no bolso)
241. L: Pode ser até esta... :: Você que disse mesmo. Naquele dia eu fiz o texto sozinha.
242. B: Tá bem. (Pega o lenço para assoar o nariz)
243. L: Tu já feeez, até aqui. Aqui é de baixo pra cima (apontando para o manuscrito)
244. B: Já estamos a acabar.
245. L: Não não, faltam-te uma... (contando as linhas)
246. B: Vê quantas linhas já fizemos, (Assoando o nariz)
247. L: (Contando as linhas) Uma duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. Faltam-te nove

linhas para escrever até aqui. (Apontando no manuscrito) Olha, estas dão oito, mais esta, nove. Tens mais nove linhas para escrever...

248. B: liiiiiih (parecendo reclamar e assoando o nariz)
249. L: Faz estas ou não? Escolhe.
250. B: Faço.
251. L: Então faz.
252. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha... al... to mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]
253. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)
254. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])
255. L: E o Homem-Aranha é alto mas? (Questionando a construção sintática)

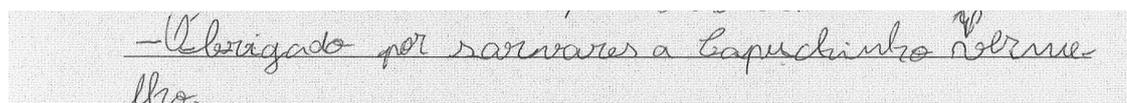
54:00



256. B: Mas, a Capuchinho disse: Tens um fato vermelho.
257. L: Isso não faz sentido nenhum! Mas podes continuar. Aaaaaah :: eu não gosto não. Faltam-te oito linhas pra ficar com sete (falando rapidamente).
258. B: (Voltando a escrever) A... [a] e agora, e agora? (Pedindo ajuda à L) falta menos. (Começa a contar as linhas) uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Faltam sete linhas! (comemorando)
259. L: Oito, se contares com a de lá. Continua! Mas a...
260. B: Capuchinho...
261. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha. Mas ficaram...
262. B: Ca... [ca] ai Capuchinho é maiúsculo. (Rasurando [(ca)])
263. L: Anda garota!
264. B: A mãe. A... mãe... [mãe] da... [da]... Ca... Ca...pu...chin...nho... [Capuchinho] disse...di...[di] disse é com sê? Sabes? (Perguntando à L) é com dois sês, disse? É com dois?
265. L: Sim!
266. B: Diz é com dois?
267. L: Siiiiim. Ponto final. Tu aspira! é o que eu to dizendo.
268. B: Dis...se...[disse] (Para de escrever, observando outra díade)

269. L: Acabastes? Já acabastes? Acabastes? (Chama a atenção de B de volta à atividade) E a Capuchinho... (Lendo)
270. B: Disse! (Acrescentando os dois pontos e o travessão na linha abaixo [: -])
271. L: Disse...
272. B: Obrigado. (Falando com a entonação da personagem) Obrigado... Homem Aranha... Obrigado...O... (Olhando em volta distraída)
273. L: Anda-te (S.I.) (Falando sobre algo relacionado a outra díade)... Para não ser igual a delas... :: podes mudar.
274. B: O...bri...gado... gado.
275. L: Tas a mudar...
276. B: (Continua de onde parou) Obri...ga...do... [- Obrig] (Para de escrever observando a conversa da professora com outra díade) Mais? (Perguntando à L aparentando não entender a conversa da professora com os outros alunos).
277. L: Anda! A Capuchinho...(Lendo) Capochinho. (rindo e apontando o erro para B)
278. B: Capu...
279. L: Escreve aqui em cima do "o", "u".
280. B: Eu já fiz aqui o "o" da Capuchinho... (Acrecenta o "u" em cima do "o" e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).
281. L: Continua! Continua a escrita, continua a escrita das outras palavras... (Cantarolando)
282. B: L!
283. L: Tá na mesma linha de que elas (referindo-se à outra díade). Continua.
284. B: Assim... (B ainda corrigindo as palavras "Capuchinho" no texto)
285. L: Para. Anda. (Pressionando B a continuar escrevendo) Blá blá blá blá blá (S.I) (cantarolando algo) pra salvar a Capuchinho vermelho...

58:40



-Obrigado por salvar a Capuchinho vermelho.

286. B: E o Homem-Aranha é alto mas... a mãe da Capuchinho disse... (Lendo) A mãe da Capuchinho disse... Obrigado...por...obrigado por... [- Obrigado p]
287. L: Nós não já tínhamos lido o texto uma vez? Para, B.

288. B: Por...salvares...[por]
289. L: A Capuchinho Ver... A minha menina!
290. B: Sal...va...res... [sarvares]
291. L: **L** Salvares... A minha... a minha menina...
292. B: A Capuchinho...
293. L: A Capuchinho vermelho...
294. B: A ...**L** Capuchinho... [a Capuchinho]
295. L: Vermelho...
296. B: Ver...
297. L: Vermelho. Vermelho, vermelho, vermeeeeeeeelho...
298. B: Ver...**L** me... tracinho... **L** lho... [verme-lho]
299. L: Nada mal, e continua agora. Continua. Ponto final, põe ponto final!
300. B: O Homem...
301. L: Põe o ponto final, põe o ponto final! (B Acrescenta o ponto [.])

01:00:04

A mãe (da) Capuchinho Vermelho

302. B: Podes?
303. L: À frente não, parágrafo!
304. B: Parágrafo?
305. L: Anda! (Ambas observando a conversa da professora com a outra díade) Anda, anda! Vai B!
306. B: Mas...
307. L: Deixa eu ver quantas linhas faltam pra chegar à terceira... Faltam uma...
308. B: (Ambas contando) **L** duas, três, quatro, cinco, seis.
309. L: Aí, seis! Até aqui são seis (apontando para o manuscrito).
310. B: Nããããoooo! Não é que tu tinha que deixar três (Apontando para as linhas restantes)
311. L: Continua! (Pressionando B a continuar a escrita)
312. B: (Contando as linhas) Uma, duas, três, quatro, cincoooo! (Comemorando)
313. L: Anda! Anda... (pressionando B à escrever).
314. B: Mas já fizemos mais aqui.
315. L: Andaaa... ::: Faz parágrafo. Já temos os parágrafo.

316. B: A mãe da Capuchinho...
317. L: Um, dois... dois parágrafos. Já temos dois parágrafos. Anda! (S.I.) a caneta não te cobre...
318. B: A mãe... A... mãe... [A mãe] Da... [ta] Capuchinho... Ca... pu... chin... nho... Capuchin...
nho... [Capuchinho] Ver...me... lho [vermelho]
319. L: Já acabaste?
320. PROFESSORA: (Falando com a turma inteira) Ô minha gente, Ca...pu...chinho, é com “u”, no
“pu” , ou com “o”?
321. ALUNOS: (Em uníssono) Uuu.
322. PROFESSORA: É que eu tenho visto em vários grupos, Ca...”pó”...chinho! (Entonando o ‘po’)
323. B: (Falando com L) O meu tem “u”. O meu agora já botei “u”
324. PROFESSORA: Ca...pu...chinho! E se é o nome de uma personagem, é Capuchinho
Vermelho! Se é nome de personagem tem que ter os dois nomes. Maiúscula!
325. L: (Falando com B) Anda!
326. B: Vermelho e agora... o ‘vermelho’ tá mal!
327. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir).
Tá beeeem.
328. B: É com maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as
palavras “vermelho” que encontra)
329. L: Vermelho... Já escrevestes em todas ::: É pra por pra cá (falando e olhando o manuscrito
enquanto B procura mais palavras ‘vermelho’ no mesmo). Anda, anda, anda! Anda B! Já
estou farta de esperar! :: Enquanto tu acabas aí (S.I) ::: Quando que acabas o final?
(Olhando para o manuscrito).
330. B: (Terminando de corrigir as palavras “vermelho”) Pera, ainda faltam quatro.
331. L: A mãe, dá Capuchin (lendo o manuscrito).
332. B: A mãe da Capuchinho Vermelho...
333. L: Tá ali lá. Eu vou (Pegando a caneta de B) Não, só pode escrever tu! É que é uma perninha,
que eu não posso escrever. Mas, uma peninha, uma perninha...mais para cima. :: Da
Capuchinho... (B rasurando [~~ta~~] e escrevendo [da] logo ao lado) Anda! A
Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz para sempre. (Falando rapidamente) Ficou muito
feliz para sempre, anda!

01:04:33

ficou feliz com o homem aranha.
f(iz) e viveram felizes para sempre.

334. B: Fi...cou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com]
335. L: Feliz é com “z” no final!
336. B: O quê?
337. L: É com “z” no final.
338. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.I.) com...o [com o]
339. L: Ficou feliz com o...(Lendo) Homem-Aranha.
340. B: Ho...mem... [ho]
341. L: Homem-Aranha e a sua filha! Ho...mem... Aranha. Aranha e a sua filha.
342. B: Homem...[homem] Aranha...A...ran...nha... [aranha]
343. L: (Lendo) E a mãe da Capuchinho Vermelho ficou feliz com o Homem-Aranha... e com... e
344. B: fi... [f] Ai! (Rasurando [(f)])
345. L: Eee...
346. B: Eee.. (Escrevendo [F]) Êpa. Ai não! (Rasurando [(F)])
347. L: Eee... com minúscula...
348. B: E... [E]
349. L: E...aranha... (Lendo)
350. B: Viveram!
351. L: Não, e com a sua filha!
352. B: Porque ele... (Tentando argumentar)
353. L: Ok, ok! Anda! Eee...
354. B: Viveram...vi... de vaca... vi... ve...ram... [E viveram]
355. L: (Debruçando-se sobre o manuscrito para ler) Espera, ficou: A mãe da Capuchinho Vermelho ficou feliz com o Homem-Aranha e viveram felizes para sempre.
356. B: Fe...li...
357. L: Com Zê, Zê, Zê! (Falando com ênfase).
358. B: Felizes... [felizes]
359. L: Para sempre.
360. B: Pa...ra...sem... [para]
361. L: Sempre!

362. B: Sê de sapo!
363. L: Sem...pre... (Falando com ênfase)
364. B: Sem.... pre. [senpre]
365. L: É com o “me”, não é com “nê”. Não é com “nê”, é com “mê”!
366. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [sempre]
367. L: Ponto final! (B acrescenta o ponto final [.] e levanta o braço, para chamar a professora)
Não! Vamos ler, B! Deixa-me ler uma vez.
368. B: Não, eu leio! (Pegando o manuscrito de L)
369. L: Olha, falta o título, falta o título! O Capuchinho Vermelho, o Homem-Aranha e o Lobo Mau.

01:07:33



370. B: Está a falar de novo.
371. L: Anda! Escreve o tí-tu-lo! (Impaciente com B)
372. B: A...[A]
373. L: Escreve o títuloo... (Cantarolando)
374. B: A Ca...
375. L: Capuchinho Vermelho!
376. B: Ô pá! Olha o que estás a fazer! (Reclamando com L)
377. L: Anda! Eu que estou aqui a tua espera.
378. B: Ca...pu...chin...nho...
379. L: Põe o título logo.
380. B: A capuchinho e o... [Capuchinho]
381. L: Aí eu to te esperando e tu ainda não fizeste B. Tan-to fizeste. (B ajeita o crachá de L).
382. B: E a Capuchinho... e o Homem...
383. L: Já acabastes?
384. B: (continuando a escrever enquanto dita para si) Mem... Aranha... A Capuchinho e o Homem-Araanha! [e o homem]
385. L: A Capuchinho e o Homem-Aranha... com...

386. B: Não cabe.
387. L: Com o Lobo Mau...Com o Lobo Mau...
388. B: Mas como é que eu vou escrever o Lobo Mau? (Questionando L devido à linha que já terminou)
389. L: Com o Lobo.
390. B: Como é que vai caber?
391. L: Opá. Se botasse o título um cadinho mais para lá...
392. B: E agora?
393. L: Faz com outra linha e se a professora achar que o título não cabe aí como é que vai ser? (questionando sobre o título que não coube numa única linha)
394. B: A Capuchinho, Homem Aranha... e o Homem a...ran...nha... com (Escrevendo com a letra bem pequena para caber na linha [aranha com])...o...Lobo...
395. L: Não, não escrevas o Lobo Mau, escreves só lobo. O Lobo. (B escrevendo [o lobo] logo acima da linha)
396. B: Tá! (levantando a mão imediatamente)
397. L: Não, lê B! Ler, reler e voltar a ler, é o que a professora diz. Ler, reler e voltar a ler.

01:09:53

398. B: Tu lêes o título!
399. L: (Lendo) A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo.
400. B: Era uma vez...
401. L: Uma menina! Uma menina. Era uma vez uma meninaa... (B acrescentando [uma] na primeira frase) Eu escrevo esse pedaço aqui! (L tenta pegar a caneta de B, mas desiste).
402. B: Uma me...
403. L: menina...
404. B: ...menina chamada Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa à pé, na floresta. Ai, floresta... (Rasurando acrescentando o [ta] em [flores] [floresta ta])... Floreeesta.. Floresta..
405. L: ...e ouviu
406. B: Floresta...
407. L: E...
408. B: Está o erro! (Rasurando [floresta (ta)])
409. L: Ahh! Estou aqui à espera!

410. B: Floresta... e ouviu um ruído do Lobo Mau.
411. L: Lobo Mau...Agora sou eu, agora sou eu. Agora sou eu! Deixa-me (Pegando o manuscrito para ler) Mas o Homem-Aranha...tava em cima de uma árvore alta e a prendeu a à arvore e salvou a Capuchinho Vermelho. Salvou e depois a... Savooooou a (Apontando o erro para B corrigir)
412. B: Salvou a... a Capuchinho... (Corrigindo [salvou(a) a]) Salvou a Capuchinho...
413. L: Sou eu, sou eu! Onde é que eu estava? Ah...(Voltando a ler) Salvou a Capuchinho Vermelho. Agora és tu. Agora és tu, Agora és tu! (Falando para B ler o último parágrafo)
414. B: E o Homem-Aranha... não... mas tu já não lestes essa? (Perguntando à L) Ah não...é...(Voltando a ler) E o Homem-Aranha. A...ran..nha é alto mas a mãe...
415. L: Era alto...eu disse era alto. Mas não tem sentido!
416. B: É alto!
417. L: Não tem sentido B... Pronto, Anda! Anda! (Pedindo para B voltar a ler)
418. B: Era...É alto...mas... mas a mãe da Capuchinho disse: Obrigado por salvares a Capuchinho Vermelho. (Passando a leitura para L) Agora és tu.
419. L: E a mãe da Capuchinho Vermelho ficou feliz com o Homem-Aranha. E viveram felizes para sempre. Vamos chamar a professora! (B Levanta o braço sinalizando à professora que já terminaram, elas ficam esperando por um tempo até a professora vir à mesa)

01:14:06

MOMENTO 5 - LEITURA PARA A PROFESSORA

420. PROFESSORA: (Falando com a turma) Eu fico triste às vezes, com certos grupos que eu sei que tem muito mais pra mostrar. Mas pronto, há dias e dias. (Aproximando-se da díade) Já acabaram? (B assente com a cabeça) Já leram, releram, fizeram todas as mudanças que era preciso? Então lê, estou a ouvir.
421. B: A Capuchinho
422. PROFESSORA: Não estou a ouvir.
423. B: (Levantando a voz) A Capuchinho e o Homem-Aranha com o...
424. L: Lobo.
425. B: Lobo. Era uma vez uma meninas chamada Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa a pé na floresta e ou...

426. L: ...viu
427. B: ouviu um ruído do Lobo Mau do Lobo Mau... L (L lendo junto) Mas o Homem-Aranha tava em cima de uma árvore alta e com a teia prendeu a árvore :: árvore e salvou. Salvou a Capuchinho Vermelho. E o Homem-Aranha é alto, mas a mãe da Capuchinho disse: Obrigado por salvar a Capuchinho Vermelho. A mãe ::: A mãe da Capuchinho Vermelho ficou feliz com o Homem-Aranha e viveram felizes para sempre.
428. PROFESSORA: Não há mais nada?
429. B: Não.
430. PROFESSORA: A tratar? Tá terminado mesmo?
431. B: Sim!
432. PROFESSORA: É para finalizar? (Ambas assentem com a cabeça positivamente).

01:16:23

(Término da produção do texto. A professora finaliza com a caneta e recolhe a folha da diáde enquanto as alunas conversam e comemoram por serem as primeiras a terminar o manuscrito)

MOMENTO 6 – DESENHO

01:16:53

(A professora entrega duas folhas e os lápis de cor para as meninas, pedindo para que elas ilustrem a história. Elas desenharam enquanto conversam. A maior parte do diálogo é ininteligível)

01:30:34

(Mayara chega para desligar os equipamentos, mas avisa que elas podem continuar desenhando)

01:33:20

(Término da filmagem)

Anexos em CD-Rom

Índice de anexos

Anexo V – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 1 – “O palhacinho” 243

Anexo VI – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados” 249

Anexo VII – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 3 – “O ovo especial” 254

Anexo VIII – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo” 259

Anexo IX – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela aluna L..... 264

Anexo X – Tabela de registo das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela aluna B 278

Anexo XI – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 1 – “O Palhacinho” 282

Anexo XII – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados” 288

Anexo XIII – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 3 – “O ovo especial”	293
Anexo XIV – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	299
Anexo XV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade no texto 1 – “O palhacinho”	305
Anexo XVI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”	314
Anexo XVII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade texto 3 – “O ovo especial”	325
Anexo XVIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela díade texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	329
Anexo XIX – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna..	336
Anexo XX – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna B.....	355
Anexo XXI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (L) no texto 1 – “O palhacinho”	363
Anexo XXII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (B) no texto 1 – “O palhacinho”	370

Anexo XXIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (B) no texto 2 – “O Rei e os Criados”	374
Anexo XIV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (L) no texto 2 – “O Rei e os Criados”	378
Anexo XV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (L) no texto 3 – “O ovo especial”	388
Anexo XVI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (B) no texto 3 – “O ovo especial”	392
Anexo XVII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna escrevente (B) no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	394
Anexo XVIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas efetuadas pela aluna ditante (L) no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	397

**Anexo V – Tabela de registo das operações metalinguísticas de
revisão efetuadas pela díade no texto 1 – “O palhacinho”**

Tipo de operações metalinguísticas de revisão	Transcrição sujeita às operações	Total
Texto 1 – “O palhacinho”	<p>141. L: L (Falando ao mesmo tempo que B) Triste [triste] e os palhaços...</p> <p>142. B: E... os...</p> <p>143. L: E os... [e os]</p> <p>144. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque...não...porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)</p> <p>145. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)</p> <p>146. B: Apaga! (L rasurando [(e o)]) depois faz ... porque...</p> <p>147. L: Porque [po]</p>	
	<p>291. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.</p> <p>292. L: Mas... não... não é mas. (rasurando [Mas])</p> <p>293. B: E...</p> <p>294. L: E...o...pa...lha...ci...nho... [E o palhacinho]</p>	6
	<p>313. B: (S.I.) (B abaixa a cabeça, abafando um pouco o som do microfone L escrevendo [ele])</p> <p>314. L: Que...ele...(Rasurando [ele])</p>	
	<p>325. B: E viveram mais felizes para sempre. (S.I.)</p> <p>326. L: (Rasurando [E viveram]) que ele fazia... ponto final.</p>	
	<p>334. L: Não, fizeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [vê fizeram]) acrobacias... para...todo...o...sempre [acrobacias]</p>	

	<p>346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada [(qum)]) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acrescentando o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para B, em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.</p>	
	<p>127. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)</p> <p>128. B: É com cê...cedilha.</p> <p>129. L: O palhaci...[palhaç]</p> <p>130. B: Não é cê- cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada)</p> <p>131. L: Enganei-me . Eu faço isso (rasurando a palavra [palhaç])</p> <p>132. B: (S.I.)</p> <p>133. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) L Pa...lha...cinho... [palhacinho] Palhacinho.</p> <p>134. B: (S.I.) O palhacinho...</p> <hr/> <p>186. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a II]</p> <p>187. B: hora.</p> <p>188. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em</p>	<p>7</p>

		<p>“hora” ,o que parece ser dois eles “L”) Hora. [(ll) hora]</p> <p>189. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”) . Lhora...hora...</p> <hr/> <p>210. L: De...pois foi...para...[Depois foi para] Depois foi para...L outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>211. B: Outra...</p> <p>212. L: Outro circo... e... (transformando o “a” de “outra” em “o” [outro circo])</p> <hr/> <p>259. L: Porque... E agora pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação [porquê?] Tu... tu... co...mess... [tu quem] Não é isso! (rasurando [(quem)]) tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]</p> <hr/> <p>324. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas... aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar [(E)] e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas...o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.</p> <hr/> <p>330. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]). E o doutor disse ao palhacinho: –Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.</p>	
--	--	---	--

Deslocamento		0
Adição	<p>271. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi... (volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [.e])</p> <p>272. B: (S.I.)</p> <p>273. L: Não é lá(Referindo-se a algo na frase anterior)... (S.I.) não tem nenhum ponto final. E vi...ve...ram...fe...li...zes...para...sem...pre...a...[viveram felizes para sempre a]</p>	
	<p>330. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]. E o doutor disse ao palhacinho: –Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.</p>	
	<p>346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada [(qum)]) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acrescentando o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para B, em seguida rasura, escrevendo por cima</p>	3

		[conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.	
--	--	---	--

**Anexo VI – Tabela de registo das operações metalinguísticas de
revisão efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”**

Tipo de operações metalinguísticas de revisão	Transcrição sujeita às operações	Total	
Texto 2 – “O Rei e os criados”	Supressão	<p>175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.</p> <p>176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.</p> <p>177. B: (Rasurando [q]) Cri...</p> <hr/> <p>225. B: [til] Ai! (rasurando [til])</p> <hr/> <p>451. B: Se... tornou... [p]... tornou.... (rasurando [p] Tronou... tru... [tru])</p> <hr/> <p>558. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando [a]prender])</p>	4
		Substituição	

226. L: Tinham... (Ditando pausadamente para B) Ti... ne...
aga...a...me.

227. B: [tinham]... tinham... pena...

315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três,
seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)

316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o
que o rei mandava.

317. B: Ai, faziam. (S.l.)

318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a

319. B: Aii. (Rasurando [(fazião)])

320. L: Traço em cima!

321. B: Fa... zi...

322. L: Mea... [faziam]

387. B: Fu...

388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram

389. B: Fugi... [fog]

390. L: Fogiram? Fuu (S.l.) Tu á riscastes B? (rasurando [(fog)])
Fuugiram... Um dia fugiram...

426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só...
quando...

427. B: Espera! Qu..aando [coam]

428. L: Não é assim... não é assim! É com “q”... (B rasurando [~~coam~~]) Olha, eu dito. É com “q” L (B repete enquanto escreve)
...u...a...me...do [quando]

491. B: Para... sem...pre... [para senp]

492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B
conserta transformando o “n” em “m” [sempe])

	<p>557. B: Seres! (Rasurando [[Ceres]] e escrevendo acima [seres] na 2ª linha do 1º parágrafo) Se...res... vivos. Nanananan... (Rasurando [[Ceres]] e escrevendo acima [seres] na 4ª linha do 1º parágrafo)</p> <p>561. B: tor... nou (rasurando [[trunou]] e escrevendo acima [tornou]) bom... traço. Mais nada?</p>	
Deslocamento	<p>185. B: L (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L) Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando [[matra]])</p> <p>186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha)</p> <p>187. B: Matar... (reescrevendo [matar])</p>	1
Adição	<p>181. B: a...dos...[criado]</p> <p>182. L: do...os... (ênfatisando o som do s no final), com “sê” e “i”, criados. Matar...</p> <p>183. B: Criados. (Acrescentando o “s” no final [criados])</p> <p>286. L: Guardas (ênfatisando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei mandava.</p> <p>422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando...</p> <p>423. B: Quando...</p> <p>424. L: Só com “o”... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele...</p> <p>493. B: Sem... pre... [.] [rasurando sempe sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei...</p> <p>494. L: Péra... e viveram felizes para sempre. Sempe...</p>	5

		<p>sempre.</p> <p>495. B: Epa! Estás a tirar o meu. (referindo-se ao crachá)</p> <p>496. L: Desculpa! Sempre...</p> <p>497. B: Para sempre... (Corrigindo, escrevendo o "r" por cima [sempre])</p>	
		<p>565. B: Man...da...va... (rasurando [manda] e escrevendo acima [mandava])</p>	

**Anexo VII – Tabela de registo das operações metalinguísticas de
revisão efetuadas pela díade no texto 3 – “O ovo especial”**

	Tipo de operações metalinguísticas de revisão	Transcrição sujeita às operações	Total
Texto 3 – “O ovo especial”	Supressão	<p>148. L: Pera. (L relendo a história) E o ovo :: E o ovo... E o ovo... E o ovo e o ovo? (L reescreve no texto) [(e o ovo)] partiu. (L falando baixinho e reescrevendo no texto) Partiu [(lá)] :: (L relendo o texto) E lá estava um lindo passarinho.</p>	8
		<p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (t) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p>	
		<p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (t) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p>	
		<p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (t) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p>	

247. L: Pera... :: (Sl) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que ~~(no)~~ numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a ~~(ideias)~~ ideia foi ela ir ~~(vezita)~~ visitar o ~~(pari)~~ passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu quiser continua...

247. L: Pera... :: (Sl) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que ~~(no)~~ numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a ~~(ideias)~~ ideia foi ela ir ~~(vezita)~~ visitar o ~~(pari)~~ passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu quiser continua...

247. L: Pera... :: (Sl) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que ~~(no)~~ numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a ~~(ideias)~~ ideia foi ela ir ~~(vezita)~~ visitar o ~~(pari)~~ passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu quiser continua...

282. L: (L reescreve no texto) [visitar]]

Substituição	<p>146. L: Um lindo passarinho. Deixa eu ler: O ovo especial. Era uma vez uma, era um vez uma menina que se chamava Lili. Um dia viu um ovo na floresta elevou-o para casa, no caminho deixou cair :: cair (L reescreve no texto) [cair-cair].</p>	6
	<p>168. L: É si com 'si' [e dos ceus]. :: É si porque se fosse com 'cê' era 'ceus'. Seus ir-mãos [seus irmãos] irmãos, pássaro [pa].</p>	
	<p>184. L: Passarinhos. (L mostrando a folha à B) Pas... Parinhos. Passarinhos, me enganei. [parinhos] pas-sa-rinhos [passarinhos] passarinhos. ::: (L falando e escrevendo) Um dia, a, foi à floresta. (L levanta o braço chamando a professora) Professora: um dia foi (falando com voz entonada) 'a'...</p>	
	<p>247. L: Pera... :: (Sl) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (no) nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (vezita) visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...</p>	
	<p>247. L: Pera... :: (Sl) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (no) nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (vezita) visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu</p>	

		<p>feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...</p>	
		<p>216. L: Pera aí. (L reescreve no texto) [família] Esta parte está mal. Fa-míl-lia-a [família].</p>	
	<p>Deslocamento</p>	<p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (†) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p>	<p>2</p>
		<p>188. L: (Fala simultânea) Grave. :: Grave 'a' flo-resta de vo... enganei, [Um dia foi à floresta de v]. (L relendo a história) Um dia foi à floresta :: de-vol-ver o passarinho [de-v] devolver o passarinho]. ::: (L relendo o texto) Pera, um dia foi à floresta devolver o passarinho a, mãããe, 'a!' É 'a' de 'haverá'?</p>	
	<p>Adição</p>	<p>164. L: Pás-sa-ro [passaro]. 165. B: E dos seus irmãos. 166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) L e dos seus, seus... Mas como é 'seus'?</p>	<p>1</p>

**Anexo VIII – Tabela de registo das operações metalinguísticas de
revisão efetuadas pela díade no texto 4 – “A Capuchinho e o
Homem-Aranha com o Lobo”**

	Tipo de operações metalinguísticas de revisão	Transcrição sujeita às operações	Total
Texto 4 – A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”	Supressão	176. B: Em cima... em cima...cima...ci...ma... [em (s) cima] Aqui, três?	10
		192. B: aprendeu... aprendeu... (escrevendo [a]) prende...prende (Rasurando {{a}}) e escrevendo após [prende]) prende, pren...deu...	
		204. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando {{á}}) e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)	
		215. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto).	
		216. B: (S.I.) (rindo) Vemelho... (Rasurando {{vemelho}}) Vermelho...	
		224. B: Péra... (Acrescentando o ponto final e rasurando “e” [. {{e}}]) e...	
		259. L: Oito, se contares com a de lá. Continua! Mas a...	
		260. B: Capuchinho...	
		261. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha. Mas ficaram...	
		262. B: Ca... [ca] ai Capuchinho é maiúsculo. (Rasurando {{ca}})	
344. B: fi... [f] Ai! (Rasurando {{f}})			
346. B: Eee.. (Escrevendo [F]) Êpa. Ai não! (Rasurando {{F}})			
408. B: Está o erro! (Rasurando [floresta {{ta}}])			
412. B: Salvou a... a Capuchinho... (Corrigindo [salvou (a) a])			

		Salvou a Capuchinho...	
	Substituição	<p>88. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente [(eCapuchin)Capuchinho]).</p> <hr/> <p>110. B: Êpá, Ô L... (L continua entretida com o elástico, cantarolando e enrolando nos dedos, enquanto B dá continuidade à escrita) para ca...sa...a... pé... à pé... [para casa apé] à pé... à... pé... (Rasura [apé] e reescreve logo após [a pé na])</p> <hr/> <p>125. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... Louviu... tá certo...Não! ouviu é com “u”. No final.</p> <p>126. B: (Rasura a palavra escrevendo o “u” por cima do “o” [ouviøu]) Ouviu...</p> <hr/> <p>279. L: Escreve aqui em cima do “o”, “u”.</p> <p>280. B: Eu já fiz aqui o “o” da Capuchinho... (Acrecenta o “u” em cima do “o” e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).</p> <hr/> <p>327. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir). Tá beeeem.</p> <p>328. B: É com maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p> <hr/> <p>333. L: Tá ali lá. Eu vou (Pegando a caneta de B) Não, só pode escrever tu! É que é uma perninha, que eu não posso escrever. Mas, uma peninha, uma perninha...mais para cima. :: Da Capuchinho... (B rasurando [ta] e escrevendo [da] logo ao lado) Anda! A Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz para sempre.</p>	9

	<p>(Falando rapidamente) Ficou muito feliz para sempre, anda!</p> <p>334. B: Fi...cou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com]</p> <p>335. L: Feliz é com “z” no final!</p> <p>336. B: O quê?</p> <p>337. L: É com “z” no final.</p> <p>338. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.I.) com...o [com o]</p> <p>364. B: Sem.... pre. [senpre]</p> <p>365. L: É com o “me”, não é com “nê”. Não é com “nê”, é com “mê”!</p> <p>366. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [sempre]</p> <p>328. B: É com maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p> <p>329. L: Vermelho... Já escrevestes em todas ::: É pra por pra cá (falando e olhando o manuscrito enquanto B procura mais palavras ‘vermelho’ no mesmo). Anda, anda, anda! Anda B! Já estou farta de esperar! :: Enquanto tu acabas aí (S.I) ::: Quando que acabas o final? (Olhando para o manuscrito).</p> <p>330. B: (Terminando de corrigir as palavras “vermelho”) Pera, ainda faltam quatro.</p> <p>331. L: A mãe, dá Capuchinho (lendo o manuscrito).</p>	
	Deslocamento	0
	Adição	7
	<p>154. B: Mas, o homem aranha, mas... ho...mem... [o ome].</p> <p>155. L: Homem é com “h”.</p> <p>156. B: Ai (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home]). Homem, obrigado.</p>	

		<p>157. L: Homem aqui é com mê... mem...</p> <p>158. B: Homem... (B acrescenta o “m” no final [homem])</p>	
		<p>185. L: Árvore, no “a” tem acento.</p> <p>186. B: Alta.</p> <p>187. L: Acento agudo. Acento agudo no “a”. (Apontando no texto) Ali está. Isso mesmo. (B acrescenta o acento agudo no “a” [árvore])</p>	
		<p>200. B: a... (Acréscendo o acento [á])</p>	
		<p>252. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha... al... to mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]</p> <p>253. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)</p> <p>254. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])</p>	
		<p>401. L: Uma menina! Uma menina. Era uma vez uma meninaa... (B acrescentando [uma] na primeira frase) Eu escrevo esse pedaço aqui! (L tenta pegar a caneta de B, mas desiste).</p>	
		<p>404. B: ...menina chamada Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa à pé, na floresta. Ai, floresta... (Rasurando acrescentando o [ta] em [flores] [floresta ta])... Floreeesta.. Floresta..</p>	

**Anexo IX – Tabela de registo das operações metalinguísticas de
revisão efetuadas pela aluna L**

Tipo de operações metalinguísticas de revisão	Transcrição sujeita às operações	Total
Supressão	<p>291. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.</p> <p>292. L: Mas... não... não é mas. (rasurando [(Mas)])</p> <p>293. B: E...</p> <p>294. L: E...o...pa...lha...ci...nho... [E o palhacinho]</p>	17
	<p>313. B: (S.I.) (B abaixa a cabeça, abafando um pouco o som do microfone L escrevendo [ele])</p> <p>314. L: Que...ele...(Rasurando [(ele)])</p>	
	<p>325. B: E viveram mais felizes para sempre. (S.I.)</p> <p>326. L: (Rasurando [(E viveram)]) que ele fazia... ponto final.</p>	
	<p>334. L: Não, fizeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [vê fizeram]) acrobacias... para...todo...o...sempre [acrobacias]</p>	
	<p>346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada [(qum)]) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acrescentando o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para B, em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias</p>	

		<p>que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.</p> <p>175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.</p> <p>176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.</p> <p>177. B: (Rasurando [q]) Cri...</p> <p>558. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando [aprender])</p> <p>148. L: Pera. (L relendo a história) E o ovo :: E o ovo... E o ovo... E o ovo e o ovo? (L reescreve no texto) [e o ovo] partiu. (L falando baixinho e reescrevendo no texto) Partiu [há] :: (L relendo o texto) E lá estava um lindo passarinho.</p>	
		<p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-lizes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (h) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p> <p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-lizes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (h) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p>	

192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-lizes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (f) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-lizes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e eaos irmãos (f) e viveram felizes com (f) a família (com) completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (no) nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (vezita) visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre.

	<p>[que (no) numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (vezita) visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...</p>	
	<p>247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (no) numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (vezita) visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...</p>	
	<p>282. L: (L reescreve no texto) [visitar]</p>	
	<p>215. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto). 216. B: (S.I.) (rindo) Vemelho... (Rasurando [(vemelho)]) Vermelho...</p>	
<p>Substituição</p>	<p>210. L: De...pois foi...para...[Depois foi para] Depois foi para...L outra...outro...outra ilha...[outra] 211. B: Outra... 212. L: Outro circo... e... (transformando o “a” de “outra” em “o” [outro circo]) 259. L: Porque... E agora pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação [porquê?] Tu... tu... co...mess... [tu quem] Não é isso! (rasurando [(quem)]) tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te</p>	<p>22</p>

		<p>muito açúcar]</p>	
		<p>324. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas... aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar {(E)} e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas...o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.</p>	
		<p>330. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]). E o doutor disse ao palhacinho: –Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.</p>	
		<p>195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...</p> <p>196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar para B como separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura [(viv-os)])</p> <p>197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)</p>	
		<p>224. L: Não, é com “a”, eme. (B vira-se, provavelmente para chamar a professora) É com “a”, eme. Tinham é com “a”, me.</p>	

Anda! (B volta a escrever)

225. B: [til] Ai! (rasurando [~~ti~~])

226. L: Tinham... (Ditando pausadamente para B) Ti... ne...
aga...a...me.

227. B: [tinham]... tinham... pena...

315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas,
três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas
restantes)

316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam...
o que o rei mandava.

317. B: Ai, faziam. (S.I.)

318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a

319. B: Aii. (Rasurando [~~fazião~~])

320. L: Traço em cima!

321. B: Fa... zi...

322. L: Mea... [faziam]

387. B: Fu...

388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram

389. B: Fugi... [fog]

390. L: Fogiram? Fuu (S.I.) Tu á riscastes B? (rasurando [(fog)])
Fuugiram... Um dia fugiram...

426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só...
quando...

427. B: Espera! Qu..aando [coam]

428. L: Não é assim... não é assim! É com “q” ... (B
rasurando [~~coam~~]) Olha, eu dito. É com “q” □ (B repete
enquanto escreve) ...u...a...me...do [quando]

	<p>491. B: Para... sem...pre... [para senp]</p> <p>492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B conserta transformando o “n” em “m” [sempe])</p> <hr/> <p>146. L: Um lindo passarinho. Deixa eu ler: O ovo especial. Era uma vez uma, era um vez uma menina que se chamava Lili. Um dia viu um ovo na floresta elevou-o para casa, no caminho deixou cair :: cair (L reescreve no texto) [cair-cair].</p> <hr/> <p>168. L: É si com ‘si’ [e dos ceus]. :: É si porque se fosse com ‘cê’ era ‘ceus’. Seus ir-mãos [seus irmãos] irmãos, pássaro [pa].</p> <hr/> <p>184. L: Passarinhos. (L mostrando a folha à B) Pas... Parinhos. Passarinhos, me enganei. {(parinhos)} pas-sa-rinhos [passarinhos] passarinhos. ::: (L falando e escrevendo) Um dia, a, foi à floresta. (L levanta o braço chamando a professora) Pofessora: um dia foi (falando com voz entonada) ‘a’...</p> <hr/> <p>247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (no) numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (pari) vezita visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...</p>	
	<p>247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão,</p>	

uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que ~~(no)~~ numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a ~~(ideias)~~ ideia foi ela ir ~~(vezita)~~ visitar o ~~(pari)~~ passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu quiser continua...

216. L: Pera aí. (L reescreve no texto) [~~(família)~~]-Esta parte está mal. Fa-míl-lia-a [família].

85. L: É com letra maiúscula!

86. B: Não é não. É Capuchinho.

87. L: Apois... Capuchinho... Capuchinho é com letra maiúscula... é o nome de uma pessoa.

88. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente [(cCapochin) Capochinho]).

125. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... **L**ouviu... tá certo...Não! ouviu é com “u”. No final.

126. B: (Rasura a palavra escrevendo o “u” por cima do “o” [ouviu]) Ouviu...

279. L: Escreve aqui em cima do “o”, “u”.

280. B: Eu já fiz aqui o “o” da Capuchinho... (Acrecenta o “u” em cima do “o” e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).

333. L: Tá ali lá. Eu vou (Pegando a caneta de B) Não, só pode escrever tu! É que é uma perninha, que eu não posso escrever. Mas, uma peninha, uma perninha...mais para cima. :: Da

	<p>Capuchinho... (B rasurando {(ta)} e escrevendo [da] logo ao lado) Anda! A Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz para sempre. (Falando rapidamente) Ficou muito feliz para sempre, anda!</p> <hr/> <p>334. B: Fi...cou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com] 335. L: Feliz é com “z” no final! 336. B: O quê? 337. L: É com “z” no final. 338. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.l.) com...o [com o]</p> <hr/> <p>364. B: Sem.... pre. [senpre] 365. L: É com o “me”, não é com “nê”. Não é com “nê”, é com “mê”! 366. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [sempre]</p>	
<p>Deslocamento</p>	<p>185. B: L (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L) Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando {(matra)}) 186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha) 187. B: Matar... (reescrevendo [matar])</p> <hr/> <p>192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-lizes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e aos irmãos {} e viveram felizes com f a família {com} completa] :: Vamos ler: O ovo especial.</p> <hr/> <p>188. L: (Fala simultânea) Grave. :: Grave ‘a’ flo-resta de vo... enganei, [Um dia foi à floresta de v]. (L relendo a história) Um</p>	<p>3</p>

		<p>dia foi à floresta :: de-vol-ver o passarinho [de-v devolver o passarinho]. ::: (L relendo o texto) Pera, um dia foi à floresta devolver o passarinho a, mãããe, ‘a!’ É ‘a’ de ‘haverá’?</p>	
<p style="text-align: center;">Adição</p>	<p>271. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi... (volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [.e])</p> <p>272. B: (S.I.)</p> <p>273. L: Não é lá (Referindo-se a algo na frase anterior)... (S.I.) não tem nenhum ponto final. E vi...ve...ram...fe...li...zes...para...sem...pre...a...[viveram felizes para sempre a]</p>		
	<p>330. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]. E o doutor disse ao palhacinho: –Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.</p>		<p>15</p>
	<p>346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada [(qum)]) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acréscendo o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o</p>		

		<p>erro para B em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.</p>	
		<p>181. B: a...dos...[criado] 182. L: do...os... (ênfatisando o som do s no final), com “sê” e “i”, criados. Matar... 183. B: Criados. (Acrescentando o “s” no final [criados])</p>	
		<p>286. L: Guardas (ênfatisando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei mandava. 422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando... 423. B: Quando... 424. L: Só com “o”... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele... 493. B: Sem... pre... [.]. [rasurando (sempre) sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei... 494. L: Péra... e viveram felizes para sempre. Sempre... sempre. 495. B: Epa! Estás a tirar o meu. (referindo-se ao crachá) 496. L: Desculpa! Sempre... 497. B: Para sempre... (Corrigindo, escrevendo o “r” por cima [sempre])</p>	

		<p>563. B: (S.I.) (Procurando a palavra) Mandava...</p> <p>564. L: Manda, não é mandava. O rei manda, não é mandava. Parênteses, mandava.</p> <p>565. B: Man...da...va... (rasurando [(manda)] e escrevendo acima [mandava])</p>	
		<p>164. L: Pás-sa-ro [passaro].</p> <p>165. B: E dos seus irmãos.</p> <p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) L e dos seus, seus... Mas como é 'seus'?</p>	
		<p>154. B: Mas, o homem aranha, mas... ho...mem... [o ome].</p> <p>155. L: Homem é com "h".</p> <p>156. B: Ai (Corrigindo, acrescentando o "h" no início da palavra [home]). Homem, obrigado.</p>	
		<p>157. L: Homem aqui é com mê... mem...</p> <p>158. B: Homem... (B acrescenta o "m" no final [homem])</p>	
		<p>185. L: Árvore, no "a" tem acento.</p> <p>186. B: Alta.</p> <p>187. L: Acento agudo. Acento agudo no "a". (Apontando no texto) Ali está. Isso mesmo. (B acrescenta o acento agudo no "a" [árvore])</p>	
		<p>252. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha... al... to mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]</p> <p>253. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)</p> <p>254. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])</p>	

		401. L: Uma menina! Uma menina. Era uma vez uma meninaa... (B acrescentando [uma] na primeira frase) Eu escrevo esse pedaço aqui! (L tenta pegar a caneta de B, mas desiste).	
--	--	---	--

**Anexo X – Tabela de registo das operações metalinguísticas de
revisão efetuadas pela aluna B**

Tipo de operações metalinguísticas de revisão	Transcrição sujeita às operações	Total
	<p>141. L: L (Falando ao mesmo tempo que B) Triste [triste] e os palhaços...</p> <p>142. B: E... os...</p> <p>143. L: E os... [e os]</p> <p>144. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque...não...porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)</p> <p>145. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)</p> <p>146. B: Apaga! (L rasurando [{e-ø}]) depois faz ... porque...</p> <p>147. L: Porque [po]</p>	
Supressão	225. B: [til] Ai! (rasurando [{t#}])	
	451. B: Se... tornou... [p]... tornou.... (rasurando [{p}] Tronou... tru... [tru])	12
	176. B: Em cima... em cima...cima...ci...ma... [em {s}cima] Aqui, três?	
	192. B: aprendeu... aprendeu... (escrevendo [a]) predeu...predeu (Rasurando [{a}] e escrevendo após [predeu]) predeu, pren...deu...	
	204. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [{á}] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)	
	224. B: Péra... (Acrescentando o ponto final e rasurando “e” [. {e}]) e...	

		<p>259. L: Oito, se contares com a de lá. Continua! Mas a...</p> <p>260. B: Capuchinho...</p> <p>261. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha. Mas ficaram...</p> <p>262. B: Ca... [ca] ai Capuchinho é maiúsculo. (Rasurando ca)</p> <hr/> <p>344. B: fi... [f] Ai! (Rasurando f)</p> <hr/> <p>346. B: Eee.. (Escrevendo [F]) Êpa. Ai não! (Rasurando F)</p> <hr/> <p>408. B: Está o erro! (Rasurando [floresta ta])</p> <hr/> <p>412. B: Salvou a... a Capuchinho... (Corrigindo [salvoua a]) Salvou a Capuchinho...</p>	
	<p>Substituição</p>	<p>127. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)</p> <p>128. B: É com cê...cedilha.</p> <p>129. L: O palhaci...[palhaç]</p> <p>130. B: Não é cê- cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada)</p> <p>131. L: Enganei-me . Eu faço isso (rasurando a palavra [palhaç])</p> <p>132. B: (S.l.)</p> <p>133. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) L Pa...lha...cinho... [palhacinho] Palhacinho.</p> <p>134. B: (S.l.) O palhacinho...</p> <hr/> <p>186. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a II]</p> <p>187. B: hora.</p> <p>188. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em “hora” ,o que parece ser dois eles “L”) Hora. [(II) hora]</p>	<p>6</p>

	<p>189. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”) . Lhora...hora...</p> <p>557. B: Seres! (Rasurando [[Ceres]] e escrevendo acima [seres] na 2ª linha do 1º parágrafo) Se...res... vivos. Nanananan... (Rasurando [[Ceres]] e escrevendo acima [seres] na 4ª linha do 1º parágrafo)</p> <p>561. B: tor... nou (rasurando [trunou] e escrevendo acima [tornou]) bom... traço. Mais nada?</p> <p>110. B: Êpá, Ô L... (L continua entretida com o elástico, cantarolando e enrolando nos dedos, enquanto B dá continuidade à escrita) para ca...sa...a... pé... à pé... [para casa apé] à pé... à... pé... (Rasura [apé] e reescreve logo após [a pé na])</p> <p>327. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir). Tá beeeem.</p> <p>328. B: É com maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p>	
	Deslocamento	0
	<p>404. B: ...menina chamada Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa à pé, na floresta. Ai, floresta... (Rasurando acrescentando o [ta] em [flores] [floresta ta])... Floreeesta.. Floresta..</p> <p>200. B: a... (Acrescentando o acento [á])</p>	2

Anexo XI – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 1 – “O Palhacinho”

Texto 1 – “O palhacinho”	<p>Categorias das situações determinantes na ocorrência operações metalinguísticas de revisão</p>	<p>Transcrição sujeita às categorias das situações em que ocorrem as operações</p>	<p>Total</p>
	<p>Proposta/Explicação</p>	<p>127. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)</p> <p>128. B: É com cê...cedilha.</p> <p>129. L: O palhaci...[palhaç]</p> <p>130. B: Não é cê- cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada)</p> <p>131. L: Enganei-me . Eu faço isso (rasurando a palavra [palhaç])</p> <p>132. B: (S.I.)</p> <p>133. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) L Pa...lha...cinho... [palhacinho] Palhacinho.</p> <p>134. B: (S.I.) O palhacinho...</p> <hr/> <p>141. L: L (Falando ao mesmo tempo que B) Triste [triste] e os palhaços...</p> <p>142. B: E... os...</p> <p>143. L: E os... [e os]</p> <p>144. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque...não...porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)</p> <p>145. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)</p>	<p>6</p>

		<p>146. B: Apaga! (L rasurando [(e o)]) depois faz ... porque...</p> <p>147. L: Porque [po]</p>	
		<p>186. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a ll]</p> <p>187. B: hora.</p> <p>188. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em “hora” ,o que parece ser dois eles “L”) Hora. [(ll) hora]</p> <p>189. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”) . Lhora...hora...</p>	
		<p>210. L: De...pois foi...para...[Depois foi para] Depois foi para...L outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>211. B: Outra...</p> <p>212. L: Outro circo... e... (transformando o “a” de “outra” em “o” [outro circo])</p>	
		<p>291. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.</p> <p>292. L: Mas... não... não é mas. (rasurando [Mas])</p> <p>293. B: E...</p> <p>294. L: E...o...pa...lha...ci...nho... [E o palhacinho]</p>	
		<p>321. B: Mas...</p> <p>322. L: Não...</p> <p>323. B: Mas felizes para sempre. A fazer acrobacias.</p> <p>324. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas... aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar {E} e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas...o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.</p>	

Revisão/Leitura	<p>271. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi... (volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [.e])</p> <p>272. B: (S.I.)</p> <p>273. L: Não é lá(Referindo-se a algo na frase anterior)... (S.I.) não tem nenhum ponto final. E vi...ve...ram...fe...li...zes...para...sem...pre...a...[viveram felizes para sempre a]</p>	9
	<p>321. B: Mas...</p> <p>322. L: Não...</p> <p>323. B: Mas felizes para sempre. A fazer acrobacias.</p> <p>324. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas... aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar [(E)] e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas...o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.</p>	
	<p>325. B: E viveram mais felizes para sempre. (S.I.)</p> <p>326. L: (Rasurando [(E-viveram).]) que ele fazia... ponto final.</p>	
	<p>330. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]. E o doutor disse ao palhacinho: –Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.</p>	
	<p>330. L: À toda hora. E depois...disse ...disse (Escrevendo o “i” por cima do “e” em [deisse]. E o doutor disse ao palhacinho:</p>	

–Vou ter de te operar a barriga, pode ser? – É claro que podes! Mas... (Adicionando o “s” em mas [mas]) mas por quê? –Porque tu comestes muito açúcar e é por isso que não consegues fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu fazer acrobacias e viveram felizes para sempre a fazer acrobacias.

332. L: Espera! A fazer acrobacias...Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram... [E ve]

333. B: E viveram!

334. L: Não, fizeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [vê fizeram]) acrobacias... para...todo...o...sempre [acrobacias]

346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada ~~com~~) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acrescentando o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para B, em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.

	<p>346. L: O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda hora. Depois foi para outro circo e o doutor disse ao palhacinho: – Vou ter de te operar a barriguinha, pode ser? – É claro que pode, mas por quê? – Porque comeste muito açúcar... (Para a leitura para riscar a palavra rasurada [[qum]]) ...comeste muito açúcar e é por isso que não consegue (Acrescentando o “s” em [consegues]) fazer acrobacias. O doutor operou o palhacinho e o palhacinho já conseguiu...conseguiu (mostrando o erro para B, em seguida rasura, escrevendo por cima [conseguiu]) conseguiu fazer acrobacias. Mas o palhacinho teve um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia. E fizeram acrobacias para todo o sempre.</p>	
<p>Tentativa</p>	<p>259. L: Porque... E agora pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação [porquê?] Tu... tu... co...mess... [tu qum] Não é isso! (rasurando [[qum]]) tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]</p>	<p>1</p>

Anexo XII – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”

	<p>Categorias das situações determinantes na ocorrência operações metalinguísticas de revisão</p>	<p>Transcrição sujeita às categorias das situações em que ocorrem as operações</p>	<p>Total</p>
<p>Texto 2 – “O Rei e os criados”</p>	<p>Proposta/Explicação</p>	<p>175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.</p> <p>176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.</p> <p>177. B: (Rasurando [q]) Cri...</p>	
		<p>181. B: a...dos...[criado]</p> <p>182. L: do...os... (ênfatisando o som do s no final), com “sê” e “i”, criados. Matar...</p> <p>183. B: Criados. (Acrescentando o “s” no final [criados])</p>	
		<p>195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...</p> <p>196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar para B como separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura [viv-os])</p> <p>197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)</p>	
		<p>286. L: Guardas (Ênfatisando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei</p>	

		<p>mandava.</p> <hr/> <p>315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)</p> <p>316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o que o rei mandava.</p> <p>317. B: Ai, faziam. (S.I.)</p> <p>318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a</p> <p>319. B: Aii. (Rasurando [fazião])</p> <p>320. L: Traço em cima!</p> <p>321. B: Fa... zi...</p> <p>322. L: Mea... [faziam]</p> <hr/> <p>387. B: Fu...</p> <p>388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram</p> <p>389. B: Fugi... [fog]</p> <p>390. L: Fogiram? Fuu (S.I.) Tu á riscastes B? (rasurando [fog]) Fuugiram... Um dia fugiram...</p> <hr/> <p>422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando...</p> <p>423. B: Quando...</p> <p>424. L: Só com "o"... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele...</p> <hr/> <p>426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só... quando...</p> <p>427. B: Espera! Qu..aando [coam]</p> <p>428. L: Não é assim... não é assim! É com "q"... (B rasurando [coam]) Olha, eu dito. É com "q" L (B repete enquanto escreve) ...u...a...me...do [quando]</p> <hr/> <p>491. B: Para... sem...pre... [para senp]</p>	14
--	--	---	----

		<p>492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B conserta transformando o “n” em “m” [sempe])</p> <p>493. B: Sem... pre... [...] [rasurando (sempe) sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei...</p> <p>494. L: Péra... e viveram felizes para seempre. Sempe... sempre.</p>	
		<p>556. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando [(a)]prender])</p>	
		<p>558. L: Não, aí, aí tá bem! (B rasurando o título onde o “i” não estava claro [(criados)] e escrevendo acima [criados]) Era uma vez, um rei mau. (B faz uma leitura superficial procurando as palavras para corrigir)</p>	
		<p>560. L: Anda continua! B! Põe aqui, criados. (B acrescenta o “s” na palavra [criados]) Põe aqui, tornou. Foi assim tão difícil?</p>	
		<p>564. L: Manda, é mandava. O rei manda, não é mandava. Parênteses, mandava.</p> <p>565. B: Man...da...va... (rasurando [(manda)]—e escrevendo acima [mandava])</p> <p>566. L: Mandava. (Ambas levantam os braços para chamar a professora)</p>	
		<p>185. B: L (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L) Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando [(matra)])</p> <p>186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha)</p> <p>187. B: Matar... (reescrevendo [matar])</p>	

	Revisão/Leitura	<p>451. B: Se... tornou... [p]... tornou.... (rasurando [p] Tronou... tru... [tru])</p> <p>224. L: Não, é com “a”, me. (B vira-se, provavelmente para chamar a professora) É com “a”, me. Tinham é com “a”, me. Anda! (B volta a escrever)</p> <p>225. B: [til] Ai! (rasurando [ti])</p> <p>226. L: Tinham... (Ditando pausadamente para B) Ti... ne... aga...a..me.</p> <p>227. B: [tinham]... tinham... pena...</p> <p>559. B: Seres! (Rasurando [(Ceres)] e escrevendo acima [seres] na 2ª linha do 1º parágrafo) Se...res... vivos. Nanananan... Seres.. res... seres... (Rasurando [Ceres] e escrevendo acima [seres] na 4ª linha do 1º parágrafo)</p> <p>497. B: Para sempre... (Corrigindo, escrevendo o “r” por cima [sempre])</p>	5
	Tentativa		0

Anexo XIII – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 3 – “O ovo especial”

	<p>Categorias das situações determinantes na ocorrência operações metalinguísticas de revisão</p>	<p>Transcrição sujeita às categorias das situações em que ocorrem as operações</p>	<p>Total</p>
	<p>Proposta/Explicação</p>		<p>0</p>
<p>Texto 3 – “O ovo especial”</p>	<p>Revisão/Leitura</p>	<p>146. L: Um lindo passarinho. Deixa eu ler: O ovo especial. Era uma vez uma, era um vez uma menina que se chamava Lili. Um dia viu um ovo na floresta e levou-o para casa, no caminho deixou cair :: cair (L reescreve no texto) [cair-cair].</p>	<p>16</p>
		<p>148. L: Pera. (L relendo a história) E o ovo :: E o ovo... E o ovo... E o ovo e o ovo? (L reescreve no texto) [e o ovo] partiu. (L falando baixinho e reescrevendo no texto) Partiu [lá] :: (L relendo o texto) E lá estava um lindo passarinho.</p>	
		<p>164. L: Pás-sa-ro [passaro]. 165. B: E dos seus irmãos. 166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) L e dos seus, seus... Mas como é ‘seus’?</p>	
		<p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) L e dos seus, seus... Mas como é ‘seus’? 167. B: Seu, é seus...</p>	

168. L: É si com 'si' [e dos (seus)]. :: É si porque se fosse com 'cê' era 'ceus'. Seus ir-mãos [seus irmãos] irmãos, pássaro [pa].

184. L: Passarinhos. (L mostrando a folha à B) Pas... Parinhos. Passarinhos, me enganei. ~~{(parinhos)}~~ pas-sa-rinhos [passarinhos] passarinhos. ::: (L falando e escrevendo) Um dia, a, foi à floresta. (L levanta o braço chamando a professora) Pofessora: um dia foi (falando com voz entonada) 'a'...

188. L: (Fala simultânea) Grave. :: Grave 'a' flo-resta de vo... enganei, [Um dia foi à floresta de v]. (L relendo a história) Um dia foi à floresta :: de-vol-ver o passarinho ~~{(de-v)}~~ devolver o passarinho]. ::: (L relendo o texto) Pera, um dia foi à floresta devolver o passarinho a, mãããe, 'a!' É 'a' de 'haverá'?

192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e ðaos irmãos ~~{(f)}~~ e viveram felizes com ~~{(f)}~~ a família ~~{(om)}~~ completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e ðaos irmãos ~~{(f)}~~ e viveram felizes com ~~{(f)}~~ a família ~~{(om)}~~ completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e e aos irmãos (†) e viveram felizes com (f) a família ~~(com)~~ completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

192. L: (L reclamando à B) Eu tô escrevendo, por favor. :: (Relendo a história e escrevendo) Um dia foi à floresta devolver o passarinho, a mãe e o, aos fi... aos ir-mãos, e vi-ve-ram fe-li-zes, pa-ra, todo, ooo, sem... :: para todo o sempre :: com a família... com, a, fa-mí-li-a, a família, com-ple-ta [e e aos irmãos (†) e viveram felizes com (f) a família ~~(com)~~ completa] :: Vamos ler: O ovo especial.

216. L: Pera aí. (L reescreve no texto) [~~(família)~~] Esta parte está mal. Fa-míl-lia-a [família].

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que ~~(no)~~ numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a ~~(ideias)~~ ideia foi ela ir ~~(vezita)~~ visitar o ~~(pari)~~ passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca,

nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (~~ne~~)-numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (~~ideias~~) ideia foi ela ir (~~vezita~~) visitar o (~~pari~~) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (~~ne~~)-numca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (~~ideias~~) ideia foi ela ir (~~vezita~~) visitar o (~~pari~~) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (~~ne~~)-nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (~~ideias~~) ideia foi ela ir (~~vezita~~) visitar o (~~pari~~) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu querer continua...

247. L: Pera... :: (SI) Agora é minha frase, é minha ideia, por favor. (Relendo o texto) Mas a menina ficou triste porque nunca, nun-ca, mais, ia, ver, o, pas-sa-rin-nho :: então, en-tão, uma i-de-

		<p>ia, ideia :: foi :: ela ir vi-si-tar :: o pas-sa-ri-nho, passarinho, todos, os, dias :: e ela, vi-veu, fe-liz, para, sempre. [que (n)nunca mais ia ver o passarinho então teve uma ideia (f) e a (ideias) ideia foi ela ir (vezita) visitar o (pari) passarinho todos o dia e ela viveu feliz para sempre.]. Aqui está. Agora só falta duas linhas. Se tu quiser continua...</p>	
	<p>Tentativa</p>		<p>0</p>

Anexo XIV – Tabela de registo das categorias das situações determinantes na ocorrência das operações metalinguísticas de revisão efetuadas pela díade no texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”

	<p>Categorias das situações determinantes na ocorrência operações metalinguísticas de revisão</p>	<p>Transcrição sujeita às categorias das situações em que ocorrem as operações</p>	<p>Total</p>
<p>Texto 4 – A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo”</p>		<p>87. L: Apois... Capuchinho... Capuchinho é com letra maiúscula... é o nome de uma pessoa.</p> <p>88. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente {(Capochin) Capochinho }).</p>	
		<p>125. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... Louviu... tá certo...Não! ouviu é com “u”. No final.</p> <p>126. B: (Rasura a palavra escrevendo o “u” por cima do “o” [ouvi<u>u</u>]) Ouviu...</p>	
	<p>Proposta/Explicação</p>	<p>154. B: Mas, o homem aranha, mas... ho...mem... [o ome].</p> <p>155. L: Homem é com “h”.</p> <p>156. B: Ai (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home]). Homem, obrigado.</p>	<p>16</p>
		<p>157. L: Homem aqui é com mê... mem...</p> <p>158. B: Homem... (B acrescenta o “m” no final [homem])</p>	
		<p>185. L: Árvore, no “a” tem acento.</p> <p>186. B: Alta.</p> <p>187. L: Acento agudo. Acento agudo no “a”. (Apontando no texto) Ali está. Isso mesmo. (B acrescenta o acento agudo no “a” [árvore])</p>	

		<p>199. L: Prendeu a que? A de avião. Quer dizer alguma coisa que há, que é é alguma coisa.</p> <p>200. B: a... (Acrescentando o acento [á])</p>	
		<p>204. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [(á)] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)</p> <p>205. L: Anda! (Olhando para o manuscrito) Põe o acento... (B acrescenta o acento [árvore]) Já pôs?</p>	
		<p>204. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [á] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)</p>	
		<p>215. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto).</p> <p>216. B: (S.l.) (rindo) Vemelho... (Rasurando [vemelho]) Vermelho...</p>	
		<p>252. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha... al... to mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]</p> <p>253. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)</p> <p>254. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])</p>	
		<p>279. L: Escreve aqui em cima do “o”, “u”.</p> <p>280. B: Eu já fiz aqui o “o” da Capuchinho... (Acrecenta o “u” em cima do “o” e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).</p>	
		<p>333. L: Tá ali lá. Eu vou (Pegando a caneta de B) Não, só pode escrever tu! É que é uma perninha, que eu não posso escrever. Mas, uma perninha, uma perninha...mais para cima. :: Da Capuchinho... (B rasurando [ta] e escrevendo [da] logo ao lado)</p>	

		<p>Anda! A Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz para sempre. (Falando rapidamente) Ficou muito feliz para sempre, anda!</p> <hr/> <p>334. B: Fi...cou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com] 335. L: Feliz é com “z” no final! 336. B: O quê? 337. L: É com “z” no final. 338. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.l.) com...o [com o]</p> <hr/> <p>364. B: Sem.... pre. [senpre] 365. L: É com o “me”, não é com “nê”. Não é com “nê”, é com “mê”! 366. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [sempre]</p> <hr/> <p>400. B: Era uma vez... 401. L: Uma menina! Uma menina. Era uma vez uma meninaa... (B acrescentando [uma] na primeira frase) Eu escrevo esse pedaço aqui! (L tenta pegar a caneta de B, mas desiste).</p> <hr/> <p>411. L: Lobo Mau...Agora sou eu, agora sou eu. Agora sou eu! Deixa-me (Pegando o manuscrito para ler) Mas o Homem-Aranha...tava em cima de uma árvore alta e a prendeu a à árvore e salvou a Capuchinho Vermelho. Salvou e depois a... Salvooooou a (Apontando o erro para B corrigir) 412. B: Salvou a... a Capuchinho... (Corrigindo [salvou{a} a]) Salvou a Capuchinho...</p>	
	<p>Revisão/Leitura</p>	<p>110. B: Êpá, Ô L... (L continua entretida com o elástico, cantarolando e enrolando nos dedos, enquanto B dá continuidade à escrita) para ca...sa...a... pé... à pé... [para casa</p>	

	<p>apé] à pé... à... pé... (Rasura {apé} e reescreve logo após [a pé na])</p> <p>176. B: Em cima... em cima...cima...ci...ma... [em {s}cima] Aqui, três?</p> <p>192. B: aprendeu... aprendeu... (escrevendo [a]) prende...prende (Rasurando {a}) e escrevendo após [prende]) prende, pren...deu...</p> <p>204. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando {á}) e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)</p> <p>222. B: Ver...me...lho [vermelho] e...[e] 223. L: e? 224. B: Péra... (Acrescentando o ponto final e rasurando “e” [- {e}]) e... 225. L: (Observando B escrever) Continua... (Bocejando) 226. B: E...o... (Escrevendo entre o ponto e a rasura [.E o {e}] E o e... (rindo do arranjo entre as letras) E o...</p> <p>222. B: Ver...me...lho [vermelho] e...[e] 223. L: e? 224. B: Péra... (Acrescentando o ponto final e rasurando “e” [- {e}]) e... 225. L: (Observando B escrever) Continua... (Bocejando) 226. B: E...o... (Escrevendo entre o ponto e a rasura [.E o {e}] E o e... (rindo do arranjo entre as letras) E o...</p> <p>259. L: Oito, se contares com a de lá. Continua! Mas a... 260. B: Capuchinho... 261. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha.</p>	10
--	---	----

		<p>Mas ficaram...</p> <p>262. B: Ca... [ca] ai Capuchinho é maiúsculo. (Rasurando {ca})</p> <hr/> <p>327. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir). Tá beeeem.</p> <p>328. B: É com maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p> <hr/> <p>404. B: ...menina chamada Capuchinho Vermelho que tava para ir para casa à pé, na floresta. Ai, floresta... (Rasurando acrescentando o [ta] em [flores] [floresta ta])... Floreeesta.. Floresta..</p> <hr/> <p>407. L: E...</p> <p>408. B: Está o erro! (Rasurando [floresta (ta)])</p> <p>409. L: Ahh! Estou aqui à espera!</p>	
	Tentativa		0

**Anexo XV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela díade no texto 1 – “O palhacinho”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>192. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a II].</p> <p>193. B: hora.</p> <p>194. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em “hora” ,o que parece ser dois eles “L”) Hora. {H} hora] .</p> <p>195. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”). Lhora...hora...</p>	2
	<p>196. L: E... ponto final! [.]</p> <p>197. B: E é preciso fazer uma bolinha maior L.</p> <p>198. L: (Risos) Deixa estar que é para a professora ver o ponto final. (fazendo um ponto final maior [.]) Sou eu que estou escrevendo a história. (L pensando sobre a história) Ahh... não sei.</p>	
Pragmática		0
Ortográfica	<p>129. L: Pa...lha.. ci...[palha].</p> <p>130. B: Olha para lá, o palhaço. (Mostrando para a L a imagem com a palavra palhaço acima do quadro) Palhaciinho...</p> <p>131. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)</p> <p>132. B: É com cê de cedilha.</p> <p>133. L: O palhaci...[palhaç]</p> <p>134. B: Não é cê-cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada).</p>	6

135. L: Enganei-me. Eu faço isto (rasurando a palavra ~~{palhaç}~~ }-)

136. B: Eu sei, é que estão...

137. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) L
Pa...lha...ci...nho... [palhacinho] Palhacinho.

158. B: Con... seguia...

159. L: con... se... [cons]

160. B: É conse... aquele (fazendo o desenho da letra G na mesa, com os dedos)

161. L: Se...guia [conseg]

162. B: Pergunta à professora. Conseguia. Pergunta à professora. (Procurando a professora com o olhar)

163. L: Mas é assim, que eu já vi. Conseguia... [conseguia]

164. B: Tá bom... (Tirando a mão da L de cima do manuscrito, para poder ver o que estava sendo escrito)

166. B: Acrobacias...

167. L: L (Ambas ditam enquanto L escreve)
Faazeeer...a...cro... É com “O” ou é com “U” ? [acr].

168. B: (Ambas se olham em dúvida, B levanta o braço para chamar a professora) Professora!

169. L: Crô...Crô... Crô... Cru...

170. B: Ô professora... (A professora Eugênia aproxima-se da díade) Acrobacias...

171. L: Acrobacias?

172. PROFESSORA: A...Cru.. Cró... (falando com ênfase, corrigindo a palavra).

173. L: A...cro...baa...cii[acroba]

174. PROFESSORA: Ci... (Ambas olham para a professora em dúvida acerca da sílaba seguinte "Ci") O mesmo ci que há em circo.

175. L: Acrobacii...as [acrobacias] (A professora se afasta da díade) É uma palavra difícil. (falando ainda com a professora)

176. PROFESSORA: É difícil, mas tu sabe escrever. Vocês transformaram em sílabas, fizeram com calma, vocês chegam lá. Sempre em todas elas.

177. B: Acrobacias (Lendo o que está escrito)

182. L: pa-lha-ços gozavam [palhaços].

183. B: Go...gu... de gato.

184. L: Gu... (olha com dúvida para B) [g].

185. B: Go...Go.

186. L: Go...gu...za...ram... gu...u... uuuuuu..

187. B: É com "O"

188. L: É com "U"

189. B: Pergunta à professora! Como em acrobacias

190. L: Não. Acrobacias! Já escrevemos acrobacias. (lendo o que está escrito) Os outros palhaços gozaram.... _ (Ambas ditam enquanto L escreve) go...za...vam [guzavam-].

269. L: Porque... E agora ponto final, pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação) porqueee [porquê?] Tu :: tu... co...mess...[tu qum] Não é isso! (rasurando {{(qum)}} tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]

Lexical		0
Semântica	<p>275. L: O doutor...</p> <p>276. B: Mas isso não tem nada a ver com o circo.</p> <p>277. L: (Continua ditando e escrevendo, ignorando a observação de B) Acrobacias...o doutor... [O doutor]</p> <p>278. B: O doutor palhaço...</p> <p>279. L: O-pe-rou... [operou].</p> <p>280. B: Operou...</p>	1
Sintática	<p>216. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi...para...[Depoi foi para] Depois foi para... outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>217. B: Depois foi para outra...</p> <p>218. L: Outro... outro</p> <p>219. B: Outra!</p> <p>220. L: Outro circo...</p> <p>221. B: Outra!</p> <p>222. L: Outro circo, e... (transformando o "a" de "outra" em "o" [outro circo]) eee [e]</p> <hr/> <p>258. B: Eu sei, mas deixa eu ver onde está. Mas...</p> <p>259. L: Não pode ser mas! ::: É claro que pode! Mas porque vai ter de me operar? (Falando com a voz do personagem).</p> <p>260. B: Porque... (S.I.). Vá lá!</p> <p>261. L: É [É]</p> <p>262. B: Claro...</p> <p>263. L: É claro... que podes :: mas... [claro que podes ma]</p> <p>264. B: Mas por que? (ditando para L) porque ainda faltam muitas linhas.</p>	6

265. L: Mas...por que? Porquee... [porquê, porque]

266. B: Por que?

267. L: Porquee...

268. B: Por que...

301. B: (B começa a ditar para L) Mas o palhacinho teve um irmão, pequeno.

302. L: Não! Mas o palhacinho...

303. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.

304. L: Mas... não... não é mas (rasurando ~~{(Mas)}~~)

305. B: E...

306. L: (Ditando e escrevendo) E... o... pa... lha... ci... nho... [E o palhacinho].

334. B: Mas...

335. L: Não...

336. B: Mas felizes para sempre a fazer acrobacias.

337. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas enganei-me... este aqui, aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar ~~{(E)}~~ e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas... o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.

347. L: Ele fazia. ::: E fizeram... E fizeram [E ve].

348. B: E viveram!

349. L: Não, e ‘fi’... fi-zeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [vê fizeram]) a-cro-ba-ci...as... para... todo... o... sempre [acrobacias].

		<p>350. B: Pra sempre?</p> <p>351. L: Para todo o sempre. [Para todo o sempre.]</p> <p>352. B: O sempre? (estranhando a construção sintática)</p> <p>353. L: Para todo o sempre! Só nos faltam três linhas. (S.I.) (Fazendo a data no início da folha) Hoje é dia doze, do dois...</p>	
	Textual	<p>149. L: E os... [e os]</p> <p>150. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque... não... porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)</p> <p>151. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)</p> <p>152. B: Apaga! (L rasurando [e-ø]) depois faz ... porque...</p> <p>153. L: Porque [po]</p> <p>154. B: Ele...</p> <p>155. L: Péra... Porque... péra aí... ppoorquee... [porque]</p> <p>156. B: Que... Não... não...</p> <p>157. L: Não [não]</p> <hr/> <p>200. L: Gozavam-no à toda hora... (relendo a última frase escrita) Como ele já estava farto, disso...</p> <p>201. B: De quê? Eles gozavam-no à toda hora...</p> <p>202. L: Não, não, não, não. Deixa eu concluir. Deixa que eu falo (Dispensando a ideia de B e pensando na continuação da história). À toda hora... e depois ele foi para outra ilha...para outra ilha do circo... e... os palhaços desse circo...</p> <p>203. B: Ensinarão-no...</p> <p>204. L: ...Ensinarão-no a fazer as acrobacias.</p> <hr/> <p>213. B: E depois foi outra vez para aquele circo... o circo onde ele foi-se embora...</p>	7

214. L: Não! (Interrompendo B) Já sei, já sei, já sei! À toda hora...

215. B: Então diz!

216. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi...para...[Depoi foi para] Depois foi para...└ outra...outro...outra ilha...[outra]

217. B: Depois foi para outra...

223. B: Outro... Comeu o açúcar da (S.I.) do palhacinho.

224. L: Não... (interrompendo B) e os palhaços... e o médico palhaço disse que :: e o médico palhaço disse que devia...que devia operar a barriga... e o médico palhaço disse que ele comia muito açúcar e era por isso que estava sem energias.

230. L: E, o... espera. (Começa a ler o início do texto) O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda a hora. Depois foi para outra... para outro circo e :: e fo :: e, o doutor... doutor... [o doutor].

231. B: Doutor...

232. L: Disse [desse]...

233. B: Mas o palhacinho disse: 'eu não quero operar a minha barriguinha, doutor'. (Falando com a voz da personagem).

234. L: E o doutor disse...

235. B: Não...

236. L: Não... disse... ao... └ pa...

237. B: lhacinho.

238. L: ao pa...lha...cinho... ao palhacinho... dois pontos [ao palhacinho:] parágrafo com travessão... └ Vo...u...ter...de...te...operar... [— Vou ter de te operar]

		<p>239. B: <u> </u> (lendo juntas a frase que L acabou de escrever) Vou ter de te operar... rrsr (B Ri) Mas o palhacinho...</p> <p>240. L: Não! Vou ter de te operar a barriga. A...bar...</p> <p>241. B: A barriguinha.</p> <p>242. L: A...bar...riguinha [a barriguinha] operar a barriguinha....</p>	
		<p>310. L: ir...mão...irmão...e levou-o...</p> <p>311. B: E Levou-o...</p> <p>312. L: E ensinou-o... Não...e levou-o para o circo dele. Ele levou...</p> <p>313. B: Não, e levou-o...</p> <p>314. L: Não... (A professora chama a atenção da sala enquanto L escreve [e levou-o])</p>	
	<p>Pontuação</p>	<p>283. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi... (volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [-e]);</p> <p>284. B: É com maiúscula! (B fala com preocupação) :: É com maiúsculo, L.</p> <p>285. L: Não é não, aqui não tem nenhum ponto final. E vi...ve...ram... fe...li...zes... para... sem-pre... sempre, a...[viveram felizes para sempre a]</p>	<p>1</p>

**Anexo XVI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela díade no texto 2 – “O Rei e os criados”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>138. L: L B :: (B hesita em escrever por uns segundos, enquanto L observa) Anda! As minhas ideias são muuuuito boas! (B escrevendo [L]) Eu faço um erre mais bonito do que o teu. Faz como é que eu faço o meu erre. (B rasura {{L}}) Meu erre vai assim (desenhando com o dedo sobre a mesa) em cima , depois faz assim, faz uma curva e vai. Esse é o meu erre.</p> <p>139. B: Faz assim... [L]</p> <p>140. L: Não era assim. Faz assim e Rá! (Desenhando com o dedo sobre a mesa) Agora, L B. B...</p>	4
	<p>148. L: Então, os dois reinos...</p> <p>149. B: Uns dois dedos? Um, dois, três? (Marcando com os dedos o tamanho do espaço para iniciar o parágrafo) Não...</p> <p>150. L: Sim, dois dedos. (Olhando atentamente para a folha enquanto dita para B escrever) Era uma vez...</p>	
	<p>163. B: Dá...</p> <p>164. L: É ali! (Apontando que B deveria continuar na linha anterior, mas logo percebe que não dá) Não, esquece, tá bem. Que manda... va.</p>	
	<p>195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...</p> <p>196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar</p>	

	<p>para B como separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura [[viv-os]])</p> <p>197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)</p>	
Pragmática	<p>285. B: Um traço... guardas...[go gu-arda]</p> <p>286. L: Guardas (Enfatizando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei mandava.</p>	2
	<p>339. B: Não...um dia o guarda não apareceu. E depois...</p> <p>340. L: (Interrompendo B) Mas nós tínhamos dito aquilo, do fugiram. Não é B? Por favor. Não (S.I.) Ideias.</p> <p>341. B: Como é que eles fugiram, sem chave? Tinha lá...um dia...lá na prisão, havia uma pá. Eles cavaram e fugiram...</p> <p>342. L: Posso falar?</p> <p>343. B: Fale.</p> <p>344. L: Um dia eles fugiram da prisão.</p> <p>345. B: Não, não..</p> <p>346. L: Mas deixa eu falar! Ainda não acabei.</p> <p>347. B: Não, assim não...</p> <p>348. L: Ainda não acabei! Fugiram da prisão porque tinha uma janela...</p>	
Ortográfica	<p>152. L: (Ditando pausadamente enquanto B escreve) E...ra...uma...vez...</p> <p>153. B: É com zê?</p> <p>154. L: Sim. (B escrevendo [Era uma vez]) Um rei muito mau. Ai, um rei mau.</p>	21

157. B: Não...mau é sem “a”. Mau é sem “l”. (Em dúvida sobre a grafia)

158. L: Tá ali. (Apontando para o quadro onde a professora escreveu a proposta)

159. B: Já sei.

274. L: Os guardas! Gu... ar... das... (Soletrando para B [go])
Guê...u...

275. B: Guardas. (S.l.) “u” verdadeiro...

276. L: “u” verdadeiro. (B levanta o braço para chamar a professora). Não demora porque a professora vai pensar que já acabamos. (B abaixa o braço) (S.l.) (B volta a levantar o braço)
Dedo no ar! (L segurando o braço de B) Deixa assim. Eu seguro o teu braço :: Não consigo mais...

175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.

176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa)
“cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.

177. B: (Rasurando ~~[[q]]~~) Cri...

178. L: A...dos...

179. B: Cri...

180. L: “A” sem acento.

182. L: do...os... (ênfatisando o som do s no final), com “sê” e “i”, criados. Matar...

183. B: Criados. (Acrescentando o “s” no final [criados])

185. B: (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L)
Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando ~~[[matra]]~~)

186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha)

187. B: Matar... (reescrevendo [matar])

- | | | | |
|--|--|---|--|
| | | <p>205. B: Não...que...ri...[não queri]</p> <p>206. L: ão...Não queriam....</p> <p>207. B: Não queriam (dando ênfase no “am”)</p> <p>208. L: Mê...a...mê...queriam</p> <p>209. B: Queriam (Completando a palavra [queriam])</p> <hr/> <p>221. B: (Repetindo em voz alta enquanto escreve) Eles... [eles]</p> <p>222. L: Tinham... (B escrevendo [tinham] , L observando) Porque eles tinham... pena dos pobres animais...</p> <p>223. B: Tinham... É com (S.I.) (B tirando dúvida com L sobre a grafia da palavra)</p> <p>224. L: Não, é com “a”, me. (B vira-se, provavelmente para chamar a professora) É com “a”, me. Tinham é com “a”, me. Anda! (B volta a escrever)</p> | |
| | | <p>311. B: Não... fa...É com “z”?</p> <p>312. L: Sim!</p> <p>313. B: Faziam...</p> <p>314. L: É com “z”.</p> <p>315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)</p> <hr/> <p>316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o que o rei mandava.</p> <p>317. B: Ai, faziam. (S.I.)</p> <p>318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a</p> <p>319. B: Aii. (Rasurando {fazião})</p> <p>320. L: Traço em cima!</p> <p>321. B: Fa... zi...</p> <p>322. L: Mea... [faziam]</p> | |

		<p>334. L: Man... man... não é nan, é man. (Apontando o erro para B que corrige e continua a escrever)</p> <p>335. B: <u> </u> (Falando ao mesmo tempo) Man... da...va... mandava [manda.].</p>	
		<p>387. B: Fu...</p> <p>388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram</p> <p>389. B: Fugi... [fog]</p> <p>390. L: Fogiram? Fuu (S.I.) Tu á riscastes B? (rasurando [[fog]]) Fuugiram... Um dia fugiram...</p> <p>391. B: Fu... gi...</p> <hr/> <p>394. L: Da prisão...</p> <p>395. B: Da... persão?</p> <p>396. L: Fugiram da prisão. Prisão :: Prisão com sê.</p> <p>397. B: Fugiram da... [da]</p> <p>398. L: Priii...</p> <p>399. B: Priei...</p> <p>400. L: Pri pri pri prisão (Cantarolando enquanto B escreve) Com sê...</p> <p>401. B: São...</p> <p>402. L: É com "a"... sim.</p> <p>403. B: São...</p> <p>404. L: A o... til...</p> <hr/> <p>407. B: E... fo... ram...</p> <p>408. L: Me... ame... (B escrevendo [foram]) Para...</p> <hr/> <p>414. L: <u> </u> Outro reino... reino ali (Tirando a mão de B da folha , pois ela ia escrever tudo junto) rei...no...</p> <p>415. B: rei...no...[reino]</p>	

		<p>422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando...</p> <p>423. B: Quando...</p> <p>424. L: Só com “o”... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele...</p>	
		<p>426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só... quando...</p> <p>427. B: Espera! Qu..aando [coam]</p> <p>428. L: Não é assim... não é assim! É com “q”... (B rasurando [(coam)]) Olha, eu dito. É com “q” L (B repete enquanto escreve) ...u...a...me...do [quando]</p>	
	<p>Lexical</p>		<p>0</p>

Semântica		0
Sintática	<p>255. B: Mas... [Mas]</p> <p>256. L: O rei...</p> <p>257. B: Espera. Um... [um]</p> <p>258. L: O rei, não é um rei!</p> <p>259. B: Um dia... [dia]</p> <p>260. L: O rei...</p> <hr/> <p>563. B: (S.I.) (Procurando a palavra) Mandava...</p> <p>564. L: Manda, é mandava. O rei manda, não é mandava. Parênteses, mandava.</p> <p>565. B: Man...da...va... (rasurando {(manda)} e escrevendo acima [mandava])</p> <p>566. L: Mandava. (Ambas levantam os braços para chamar a professora)</p>	2
Textual	<p>165. B: Va... [mandava]</p> <p>166. L: Os criados.... (L continua ditando enquanto B escreve)</p> <p>167. B: Os... Não...péra lá. (Em dúvida sobre a história)</p> <p>168. L: É pá! Nós já criamos essa ideia. Os criados matarem os seres vivos.</p> <p>169. B: mandava os...</p> <p>170. L: Matarem...</p> <p>171. B: Matar?</p> <p>172. L: (Lendo as últimas palavras escritas) Que mandava os...</p> <p>173. B: Espera!</p> <p>174. L: (Repetindo para B escrever) Que mandava os criados...mandava....os criados...cri..</p>	3

		<p>271. B: Ponto final, parágrafo.</p> <p>272. L: É sério? . Ponto final e parágrafo? (B assente com a cabeça) Não! (Voltando à história escrita). Mas um dia o rei chamou os guardas para prenderem os criados porque os criados não faziam o que o rei mandava :: Anda!</p> <p>354. L: Ainda não acabei! Ainda não acabei! Um dia eles fugiram da prisão porque... porque tinha uma janela e uma escada lá na prisão e eles subiram na escada e foram para outro rei.</p> <p>355. B: Reino...</p> <p>356. L: Não, subiram na escada, escalaram até a janela, depois e...escalaram a janela abaixo e foram para outro reino :: E só quando eles foram para outro reino é que o rei se tornou bom. (B assente com a cabeça)</p> <p>357. B: Mas ainda temos muitas linhas!</p>	
		<p>216. L: Porque...Agora, vírgula, porque :: Vírgula, sim... (B escrevendo [p])</p> <p>217. B: Tem que pôr? (Perguntando sobre a vírgula e depois volta para colocar a vírgula antes da palavra [, porque])</p> <p>218. L: Vírgula...Porque...Eles tinham pena dos...pobres animais...</p>	6
	Pontuação	<p>238. L: Seres vivos (Lendo a última palavra escrita)... Ponto final.</p> <p>239. B: Ponto final? [.]</p> <p>240. L: Parágrafo.</p> <p>241. B: Nós fizemos quantas linhas? (contando as linhas escritas em voz baixa)</p> <p>242. L Parágrafo! (Insistindo para B voltar a escrever)</p>	

243. B: Tá! Anda!

244. L: Paráágrafo... (cantarolando)

249. B: O rei mandou os guardas...

250. : (Fazendo um sinal com a mão para B parar de falar) Mas um dia... o rei mandou os guardas prenderem os criados. Porque os criados... _ (Falando ao mesmo tempo em que B) Não faziam o que ele mandava :: (Continuando a história) E depois os criados foram para a prisão, mas fugiram e foram para outro reino :: Ponto final.

251. B: (Continuando a história) Mas os meninos também queriam ser...

252. L: Anda! Mas os meninos... mas os meninos o quê?

253. B: (S.I.)

254. L: Vai, continuas a escrever. Parágrafo... (apontando na folha) Parágrafo... mas um dia... mas... um dia...

293. B: Prender os...cri...cri...a...dos...

294. L: Criados. Porque, vírgula, porque...

295. B: Por...que... porque [, porque]

296. L: Os criados não faziam o que o rei mandava.

337. B: Não é um parágrafo?

338. L: Não. Um dia eles fugiram da prisão :: (B vai escrever na linha abaixo, mas L redireciona para a linha anterior) Não, ali. Um dia eles fugiram da prisão.

416. L: Ponto final. [.] Ponto final com parágrafo. (B boceja, aparentando cansaço)

417. B: (S.I.)

418. L: Ponto final com parágrafo. (Rindo) Deixa e ver aqui...

		<p>(inclinando-se sobre a folha) (S.I.) Você começa aqui e acaba aqui. (Ambas riem) Não! Acaba aqui e depois aqui e acaba ali. (Apontando na folha). Péra, vamos contar quantas linhas faltam. └ Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.</p> <p>420. L: E depois, parágrafo. Ponto final com parágrafo. B! (Chamando a atenção de B que se distraiu com outra díade). Ponto final, parágrafo.</p> <p>421. B: Tá! (Voltando a escrever)</p>	
--	--	---	--

**Anexo XVII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela díade texto 3 – “O ovo especial”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>172. L: Deixa-me ler: O ovo especial. Era uma vez uma menina que se chamava Lili, um dia viu um ovo na floresta e levou para casa. No caminho deixou cair o ovo, deixou cair o ovo, e o ovo, deixou cair... o ovo... (L torna mais visível uma letra do texto) [o] o ovo :: Deixou cair o ovo...</p> <p>173. B: (B indicando no texto) Aqui, pões por cima.</p>	1
Pragmática		0
Ortográfica	<p>158. L: Cala! E o passarinho. Mas o passarinho... Aqui temos, uma frase, duas frases. Uma frase, duas frases, três frases, quatro frases. O passarinho. Mas o passarinho, es-ta-va, estava com [estava com], sau... saudades, saudades... “sodade ou soudade” ?</p> <p>159. B: Soudades...soudades...</p> <p>160. L: Soudades...saudades...</p> <p>161. B: Soooou.</p> <p>162. L: Soudades, sou-da-des :: da mãe. Da mãe [soldades da mãe].</p> <p>164. L: Pás-sa-ro [passaro].</p> <p>165. B: E dos seus irmãos.</p> <p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) _ e dos seus, seus... Mas como é ‘seus?</p> <p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) _ e dos seus, seus... Mas como</p>	6

Texto 3 – “O ovo especial”

	<p>é 'seus' ?</p> <p>167. B: Seu, é seus...</p> <p>168. L: É si com 'si' [e dos (seus)]. :: É si porque se fosse com 'cê' era 'ceus'. Seus ir-mãos [seus irmão] irmãos, pássaro [pa].</p>	
	<p>186. L: (L falando e escrevendo) Um dia... Anda!</p> <p>187. B: ...foi à floresta...</p> <p>188. L: a...foi à floresta. [um dia foi a] um dia, haver? Foi à floresta (L levanta o braço chamando a professora) Professora! (Chamando a professora para tirar a dúvida) um dia foi (entonando a voz) 'a'...</p>	
	<p>200. L: o passarinho [devolver o passarinho]. (Apontando para o texto) Falta aqui mais um 's', dois 's', já está (Adicionando mais um 's' em [passarinho] na 9ª linha):: (L relendo o texto) Pera, um dia foi à floresta devolver</p> <p>201. B: Devolver...</p>	
	<p>204. L: O passarinho à mãããe, 'a!' É 'a' de 'haverá'?</p> <p>205. B: Amanhã.</p>	
Lexical		0
Semântica		0
Sintática		0
Textual	<p>117. B: Um dia, foi... Ah não. Um dia :: viu um passarinho.</p> <p>118. L: Não! Viu um ovo, na floresta.</p> <p>119. BI: (B ditando para L) Viu, um ovo, na floresta.</p>	3

	<p>129. L: E [e].</p> <p>130. B: E... (SI) e o ovo não se partiu.</p> <p>131. L: Não. E, o ovo escorregou e tava lá um passarinho, dentro. E o passarinho que saiu da casca. (L falando e escrevendo) E o [o]</p> <p>132. B: E o ovo não partiu.</p>	
	<p>152. L: para, a gai-o-la dela [para a gaiola dela] :: E... Não, pera, maaas, o,</p> <p>153. B: Passarinho!</p>	
Pontuação		0

**Anexo XVIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela díade texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha
com o Lobo”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>320. L: (S.I.) Ali está “Tá”. Eu vou (Pegando a caneta de B) Não, só pode escrever tu! Uma perninha, uma perninha...mais para cima. Capuchinho... (B rasurando [(ta)] e escrevendo [da] logo ao lado) Anda! A Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz Para sempre. (Falando rapidamente) Ficou muito feliz para sempre, anda!</p>	2
	<p>367. B: Mas onde que eu vou escrever o Lobo Mau? (Questionando L devido à linha que já terminou)</p> <p>368. L: Com o Lobo.</p> <p>369. B: Como é que vai caber?</p> <p>370. L: Se botasse o título um cadinho mais para lá...</p> <p>371. B: E agora?</p> <p>372. L: (S.I.) (Falando sobre as linhas)</p> <p>373. B: E o Homem...Aranha...aranha... com (Escrevendo com a letra bem pequena para caber na linha [aranha com])...o...Lobo...</p> <p>374. L: Não escrevas o Lobo Mau, escreves só lobo. O Lobo. (B escrevendo [o lobo] logo acima da linha)</p> <p>375. B: Tá! (levantando a mão imediatamente)</p>	
Pragmática		0
Ortográfica	<p>75. B: Uma...me...ni..na...cha...ma...sê...Ca...pu..chiii... ô Professora,(Levantando o braço e perguntando á professora) Capuchinho é com “x”?</p>	20

Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo ”

		<p>79. B: Não é não. É Capuchinho.</p> <p>80. L: Pois...Capuchinho... Capuchinho é com letra maiúscula... é o nome de uma pessoa.</p> <p>81. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente [(εCapochin) Capochinho])</p> <hr/> <p>117. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... _ouviu... tá certo...Não! ouviu é com “u” . No final.</p> <p>118. B: (Rasura a palavra escrevendo o “u” por cima do “o” [ouviou]) Ouviu...</p> <hr/> <p>126. B: (A professora aproxima-se da díade e B pergunta) Professora! Professora, ruído é “u”?</p> <hr/> <p>135. L: ...bo... Mau! mau...parágrafo. Anda! Aqui... e aqui também... lobo (B escreve [mau] depois volta para riscar as palavras já rasuradas anteriormente, que estavam apenas entre parágrafos: [(cCapochin)] , [(apé)])</p> <p>136. B: É com “o”?</p> <p>137. L: Lobo... (SI)</p>	
		<p>146. B: Mas, o homem... ho...mem... [o ome]</p> <p>147. L: Homem é com “h”.</p> <p>148. B: (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home])</p> <hr/> <p>148. B: (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home])</p> <p>149. L: Homem aqui é com mê... mem...</p> <p>150. B: Homem... (B acrescenta o “m” no final [homem])</p>	

		<p>151. L: Aranha...</p> <p>152. B: Aranha...</p> <p>153. L: Sabe como é que se escreve aranha? Escreve...</p> <p>154. B: Aranha?</p> <p>155. L: Aranha... (cantarolando)</p> <p>156. B: <u> </u> (Ditando juntas) A... ran... nha... Aran... nha... [aranha]</p>	
		<p>176. B: (Enquanto B escreve, L cantarolando e fazendo movimentos com as mãos) De...um...a...ár...vo...re... [de uma arvore] Olha o que estás a fazer! (L esbarra no gravador) Ár... vo...re...</p> <p>177. L: Árvore, no “a” tem acento.</p>	
		<p>190. B: A corda na árvore.</p> <p>191. L: Predeu a que? A de avião. Quer dizer alguma coisa...(S.I.)</p> <p>192. B: a... (Acrescentando o acento [á])</p> <p>193. L: É bom perguntar à professora... (S.I.) à árvore... (B escrevendo [arvore]) Vamos perguntar à professora...À árvore...Há de haver umas árvores...há de haver... uma árvore...</p> <p>194. B: À uma árvore...</p> <p>195. L: Depois não digas que não te avisei...</p> <p>196. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [(á)] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)</p> <p>197. L: Anda! (Olhando para o manuscrito) Põe o acento... (B acrescenta o acento [árvore]) Já pôs?</p>	
		<p>206. B: (S.I.) Ver... me...lho...vermelho [vemelho]</p> <p>207. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto)</p>	

		<p>251. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha. (S.I.)</p> <p>252. B: Ca... [ca] Capuchinho maiúsculo. (Rasurando [(ca)])</p>	
		<p>254. B: A mãe. A...mãe...[mãe] da...[da]...Ca...pu...chin...nho...[Capochinho] disse...di...[di] disse é com sê? (Perguntando à L) é com dois sês, disse? É com dois?</p> <p>255. L: Sim!</p> <p>256. B: Diz é com dois?</p> <p>257. L: é com dois sês. Ponto final. (S.I.) é o que eu to dizendo.</p> <p>258. B: Dis...se...[disse] (Para de escrever, observando outra díade)</p> <hr/> <p>267. L: Anda! A Capuchinho...(Lendo) Capochinho. (rindo e apontando o erro para B)</p> <p>268. B: Capu...</p> <p>269. L: Escreve aqui em cima do “o”, “u”.</p> <p>270. B: Eu já fiz aqui (S.I.) Capuchinho... (Acrecenta o “u” em cima do “o” e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).</p> <hr/> <p>313. B: Vermelho... vermelho tá mal!</p> <p>314. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir).</p> <p>315. B: É maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p> <hr/> <p>321. B: Ficou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com]</p> <p>322. L: Feliz é com “z” no final!</p> <p>323. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.I.) com...o [com o]</p>	

	<p>341. B: Fe...li...</p> <p>342. L: Zê, Zê!</p> <p>343. B: Felizes... [felizes]</p>	
	<p>345. B: Pa...ra...sem... [para]</p> <p>346. L: Sempre!</p> <p>347. B: Sê de sapo! Sem...pre... [senpre]</p>	
	<p>348. L: É com me, não é com nê. Não é com nê, é com mê!</p> <p>349. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [senmpre]</p>	
	<p>390. L: Lobo Mau...Agora sou eu, agora sou eu! (Pegando o manuscrito para ler) Mas o Homem-Aranha...tava em cima de uma árvore alta e a prendeu à arvore e salvou a Capuchinho Vermelho. Salvou a e depois a... (Apontando o erro para B corrigir)</p> <p>391. B: Salvou a...a Capuchinho... (Corrigindo [salvou(a) a]) Salvou a Capuchinho...</p>	
Lexical		0
Semântica		0
Sintática	<p>242. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha...alto mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]</p> <p>243. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)</p> <p>244. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])</p> <p>245. L: E o Homem-Aranha é alto mas? (Questionando a construção sintática)</p> <p>246. B: Mas, a Capuchinho disse: Tens um fato vermelho.</p> <p>247. L: Isso não faz sentido nenhum! Mas podes continuar.</p>	1

	(S.I.)	
Textual		0
Pontuação	<p>291. L: Põe o ponto final, põe o ponto final! (B Acrescenta o ponto [.])</p> <p>292. B: À frente?</p> <p>293. L: À frente não, parágrafo!</p> <p>294. B: Parágrafo?</p> <p>295. L: Anda! (Ambas observando a conversa da professora com a outra díade) Anda, anda! Vai B!</p>	1

**Anexo XIX – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna L**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>138. L: L B:: (B hesita em escrever por uns segundos, enquanto L observa) Anda! As minhas ideias são muuuuito boas! (B escrevendo [L]) Eu faço um erre mais bonito do que o teu. Faz como é que eu faço o meu erre. (B rasura [[L]]) Meu erre vai assim (desenhando com o dedo sobre a mesa) em cima , depois faz assim, faz uma curva e vai. Esse é o meu erre.</p> <p>139. B: Faz assim... [L]</p> <p>140. L: Não era assim. Faz assim e Rá! (Desenhando com o dedo sobre a mesa) Agora, L B. B...</p>	4
	<p>163. B: Dá...</p> <p>164. L: É ali! (Apontando que B deveria continuar na linha anterior, mas logo percebe que não dá) Não, esquece, tá bem. Que manda... va.</p>	
	<p>195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...</p> <p>196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar para B como separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura [[viv-os]])</p> <p>197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)</p>	
	<p>320. L: (S.I.) Ali está "Tá". Eu vou (Pegando a caneta de B) Não,</p>	

		<p>só pode escrever tu! Uma perninha, uma perninha...mais para cima. Capuchinho... (B rasurando [(ta)] e escrevendo [da] logo ao lado) Anda! A Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz Para sempre. (Falando rapidamente) Ficou muito feliz para sempre, anda!</p>	
	Pragmática	<p>285. B: Um traço... guardas...[go gu-arda]</p> <p>286. L: Guardas (Enfatizando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei mandava.</p> <hr/> <p>339. B: Não...um dia o guarda não apareceu. E depois...</p> <p>340. L: (Interrompendo B) Mas nós tínhamos dito aquilo, do fugiram. Não é B? Por favor. Não (S.I.) Ideias.</p> <p>341. B: Como é que eles fugiram, sem chave? Tinha lá...um dia...lá na prisão, havia uma pá. Eles cavaram e fugiram...</p> <p>342. L: Posso falar?</p> <p>343. B: Fale.</p> <p>344. L: Um dia eles fugiram da prisão.</p> <p>345. B: Não, não..</p> <p>346. L: Mas deixa eu falar! Ainda não acabei.</p> <p>347. B: Não, assim não...</p> <p>348. L: Ainda não acabei! Fugiram da prisão porque tinha uma janela...</p>	2

	Ortográfica	<p>166. B: Acrobacias...</p> <p>167. L: <u> </u> (Ambas ditam enquanto L escreve) Faazeeer...a...cro... É com “O” ou é com “U” ? [acr].</p> <p>168. B: (Ambas se olham em dúvida, B levanta o braço para chamar a professora) Professora!</p> <p>169. L: Crô...Crô... Crô... Cru...</p> <p>170. B: Ô professora... (A professora Eugênia aproxima-se da díade) Acrobacias...</p> <p>171. L: Acrobacias?</p> <p>172. PROFESSORA: A...Cru.. Cró... (falando com ênfase, corrigindo a palavra).</p>	39
<p>173. L: A...cro...baa...cii[acroba]</p> <p>174. PROFESSORA: Ci... (Ambas olham para a professora em dúvida acerca da sílaba seguinte “Ci”) O mesmo ci que há em circo.</p> <p>175. L: Acrobacii...as [acrobacias] (A professora se afasta da díade) É uma palavra difícil. (falando ainda com a professora)</p> <p>176. PROFESSORA: É difícil, mas tu sabe escrever. Vocês transformaram em sílabas, fizerem com calma, vocês chegam lá. Sempre em todas elas.</p> <p>177. B: Acrobacias (Lendo o que está escrito)</p>			
<p>269. L: Porque... E agora ponto final, pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação) porqueee [porquê?] Tu :: tu... co...mess...[tu qum] Não é isso! (rasurando {(qum)} tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]</p>			
<p>158. L: Cala! E o passarinho. Mas o passarinho... Aqui temos, uma frase, duas frases. Uma frase, duas frases, três frases, quatro</p>			

		<p>frases. O passarinho. Mas o passarinho, es-ta-va, estava com [estava com], sau... saudades, saudades... “sodade ou soudade” ?</p> <p>159. B: Soudades...soudades...</p> <p>160. L: Soudades...saudades...</p> <p>161. B: Sooooo.</p> <p>162. L: Soudades, sou-da-des :: da mãe. Da mãe [soldades da mãe].</p>	
		<p>164. L: Pás-sa-ro [passaro].</p> <p>165. B: E dos seus irmãos.</p> <p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) e dos seus, seus... Mas como é ‘seus’ ?</p>	
		<p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) e dos seus, seus... Mas como é ‘seus’ ?</p> <p>167. B: Seu, é seus...</p> <p>168. L: É si com ‘si’ [e dos (seus)]. :: É si porque se fosse com ‘cê’ era ‘ceus’. Seus ir-mãos [seus irmão] irmãos, pássaro [pa].</p>	
		<p>186. L: (L falando e escrevendo) Um dia... Anda!</p> <p>187. B: ...foi à floresta...</p> <p>188. L: a....foi à floresta. [um dia foi a] um dia, haver? Foi à floresta (L levanta o braço chamando a professora) Professora! (Chamando a professora para tirar a dúvida) um dia foi (entonando a voz) ‘a’...</p>	
		<p>200. L: o passarinho [devolver o passarinho]. (Apontando para o texto) Falta aqui mais um ‘s’, dois ‘s’, já está (Adicionando mais um ‘s’ em [passarinho] na 9ª linha):: (L relendo o texto) Pera, um dia</p>	

		<p>foi à floresta devolver</p> <p>201. B: Devolver...</p>	
		<p>204. L: O passarinho à mãããe, 'a' É 'a' de 'haverá'?</p> <p>205. B: Amanhã.</p>	
		<p>117. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... _ouviu... tá certo...Não! ouviu é com "u" . No final.</p> <p>118. B: (Rasura a palavra escrevendo o "u" por cima do "o" [ouviou]) Ouviu...</p>	
		<p>135. L: ...bo... Mau! mau...parágrafo. Anda! Aqui... e aqui também... lobo (B escreve [mau] depois volta para riscar as palavras já rasuradas anteriormente, que estavam apenas entre parágrafos: [(cCapochin)] , [(apé)])</p> <p>136. B: É com "o"?</p> <p>137. L: Lobo... (SI)</p>	
		<p>146. B: Mas, o homem... ho...mem... [o ome]</p> <p>147. L: Homem é com "h".</p> <p>148. B: (Corrigindo, acrescentando o "h" no início da palavra [home])</p>	
		<p>148. B: (Corrigindo, acrescentando o "h" no início da palavra [home])</p> <p>149. L: Homem aqui é com mê... mem...</p> <p>150. B: Homem... (B acrescenta o "m" no final [homem])</p>	
		<p>151. L: Aranha...</p> <p>152. B: Aranha...</p> <p>153. L: Sabe como é que se escreve aranha? Escreve...</p> <p>154. B: Aranha?</p>	

		<p>155. L: Aranha... (cantarolando)</p> <p>156. B: <u> </u> (Ditando juntas) A... ran... nha... Aran... nha... [aranha]</p>	
		<p>176. B: (Enquanto B escreve, L cantarolando e fazendo movimentos com as mãos) De...um...a...ár...vo...re... [de uma árvore] Olha o que estás a fazer! (L esbarra no gravador) Ár...vo...re...</p> <p>177. L: Árvore, no “a” tem acento.</p>	
		<p>190. B: A corda na árvore.</p> <p>191. L: Prendeu a que? A de avião. Quer dizer alguma coisa...(S.I.)</p> <p>192. B: a... (Acrescentando o acento [á])</p> <p>193. L: É bom perguntar à professora... (S.I.) à árvore... (B escrevendo [árvore]) Vamos perguntar à professora...À árvore...Há de haver umas árvores...há de haver... uma árvore...</p> <p>194. B: À uma árvore...</p> <p>195. L: Depois não digas que não te avisei...</p> <p>196. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [(á)] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)</p> <p>197. L: Anda! (Olhando para o manuscrito) Põe o acento... (B acrescenta o acento [árvore]) Já pôs?</p>	
		<p>206. B: (S.I.) Ver... me...lho...vermelho [vemelho]</p> <p>207. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto)</p>	
		<p>267. L: Anda! A Capuchinho...(Lendo) Capochinho. (rindo e apontando o erro para B)</p> <p>268. B: Capu...</p> <p>269. L: Escreve aqui em cima do “o”, “u”.</p>	

		<p>270. B: Eu já fiz aqui (S.I.) Capuchinho... (Acrecenta o “u” em cima do “o” e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).</p>	
		<p>321. B: Ficou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com] 322. L: Feliz é com “z” no final! 323. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.I.) com...o [com o]</p>	
		<p>341. B: Fe...li... 342. L: Zê, Zê! 343. B: Felizes... [felizes]</p>	
		<p>345. B: Pa...ra...sem... [para] 346. L: Sempre! 347. B: Sê de sapo! Sem...pre... [senpre]</p>	
		<p>348. L: É com me, não é com nê. Não é com nê, é com mê! 349. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [senpre]</p>	
		<p>390. L: Lobo Mau...Agora sou eu, agora sou eu! (Pegando o manuscrito para ler) Mas o Homem-Aranha...tava em cima de uma árvore alta e a prendeu à arvore e salvou a Capuchinho Vermelho. Salvou a e depois a... (Apontando o erro para B corrigir) 391. B: Salvou a...a Capuchinho... (Corrigindo [salvou(a) a]) Salvou a Capuchinho...</p>	
		<p>274. L: Os guardas! Gu... ar... das... (Soletrando para B [go]) Guê...u... 275. B: Guardas. (S.I.) “u” verdadeiro... 276. L: “u” verdadeiro. (B levanta o braço para chamar a professora). Não demora porque a professora vai pensar que já</p>	

		<p>acabamos. (B abaixa o braço) (S.I.) (B volta a levantar o braço) Dedo no ar! (L segurando o braço de B) Deixa assim. Eu seguro o teu braço :: Não consigo mais...</p>	
		<p>175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.</p> <p>176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.</p> <p>177. B (Rasurando {(q)}) Cri...</p> <p>178. L: A...dos...</p> <p>179. B: Cri...</p> <p>180. L: “A” sem acento.</p>	
		<p>182. L: do...os... (ênfatisando o som do s no final), com “sê” e “i”, criados. Matar...</p> <p>183. B: Criados. (Acrescentando o “s” no final [criados])</p>	
		<p>185. B: <u> </u> (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L) Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando {(matra)})</p> <p>186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha)</p> <p>187. B: Matar... (reescrevendo [matar])</p>	
		<p>205. B: Não...que...ri...[não queri]</p> <p>206. L: ão...Não queriam....</p> <p>207. B: Não queriam (dando ênfase no “am”)</p> <p>208. L: Mê...a...mê...queriam</p> <p>209. B: Queriam (Completando a palavra [queriam])</p>	
		<p>316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o que o rei mandava.</p> <p>317. B: Ai, faziam. (S.I.)</p> <p>318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a</p>	

		<p>319. B: Aii. (Rasurando {{fazião}})</p> <p>320. L: Traço em cima!</p> <p>321. B: Fa... zi...</p> <p>322. L: Mea... [faziam]</p>	
		<p>334. L: Man... man... não é nan, é man. (Apontando o erro para B que corrige e continua a escrever)</p> <p>335. B: _ (Falando ao mesmo tempo) Man... da...va... mandava [manda.].</p> <hr/> <p>387. B: Fu...</p> <p>388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram</p> <p>389. B: Fugi... [fog]</p> <p>390. L: Fogiram? Fuu (S.I.) Tu á riscastes B? (rasurando {{fog}}) Fuugiram... Um dia fugiram...</p> <p>391. B: Fu... gi...</p> <hr/> <p>407. B: E... fo... ram...</p> <p>408. L: Me... ame... (B escrevendo [foram]) Para...</p> <hr/> <p>414. L: LOutro reino... reino ali (Tirando a mão de B da folha , pois ela ia escrever tudo junto) rei...no...</p> <p>415. B: rei...no...[reino]</p> <hr/> <p>422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando...</p> <p>423. B: Quando...</p> <p>424. L: Só com “o”... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele...</p> <hr/> <p>426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só... quando...</p> <p>427. B: Espera! Qu..aando [coam]</p>	

	<p>428. L: Não é assim... não é assim! É com “q”... (B rasurando [coam]) Olha, eu dito. É com “q” L (B repete enquanto escreve) ...u...a...me...do [quando]</p> <p>490. L: Para sempre!</p> <p>491. B: Para... sem...pre... [para senp]</p> <p>492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B conserta transformando o “n” em “m” [sempe])</p> <p>493. B: Sem... pre... [.] [rasurando sempe sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei...</p>	
	<p>554. L: Põe primeiro “os” em criados. Criados.</p> <p>555. B: Criados... criados... (Buscando no texto)</p> <p>558. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando aprender])</p> <p>560. L: Anda continua! B! Põe aqui, criados. (B acrescenta o “s” na palavra [criados]) Põe aqui, tornou. Foi assim tão difícil?</p>	
Lexical		0
Semântica	<p>275. L: O doutor...</p> <p>276. B: Mas isso não tem nada a ver com o circo.</p> <p>277. L: (Continua ditando e escrevendo, ignorando a observação de B) Acrobacias...o doutor... [O doutor]</p> <p>278. B: O doutor palhaço...</p> <p>279. L: O-pe-rou... [operou].</p> <p>280. B: Operou...</p>	1

	Sintática	<p>242. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha...alto mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]</p> <p>243. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)</p> <p>244. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])</p> <p>245. L: E o Homem-Aranha é alto mas? (Questionando a construção sintática)</p> <p>246. B: Mas, a Capuchinho disse: Tens um fato vermelho.</p> <p>247. L: Isso não faz sentido nenhum! Mas podes continuar. (S.I.)</p> <hr/> <p>255. B: Mas... [Mas]</p> <p>256. L: O rei...</p> <p>257. B: Espera. Um... [um]</p> <p>258. L: O rei, não é um rei!</p> <p>259. B: Um dia... [dia]</p> <p>260. L: O rei...</p> <hr/> <p>563. B: (S.I.) (Procurando a palavra) Mandava...</p> <p>564. L: Manda, é mandava. O rei manda, não é mandava. Parênteses, mandava.</p> <p>565. B: Man...da...va... (rasurando {(manda)} e escrevendo acima [mandava])</p> <p>566. L: Mandava. (Ambas levantam os braços para chamar a professora)</p>	9
		<p>216. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi...para...[Depoi foi para] Depois foi para..._ outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>217. B: Depois foi para outra...</p> <p>218. L: Outro... outro</p> <p>219. B: Outra!</p>	

		<p>220. L: Outro circo...</p> <p>221. B: Outra!</p> <p>222. L: Outro circo, e... (transformando o “a” de “outra” em “o” [outro circo]) eee [e]</p>	
		<p>258. B: Eu sei, mas deixa eu ver onde está. Mas...</p> <p>259. L: Não pode ser mas! ::: É claro que pode! Mas porque vai ter de me operar? (Falando com a voz do personagem).</p> <p>260. B: Porque... (S.I.). Vá lá!</p> <p>261. L: É [É]</p> <p>262. B: Claro...</p> <p>263. L: É claro... que podes :: mas... [claro que podes ma]</p> <p>264. B: Mas por que? (ditando para L) porque ainda faltam muitas linhas.</p> <p>265. L: Mas...por que? Porquee... [porquê, porque]</p> <p>266. B: Por que?</p> <p>267. L: Porquee...</p> <p>268. B: Por que...</p>	
		<p>301. B: (B começa a ditar para L) Mas o palhacinho teve um irmão, pequeno.</p> <p>302. L: Não! Mas o palhacinho...</p> <p>303. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.</p> <p>304. L: Mas... não... não é mas (rasurando [-(Mas)])</p> <p>305. B: E...</p> <p>306. L: (Ditando e escrevendo) E... o... pa... lha... ci... nho... [E o palhacinho].</p>	
		<p>334. B: Mas...</p> <p>335. L: Não...</p>	

		<p>336. B: Mas felizes para sempre a fazer acrobacias.</p> <p>337. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas enganei-me... este aqui, aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar {E} e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas... o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.</p> <p>347. L: Ele fazia. ::: E fizeram... E fizeram [E ve].</p> <p>348. B: E viveram!</p> <p>349. L: Não, e ‘fi’... fi-zeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [vê fizeram]) a-cro-ba-ci...as... para... todo... o... sempre [acrobacias].</p> <p>350. B: Pra sempre?</p> <p>351. L: Para todo o sempre. [Para todo o sempre.]</p> <p>352. B: O sempre? (estranhando a construção sintática)</p> <p>353. L: Para todo o sempre! Só nos faltam três linhas. (S.I.) (Fazendo a data no início da folha) Hoje é dia doze, do dois...</p>	
	<p>Textual</p>	<p>200. L: Gozavam-no à toda hora... (relendo a última frase escrita) Como ele já estava farto, disso...</p> <p>201. B: De quê? Eles gozavam-no à toda hora...</p> <p>202. L: Não, não, não, não. Deixa eu concluir. Deixa que eu falo (Dispensando a ideia de B e pensando na continuação da história). À toda hora... e depois ele foi para outra ilha...para outra ilha do circo... e... os palhaços desse circo...</p> <p>203. B: Ensinaram-no...</p> <p>204. L: ...Ensinaram-no a fazer as acrobacias.</p>	<p>12</p>

		<p>213. B: E depois foi outra vez para aquele circo... o circo onde ele foi-se embora...</p> <p>214. L: Não! (Interrompendo B) Já sei, já sei, já sei! À toda hora...</p> <p>215. B: Então diz!</p> <p>216. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi...para...[Depoi foi para] Depois foi para...└ outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>217. B: Depois foi para outra...</p>	
		<p>223. B: Outro... Comeu o açúcar da (S.I.) do palhacinho.</p> <p>224. L: Não... (interrompendo B) e os palhaços... e o médico palhaço disse que ::: e o médico palhaço disse que devia...que devia operar a barriga... e o médico palhaço disse que ele comia muito açúcar e era por isso que estava sem energias.</p>	
		<p>230. L: E, o... espera. (Começa a ler o início do texto) O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda a hora. Depois foi para outra... para outro circo e :: e fo :: e, o doutor... doutor... [o doutor].</p> <p>231. B: Doutor...</p> <p>232. L: Disse [desse]...</p> <p>233. B: Mas o palhacinho disse: 'eu não quero operar a minha barriguinha, doutor'. (Falando com a voz da personagem).</p> <p>234. L: E o doutor disse...</p> <p>235. B: Não...</p> <p>236. L: Não... disse... ao... └ pa...</p> <p>237. B: lhacinho.</p> <p>238. L: ao pa...lha...cinho... ao palhacinho... dois pontos [ao palhacinho:] parágrafo com travessão... └</p>	

		<p>Vo...u...ter...de...te...operar... [— Vou ter de te operar]</p>	
		<p>239. B: <u> </u> (lendo juntas a frase que L acabou de escrever) Vou ter de te operar... rsrs (B Ri) Mas o palhacinho...</p> <p>240. L: Não! Vou ter de te operar a barriga. A...bar...</p> <p>241. B: A barriguinha.</p> <p>242. L: A...bar...riguinha [a barriguinha] operar a barriguinha...</p>	
		<p>310. L: ir...mão...irmão...e levou-o...</p> <p>311. B: E Levou-o...</p> <p>312. L: E ensinou-o... Não...e levou-o para o circo dele. Ele levou...</p> <p>313. B: Não, e levou-o...</p> <p>314. L: Não... (A professora chama a atenção da sala enquanto L escreve [e levou-o])</p>	
		<p>165. B: Va... [mandava]</p> <p>166. L: Os criados.... (L continua ditando enquanto B escreve)</p> <p>167. B: Os... Não...péra lá. (Em dúvida sobre a história)</p> <p>168. L: É pá! Nós já criamos essa ideia. Os criados matarem os seres vivos.</p> <p>169. B: mandava os...</p> <p>170. L: Matarem...</p> <p>171. B: Matar?</p> <p>172. L: (Lendo as últimas palavras escritas) Que mandava os...</p> <p>173. B: Espera!</p> <p>174. A: (Repetindo para B escrever) Que mandava os criados...mandava....os criados...cri..</p>	

		<p>271. B: Ponto final, parágrafo.</p> <p>272. L: É sério? . Ponto final e parágrafo? (B assente com a cabeça) Não! (Voltando à história escrita). Mas um dia o rei chamou os guardas para prenderem os criados porque os criados não faziam o que o rei mandava :: Anda!</p>	
		<p>354. L: Ainda não acabei! Ainda não acabei! Um dia eles fugiram da prisão porque... porque tinha uma janela e uma escada lá na prisão e eles subiram na escada e foram para outro rei.</p> <p>355. B: Reino...</p> <p>356. L: Não, subiram na escada, escalaram até a janela, depois e...escalaram a janela abaixo e foram para outro reino :: E só quando eles foram para outro reino é que o rei se tornou bom. (B assente com a cabeça)</p> <p>357. B: Mas ainda temos muitas linhas!</p>	
		<p>117. B: Um dia, foi... Ah não. Um dia :: viu um passarinho.</p> <p>118. L: Não! Viu um ovo, na floresta.</p> <p>119. B: (B ditando para L) Viu, um ovo, na floresta.</p>	
		<p>129. L: E [e].</p> <p>130. B: E... (Sl) e o ovo não se partiu.</p> <p>131. L: Não. E, o ovo escorregou e tava lá um passarinho, dentro. E o passarinho que saiu da casca. (L falando e escrevendo) E o [o]</p> <p>132. B: E o ovo não partiu.</p>	
		<p>152. L: para, a gai-o-la dela [para a gaiola dela] :: E... Não, pera, maaas, o,</p> <p>153. B: Passarinho!</p>	
	<p>Pontuação</p>	<p>291. L: Põe o ponto final, põe o ponto final! (B Acrescenta o</p>	<p>6</p>

		<p>ponto [.]</p> <p>292. B: À frente?</p> <p>293. L: À frente não, parágrafo!</p> <p>294. B: Parágrafo?</p> <p>295. L: Anda! (Ambas observando a conversa da professora com a outra díade) Anda, anda! Vai B!</p>	
		<p>216. L: Porque...Agora, vírgula, porque :: Vírgula, sim... (B escrevendo [p])</p> <p>217. B: Tem que pôr? (Perguntando sobre a vírgula e depois volta para colocar a vírgula antes da palavra [, porque])</p> <p>218. L: Vírgula...Porque...Eles tinham pena dos...pobres animais...</p> <p>238. L: Seres vivos (Lendo a última palavra escrita)... Ponto final.</p> <p>239. B: Ponto final? [.]</p> <p>240. L: Parágrafo.</p> <p>241. B: Nós fizemos quantas linhas? (contando as linhas escritas em voz baixa)</p> <p>242. L: Parágrafo! (Insistindo para B voltar a escrever)</p> <p>243. B: Tá! Anda!</p> <p>244. L: Parágrafo... (cantolando)</p>	
		<p>249. B: O rei mandou os guardas...</p> <p>250. L: (Fazendo um sinal com a mão para B parar de falar) Mas um dia... o rei mandou os guardas prenderem os criados. Porque os criados... _ (Falando ao mesmo tempo em que B) Não faziam o que ele mandava :: (Continuando a história) E depois os criados foram para a prisão, mas fugiram e foram para outro reino :: Ponto final.</p> <p>251. B: (Continuando a história) Mas os meninos também</p>	

		<p>queriam ser...</p> <p>252. L: Anda! Mas os meninos... mas os meninos o quê?</p> <p>253. B: (S.I.)</p> <p>254. L: Vai, continuas a escrever. Parágrafo... (apontando na folha) Parágrafo... mas um dia... mas... um dia...</p>	
		<p>293. B: Prender os...cri...cri...a...dos...</p> <p>294. L: Criados. Porque, vírgula, porque...</p> <p>295. B: Por...que... porque [, porque]</p> <p>296. L: Os criados não faziam o que o rei mandava.</p> <hr/> <p>416. L: Ponto final. [.] Ponto final com parágrafo. (B boceja, aparentando cansaço)</p> <p>417. B: (S.I.)</p> <p>418. L: Ponto final com parágrafo. (Rindo) Deixa e ver aqui... (inclinando-se sobre a folha) (S.I.) Você começa aqui e acaba aqui. (Ambas riem) Não! Acaba aqui e depois aqui e acaba ali. (Apontando na folha). Péra, vamos contar quantas linhas faltam. <u> </u> Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.</p> <p>420. L: E depois, parágrafo. Ponto final com parágrafo. B! (Chamando a atenção de B que se distraiu com outra díade). Ponto final, parágrafo.</p> <p>421. B: Tá! (Voltando a escrever)</p>	
Total			73

**Anexo XX – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna B**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>192. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a l].</p> <p>193. B: hora.</p> <p>194. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em “hora” ,o que parece ser dois eles “L”) Hora. {((H) hora} .</p> <p>195. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”). Lhora...hora...</p>	5
	<p>196. L: E... ponto final! [.]</p> <p>197. B: E é preciso fazer uma bolinha maior L.</p> <p>198. L: (Risos) Deixa estar que é para a professora ver o ponto final. (fazendo um ponto final maior [.]) Sou eu que estou escrevendo a história. (L pensando sobre a história) Ahh... não sei.</p>	
	<p>148. L: Então, os dois reinos...</p> <p>149. B: Uns dois dedos? Um, dois, três? (Marcando com os dedos o tamanho do espaço para iniciar o parágrafo) Não...</p> <p>150. L: Sim, dois dedos. (Olhando atentamente para a folha enquanto dita para B escrever) Era uma vez...</p>	
	<p>172. L: Deixa-me ler: O ovo especial. Era uma vez uma menina que se chamava Lili, um dia viu um ovo na floresta e levou para casa. No caminho deixou cair o ovo, deixou cair o ovo, e o ovo, deixou cair... o ovo... (L torna mais visível uma letra do texto) [o] o ovo ::: Deixou cair o ovo...</p> <p>173. B: (B indicando no texto) Aqui, pões por cima.</p>	
	<p>367. B: Mas onde que eu vou escrever o Lobo Mau? (Questionando L devido à linha que já terminou)</p>	

		<p>368. L: Com o Lobo.</p> <p>369. B: Como é que vai caber?</p> <p>370. L: Se botasse o título um cadinho mais para lá...</p> <p>371. B: E agora?</p> <p>372. L: (S.I.) (Falando sobre as linhas)</p> <p>373. B: E o Homem...Aranha...aranha... com (Escrevendo com a letra bem pequena para caber na linha [aranha com])...o...Lobo...</p> <p>374. L: Não escrevas o Lobo Mau, escreves só lobo. O Lobo. (B escrevendo [o lobo] logo acima da linha)</p> <p>375. B: Tá! (levantando a mão imediatamente)</p>	
	Pragmática		0
	Ortográfica	<p>129. L: Pa...lha.. ci...[palha].</p> <p>130. B: Olha para lá, o palhaço. (Mostrando para a L a imagem com a palavra palhaço acima do quadro) Palhacinho...</p> <p>131. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)</p> <p>132. B: É com cê de cedilha.</p> <p>133. L: O palhaci...[palhaç]</p> <p>134. B: Não é cê-cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada).</p> <p>135. L: Enganei-me. Eu faço isto (rasurando a palavra [(palhaç)]).</p> <p>136. B: Eu sei, é que estão...</p> <p>137. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) <u> </u> Pa...lha...ci...nho... [palhacinho] Palhacinho.</p> <hr/> <p>158. B: Con... seguia...</p> <p>159. L: con... se... [cons]</p> <p>160. B: É conse... aquele (fazendo o desenho da letra G na mesa,</p>	14

com os dedos)

161. L: Se...guia [conseg]

162. B: Pergunta à professora. Conseguia. Pergunta à professora. (Procurando a professora com o olhar)

163. L: Mas é assim, que eu já vi. Conseguia... [conseguia]

164. B: Tá bom... (Tirando a mão da L de cima do manuscrito, para poder ver o que estava sendo escrito)

182. L: pa-lha-ços gozavam [palhaços].

183. B: Go...gu... de gato.

184. L: Gu... (olha com dúvida para B) [g].

185. B: Go...Go.

186. L: Go...gu...za...ram... gu...u... uuuuuu..

187. B: É com “O”

188. L: É com “U”

189. B: Pergunta à professora! Como em acrobacias

190. L: Não. Acrobacias! Já escrevemos acrobacias. (lendo o que está escrito) Os outros palhaços gozaram.... _ (Ambas ditam enquanto L escreve) go...za...vam [guzavam-].

75. B: Uma...me...ni..na...cha...ma...sê...Ca...pu..chiii... ô Professora,(Levantando o braço e perguntando á professora) Capuchinho é com “x”?

79. B: Não é não. É Capuchinho.

80. L: Pois...Capuchinho... Capuchinho é com letra maiúscula... é o nome de uma pessoa.

81. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente [(eCapochin) Capochinho])

		<p>126. B: (A professora aproxima-se da díade e B pergunta) Professora! Professora, ruído é “u”?</p> <p>251. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha. (S.I.)</p> <p>252. B: Ca... [ca] Capuchinho maiúsculo. (Rasurando [(ca)])</p> <p>254. B: A mãe. A...mãe...[mãe] da...[da]...Ca...pu...chin...nho...[Capochinho] disse...di...[di] disse é com sê? (Perguntando à L) é com dois sês, disse? É com dois?</p> <p>255. L: Sim!</p> <p>256. B: Diz é com dois?</p> <p>257. L: é com dois sês. Ponto final. (S.I.) é o que eu to dizendo.</p> <p>258. B: Dis...se...[disse] (Para de escrever, observando outra díade)</p>	
		<p>313. B: Vermelho... vermelho tá mal!</p> <p>314. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir).</p> <p>315. B: É maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p>	
		<p>152. L: (Ditando pausadamente enquanto B escreve) E...ra...uma...vez...</p> <p>153. B:É com zê?</p> <p>154. L: Sim. (Bi escrevendo [Era uma vez]) Um rei muito mau. Ai, um rei mau.</p>	
		<p>157. B: Não...mau é sem “a”. Mau é sem “l”. (Em dúvida sobre a grafia)</p> <p>158. L: Tá ali. (Apontando para o quadro onde a professora</p>	

		<p>escreveu a proposta)</p> <p>159. B: Já sei.</p> <hr/> <p>221. B: (Repetindo em voz alta enquanto escreve) Eles... [eles]</p> <p>222. L: Tinham... (B escrevendo [tinham] , L observando) Porque eles tinham... pena dos pobres animais...</p> <p>223. B: Tinham... É com (S.I.) (B tirando dúvida com L sobre a grafia da palavra)</p> <p>224. L: Não, é com “a”, me. (B vira-se, provavelmente para chamar a professora) É com “a”, me. Tinham é com “a”, me. Anda! (B volta a escrever)</p> <hr/> <p>311. B: Não... fa...É com “z”?</p> <p>312. L: Sim!</p> <p>313. B: Faziam...</p> <p>314. L: É com “z”.</p> <p>315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)</p>	
		<p>394. L: Da prisão...</p> <p>395. B: Da... persão?</p> <p>396. L: Fugiram da prisão. Prisão :: Prisão com sê.</p> <p>397. B: Fugiram da... [da]</p> <p>398. L: Priiii...</p> <p>399. B: Prii...</p> <p>400. L: Pri pri pri prisão (Cantarolando enquanto B escreve) Com sê...</p> <p>401. B: São...</p> <p>402. L: É com “a”... sim.</p> <p>403. B: São...</p> <p>404. L: A o... til...</p>	

	Lexical		0
	Semântica		0
	Sintática		0
	Textual	<p>149. L: E os... [e os]</p> <p>150. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque... não... porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)</p> <p>151. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)</p> <p>152. B: Apaga! (L rasurando [{e-ø}]) depois faz ... porque...</p> <p>153. L: Porque [po]</p> <p>154. B: Ele...</p> <p>155. L: Péra... Porque... péra aí... ppoorquee... [porque]</p> <p>156. B: Que... Não... não...</p> <p>157. L: Não [não]</p>	1
		<p>337. B: Não é um parágrafo?</p> <p>338. L: Não. Um dia eles fugiram da prisão :: (B vai escrever na linha abaixo, mas L redireciona para a linha anterior) Não, ali. Um dia eles fugiram da prisão.</p>	2
	Pontuação	<p>283. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi... (volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [-e]).</p> <p>284. B: É com maiúscula! (B fala com preocupação) :: É com maiúsculo, L.</p> <p>285. L: Não é não, aqui não tem nenhum ponto final. E vi...ve...ram... fe...li...zes... para... sem-pre... sempre, a...[viveram felizes para sempre a]</p>	

Total	22
--------------	-----------

**Anexo XXI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna escrevente (L) no texto 1 – “O palhacinho”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual		0
Pragmática		0
Ortográfica	<p>166. B: Acrobacias...</p> <p>167. L: \perp (Ambas ditam enquanto L escreve) Faazeeer...a...cro... É com “O” ou é com “U” ? [acr].</p> <p>168. B: (Ambas se olham em dúvida, B levanta o braço para chamar a professora) Professora!</p> <p>169. L: Crô...Crô... Crô... Cru...</p> <p>170. B: Ô professora... (A professora Eugênia aproxima-se da díade) Acrobacias...</p> <p>171. L: Acrobacias?</p> <p>172. PROFESSORA: A...Cru.. Cró... (falando com ênfase, corrigindo a palavra).</p> <hr/> <p>173. L: A...cro...baa...cii[acroba]</p> <p>174. PROFESSORA: Ci... (Ambas olham para a professora em dúvida acerca da sílaba seguinte “Ci”) O mesmo ci que há em circo.</p> <p>175. L: Acrobacii...as [acrobacias] (A professora se afasta da díade) É uma palavra difícil. (falando ainda com a professora)</p> <p>176. PROFESSORA: É difícil, mas tu sabe escrever. Vocês transformaram em sílabas, fizerem com calma, vocês chegam lá. Sempre em todas elas.</p> <p>177. B: Acrobacias (Lendo o que está escrito)</p>	3

	<p>269. L: Porque... E agora ponto final, pontinho...ponto de interrogação (Voltando para fazer o ponto de interrogação) porqueee [porquê?] Tu :: tu... co...mess...[tu qum] Não é isso! (rasurando {{qum}} tu comeste...mes...te...muito...a...çú...car...açúcar. [tu comes-te muito açúcar]</p>	
Lexical		0
Semântica	<p>275. L: O doutor...</p> <p>276. B: Mas isso não tem nada a ver com o circo.</p> <p>277. L: (Continua ditando e escrevendo, ignorando a observação de B) Acrobacias...o doutor... [O doutor]</p> <p>278. B: O doutor palhaço...</p> <p>279. L: O-pe-rou... [operou].</p> <p>280. B: Operou...</p>	1
Sintática	<p>216. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi...para...[Depoi foi para] Depois foi para...└ outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>217. B: Depois foi para outra...</p> <p>218. L: Outro... outro</p> <p>219. B: Outra!</p> <p>220. L: Outro circo...</p> <p>221. B: Outra!</p> <p>222. L: Outro circo, e... (transformando o "a" de "outra" em "o" [outro circo]) eee [e]</p>	6
	<p>258. B: Eu sei, mas deixa eu ver onde está. Mas...</p> <p>259. L: Não pode ser mas! ::: É claro que pode! Mas porque vai ter de me operar? (Falando com a voz do personagem).</p>	

		<p>260. B: Porque... (S.I.). Vá lá!</p> <p>261. L: É [É]</p> <p>262. B: Claro...</p> <p>263. L: É claro... que podes :: mas... [claro que podes ma]</p> <p>264. B: Mas por que? (ditando para L) porque ainda faltam muitas linhas.</p> <p>265. L: Mas...por que? Porquee... [porquê, porque]</p> <p>266. B: Por que?</p> <p>267. L: Porquee...</p> <p>268. B: Por que...</p>	
		<p>301. B: (B começa a ditar para L) Mas o palhacinho teve um irmão, pequeno.</p> <p>302. L: Não! Mas o palhacinho...</p> <p>303. B: Mas o palhacinho teve um irmão e ensinou-o a fazer acrobacias.</p> <p>304. L: Mas... não... não é mas (rasurando {(Mas)})</p> <p>305. B: E...</p> <p>306. L: (Ditando e escrevendo) E... o... pa... lha... ci... nho... [E o palhacinho].</p>	
		<p>334. B: Mas...</p> <p>335. L: Não...</p> <p>336. B: Mas felizes para sempre a fazer acrobacias.</p> <p>337. L: Não. E viveram felizes para sempre, a fazer acrobacias. E... mas enganei-me... este aqui, aqui temos que pôr “mas” (Voltando para o trecho anterior para apagar {(E)} e acrescentar abaixo, [Mas], depois relê o restante do texto) mas... o palhacinho tinha um irmão e levou-o para o circo e amostrou as acrobacias que ele fazia.</p>	

		<p>347. L: Ele fazia. ::: E fizeram... E fizeram [E ve].</p> <p>348. B: E viveram!</p> <p>349. L: Não, e 'fi'... fi-zeram... e fizeram (rasurando, escrevendo por cima [vê fizeram]) a-cro-ba-ci...as... para... todo... o... sempre [acrobacias].</p>	
		<p>350. B: Pra sempre?</p> <p>351. L: Para todo o sempre. [Para todo o sempre.]</p> <p>352. B: O sempre? (estranhando a construção sintática)</p> <p>353. L: Para todo o sempre! Só nos faltam três linhas. (S.I.) (Fazendo a data no início da folha) Hoje é dia doze, do dois...</p>	
	Textual	<p>200. L: Gozavam-no à toda hora... (relendo a última frase escrita) Como ele já estava farto, disso...</p> <p>201. B: De quê? Eles gozavam-no à toda hora...</p> <p>202. L: Não, não, não, não. Deixa eu concluir. Deixa que eu falo (Dispensando a ideia de B e pensando na continuação da história). À toda hora... e depois ele foi para outra ilha...para outra ilha do circo... e... os palhaços desse circo...</p> <p>203. B: Ensinaram-no...</p> <p>204. L: ...Ensinaram-no a fazer as acrobacias.</p> <hr/> <p>213. B: E depois foi outra vez para aquele circo... o circo onde ele foi-se embora...</p> <p>214. L: Não! (Interrompendo B) Já sei, já sei, já sei! À toda hora...</p> <p>215. B: Então diz!</p> <p>216. L: (L falando pausadamente e escrevendo) De...pois, depois, foi...para...[Depoi foi para] Depois foi para...└ outra...outro...outra ilha...[outra]</p> <p>217. B: Depois foi para outra...</p>	6

		<p>223. B: Outro... Comeu o açúcar da (S.I.) do palhacinho.</p> <p>224. L: Não... (interrompendo B) e os palhaços... e o médico palhaço disse que :: e o médico palhaço disse que devia...que devia operar a barriga... e o médico palhaço disse que ele comia muito açúcar e era por isso que estava sem energias.</p>	
		<p>230. L: E, o... espera. (Começa a ler o início do texto) O palhacinho. O palhacinho estava triste porque não conseguia fazer acrobacias e os outros palhaços gozavam-no à toda a hora. Depois foi para outra... para outro circo e :: e fo :: e, o doutor... doutor... [o doutor].</p> <p>231. B: Doutor...</p> <p>232. L: Disse [desse]...</p> <p>233. B: Mas o palhacinho disse: 'eu não quero operar a minha barriguinha, doutor'. (Falando com a voz da personagem).</p> <p>234. L: E o doutor disse...</p> <p>235. B: Não...</p> <p>236. L: Não... disse... ao... _ pa...</p> <p>237. B: lhacinho.</p> <p>238. L: ao pa...lha...cinho... ao palhacinho... dois pontos [ao palhacinho:] parágrafo com travessão... _ Vo...u...ter...de...te...operar... [— Vou ter de te operar]</p> <p>239. B: _ (lendo juntas a frase que L acabou de escrever) Vou ter de te operar... rrs (B Ri) Mas o palhacinho...</p> <p>240. L: Não! Vou ter de te operar a barriga. A...bar...</p> <p>241. B: A barriguinha.</p> <p>242. L: A...bar...riguinha [a barriguinha] operar a barriguinha....</p>	

	<p>310. L: ir...mão...irmão...e levou-o...</p> <p>311. B: E Levou-o...</p> <p>312. L: E ensinou-o... Não...e levou-o para o circo dele. Ele levou...</p> <p>313. B: Não, e levou-o...</p> <p>314. L: Não... (A professora chama a atenção da sala enquanto L escreve [e levou-o])</p>	
	Pontuação	0

**Anexo XXII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna ditante (B) no texto 1 – “O palhacinho”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>192. L: Gozavam....-no...a ... toda... a... hora [a toda a II].</p> <p>193. B: hora.</p> <p>194. L: Ops! (Rasurando um erro gráfico na escrita do “H” em “hora” ,o que parece ser dois eles “L”) Hora. [[H] hora] .</p> <p>195. B: Hora, com este parece “Lhora” (Sobre o erro gráfico de L no início da palavra “hora”, que pareceu um “LH”). Lhora...hora...</p>	2
	<p>196. L: E... ponto final! [.]</p> <p>197. B: E é preciso fazer uma bolinha maior L.</p> <p>198. L: (Risos) Deixa estar que é para a professora ver o ponto final. (fazendo um ponto final maior [.]) Sou eu que estou escrevendo a história. (L pensando sobre a história) Ahh... não sei.</p>	
Pragmática		0
Ortográfica	<p>129. L: Pa...lha.. ci...[palha].</p> <p>130. B: Olha para lá, o palhaço. (Mostrando para a L a imagem com a palavra palhaço acima do quadro) Palhaciinho...</p> <p>131. L: (Olhando para a imagem do palhaço e lendo a palavra) Palhaço...pa..lha...ci... como é cinho? (Pergunta à B)</p> <p>132. B: É com cê de cedilha.</p> <p>133. L: O palhaci...[palhaç]</p> <p>134. B: Não é cê-cedilha! Ai! (B reconhece o erro na palavra e fica preocupada).</p> <p>135. L: Enganei-me. Eu faço isto (rasurando a palavra [[palhaç])</p>	3

	<p>}}:</p> <p>136. B: Eu sei, é que estão...</p> <p>137. L: (B dita ao mesmo tempo em que L) L Pa...lha...ci...nho... [palhacinho] Palhacinho.</p> <hr/> <p>158. B: Con... seguia...</p> <p>159. L: con... se... [cons]</p> <p>160. B: É conse... aquele (fazendo o desenho da letra G na mesa, com os dedos)</p> <p>161. L: Se...guia [conseg]</p> <p>162. B: Pergunta à professora. Conseguia. Pergunta à professora. (Procurando a professora com o olhar)</p> <p>163. L: Mas é assim, que eu já vi. Conseguia... [conseguia]</p> <p>164. B: Tá bom... (Tirando a mão da L de cima do manuscrito, para poder ver o que estava sendo escrito)</p> <hr/> <p>182. L: pa-lha-ços gozavam [palhaços].</p> <p>183. B: Go...gu... de gato.</p> <p>184. L: Gu... (olha com dúvida para B) [g].</p> <p>185. B: Go...Go.</p> <p>186. L: Go...gu...za...ram... gu...u... uuuuuu..</p> <p>187. B: É com "O"</p> <p>188. L: É com "U"</p> <p>189. B: Pergunta à professora! Como em acrobacias</p> <p>190. L: Não. Acrobacias! Já escrevemos acrobacias. (lendo o que está escrito) Os outros palhaços gozaram.... L (Ambas ditam enquanto L escreve) go...za...vam [guzavam-].</p>	
Lexical		0
Semântica		0

Sintática		0
Textual	<p>149. L: E os... [e os]</p> <p>150. B: Não, não, não (Interrompendo L e lendo o que já tinha sido escrito) O palhacinho estava triste porque... não... porque (sobre a ausência do “porque” no que L já tinha escrito)</p> <p>151. L: Agora já está! (referindo-se ao “e o” que já tinha escrito)</p> <p>152. B: Apaga! (L rasurando [{e-ø}]) depois faz ... porque...</p> <p>153. L: Porque [po]</p> <p>154. B: Ele...</p> <p>155. L: Péra... Porque... péra aí... poorquee... [porque]</p> <p>156. B: Que... Não... não...</p> <p>157. L: Não [não]</p>	1
Pontuação	<p>283. L: E... viveram felizes para sempre! (B assente com a cabeça) A fazer acrobacias! E vi...e vi... (volta à linha anterior e escreve o “e” por coma do ponto final [-e])-</p> <p>284. B: É com maiúscula! (B fala com preocupação) :: É com maiúsculo, L.</p> <p>285. L: Não é não, aqui não tem nenhum ponto final. E vi...ve...ram... fe...li...zes... para... sem-pre... sempre, a...[viveram felizes para sempre a]</p>	1

**Anexo XXIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna escrevente (B) no texto 2 – “O Rei e os
Criados”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	148. L: Então, os dois reinos... 149. B: Uns dois dedos? Um, dois, três? (Marcando com os dedos o tamanho do espaço para iniciar o parágrafo) Não... 150. L: Sim, dois dedos. (Olhando atentamente para a folha enquanto dita para B escrever) Era uma vez...	1
Pragmática		0
Ortográfica	152. L: (Ditando pausadamente enquanto B escreve) E...ra...uma...vez... 153. B: É com zê? 154. L: Sim. (B escrevendo [Era uma vez]) Um rei muito mau. Ai, um rei mau. 157. B: Não...mau é sem “a”. Mau é sem “l”. (Em dúvida sobre a grafia) 158. L: Tá ali. (Apontando para o quadro onde a professora escreveu a proposta) 159. B: Já sei. 221. B: (Repetindo em voz alta enquanto escreve) Eles... [eles] 222. L: Tinham... (B escrevendo [tinham] , L observando) Porque eles tinham... pena dos pobres animais... 223. B: Tinham... É com (S.I.) (B tirando dúvida com L sobre a grafia da palavra) 224. L: Não, é com “a”, me. (B vira-se, provavelmente para chamar a professora) É com “a”, me. Tinham é com “a”, me.	5

Texto 2 – “O Rei e os Criados” – escrevente B

	Anda! (B volta a escrever)	
	<p>311. B: Não... fa...É com “z”?</p> <p>312. L: Sim!</p> <p>313. B: Faziam...</p> <p>314. L: É com “z”.</p> <p>315. B: Fa... zi... am... [fazião] Uma, duas, três...uma, duas, três, seis...sete...oito...nove...dez... (Contando as linhas restantes)</p>	
	<p>394. L: Da prisão...</p> <p>395. B: Da... persão?</p> <p>396. L: Fugiram da prisão. Prisão :: Prisão com sê.</p> <p>397. B: Fugiram da... [da]</p> <p>398. L: Priii...</p> <p>399. B: Prii...</p> <p>400. L: Pri pri pri prisão (Cantarolando enquanto B escreve) Com sê...</p> <p>401. B: São...</p> <p>402. L: É com “a”... sim.</p> <p>403. B: São...</p> <p>404. L: A o... til...</p>	
	Lexical	0
	Semântica	0
	Sintática	0

	Textual		0
	Pontuação	<p>337. B: Não é um parágrafo?</p> <p>338. L: Não. Um dia eles fugiram da prisão :: (B vai escrever na linha abaixo, mas L redireciona para a linha anterior) Não, ali. Um dia eles fugiram da prisão.</p>	1

**Anexo XIV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna ditante (L) no texto 2 – “O Rei e os Criados”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total	
Gráfico-Visual	<p>138. L: L B :: (B hesita em escrever por uns segundos, enquanto L observa) Anda! As minhas ideias são muuuuito boas! (B escrevendo [L]) Eu faço um erre mais bonito do que o teu. Faz como é que eu faço o meu erre. (B rasura {(L)}) Meu erre vai assim (desenhando com o dedo sobre a mesa) em cima , depois faz assim, faz uma curva e vai. Esse é o meu erre.</p> <p>139. B: Faz assim... [L]</p> <p>140. L: Não era assim. Faz assim e Rá! (Desenhando com o dedo sobre a mesa) Agora, L B. B...</p>	3	
	<p>163. B: Dá...</p> <p>164. L: É ali! (Apontando que B deveria continuar na linha anterior, mas logo percebe que não dá) Não, esquece, tá bem. Que manda... va.</p>		
	<p>195. B: Vivos... (Escrevendo [viv] e na linha de baixo [os]) Matar...</p> <p>196. L: (Lendo) Matar os seres vivos...vi...Não, não pode ser assim! (Referindo-se à quebra da palavra feita por B). Vi...v...os. Não pode ser assim! A professora...eu aprendi...a professora disse assim quando não tem espaço para escrever...(tentando explicar para B como separar) Vi...vos...não é vi...v...os...Vi...depois separa...depois vos. Vi...traço...vos. (B rasura {(viv os)})</p> <p>197. B: Vi...vos... (Escrevendo na linha de baixo [vivos], L observa)</p>		

	Pragmática	<p>285. B: Um traço... guardas...[go gu-arda]</p> <p>286. L: Guardas (Enfatizando a última sílaba) Das com “s”. (B acrescenta o s [gu-ardas]) Porque eles não faziam o que o rei mandava.</p> <hr/> <p>339. B: Não...um dia o guarda não apareceu. E depois...</p> <p>340. L: (Interrompendo B) Mas nós tínhamos dito aquilo, do fugiram. Não é B? Por favor. Não (S.I.) Ideias.</p> <p>341. B: Como é que eles fugiram, sem chave? Tinha lá...um dia...lá na prisão, havia uma pá. Eles cavaram e fugiram...</p> <p>342. L: Posso falar?</p> <p>343. B: Fale.</p> <p>344. L: Um dia eles fugiram da prisão.</p> <p>345. B: Não, não..</p> <p>346. L: Mas deixa eu falar! Ainda não acabei.</p> <p>347. B: Não, assim não...</p> <p>348. L: Ainda não acabei! Fugiram da prisão porque tinha uma janela...</p>	2
	Ortográfica	<p>274. L: Os guardas! Gu... ar... das... (Soletrando para B [go]) Guê...u...</p> <p>275. B: Guardas. (S.I.) “u” verdadeiro...</p> <p>276. L: “u” verdadeiro. (B levanta o braço para chamar a professora). Não demora porque a professora vai pensar que já acabamos. (B abaixa o braço) (S.I.) (B volta a levantar o braço) Dedo no ar! (L segurando o braço de B) Deixa assim. Eu seguro o teu braço :: Não consigo mais...</p> <hr/> <p>175. B: Eu sei. (Escrevendo [q]) É com “q” e “i”.</p> <p>176. L: Não é isso! (Escrevendo com os dedos sobre a mesa) “cri” é com “c”, de cogumelo, rê e i.</p>	17

		<p>177. B: (Rasurando [(q)]) Cri...</p> <p>178. L: A...dos...</p> <p>179. B: Cri...</p> <p>180. L: "A" sem acento.</p> <hr/> <p>182. L: do...os... (ênfatisando o som do s no final), com "sê" e "i", criados. Matar...</p> <p>183. B: Criados. (Acrescentando o "s" no final [criados])</p> <hr/> <p>185. B: _ (Falando pausadamente ao mesmo tempo que a L) Ma...tar... [Matra] Péra, matar... (rasurando [(matra)])</p> <p>186. L: Olha aqui, falta aqui (apontando algo na folha)</p> <p>187. B: Matar... (reescrevendo [matar])</p> <hr/> <p>490. L: Para sempre!</p> <p>491. B: Para... sem...pre... [para senp]</p> <p>492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B conserta transformando o "n" em "m" [sempe])</p> <p>493. B: Sem... pre... [.] [rasurando (sempe) sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei...</p>	
		<p>205. B: Não...que...ri...[não queri]</p> <p>206. L: ão...Não queriam....</p> <p>207. B: Não queriam (dando ênfase no "am")</p> <p>208. L: Mê...a...mê...queriam</p> <p>209. B: Queriam (Completando a palavra [queriam])</p>	
		<p>316. L: (Interrompendo-a) Para de contar as linhas! Faziam... o que o rei mandava.</p> <p>317. B: Ai, faziam. (S.I.)</p>	

318. L: Faziam é com me, a :: faziam é com me,a
 319. B: Aii. (Rasurando [(fazião)])
 320. L: Traço em cima!
 321. B: Fa... zi...
 322. L: Mea... [faziam]
-
334. L: Man... man... não é nan, é man. (Apontando o erro para B que corrige e continua a escrever)
 335. B: ┘ (Falando ao mesmo tempo) Man... da...va... mandava [manda.].
-
387. B: Fu...
 388. L: giram... (Repetindo pausadamente) fu...gi...ram
 389. B: Fugi... [fog]
 390. L: Fogiram? Fuu (S.I.) Tu á riscastes B? (rasurando [(fog)]) Fuugiram... Um dia fugiram...
 391. B: Fu... gi...
-
407. B: E... fo... ram...
 408. L: Me... ame... (B escrevendo [foram]) Para...
-
414. L: ┘ Outro reino... reino ali (Tirando a mão de B da folha , pois ela ia escrever tudo junto) rei...no...
 415. B: rei...no...[reino]
-
422. L: Só... (L dita enquanto B escreve [So]) quando...
 423. B: Quando...
 424. L: Só com “o”... Ai Só com acento! (rindo) (B acrescenta o acento [Só]) Quando ele...

	<p>426. L: Olha eu vou te ditar! Eu vou te ditar devagar... Só... quando...</p> <p>427. B: Espera! Qu..aando [coam]</p> <p>428. L: Não é assim... não é assim! É com “q”... (B rasurando [(coam)]) Olha, eu dito. É com “q” L (B repete enquanto escreve) ...u...a...me...do [quando]</p>	
	<p>490. L: Para sempre!</p> <p>491. B: Para... sem...pre... [para senp]</p> <p>492. L: Semm... Sempre não é com ne...é com me...sempre. (B conserta transformando o “n” em “m” [sempe])</p> <p>493. B: Sem... pre... [.] [rasurando (sempe) sempre]. Deixaste cair o teu papel... ? (L se inclina sobre a mesa e seu crachá cai ela pega do chão e o coloca de volta) E o título? O rei...</p>	
	<p>554. L: Põe primeiro “os” em criados. Criados.</p> <p>555. B: Criados... criados... (Buscando no texto)</p>	
	<p>558. L: É tanto seres! Nananananan Aqui , aqui , aprenderam! (B continua procurando) Aqui B! Tira o “A” (B rasurando [a]prender))</p>	
	<p>560. L: Anda continua! B! Põe aqui, criados. (B acrescenta o “s” na palavra [criados]) Põe aqui, tornou. Foi assim tão difícil?</p>	
Lexical		0
Semântica		0
Sintática	<p>255. B: Mas... [Mas]</p> <p>256. L: O rei...</p>	2

		<p>257. B: Espera. Um... [um]</p> <p>258. L: O rei, não é um rei!</p> <p>259. B: Um dia... [dia]</p> <p>260. L: O rei...</p> <hr/> <p>563. B: (S.I.) (Procurando a palavra) Mandava...</p> <p>564. L: Manda, é mandava. O rei manda, não é mandava. Parênteses, mandava.</p> <p>565. B: Man...da...va... (rasurando {{manda}} e escrevendo acima [mandava])</p> <p>566. L: Mandava. (Ambas levantam os braços para chamar a professora)</p>	
	<p>Textual</p>	<p>165. B: Va... [mandava]</p> <p>166. L: Os criados.... (L continua ditando enquanto B escreve)</p> <p>167. B: Os... Não...péra lá. (Em dúvida sobre a história)</p> <p>168. L: É pá! Nós já criamos essa ideia. Os criados matarem os seres vivos.</p> <p>169. B: mandava os...</p> <p>170. L: Matarem...</p> <p>171. B: Matar?</p> <p>172. L: (Lendo as últimas palavras escritas) Que mandava os...</p> <p>173. B: Espera!</p> <p>174. L: (Repetindo para B escrever) Que mandava os criados...mandava....os criados...cri..</p> <hr/> <p>271. B: Ponto final, parágrafo.</p> <p>272. L: É sério? . Ponto final e parágrafo? (B assente com a cabeça) Não! (Voltando à história escrita). Mas um dia o rei chamou os guardas para prenderem os criados porque os criados não faziam o que o rei mandava :: Anda!</p>	<p>3</p>

		<p>354. L: Ainda não acabei! Ainda não acabei! Um dia eles fugiram da prisão porque... porque tinha uma janela e uma escada lá na prisão e eles subiram na escada e foram para outro rei.</p> <p>355. B: Reino...</p> <p>356. L: Não, subiram na escada, escalaram até a janela, depois e...escalaram a janela abaixo e foram para outro reino :: E só quando eles foram para outro reino é que o rei se tornou bom. (B assente com a cabeça)</p> <p>357. B: Mas ainda temos muitas linhas!</p>	
	Pontuação	<p>216. L: Porque...Agora, vírgula, porque :: Vírgula, sim... (B escrevendo [p])</p> <p>217. B: Tem que pôr? (Perguntando sobre a vírgula e depois volta para colocar a vírgula antes da palavra [, porque])</p> <p>218. L: Vírgula...Porque...Eles tinham pena dos...pobres animais...</p> <p>238. L: Seres vivos (Lendo a última palavra escrita)... Ponto final.</p> <p>239. B: Ponto final? [.]</p> <p>240. L: Parágrafo.</p> <p>241. B: Nós fizemos quantas linhas? (contando as linhas escritas em voz baixa)</p> <p>242. L: Parágrafo! (Insistindo para B voltar a escrever)</p> <p>243. B: Tá! Anda!</p> <p>244. L: Paráágrafo... (cantarolando)</p> <p>249. B: O rei mandou os guardas...</p> <p>250. L: (Fazendo um sinal com a mão para B parar de falar) Mas um dia... o rei mandou os guardas prenderem os criados. Porque</p>	5

os criados... (Falando ao mesmo tempo em que B) Não faziam o que ele mandava :: (Continuando a história) E depois os criados foram para a prisão, mas fugiram e foram para outro reino :: Ponto final.

251. B: (Continuando a história) Mas os meninos também queriam ser...

252. L: Anda! Mas os meninos... mas os meninos o quê?

253. B: (S.I.)

254. L: Vai, continuas a escrever. Parágrafo... (apontando na folha) Parágrafo... mas um dia... mas... um dia...

293. B: Prender os...cri...cri...a...dos...

294. L: Criados. Porque, vírgula, porque...

295. B: Por...que... porque [, porque]

296. L: Os criados não faziam o que o rei mandava.

416. L: Ponto final. [.] Ponto final com parágrafo. (B boceja, aparentando cansaço)

417. B: (S.I.)

418. L: Ponto final com parágrafo. (Rindo) Deixa e ver aqui... (inclinando-se sobre a folha) (S.I.) Você começa aqui e acaba aqui. (Ambas riem) Não! Acaba aqui e depois aqui e acaba ali. (Apontando na folha). Péra, vamos contar quantas linhas faltam. (Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.

420. L: E depois, parágrafo. Ponto final com parágrafo. B! (Chamando a atenção de B que se distraiu com outra díade). Ponto final, parágrafo.

421. B: Tá! (Voltando a escrever)

**Anexo XV – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna escrevente (L) no texto 3 – “O ovo especial”**

Texto 3 – “O ovo especial” – escrevente L

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual		0
Pragmática		0
Ortográfica	<p>158. L: Cala! E o passarinho. Mas o passarinho... Aqui temos, uma frase, duas frases. Uma frase, duas frases, três frases, quatro frases. O passarinho. Mas o passarinho, es-ta-va, estava com [estava com], sau... saudades, saudades... “sodade ou soudade” ?</p> <p>159. B: Soudades...soudades...</p> <p>160. L: Soudades...saudades...</p> <p>161. B: Sooooo.</p> <p>162. L: Soudades, sou-da-des :: da mãe. Da mãe [soldades da mãe].</p>	6
	<p>164. L: Pás-sa-ro [passaro].</p> <p>165. B: E dos seus irmãos.</p> <p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) _ e dos seus, seus... Mas como é ‘seus?’</p>	
	<p>166. L: E o acento? Tem acento![pássaro] (L ditando com B simultaneamente e escrevendo) _ e dos seus, seus... Mas como é ‘seus’ ?</p> <p>167. B: Seu, é seus...</p> <p>168. L: É si com ‘sí’ [e dos (seus)]. :: É si porque se fosse com ‘cê’ era ‘ceus’. Seus ir-mãos [seus irmão] irmãos, pássaro [pa].</p>	

	<p>186. L: (L falando e escrevendo) Um dia... Anda!</p> <p>187. B: ...foi à floresta...</p> <p>188. L: a....foi à floresta. [um dia foi a] um dia, haver? Foi à floresta (L levanta o braço chamando a professora) Professora! (Chamando a professora para tirar a dúvida) um dia foi (entonando a voz) 'a'...</p>	
	<p>200. L: o passarinho [devolver o passarinho]. (Apontando para o texto) Falta aqui mais um 's', dois 's', já está (Adicionando mais um 's' em [passarinho] na 9ª linha)::: (L relendo o texto) Pera, um dia foi à floresta devolver</p> <p>201. B: Devolver...</p>	
	<p>204. L: O passarinho à mãããe, 'a!' É 'a' de 'haverá'?</p> <p>205. B: Amanhã.</p>	
Lexical		0
Semântica		0
Sintática		0
Textual	<p>117. B: Um dia, foi... Ah não. Um dia :: viu um passarinho.</p> <p>118. L: Não! Viu um ovo, na floresta.</p> <p>119. B: (B ditando para L) Viu, um ovo, na floresta.</p>	3
	<p>129. L: E [e].</p> <p>130. B: E... (SI) e o ovo não se partiu.</p> <p>131. L: Não. E, o ovo escorregou e tava lá um passarinho, dentro. E o passarinho que saiu da casca. (L falando e escrevendo) E o [o]</p> <p>132. B: E o ovo não partiu.</p>	

		152. L: para, a gai-o-la dela [para a gaiola dela] :: E... Não, pera, maaas, o, 153. B: Passarinho!	
	Pontuação		0

**Anexo XVI – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna ditante (B) no texto 3 – “O ovo especial”**

Texto 3 – “O ovo especial” – ditante B	Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
	Gráfico-Visual	<p>172. L: Deixa-me ler: O ovo especial. Era uma vez uma menina que se chamava Lili, um dia viu um ovo na floresta e levou para casa. No caminho deixou cair o ovo, deixou cair o ovo, e o ovo, deixou cair... o ovo... (L torna mais visível uma letra do texto) [o] o ovo ::: Deixou cair o ovo...</p> <p>173. B: (B indicando no texto) Aqui, pões por cima.</p>	1
	Pragmática		0
	Ortográfica		0
	Lexical		0
	Semântica		0
	Sintática		0
	Textual		0
Pontuação		0	

**Anexo XVII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna escrevente (B) no texto 4 – “A Capuchinho e
o Homem-Aranha com o Lobo”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	<p>367. B: Mas onde que eu vou escrever o Lobo Mau? (Questionando L devido à linha que já terminou)</p> <p>368. L: Com o Lobo.</p> <p>369. B: Como é que vai caber?</p> <p>370. L: Se botasse o título um cadinho mais para lá...</p> <p>371. B: E agora?</p> <p>372. L: (S.I.) (Falando sobre as linhas)</p> <p>373. B: E o Homem...Aranha...aranha... com (Escrevendo com a letra bem pequena para caber na linha [aranha com])...o...Lobo...</p> <p>374. L: Não escrevas o Lobo Mau, escreves só lobo. O Lobo. (B escrevendo [o lobo] logo acima da linha)</p> <p>375. B: Tá! (levantando a mão imediatamente)</p>	1
Pragmática		0
Ortográfica	<p>75. B: Uma...me...ni...na...cha...ma...sê...Ca...pu..chiii... ô Professora, (Levantando o braço e perguntando á professora) Capuchinho é com “x”?</p> <p>79. B: Não é não. É Capuchinho.</p> <p>80. L: Pois...Capuchinho... Capuchinho é com letra maiúscula... é o nome de uma pessoa.</p> <p>81. B: É! (Primeiro rasura, escrevendo o “C” maiúsculo por cima do minúsculo, depois põe a palavra toda em parênteses para escrever novamente [(εCapochin) Capochinho])</p>	6

Texto 4 – “A Capuchinho e o Homem-Aranha com o Lobo ” – escrevente B

	<p>126. B: (A professora aproxima-se da díade e B pergunta) Professora! Professora, ruído é “u”?</p>	
	<p>251. L: Deu um murro... na cara. E o mesmo o Homem-Aranha. (S.I.)</p>	
	<p>252. B: Ca... [ca] Capuchinho maiúsculo. (Rasurando [(ca)])</p>	
	<p>254. B: A mãe. A...mãe...[mãe] da...[da]...Ca...pu...chin...nho...[Capochinho] disse...di...[di] disse é com sê? (Perguntando à L) é com dois sês, disse? É com dois?</p>	
	<p>255. L: Sim!</p>	
	<p>256. B: Diz é com dois?</p>	
	<p>257. L: é com dois sês. Ponto final. (S.I.) é o que eu to dizendo.</p>	
	<p>258. B: Dis...se...[disse] (Para de escrever, observando outra díade)</p>	
	<p>313. B: Vermelho... vermelho tá mal!</p>	
	<p>314. L: Deixa eu ver se está, vermelho! (Ambas procurando “vermelho” no texto para corrigir).</p>	
	<p>315. B: É maiúscula! (B procura e acrescenta a letra “V” maiúscula acima de todas as palavras “vermelho” que encontra)</p>	
Lexical		0
Semântica		0
Sintática		0
Textual		0
Pontuação		0

**Anexo XVIII – Tabela de registo das rasuras orais comentadas
efetuadas pela aluna ditante (L) no texto 4 – “A Capuchinho e o
Homem-Aranha com o Lobo”**

Classificação das rasuras orais comentadas	Transcrição sujeita às rasuras	Total
Gráfico-Visual	320. L: (S.I.) Ali está “Tá”. Eu vou (Pegando a caneta de B) Não, só pode escrever tu! Uma perninha, uma perninha...mais para cima. Capuchinho... (B rasurando [(ta)] e escrevendo [da] logo ao lado) Anda! A Capuchinho...Vermelho ficou muito feliz Para sempre. (Falando rapidamente) Ficou muito feliz para sempre, anda!	1
Pragmática		0
Ortográfica	<p>117. L: (Lendo em voz alta) Ou...tracinho...viu... _ouviu... tá certo...Não! ouviu é com “u” . No final.</p> <p>118. B: (Rasura a palavra escrevendo o “u” por cima do “o” [ouviou]) Ouviu...</p> <p>135. L: ...bo... Mau! maau...parágrafo. Anda! Aqui... e aqui também... lobo(B escreve [mau] depois volta para riscar as palavras já rasuradas anteriormente, que estavam apenas entre parágrafos: [(cCapochin)] , [(apé)])</p> <p>136. B: É com “o”?</p> <p>137. L: Lobo... (SI)</p> <p>146. B: Mas, o homem... ho...mem... [o ome]</p> <p>147. L: Homem é com “h”.</p> <p>148. B: (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home])</p> <p>148. B: (Corrigindo, acrescentando o “h” no início da palavra [home])</p>	14

		<p>149. L: Homem aqui é com mê... mem...</p> <p>150. B: Homem... (B acrescenta o “m” no final [homem])</p> <hr/> <p>151. L: Aranha...</p> <p>152. B: Aranha...</p> <p>153. L: Sabe como é que se escreve aranha? Escreve...</p> <p>154. B: Aranha?</p> <p>155. L: Aranha... (cantarolando)</p> <p>156. B: ◻ (Ditando juntas) A... ran... nha... Aran... nha... [aranha]</p>	
		<p>176. B: (Enquanto B escreve, L cantarolando e fazendo movimentos com as mãos) De...um...a...ár...vo...re... [de uma árvore] Olha o que estás a fazer! (L esbarra no gravador) Ár... vo...re...</p> <p>177. L: Árvore, no “a” tem acento.</p> <hr/> <p>190. B: A corda na árvore.</p> <p>191. L: Predeu a que? A de avião. Quer dizer alguma coisa...(S.I.)</p> <p>192. B: a... (Acrescentando o acento [á])</p> <p>193. L: É bom perguntar à professora... (S.I.) à árvore... (B escrevendo [árvore]) Vamos perguntar à professora...À árvore...Há de haver umas árvores...há de haver... uma árvore...</p> <p>194. B: À uma árvore...</p> <p>195. L: Depois não digas que não te avisei...</p> <p>196. B: E à uma árvore... (risos) (Rasurando [(á)] e escrevendo [a] logo acima, depois olha para os lados)</p> <p>197. L: Anda! (Olhando para o manuscrito) Põe o acento... (B acrescenta o acento [árvore]) Já pôs?</p>	

		<p>206. B: (S.I.) Ver... me...lho...vermelho [vemelho]</p> <p>207. L: Vermelhu...vermelhu...tá vemelho...vemelho (apontando o erro no texto)</p>	
		<p>267. L: Anda! A Capuchinho...(Lendo) Capochinho. (rindo e apontando o erro para B)</p> <p>268. B: Capu...</p> <p>269. L: Escreve aqui em cima do “o”, “u”.</p> <p>270. B: Eu já fiz aqui (S.I.) Capuchinho... (Acrecenta o “u” em cima do “o” e procura o mesmo erro ao longo do texto, fazendo a mesma coisa para corrigir).</p>	
		<p>321. B: Ficou...[ficou] Feliz...fe...liz...[felis] com... [com]</p> <p>322. L: Feliz é com “z” no final!</p> <p>323. B: (Voltando para corrigir, escreve o “z” por cima do “s” [felisz]) (S.I.) com...o [com o]</p>	
		<p>341. B: Fe...li...</p> <p>342. L: Zê, Zê!</p> <p>343. B: Felizes... [felizes]</p>	
		<p>345. B: Pa...ra...sem... [para]</p> <p>346. L: Sempre!</p> <p>347. B: Sê de sapo! Sem...pre... [senpre]</p>	
		<p>348. L: É com me, não é com nê. Não é com nê, é com mê!</p> <p>349. B: (Escrevendo o “m” por cima do “n”) Sempre! [senmpre]</p> <p>390. L: Lobo Mau...Agora sou eu, agora sou eu! (Pegando o manuscrito para ler) Mas o Homem-Aranha...tava em cima de uma árvore alta e a prendeu à arvore e salvou a Capuchinho Vermelho. Salvou a e depois a... (Apontando o erro para B</p>	

	<p>corrigir)</p> <p>391. B: Salvou a...a Capuchinho... (Corrigindo [salvou(a) a]) Salvou a Capuchinho...</p>	
Lexical		0
Semântica		0
Sintática	<p>242. B: (Lendo e voltando a escrever) O Homem-Aranha...tem...Homem-Aranha...alto mas... homem aranha é alto mas...[e alto mas]</p> <p>243. L: O Homem-Aranha era...é alto... (lendo)</p> <p>244. B: Mas... (Voltando para por o acento [é])</p> <p>245. L: E o Homem-Aranha é alto mas? (Questionando a construção sintática)</p> <p>246. B: Mas, a Capuchinho disse: Tens um fato vermelho.</p> <p>247. L: Isso não faz sentido nenhum! Mas podes continuar. (S.I.)</p>	1
Textual		0
Pontuação	<p>291. L: Põe o ponto final, põe o ponto final! (B Acrescenta o ponto [.])</p> <p>292. B: À frente?</p> <p>293. L: À frente não, parágrafo!</p> <p>294. B: Parágrafo?</p> <p>295. L: Anda! (Ambas observando a conversa da professora com a outra díade) Anda, anda! Vai B!</p>	1